

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

GESILDA MARQUES DA SILVA RAMOS

**AS RELAÇÕES COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA PODEM DESVELAR
TRAÇOS DO LAÇO ESPECÍFICO COM A LÍNGUA MATERNA? UM ESTUDO
DE CASO DE UM SUJEITO AUTODIDATA POLIGLOTA**

RECIFE
2024

GESILDA MARQUES DA SILVA RAMOS

**AS RELAÇÕES COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA DESVELAM TRAÇOS DO
LAÇO ESPECÍFICO COM A LÍNGUA MATERNA? UM ESTUDO DE CASO DE
UM SUJEITO AUTODIDATA POLIGLOTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Doutorado, com área de concentração Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas manifestações, para obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem.

ORIENTADORA: Prof(a) Dr(a) Maria de Fátima Vilar de Melo.

RECIFE
2024

R175r Ramos, Gesilda Marques da Silva.
As relações com a língua estrangeira podem desvelar traços do laço específico com a língua materna? : um estudo de caso de um sujeito poliglota / Gesilda Marques da Silva Ramos, 2024.
284 f. : il.

Orientadora: Maria de Fátima Vilar de Melo
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Doutorado em Ciências da Linguagem, 2024.

1. Língua materna. 2. Aquisição da segunda língua.
3. Psicanálise e linguística. 4. Linguagem e línguas. I. Título.

CDU 801

Pollyanna Alves - CRB/4-1002

GESILDA MARQUES DA SILVA RAMOS

**AS RELAÇÕES COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA DESVELAM TRAÇOS DO
LAÇO ESPECÍFICO COM A LÍNGUA MATERNA? UM ESTUDO DE CASO DE UM
SUJEITO AUTODIDATA POLIGLOTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível doutorado, com área de concentração Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas manifestações, para obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem.

Defesa Pública em: 27/03/2024.

BANCAEXAMINADORA

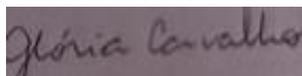
Documento assinado digitalmente
 **MARIA DE FATIMA VILAR DE MELO**
Data: 21/04/2024 16:17:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo (Orientadora)

Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

Documento assinado digitalmente
 **RUBENS MARQUES DE LUCENA**
Data: 19/04/2024 12:31:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (Titular externo 01)
Universidade Federal da Paraíba-UFPB



Prof(a) Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho (Titular externo 2)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ

Documento assinado digitalmente
 **ANNA KATARINA BARBOSA DA SILVA**
Data: 24/04/2024 11:58:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dra. Anna Katarina Barbosa da Silva (Titular externo 3)

Universidade de Pernambuco-UPE

Documento assinado digitalmente
 **ISABELA BARBOSA DO REGO BARROS**
Data: 25/04/2024 19:50:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dra. Isabela do Rêgo Barros (Titular interno)
Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP

Recife
2024

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha maior fã, minha saudosa mãe, Honorina Valdevina da Silva (*in memoriam*). A dor de sua partida durante essa conquista foi um marco que ressoou primeiro como um desânimo, porém, depois, instigou-me a continuar, por ela. “Foi por você, Mãe. Eute amo!” Ao meu filho, Gabriel Marques dos Ramos, o meu “devorador de livros”, meu acadêmico (mestrado) e autor favorito (livros: “Garoto sem nome” e “Coruja de Olhos Brilhantes”), meu menino, meu orgulho, meu amor!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter norteado a minha decisão de fazer a inscrição no PPGCL. O que, na minha perspectiva, foi um grande divisor de águas na minha vida acadêmica e aprendizado para a vida. À minha mãe (*in memoriam*), que me ensinou até com o seu silêncio, por ser de poucas palavras. Ao meu pai, major Severino Marques da Silva (*in memoriam*), um fenômeno de resiliência paramim.

Ao meu filho, pelo companheirismo e presença, nos momentos que necessitei de uma “escutatória” sobre as minhas angústias acadêmicas.

Aos meus quatro irmãos, filhos de Honorina e Severino: Joel, Josué, Jaciel e Edite (um dos meus referenciais na vida acadêmica).

À minha orientadora, Maria de Fátima Vilar de Melo, agradeço pelo convite para migrar da linha 02 para a linha 01, um dos maiores presentes da minha vida acadêmica: “que privilégio, professora”! E pela paciência de me acolher como iniciante nos estudos da Pesquisa em Psicanálise. Em especial, pelos momentos de aprendizado com os seus singulares esclarecimentos no que se refere aos meus incontáveis equívocos quanto às interpretações das leituras tão densas, como as de Jacques Lacan. Obrigada por ter sido luz, nesse momento tão importante da minha vida!

À professora Glória Maria Monteiro de Carvalho, por ser tão especial, pelas grandes contribuições para a minha pesquisa em suas aulas e pelo seu exemplo de profissionalismo, competência e acolhimento do discente como ser humano.

À professora Isabela do Rêgo Barros, por se fazer presente em momentos nos quais necessitei ouvir: “Vamos em frente, você vai conseguir”!

À professora Nadia G.P. Azevedo, pelo acolhimento no início do processo seletivo do PPGCL: inesquecível!

Às professoras e professores do PPGCL que participaram da “escrita” da minha história na UNICAP e tornaram possível a realização desse sonho.

Aos componentes da Banca examinadora, Prof(a) Dr(a) Anna Katarina Barbosa da Silva; Prof(a) Dr(a) Glória Maria Monteiro de Carvalho; Prof(a) Dr(a) Isabela do Rêgo Barros; Prof(a) Dr(a) Ivanda Martins ; Prof(a) Dr(a) Nadia G. P. Azevedo; Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena, pelas maravilhosas sugestões, aconselhamentos e disponibilidade para estarem presentes em um momento tão singular em minha vida.

Ao participante da pesquisa, pela dedicação e empenho nas entrevistas e disponibilidade dos dados escritos para análise.

À Luana Cândido dos Santos, “a menina tecnológica”, pelo grande suporte nos momentos que precisei.

À secretaria do PPGCL da UNICAP, em especial a Cleyton Romulo Lopes da Silva, pelo seu gesto acolhedor e proativo para ajudar, sempre da melhor forma possível.

À CAPES, pela concessão da Bolsa.

Um sopro de vida (Pulsações)

Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. (...) Escrevo ou não escrevo? Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga: Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (...) Escrever existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e porquê – é por fatalidade de voz. (...) Escrever é uma indagação. É assim: Será que estou me traindo? Será que estou desviando o curso de um rio? Tento abrir as comportas, quero ver a água jorrar com ímpeto. (...) Eu escrevo por meio de palavras que ocultam outras – as verdadeiras. É que as verdadeiras não podem ser denominadas. Mesmo que eu não saiba quais são as verdadeiras palavras, eu estou sempre me aludindo a elas... Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica: é a tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar com palavras.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Alguns teóricos, que abordam questões do idioma materno e buscam articulação com a psicanálise, pontuam que todo sujeito tem um laço específico com a língua materna. Esse laço interferirá na aprendizagem de novas línguas, podendo promover a captura ou a resistência à essa aprendizagem. As nossas questões quanto à relação do sujeito com as línguas, surgem da observação de um aprendiz que passa todo o tempo dedicado à escrita em algumas línguas estrangeiras. Nesse contexto, chama-nos a atenção os lugares inusitados que ele escolhe para escrever, levando-nos a indagar o porquê dessa forma de lidar com as línguas. Essas reflexões culminam na proposta dessa tese que tem como objetivo geral analisar como a relação que um poliglota autodidata estabelece com línguas estrangeiras desvela indícios do seu laço específico com a língua materna. Em nossos objetivos específicos, propomos: descrever a relação subjetiva do sujeito com as LEs; questionar o significado de escrever para ele; identificar o lugar que a escrita ocupa e analisar o significado e a função de cada língua para o aprendiz. Desse modo, à guisa de fundamentação teórica, recorreremos a trabalhos da psicanálise freudo-laciana, ressaltando, entre outros, o liame entre a aprendizagem de uma língua estrangeira e o desejo inconsciente do aprendiz. Quanto à metodologia, nosso trabalho se refere a uma pesquisa qualitativa, configurada como um estudo de caso, por proporcionar a possibilidade de abordarmos a relação subjetiva do sujeito com a língua – Bruno, brasileiro, professor de línguas estrangeiras e residente no Brasil. Quanto aos instrumentos utilizados, foram realizadas entrevistas não-estruturadas gravadas em áudios via whatsapp e transcritas na íntegra. Assim como, as imagens dos textos escritos pelo sujeito da pesquisa. Os resultados das análises nos levaram a inferir que as línguas o afetam subjetivamente e “a falta na língua materna” (Melman, 1991) o conduz a elaborar um trabalho psíquico no entremeio das línguas, como uma forma de viver a alteridade, como se as línguas estrangeiras fossem “a sua ressurreição” (Kristeva, 1994). O laço específico com a língua materna nortearia os impulsos de Bruno, ao atravessar as suas escritas com algumas frases em português, sinalizando algo que ele não consegue se desvencilhar. Levando-o a ter na escrita o seu maior recurso ao lidar com as línguas que ele chama de adotadas. O ato de escrever assume feições inusitadas, tanto por Bruno ser impelido boa parte do dia a escrever, como pelos lugares que essa escrita é realizada. Pois para além dos papéis, ele escreve nas paredes, no chão, em alguns objetos da casa e tem necessidade de manter essas escritas sem apagar

Vale também destacar o teor intimista de boa parte desses escritos.

Palavras-chave: Língua materna. Aquisição de língua estrangeira. Inconsciente. Psicanálise-linguagem.

ABSTRACT

Some theorists, who address issues of the mother language and seek articulation with psychoanalysis, point out that every subject has a specific bond with their mother tongue. This bond will interfere with the learning of new languages, potentially promoting either the capture or resistance to such learning. Our questions regarding the subject's relationship with languages arise from the observation of a learner who spends all their time dedicated to writing in some foreign languages. In this context, we are struck by the unusual places he chooses to write, leading us to inquire about the reasons for this way of dealing with languages. These reflections culminate in the proposal of this thesis, which aims to analyze how the relationship that a self-taught polyglot establishes with foreign languages reveals clues to their specific bond with the mother tongue. In our specific objectives, we propose to: describe the subjective relationship of the subject with FLs; question the meaning of writing for him; identify the place that writing occupies and analyze the meaning and function of each language for the learner. Thus, as a theoretical foundation, we resort to works of Saussurean and Jakobsonian linguistics and Freudian-Lacanian psychoanalysis, emphasizing, among others, the link between the learning of a foreign language and the unconscious desire of the learner. Regarding the methodology, our work refers to a qualitative research, configured as a case study, as it provides the possibility of addressing the subjective relationship of the subject with the language – Bruno, Brazilian, foreign language teacher, and resident in Brazil. As for the instruments used, unstructured interviews were conducted, recorded in audio via WhatsApp, and transcribed in full. As well as, images of the texts written by the research subject. The results of the analyses led us to infer that languages affect him subjectively and "the lack in the mother tongue" (Melman, 1991) leads him to elaborate a psychic work in the midst of languages, as a way of living alterity, as if foreign languages were "his resurrection" (Kristeva, 1994). The specific bond with the mother tongue would guide Bruno's impulses, as he crosses his writings with some sentences in Portuguese, signaling something he cannot shake off. Leading him to have in writing his greatest resource when dealing with the languages he calls adopted. The act of writing takes on unusual features, both because Bruno is compelled to write for much of the day, and because of the places where this writing is done. For beyond papers, he writes on walls, on the floor, on some objects in the house, and has the need to keep these writings from being erased. It is also worth highlighting the intimate nature of much of this writing.

Key-words: Mother language. Foreign language acquisition. Unconscious. Psychoanalysis
-language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- União do signo: conceito + imagem acústica	35
Figura 2- O signo em Saussure.....	35
Figura 3- Significante/significado.	36
Figura 4- O nó borromeano.	46
Figura 5- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt. 01.....	110
Figura 6- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt 02.	111
Figura 7- Quadros em material de mdf, colados com fita adesiva na sala do Apt 01.	112
Figura 8- Escrita de Bruno na toalha da bandeja do hospital.	119
Figura 9- Escrita de Bruno na parede do banheiro do Apt 02.	120
Figura 10- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt.02.....	130
Figura 11- Texto digitado por Bruno em uma folha e colada na parede do quarto do apt.02.	131
Figura 12- Escrita de Bruno na toalha da bandeja do hospital.	133
Figura 13- Frase escrita na tampa de recipiente descartável e colada na parede do quarto do Apt.02.	141
Figura 14- Escrita de Bruno na parede de um dos banheiros do Apt.02.	145
Figura 15- Primeiro texto escrito por Bruno em holandês na parede de um dos banheiros do Apt.02.	155
Figura 16- Segundo texto escrito por Bruno em inglês, na parede de um dos banheiros do Apt.02.	156
Figura 17- Escrita de Bruno em holandês no suporte do botijão de água mineral na cozinha.	167
Figura 18- Escrita de Bruno em inglês e latim na descarga do banheiro do Apt.01.	167
Figura 19- Escrita de Bruno em inglês na tampa do vaso sanitário do Apt.01.....	168
Figura 20- Escrita de Bruno em inglês, alemão e português no chão do Apt.02.....	168
Figura 21- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt.02.	174
Figura 22- Primeira escrita de Bruno no papel da bandeja do hospital.	178
Figura 23- Reescrita do texto da figura 21, no papel da bandeja do hospital.....	178
Figura 24- Filosofia Kaizen.	181
Figura 25- Filosofia Iki gai.	182
Figura 26- Escrita de Bruno na parede do banheiro do Apt 02.	187

Figura 27- Quadros confeccionados por Bruno em material de mdf e expostos na parede da sala do Apt.01.	198
Figura 28- Escrita de Bruno em um prato branco exposto na parede da sala do Apt.01.....	200

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Normas para transcrição de textos orais-Normas adotadas pelo Projeto NURC	101
Quadro 2- Manuscritos de Bruno em línguas diversas.....	199

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LA	Língua-Alvo
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
PESQ.	Pesquisadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	30
2.1 Perspectivas concernentes ao liame Linguística e Psicanálise	31
2.1.1 Sujeito e linguagem na aproximação entre a Psicanálise e a Linguística.....	31
2.1.2 O Psiquismo na psicanálise: Freud e Lacan e o desenvolvimento do aparelho psíquico	40
2.1.3 Os três registros psíquicos e a constituição do sujeito no ensino de Lacan	43
2.1.4 O nó borromeu e o ensino de Lacan	45
2.1.5 O neologismo Falasser: inclusão do corpo à noção do sujeito lacaniano – Relação com a escrita.....	47
2.1.6 <i>Lalangue</i> e a língua materna na relação com a aquisição da língua estrangeira.....	51
2.1.7 A Relação corpo e linguagem dentro da abordagem sobre língua materna e língua estrangeira.....	53
2.1.8 Questões da língua materna trazidas por teóricos que buscam articulação com a psicanálise.....	59
2.1.9 A alteridade como um processo de estranhamento na aquisição de língua estrangeira ..	62
2.2 A relação do sujeito com a escrita em língua estrangeira na concepção psicanalítica	69
2.2.1 Um olhar sobre a escrita sustentado pela psicanálise	72
2.2.2 O que escrever quer dizer e o que significa escrever em uma língua estrangeira?.....	74
2.2.3 A escrita na pesquisa em psicanálise: o significante e os dois conceitos de letra de Lacan	80
2.2.4 Releitura de Lacan da pesquisa freudiana referente à escrita	85
2.2.5 Liame com o primeiro momento desse capítulo.....	89
2.2.6 A psicanálise da Língua estrangeira: o desejo inconsciente do aprendiz e a relação coma língua como sintomática de sua dinâmica psíquica.....	90
2.2.7 O inconsciente e a aquisição de língua estrangeira: os excedentes simbólicos como instigadores de um desejo de um outro	92
2.2.8 Considerações relevantes.....	96

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	98
3.1 Um olhar no Relatório de transcrição das entrevistas não-estruturadas	100
3.1.1 Quadro de diretrizes da transcrição	101
3.2 O participante e os instrumentos: a escolha e constiuição do caso.....	103
3.3 A relação com a escrita na infância: a ideia de criar um código linguístico paraescrever em segredo.....	105
3.4 A entrada de Bruno nas línguas estrangeiras: o desconforto com a língua francesa.....	105
3.5 A formação acadêmica em Letras: Português/Inglês.....	107
3.6 A concepção de Bruno sobre como se deve ensinar/aprender a língua estrangeira.....	108
3.7 O autodidatismo e “a tagarelice” na língua inglesa que o leva a ser confundido comum falante nativo	109
3.8 O início da escrita em línguas estrangeiras: a escrita em dois apartamentos	110
3.8.1 A escrita durante o seu tratamento hospitalar: o pesadelo de encontrar as paredesapagadas ao retornar ao seu apartamento.....	112
3.8.2 Dificuldade de escrever enquanto estava na Europa: a surpresa por recorrer à língua materna	113
3.9 Um olhar na análise e discussão	114
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	117
4.1 Descrição da relação subjetiva do sujeito com algumas línguas estrangeiras	117
4.1.1 A escolha pelo inglês no Clube dos Políglotas.....	118
4.1.2 Tentativa de obter o controle das línguas	121
4.1.3 O corpolinguagem e o duplo estatuto do corpo: o corpo corpóreo e o corpo real.....	124
4.2 A Babel das línguas estrangeiras: O lugar que a escrita ocupa	125
4.3 O mundo entre a língua materna e a língua estrangeira: A entrega aos idiomas estrangeiros e o retono ao amor da língua-mãe	131
4.4 Diálogo com os casos de escritores que iluminam a relação de Bruno com as línguas estrangeiras	137
4.4.1 Bruno e o caso Louis Wolfson	137

4.4.2 Bruno e o caso Samuel Beckett: semelhança	140
4.4.3 Contraponto entre o caso Bruno e o caso Samuel Beckett	142
4.4.4 Contraponto do caso Bruno com o caso Fred Uhlman	151
4.5 O que é escrever para Bruno e por que ele escreve em vários lugares	153
4.5.1 Por que Bruno escreve em lugares inusitados?.....	165
4.5.2 Bruno se declara precursor da criação de uma nova habilidade da língua	170
4.5.3 Como Bruno acha que sua relação com a escrita afetaria a sua forma de aprender a língua?	175
4.6 O significado de cada língua para Bruno.....	177
4.6.1 A função das línguas para Bruno: “Cada língua pra mim é uma mulher”.....	183
4.6.2 A relação com as línguas e a teoria do espião: sucesso ou fracasso na aplicação?	186
4.6.3 Era uma vez a escrita: “... perdi tudo...”	190
4.6.4 O uso da <i>LETTERING</i> no liame escrita e obra de arte	194
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
REFERÊNCIAS	212
APÊNDICES	232
ANEXOS	232

1 INTRODUÇÃO

Antes de trazermos questões que abordam a aquisição de línguas, para fins de esclarecimento, concernente à diferença do uso do termo Língua Estrangeira (LE) tomado equivocadamente como segunda língua (L2), apontaremos as disparidades entre esses dois conceitos, com a finalidade de aclarar essa diferença, já que se referem a duas nomenclaturas usadas como termos técnicos comuns, no ensino/aprendizagem de línguas.

Para tanto, Cea (2016) elucida que normalmente as pessoas concebem L2 como sendo um outro idioma apreendido, paralelo à língua materna (LM), ao considerar que por já saber idioma nativo, um outro idioma seria atribuído como uma L2. Para evitar esse mal entendido, deslinda-se que o termo LE deve ser usado para se referir a um idioma cujo único contato que o aprendiz tem, seria durante a aula.

Dito de outra forma, o sujeito estaria aprendendo a língua em um país no qual a LE não seria falada pelos nativos. Como exemplo, tem-se um brasileiro residindo no Brasil, aprendendo inglês em uma escola de idiomas ou em salas de aulas convencionais, caracterizadas como cumprimento da grade curricular na educação básica.

Quanto à concepção de L2, Cea (op.cit.) a caracteriza como o aprendizado da língua que é vivenciado como interações diárias, tal qual a exposição na rua, além das mais diversas situações vivenciadas pelo falante. A título de exemplo, temos mexicanos aprendendo inglês nos Estados Unidos, programas de intercâmbios ou imigrantes aprendendo a língua local em um determinado país.

No que se refere à abordagem pautada na nossa pesquisa, que tem como foco o ensino/aprendizagem de um idioma estrangeiro, entendemos que “o aluno adulto que hoje procura aprender a LE no Brasil está, principalmente, procurando atender a uma demanda gerada pela conjuntura da globalização” (São Pedro; Souza, 2014, p. 301/302).

Nesse cenário, de acordo com Jordão (2004), há uma crença de que na atualidade, a educação pelas LEs seria um fator de grande importância, tendo o inglês como língua protagonizadora desse contexto, dando-se um tratamento à língua como se esta fosse uma *commodity* (mercadoria).

Essa atitude correspondente à doutrina neoliberalista tem uma roupagem assistencialista, porém, conforme Ferraz (2015), o mundo serve às suas vontades, por envolver questões que estão relacionadas a discrepâncias sociais e convenções na educação. Podendo-se constatar a ideia, a partir de sites de recolocação no mercado de trabalho, de que quanto maior a proficiência na língua inglesa melhor será a chance de conseguir

um emprego. O que justificaria a visão da língua como *commodity*, por “representar uma habilidade fundamental para a inserção do cidadão nas sociedades. Sendo esta a razão pela qual o inglês teria um grande valor, no mercado da língua internacional e aqueles que possuem essa *commodity* querem preservá-la” (Jordão, 2004, p.07).

Como professores de inglês em cursos de idiomas, podemos constatar que esse discursoneoliberalista seria reproduzido pelos aprendizes adultos, que buscam proficiência na língua inglesa, alimentando a expectativa que, ao alcançar o patamar de aluno egresso, vislumbrará a possibilidade de um diferencial no currículo para ingressar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, a partir de alguns depoimentos, constatamos casos nos quais, mesmo conseguindo um bom nível de proficiência linguística por intermédio do autodidatismo, o mercado exige uma comprovação curricular dos aprendizes, inibindo-os de ocupar uma determinada vaga disponível.

De acordo com Oliveira Silva; Hawi (2020), a língua inglesa acaba tomando o espaço das línguas alóctones brasileiras (idiomas externos ou de imigração), a saber, árabe, alemão, coreano, italiano, japonês, mandarim, polonês e ucraniano, sendo estas inibidas de serem ensinadas no espaço escolar do ensino fundamental e médio, já que o inglês é considerado como uma língua franca, correspondendo ao único idioma permitido na grade curricular do Ensino Básico, em cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394 de 1996, que norteou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Interessa em nosso trabalho, questões que ultrapassam a materialidade da língua, que vão além da preocupação de satisfazer as exigências e reprodução do mercado, já que buscaremos questões subjetivas que envolvem o aprendiz na aquisição da língua. Nesse sentido, no que se refere à proficiência linguística em uma LE, existe um número de pessoas que não chegam a ser consideradas como falantes em LEs, pois estes apresentam dificuldades nas quatro habilidades, a saber, ouvir, falar, ler e escrever.

Esse problema pode ser também atribuído à forma como o ensino é pautado em questões cognitivas, que têm deixado de considerar, conforme Revuz (1998) que uma LE é aprendida depois e tem como referência a língua da primeira infância. Assim, fica claro que, aprende-se uma LE, somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua.

Esse tipo de abordagem de aquisição da língua, favorece para que seja possível atingirmos um alcance maior ao considerar que, “toda tentativa para aprender uma outra língua vem a perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua [a materna]” (Revuz, 2008, p.217).

Essa concepção sobre o aprendizado de uma LE como um desconforto, conflito ou dubiedade ocasionada pelo encontro do sujeito com uma outra língua, seria algumas vezes, interpretada como um encontro problemático e desafiador para o aprendiz, por não haver consideração das questões afetivas que envolvem o aprendizado de um idioma estrangeiro. Apontando-se para uma maior possibilidade de enfrentarmos o problema do fracasso na aquisição de LE, repercutindo, conforme Revuz (1998), em um alto índice de insucesso.

Isso se atribui ao fato de que os estudos e as práticas pedagógicas ligadas à LE são normalmente voltadas à dimensão cognitiva, pois se tem uma visão da língua(gem) como se essa fosse apenas um objeto a ser conhecido. Desconsiderando-se, portanto, que a aquisição de uma LE envolve aspectos afetivos e um efeito subjetivo, uma vez que somos constituídos a partir de uma língua, pois mesmo o sujeito aprendendo uma LE, este ainda está no campo da LM.

Desse modo, no que se refere à concepção do termo LM, a partir do que tem sido atribuído, podemos considerar que:

A Língua Materna não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. (...) Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser ligada à língua da comunidade, e, ao aprender as duas línguas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (Caso de Bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (Spinassé, 2006, p.05).

A exemplo dessa constatação, temos um trabalho de nossa autoria, cujo tema seria “A inscrição pelo discurso de uma criança norueguesa em processo de aquisição de português: um estudo de caso (Ramos, 2022). Neste, o corpus foi constituído a partir da análise de um sujeito, que vivencia o entrelaçamento de três contextos linguísticos, a saber, o norueguês, como língua oficial do país de origem, o português por ser a língua nativa de sua mãe e o inglês como L2, por ser uma língua usada em seu dia a dia na relação entre os seus pais (pois a sua mãe dominaria mais o inglês do que o norueguês) e o inglês como uma L2 usada na sua comunidade linguística.

Dessa forma, teríamos duas possibilidades de considerar qual seria a LM do sujeito, a saber, o português, por se tratar da língua da mãe (ensinada à filha) ou o norueguês, considerando-se que seria a L1 da comunidade na qual a criança está inserida. Por outro lado, poderíamos pensar na possibilidade de que a criança teria duas LMs, caso consideremos a descrição citada por Spinassé (op.cit.), ao levarmos em conta que o sujeito apreendeu as duas línguas de forma simultânea, considerando o esforço da mãe para ensinar

o português. Embora, a comunidade linguística na qual a criança está inserida não fale português.

No que se refere aos estudos que tem como foco a pesquisa em psicanálise, importamos “o deslocamento do conceito LM de uma posição (...) de língua nacional, para a de causa do sujeito, (...) por envolver a importância (psíquica) que a relação LM – LE pode vir a assumir para o sujeito” (Moraes, 1999, p.97). Para tanto, adotaremos aqui a concepção de língua como “material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (Revuz, 2008, p. 217).

E, no intuito de problematizarmos esses vieses teóricos quanto à concepção de LM e LE, podemos dizer que, a maioria das pesquisas que se dedicam ao ensino e aprendizagem de línguas traz questões didáticas e cognitivas, sendo pautadas na concepção de sujeito cartesiano ou o sujeito epistêmico, havendo assim uma carência de estudos que possam ir além dessas concepções e considerem a dimensão afetiva da aprendizagem de uma língua, tornando-se possível trazer uma melhor argumentação sobre esse tema.

Considerando o que foi dito, percebemos que essa forma de pensar a aquisição de uma LE vem ao encontro de questões abordadas em nossos estudos, concernentes às pesquisas do nosso Mestrado (Ramos, 2009), cujo tema foi “O livro didático de língua inglesa: contemplando a produção escrita do aluno do curso de Letras”, no qual trouxemos aspectos individuais importantes por dizer respeito a cada aprendiz. Pois, já estávamos atentos a questões que são próprias de cada pessoa, porém tratávamos de um outro sujeito que não dava conta de todos os problemas encontrados, já que uma LE é aprendida com referência à primeira e é relevante destacar que esse processo de aquisição produz efeitos afetivos no sujeito. Muito embora, tenhamos nos ancorado em uma linha teórica da linguística que não dialoga com a psicanálise.

Ao mesmo tempo, trouxemos preocupações concernentes ao fato de o aprendiz ‘ter ou não competência comunicativa em LE, no que concerne à habilidade da língua escrita e de voz aos sujeitos, através da ferramenta intitulada diário reflexivo e do diálogo entre os pares de aprendizes, proporcionando a possibilidade de levá-los a fazerem introspecções concernentes à sua própria aquisição. Momentos nos quais estes constataram, “a forma como a língua materna interfere na escrita dos seus textos” (Ramos, 2009, p. 40).

No entanto, ao nos darmos conta desses momentos específicos caracterizados como movimentos introspectivos, entendemos que estamos diante de uma perspectiva que exige um novo direcionamento por intermédio do envolvimento de outros vieses teóricos, concebidos agora através de um estudo da linguística afetada pela perspectiva psicanalítica,

ancorado no sujeito do inconsciente.

Situando-nos, portanto, nessa pesquisa, o que mais nos chama a atenção e que consideramos relevante está relacionado às facilidades ou às queixas quanto às dificuldades do processo de aquisição da língua, constatadas nos aprendizes e estão ligadas às questões que envolvem o sujeito inconsciente em processo de aquisição de LE.

Portanto, diferente da nossa dissertação, para esse trabalho de tese buscaremos entender como ou de que forma o sujeito recorre a LEs e se essa recorrência tem a ver com o laço específico que todos nós temos com a LM. Se são características que este tem da LM que o faz recorrer às LEs. E, para deslizar uma melhor compreensão do que seria o laço específico, esclarecemos que, segundo Revuz (2008), todo o sujeito tem um laço específico com a LM. Significando dizer que o sujeito é enlaçado pela LM.

Ainda conforme Revuz (1998), isto se deve ao fato de que uma LE e uma L2 são apreendidas depois e tem como referência a língua da primeira infância. Assim, fica claro que, apreende-se um LE, somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. Portanto, ao se considerar que o aprendiz se apoia na LM para aprender uma LE, é relevante ressaltar que esse processo de aquisição produz seus efeitos no sujeito, o que poderá facilitar ou dificultar a sua aprendizagem da língua.

Considerando esses efeitos que a aquisição da LE é capaz de proporcionar ao aprendiz, a ideia desse projeto de tese surgiu também da interrogação sobre as diferenças e peculiaridades concernentes à forma como um sujeito apreende LEs, colocando em evidência a relação existente entre LM e LE. E, a literatura que traz essa abordagem proporcionou um encontro com as nossas indagações, por terem sido elaboradas ao longo da nossa experiência, como docente de LE.

Para tanto, escolhemos como ferramenta teórica o diálogo entre a psicanálise e a linguística. Sobretudo, por uma linguística afetada pela psicanálise e incentivada pela afirmação de Lacan que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1966/1998 p. 09), inaugurado por Freud. Porém, Lacan pode avançar esse diálogo, uma vez que a partir de Saussure a linguística passa a ter um novo status. Conferidos, em seguida, por pesquisadores da linguística que recorreram à psicanálise, a saber, Christine Revuz, Jean-Claude Milner, Michel Arrivé, Claudia de Lemos, Maria José Coracine, Maria Francisca Lier-DeVitto, dentre outros.

E, é exatamente nessa linha que nos enveredaremos, vislumbrando a possibilidade de sustentar que podemos compreender melhor o laço específico que o aprendiz tem com a LM. Nesse contexto, os trabalhos desenvolvidos no PPGCL, dentro dessa linha, buscaram

evidenciar os efeitos subjetivos da questão do laço específico, das dificuldades ou facilidades, abordando o processo de aquisição de LE em função da interferência desse laço.

Assim, a primeira pesquisa cuja autoria é de Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes, publicada em 2008, aborda os “Efeitos de Inibições Inconscientes na Aquisição da Segunda Língua”. Nesse trabalho vimos a inibição como uma das possibilidades de explicação para a resistência à aprendizagem da língua, tendo como um dos questionamentos o que faz com que uma pessoa tenha tanta dificuldade em apreender uma LE. Os resultados apontam para a possibilidade de uma melhor compreensão da aprendizagem de uma LE, no intuito de favorecer uma reflexão sobre a discriminação sofrida pelo aluno e a sua angústia dentro da sala de aula, por não poder se apoiar na LM para aprender a LE.

Enquanto o segundo trabalho, cujo autor é Saulo Albino da Silva, teve a defesa em 2012 e contemplou o tema: “As interferências subjetivas da língua materna no processo de aquisição da língua francesa: entre a captura e a resistência”, também traz questões que se referem ao mesmo supracitado laço específico com a LM poderia provocar, tanto à captura quanto à resistência. Os resultados alcançados sugerem que o encantamento da captura pode acabar se esbarrando na resistência de apreender uma LE.

O terceiro trabalho de dissertação tem a autoria de Larissa Raquel Pereira Lyra, com a publicação em 2013, intitulado “Da Interferência da Língua Materna no Ensino de uma Língua Estrangeira”. E, como professora de língua inglesa, a autora se angustia quanto à norma que tem a cumprir e não poderia falar português em suas aulas, vendo como um prejuízo. Os resultados levam Lyra (2013) a propor que não se deve ensinar a LE esperando que os alunos esqueçam a LM.

Já no quarto trabalho de dissertação, cuja autora é Natália Luiza Carneiro Lopes, com a publicação em 2015, temos como tema “As interferências subjetivas do processo de aquisição de outra língua em mulheres em situação de cárcere”. Nessa dissertação, Lopes (2015) investiga indicadores dos efeitos subjetivos inconscientes que uma LE pode causar no sujeito, a partir dos discursos das detentas em processo de aquisição. Os resultados apontam para a possibilidade de que, as dificuldades encontradas podem ser atribuídas ao aprisionamento dos sujeitos à LM.

No quinto trabalho, constatamos a dissertação de Letícia Campos Miranda (2017), cujo tema é “Relação entre língua materna e língua estrangeira: O “erro” em produções escritas de adolescentes estudantes da língua inglesa”, que ao investigar os recontos produzidos por adolescentes em processo de aquisição de inglês, considera os erros como efeitos da relação sujeito-língua. E, a partir dos resultados, entendemos que se pode tanto

catalogar os tipos de “erros” e as rasuras dos adolescentes, quanto comprovar as marcas subjetivas no funcionamento da língua, que rege o jogo do significante nas escritas dos adolescentes.

O sexto trabalho de dissertação, cuja autoria é de Cilene da Silva Abreu, com a publicação em 2018, tem como título “Prováveis causas responsáveis pela inibição no processo de aquisição da língua estrangeira” e apresenta como ponto de partida indagações quanto aos casos de fracassos pedagógicos na aquisição da LE. Os resultados apontam para elementos significativos, que se tornam úteis às reflexões voltadas aos estudos de aquisição de línguas estrangeiras.

O sétimo e último trabalho, refere-se à tese de Elizabeth Cavalcanti Coelho, com a publicação em 2019 e contempla o seguinte tema “A difícil relação com a língua estrangeira: um estudo de caso”, cujo objetivo primordial é o de investigar a relação de uma brasileira residente no exterior com a LE, no intuito de analisar a origem das dificuldades do sujeito e questionar a sua relação com a LM, como um aspecto que dificulta o aprendiz a ser capturado pela LE. Os resultados apontam para uma imagem idealizadora de falante, que gera o efeito do medo de errar, denotando causar um impedimento quanto à possibilidade de o sujeito não se permitir ser um falante da LE.

Levando em consideração o que foi dito, por intermédio dos trabalhos já apresentados no PPGCL, no que se refere às contribuições dos estudos sobre o laço específico que temos com a LM e a aprendizagem da LE, em um primeiro momento, Fernandes (2008) se baseia na concepção de resistência de Revuz (2008) como uma inibição para falar uma LE. Como se as prisões da LM fossem superadas no momento no qual o sujeito fala uma outra língua. Melhor dizendo, ao falar uma LE o aprendiz sente uma liberdade não proporcionada pela LM.

Em seguida, tratou-se a resistência ou captura dos sujeitos, atribuindo-se ao laço mantido com a LM (Silva, 2012;); apresentou-se a questão da existência de uma carga afetivo laço com o sujeito e sugeriu-se que se descarte a ideia de a LM não ser pertinente na aprendizagem de LE (Lyra, 2013); supôs-se que as interferências do processo de aquisição de LE podem ter sido ocasionadas pela forma com a qual o laço específico foi instaurado no sujeito (Lopes, 2015); e entendeu-se que o receio que o aprendiz tem de se entregar à aquisição da LE é gerado pelo relação de afetividade que o mantém preso à LM, por intermédio do laço específico (Coelho, 2019).

Diante do exposto, ressaltamos que o laço específico ocupa um lugar importante concernente ao sucesso ou fracasso na aquisição de LE, por ter sido considerado como

alvo, quanto à relação da inibição da aprendizagem da LE e de esses estudos terem proporcionado a possibilidade de haver mudanças no próprio laço específico. Já em nossa pesquisa, analisaremos de que forma a relação peculiar que um autodidata plurilingue estabelece com LEs desvela traços do laço específico que este mantém com a LM.

Quanto à relevância do nosso trabalho, entendemos que as informações estratégicas correlacionadas ao tema trarão esclarecimentos, concernentes ao estranhamento do sujeito da pesquisa quanto à entrada nas LEs, sendo relevante, também, a relação afetiva que este mantém com os idiomas estrangeiros, durante o processo de aprendizagem destes.

Portanto, entendemos que esse trabalho trará contribuições para a sociedade acadêmica, já que se trata de uma pesquisa realizada com um sujeito autodidata poliglota que tem uma relação insólita com algumas LEs, contribuindo com os estudos que se esforçam para apreender sobre o laço específico, mantido pelo sujeito com a LM e a interferência desse laço na aprendizagem de LEs. O que favorece também o avanço da relação entre sujeito humano e linguagem.

Dito isso, entendemos que tanto nossa pesquisa quanto os trabalhos aqui elencados contribuirão para a investigação da relação do sujeito com outras línguas, por considerar que estas são vivas e agem sobre nós, pois “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (Revuz, 1998, p. 227).

É relevante ressaltarmos que as inquietações relativas às questões aqui elencadas, consideram que a relação que os sujeitos têm com a língua aponta para o inconsciente. Portanto, a forma que o inconsciente mostra os efeitos da aquisição da língua no sujeito, pontuam essa pesquisa.

Assim, esse estudo de caso é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, fundamentada no diálogo da psicanálise com a linguística. Quanto às questões que mobilizam o nosso trabalho de tese, a questão central seria analisar como a relação que um poliglota estabelece com línguas estrangeiras desvela indícios do seu laço específico com a língua materna.

Para resolver essa questão, propomos os seguintes objetivos específicos: (1) descrever a relação subjetiva do sujeito com as LEs; (2) Questionar o significado de escrever para ele; (3) identificar qual seria o lugar que a escrita ocupa; e (4) analisar o significado e a função de cada língua para o aprendiz.

À vista disso, a pergunta norteadora do nosso trabalho seria: A intensa e peculiar dedicação de Bruno ao estudo das línguas estrangeiras “adotadas” (termo que ele próprio emprega) desvela traços do seu laço específico com a sua LM?

O que leva a nos basear na seguinte hipótese de pesquisa: A relação peculiar que Brunomantém com as LEs “adotadas” nos leva a supor que este evita a sua língua materna, procurando nas línguas estrangeiras uma completude e domínio dessas línguas – consideradas como mulher -através do exercício da pulsão epistemofílica.

Isto posto, para responder as questões norteadoras do nosso trabalho, no capítulo I, por intermédio do liame linguística e psicanálise, trataremos questões sobre o psiquismo na psicanálise, a partir das teorias de Freud e Lacan sobre o aparelho psíquico. Assim, contemplaremos uma abordagem que envolverá as tópicas freudianas, os registros psíquicos lacanianos, bem como o nó borromeu e o conceito de *falasser*, que inclui o corpo à noção de sujeito lacaniano.

Em seguida, faremos uma ancoragem teórica no percurso realizado por Lacan da linguística até chegar ao neologismo linguística. Por conseguinte, mostraremos a trajetória na qual, no início, a proposta freudiana articulou o inconsciente ao campo da linguística. Posteriormente, trataremos a forma que Lacan buscou a linguística, para articular a linguagem ao campo do inconsciente. Ao mesmo tempo, percorreremos questões relevantes quanto ao sujeito, para tratar da *lalangue*, vista como a incidência da linguagem sobre nós e a sua interface com a LM, na relação com a aprendizagem da LE.

Simultaneamente, salientaremos a relação corpo e linguagem dentro da abordagem sobre LM e LE e realçaremos o movimento que ocorre entre o idioma materno e o idioma estrangeiro, trazido por teóricos que buscam articulação com a interface linguística e psicanálise. No final, avultaremos a questão da alteridade vista como um processo de estranhamento na aquisição de LE.

Já no segundo capítulo, em um primeiro momento, buscaremos bases epistemológicas para trazeremos teorias que referenciam a relação do sujeito com a escrita em LE, contemplando um olhar sustentado pela psicanálise. Em seguida, questionaremos o que escrever quer dizer e o que significa escrever em uma LE. A seguir, evidenciaremos a escrita na pesquisa em psicanálise, apontando para as manifestações do significante à letra, contextualizando com os dois conceitos de letra de Lacan. No final, faremos uma releitura lacaniana da pesquisa de Freud da escrita ao traço.

Na segunda parte do segundo capítulo, abordaremos a psicanálise da Língua estrangeira, focando no desejo inconsciente do aprendiz e a relação com a língua como sintomática de sua dinâmica psíquica. Destarte, trataremos questões relacionadas ao liame inconsciente e aquisição de LE, apontando para os excedentes simbólicos como instigadores de um desejo de um outro da LE.

Para alcançarmos os objetivos específicos já aludidos, temos que, o primeiro está relacionado à análise da descrição da relação subjetiva que o sujeito mantém com as LEs. E, entendemos que a análise da junção da escrita do sujeito em vários lugares com as entrevistas não-estruturadas trarão respostas a esse objetivo específico.

O segundo objetivo específico será referenciado ao questionarmos o significado de escrever para Bruno que, outra vez, será averiguado a partir das entrevistas não-estruturadas e da análise dos registros escritos pelo sujeito, pois:

à semelhança de um espelho, a escrita permite ao homem pensar, mirar a sua fratura. Ela é o outro desse si, que se interpõe entre ele e o mundo. [...] Ela nos atrai de formas diversas. Atrai-nos a escrever textos ficcionais, atrai-nos a escrever sobre nós, como se as outras escritas não o fizessem (Bento, 2004).

O terceiro objetivo específico se refere à identificação do lugar que a escrita ocupa para o sujeito. Esse será avultado por intermédio do resgate das constatações do sujeito, através dos registros presentes na sua escrita, bem como no seu depoimento. Por considerarmos que se fará presente o resgate de suas sensações, angústias e / ou conflitos, conforme já foi dito.

Já que:

Há uma relação do sujeito com a língua e com o exercício de significar naquilo que concerne ao prazer ou ao desprazer de sentir a palavra escrita, a letra, encarnadas em sua boca, em seu corpo inteiro, nos olhos, na voz, na orelha, no nariz, no gesto e no movimento; enfim, naquilo que diz respeito aos efeitos da escritura no corpo que, em dado momento, ou melhor, em dado acontecimento, é tirado para o público, num ato de amor e de celebração à palavra ao desejo de significar, desejo de fazer sentido” (Murce Filho, 2001).

O quarto e último ponto averiguado se refere à análise do significado e da função de cada língua para o aprendiz, que será discorrido através da comparação entre dois instrumentos de coleta, a saber, entrevistas não-estruturadas e os seus registros escritos.

À vista disso, o foco da nossa pesquisa se refere à maneira com a qual o sujeito conduziu seu aprendizado em LEs, bem como o tipo de abordagem que este faz a partir de sua relação com a sua LM. Ao mesmo tempo, entendemos que o instrumento de coleta entrevistas não-estruturadas oportunizará o sujeito a refazer a sua história de vida, bem como a mostrar a forma de lidar com as LEs.

Por outro lado, as constatações realizadas a partir dos registros escritos também favorecerão, já que estes são elaborados de maneira espontânea e presentificam as marcas de seus impulsos, suas sensações, angústias e / ou conflitos, ao expressar a sua relação afetiva com algumas LEs, durante a participação na pesquisa. Assim, entendemos que tonar-

se-á possível investigarmos se as relações com as LEs desvelam traços do laço específico com a LM.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Perspectivas concernentes ao liame Língua e Psicanálise

Ao propormos uma ancoragem teórica numa perspectiva linguística que dialoga com a psicanálise concernente aos estudos da aquisição de LE, é relevante trazermos o que Arrivé (1999) diz sobre o encontro entre as duas ciências supracitadas.

No dizer do autor:

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sintam com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistência cujas próprias forças é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise? (Arrivé, 1999 p.23).

O entrelaçamento entre as duas ciências aponta para a possibilidade de conectar a linguagem ao inconsciente, já que a psicanálise é puro exercício de linguagem e o objeto de estudo da linguística é a linguagem. Essa proposição traz a possibilidade de proporcionar o encontro entre as duas ciências, pois o próprio Lacan buscou na linguística uma forma de articulação da linguagem ao campo do inconsciente.

Dito isso, no que se refere ao referencial teórico que se baseia nos estudos da aquisição de linguagem, tendo como base uma abordagem que envolve o liame ciência linguística e ciência psicanalítica lacaniana, em um primeiro momento enredaremos a interface sujeito e linguagem, aproximando a linguística e a psicanálise, para em seguida fazermos uma abordagem sobre a constituição do psiquismo na psicanálise, a partir da definição da primeira e da segunda tópicas constituintes do aparelho psíquico freudiano e dos registros psíquicos lacanianos, que favorecem o conceito de sujeito em Lacan.

Para tanto, mostraremos a interface entre o nó borromeu e o neologismo *falasser* por favorecerem para que Lacan incluisse a noção de corpo à concepção de sujeito, pelo fato de o sujeito do inconsciente se encontrar nos equívocos dos significantes causado pelo enodamento dos três registros humanos. Ao mesmo tempo, apontaremos a relação existente entre esses supracitados conceitos e a escrita.

Para dar continuidade a esse percurso, enveredaremos pelo caminho traçado por Lacan da linguística até chegar ao neologismo linguística. E, prosseguiremos trazendo questões relevantes para a nossa pesquisa, a saber, a *lalangue* e a sua interface com a língua materna (LM) na relação com a aprendizagem da LE.

Nesse contexto, evidenciaremos tanto a relação corpo e linguagem dentro da abordagem sobre LM e LE, como também, o movimento que ocorre entre LM e LE, trazido por teóricos que buscam articulação tanto com a psicanálise, como com a linguística, a saber, Viviane Veras, Charles Melman, Maria Rita Sauzano Moraes, Cláudia Thereza Guimaraes de Lemos, Denise Souza Rodrigues Gasparini, Newton Freire Murce Filho, dentre outros não menos relevantes, cujos trabalhos contribuíram com a nossa escrita de tese. Trataremos também da alteridade, vista como um processo de estranhamento na aquisição de LE.

2.1.1 Sujeito e linguagem na aproximação entre a Psicanálise e a Linguística

Na perspectiva de nossa pesquisa propomos uma ancoragem por intermédio dos estudos do sujeito e da linguagem, aproximando a ciência linguística da pesquisa em psicanálise, por serem considerados campos dos saberes nos quais a linguagem é protagonista. Desta forma, trazemos para esse contexto a presença de Lacan, pois é de sua inteira exclusividade, conforme Milner (2010) fazer uma relação entre as duas ciências supracitadas.

E, considerando que há uma “proximidade incessante e heterogeneidade absoluta” (Milner, 1995 p.02) entre a linguística e a psicanálise, em nosso trabalho, o que interessa nessa relação é a questão de a linguística servir inicialmente à psicanálise para construir parte de sua teorização. Nesse sentido, a presença da importação da linguística saussuriana por Jacques Lacan vai se dar nos anos 50. No entanto, já no início dos anos 70, Lacan vai dizer que, o que interessa na psicanálise para o analista não é exatamente a linguística, mas a linguagem.

Para Milner (2010), a psicanálise passa pelo exercício da fala e a linguística exclui de seu objeto as marcas da emergência subjetiva, que é justamente esse conjunto que depois de Saussure se resume como fala. Ao mesmo tempo, sabe-se que os dados que a linguística trata se apresenta como palavras e isso quer dizer que a fala constitui a matéria que a linguística manipula, assim como o analista.

Isto posto, é interessante mostrarmos de que forma Lacan se apropriou da linguística de Saussure para embasar os seus estudos sobre a psicanálise, já que é do nosso interesse tentar compreender o sujeito como efeito de linguagem. E, segundo Rocha (2010), os estudos lacanianos encontrou nos resultados dos movimentos de signo e de significante de Saussure contribuições que favoreceram a compreensão da interface sujeito e linguagem, já que conforme a psicanálise lacaniana somos determinados por significantes pelo fato

de suas leis estruturarem o inconsciente. Esse movimento justifica a ideia de o sujeito ser o efeito de significante.

Por outro lado, não é à toa que conforme Deleuze (1972), a linguística é considerada como sendo originada do estruturalismo. Santos (2015) faz alusão a um Saussure apresentado no CLG e outro Saussure que se propôs a estudar os anagramas. Este traz aspectos importantes que estão relacionados à língua e à *lalangue*, pois se debruça na poesia. Àquele é constituído com base da linguística e nos interessa por ter sido escolhido por Lacan para assessorar a psicanálise.

No início, Lacan buscou a linguística para “desenvolver o axioma de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Ferreira, 2002, p.114), isso se deve ao fato de que, conforme Cardoso (2012), haveria na teoria psicanalítica um objeto – o inconsciente – que permanece fora do domínio da linguagem e que somente poderia ser abordado através de Saussure. E, conforme Santos (2015), Saussure criou a ideia de que os elementos da língua necessitam ser analisados de forma sincrônica, a partir de sua relação entre si, sendo portanto, formalizado como sistema saussuriano.

Mas quais seriam as implicações do aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”? De acordo com Ferreira-Lemos (2011), Lacan se afeiçoa pelo estruturalismo e se relaciona a um duplo movimento que o leva de volta a Freud e rumo a uma nova investidura teórica, favorecendo a construção da proposição “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Dessa preocupação primordial, na sua lição de 14 de janeiro de 1970, no seminário 17: O avesso da psicanálise, Lacan faz afirmações concernentes a essa relação entre o inconsciente e a linguagem. No dizer do autor: “Não é a mesma coisa dizer que o inconsciente é a condição da linguagem e dizer que a linguagem é a condição do inconsciente”. Mais adiante traz que “A linguagem é a condição do inconsciente, é isso que eu digo”. (Lacan, 1969;1970 p. 42).

Lendo as citações acima, é notório que a partir da leitura de Freud, Lacan vai à linguística para desenvolver a proposição “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, impulsionando-o a se entregar aos efeitos da ciência da linguagem exercida pelo aporte teórico do estruturalismo linguístico de Saussure.

E, “frente à perspectiva epistemológica para o estudo da "linguagem" oferecida pela linguística saussuriana, Lacan dela se serve como base inicial para a construção da sua própria concepção de linguagem” (Vicenzi, 2009, p. 01). No entanto, conforme Santos (2015), o declínio do uso da linguística no campo lacaniano surgiu com o declínio da

linguística como ciência e a mudança da própria forma de Lacan conceber a linguagem.

Dessa forma, levando em consideração o intento inicial lacaniano de formalizar a clínica psicanalítica, a partir dos conceitos elaborados pelo estruturalismo linguístico, buscou as concepções de estrutura, significante e sujeito, conforme Vicenzi (2009) e fez modificações em conceitos, tais quais "significante", "significado", "língua", "fala", tomados de empréstimo e reinterpretados no campo psicanalítico. Ao mesmo tempo, adotou os pressupostos estruturalistas para a redefinição de conceitos centrais da psicanálise, como é o caso dos conceitos de "sujeito" e "inconsciente".

No que se refere ao conceito de sujeito, de acordo com Silveira (2010), a linguística saussuriana exclui o sujeito e esse é um argumento suficiente para mostrar a diferença entre os conceitos de estrutura de Saussure e de Lacan. O outro argumento é dado por Lacan, ao introduzir o sujeito na condição de representado de um significante a outro.

Sobre a introdução do sujeito, no dizer de Lacan, temos que:

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causadele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta (Lacan, 1960/1998, p. 849).

Assim, sendo o efeito da linguagem a causa introduzida no sujeito, este seria o efeito do significante. Significando dizer que “O sujeito está privado, pela sua relação ao significante, de algo dele mesmo, de sua própria vida, que adquiriu o valor do que o liga ao significante” (Lacan, 1986 p. 67).

E, ao afirmar que o “significado é feito de significante” (Lacan, 1985, p.47), Lacan quis dizer que “o significante tem a função de representar o sujeito para outro significante, determinando-o” (Mariani, 2014, p. 140). Pode-se dizer que o significante surge em Lacan, não apenas dos estudos do Curso de Linguística Geral de Saussure, como também o autor traz uma importação de três obras de Freud, a saber, “A interpretação dos Sonhos” (1900), “Psicopatologia de vida cotidiana” (1901) e “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905).

No entanto, é como se Freud falasse de significante sem, na verdade, recorrer à palavra significante. Ao mesmo tempo, apesar de o significante em Lacan sofrer uma importação de Saussure e de Freud, porém passa por um processo de metamorfose dessa noção inicial. Desse modo, teremos de um lado o significante para a linguística – em Saussure e do outro lado o significante para a linguística – em Lacan.

E, ao articular a noção de sujeito à de significante, conforme Nápoli (2012), considera-se que o sujeito é do ponto de vista cartesiano e linguístico um lugar *a priori* vazio, não possuindo uma substância. Postula-se, portanto, que sua constituição estaria na dependência da predicação. E essa, por sua vez, constitui-se de significantes, que do ponto de vista lacaniano são os artifícios do significado a partir das relações que estabelecem com outros significantes da cadeia linguística, sendo portanto o sujeito considerado como efeito de significante.

Conforme Torezan; Aguiar (2011) “é a partir dos pilares freudianos que Lacan, no transcorrer de sua obra, articula as noções de sujeito do inconsciente e sujeito do desejo”. À vista disso, ao relacionar o sujeito ao significante fazendo dele um sujeito faltoso, incompleto, Lacan condenou, segundo Baratto (2012), a uma incerteza sobre o seu ser.

A articulação dos significantes em cadeia determina pensamentos inconscientes que se reproduzem e operam à revelia do eu. E, quando um pensamento se articula no inconsciente, o ser desse pensamento necessariamente se indica como ausente. O sujeito do inconsciente é o sujeito barrado pela linguagem – mais precisamente pela inscrição da metáfora paterna, “que se desenvolve, assim, a partir do recalco de um significante de origem em benefício do surgimento de um outro que virá tomar o lugar do significante originário do desejo da mãe. O significante original, recalco em benefício do novo, vai se tornar daí em diante inconsciente” (Dor, 1991, p. 51), – e apela por um complemento de ser.

Já o sujeito do desejo se origina inteiramente numa experiência de falta engendrada pelo significante, estabelecendo-se como desejo de ser. Isso quer dizer que a concepção de sujeito do inconsciente delinea um sujeito que se encontra à mercê do significante, o que o torna faltoso, incompleto e condenado à incerteza de si mesmo.

Quanto à concepção de signo linguístico, confere-se nas palavras de Saussure que: “O signo não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. (...) O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura” (Saussure, 2006, p. 80/106;107):

Figura 1- União do signo: conceito + imagem acústica.

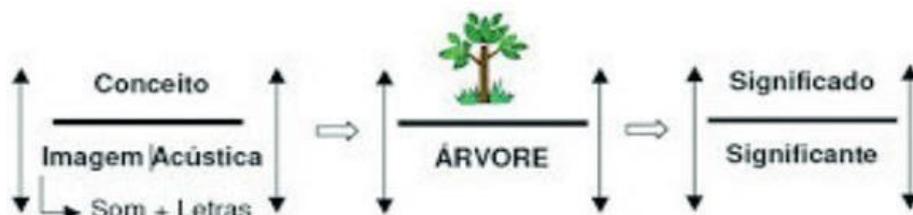


Fonte: Saussure, 2006.

Em seguida, Saussure muda de “conceito” e “imagem acústica” para “significante” e “significado”. Sinalizando que, o signo une um significado a um significante, sendo estes indissociáveis. Para Medeiros (2021) a ideia de Saussure seria para evitar que houvesse uma certa impressão de que a imagem acústica fosse uma fotografia mental do objeto, como por exemplo, o signo árvore representado por esta. Todavia, na expressão imagem acústica a palavra-chave seria acústica, ou as propriedades do som da palavra. Dessa forma, o signo seria considerado como uma representação do som mais uma representação do conceito.

Sendo assim, na imagem a seguir, podemos constatar a mudança no conceito de Saussure, através desse trio de ilustrações:

Figura 2- O signo em Saussure.



Fonte: Saussure, 2006.

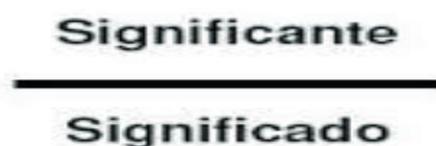
Desta forma, a imagem acima se torna esclarecedora de que, o desenho da árvore não seria para ilustrar a imagem acústica, o significante, mas para ilustrar a concepção de significado.

Já, para Lacan, “o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura do que se ouve do significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é do significante” (Lacan, 1975/2003 p.42).

Assim, Lacan faz alterações na teoria saussuriana quando “denomina de primazia

do significante para o sujeito e inverte o algoritmo do signo linguístico saussuriano (significado/significante), escrevendo S/s: significante separado do significado por uma barra resistente à significação” (Coutinho Jorge, 2005 p.80). Devendo-se ao fato de que “o significante não significa nada por si só, sendo usado pelo sujeito "(...) para enganar sobre o que se tem de significar" (Lacan, 2003, p. 213). Nesse contexto, Lacan privilegia o significante em detrimento do significado.

Figura 3- Significante/significado.



Fonte: Lacan, 2002.

Nessa alteração, caem tanto o círculo que contorna o algoritmo e designa a unidade do signo linguístico, quanto as flechas que indicam a relação entre o significado e o significante, antes considerados indissociáveis por Saussure (Fig.02). Essa descrição mostra o deslizamento do significado sob o significante, a partir de um esquema, produzido por Lacan. Entendendo-se como, “significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas” (Lacan, 1956/1998, p. 500).

Na realidade, conforme Nápoli (2012) ao ser guiado pela experiência que tinha com a formação do inconsciente (sonhos, lapsos, chistes, atos-falhos, etc.), Lacan reinventa a proposta que originalmente veio de Saussure, argumentando que a linguagem é constituída de significantes e não de signos e que o significado não teria uma relação fixa com o significante. Dessa forma, a experiência psicanalítica teria mostrado que o significante é volátil, evanescente como um fluído que desliza ao longo da cadeia de significantes.

Fica claro que o percurso realizado por Lacan mostra de que forma este se direciona para a autonomia da estrutura da linguagem, a partir da covariação do significante. Assim, Lacan se baseia em Saussure ao adotar a língua como objeto da ciência linguística.

Considerou-se, portanto, que Lacan desempenhou um papel de genealidade e originalidade ao fazermos referência às modificações que este realizou em conceitos como “significante”, “significado”, “língua” e “fala”. Dito isso, é relevante trazermos que:

“A teoria do signo serviu a Lacan como um novo paradigma de entendimento da linguagem por ter lhe oferecido novos conceitos como os de "significante" e "significado", contudo, para ser utilizada no interior da psicanálise, tiveram de

sofrer adaptações. [...] Lacan demonstrou uma capacidade extraordinária de angariar elementos das mais diversas áreas do conhecimento e adaptá-los à rede de conceitos psicanalíticos. Sua genialidade, identidade e originalidade tornam-se muito mais evidentes quando são consideradas as modificações por ele realizadas em conceitos como "significante", "significado", "língua", "fala", se comparados aos conceitos em seus contextos de origem". (Vicenzi, 2009 p. 39/40).

Dessa forma, a teoria do signo de Saussure contribuiu para que houvesse um novo paradigma da concepção de linguagem lacaniana, pois Lacan se serviu da teoria saussuriana da significação como base inicial da sua própria concepção de linguagem. A concepção de língua de Saussure influenciou Lacan quanto a concepção de sistema, já que este define o conceito de linguagem como "uma estrutura que preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental" (Lacan, 1957/1998, p.498). Com relação à fala, Lacan assume a posição de que esta é por excelência o elemento material que o analista deve manejar no tratamento. No dizer do autor "a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente" (Lacan, 1966/1998 p.248).

Ao apontarmos a reconstituição das ideias que mostraram a presença da importação da linguística saussuriana em Lacan, tornou-se possível descrever o processo de metamorfose da noção de significante para a linguística e do significante para a psicanálise, para em seguida adentrarmos no neologismo linguística.

Para tanto, assinalamos que Lacan propôs uma linguística sem teoria de signo resultando no "encontro" entre a teoria da linguística com a psicanálise. Nesse sentido, o autor elaborou o neologismo linguística. Surge então o questionamento se Lacan estaria preparando terreno para a *lalangue*, tentando ser coerente com a própria radicalidade da teoria que o sustenta, ou seja, a psicanálise.

Após descrevermos a maneira que a ciência psicanalítica foi afetada pela ciência linguística, torna-se possível apontarmos o percurso elaborado por Lacan da linguística até chegar à linguística.

No dizer de Lacan:

Consegui fazer os ignorantes se interessarem por algo mais, o que não era o meu objetivo, porque para a Linguística, devo dizer-lhes, estou pouco me lixando. O que me interessa diretamente é a linguagem, porque penso que é com ela que lido quando tenho que fazer uma psicanálise. (Lacan, 1971, p. 42-43).

Questionamos então, qual seria o universo de domínio do neologismo linguística quanto às possíveis pretensões de Lacan, já que é possível alcançar um suposto distanciamento, no que se refere ao seu ato inicial de se abrigar no núcleo duro da linguística, representado por Saussure.

Lemos (2002, p. 38) responde a esse questionamento da seguinte forma: “a linguisteria seria o “domínio” em que é possível formular que “o inconsciente é estruturado como linguagem” e daí avançar para o conceito de *lalangue*. Com ela, Lacan se distingue dos estruturalistas que, segundo ele, integrariam a linguagem à semiologia, na referência a uma estrutura que, ao contrário da sua, seria completa e coerente.

A esse respeito, temos que:

Entre os anos 60 e 70, Lacan mantém sua conceituação de significante -um significante só representa a si mesmo; no máximo, representa um sujeito para outro significante, e de sujeito, como sujeito do inconsciente, que emerge entre dois significantes. Mas, ao longo dos anos 70, Lacan nomeia o que faz de “linguisteria” para se diferenciar do trabalho da linguística e, também, do estruturalismo. Para ele, a linguística é construída para formalizar uma completude, uma totalidade e uma consistência da língua. (Mariani, 2008 p.122).

O excerto acima esclarece a decisão tomada por Lacan ao nomear o neologismo linguisteria com o intuito de diferenciar o seu trabalho, tanto da linguística quanto do estruturalismo. E esclarece que a sua decisão se baseou no fato de que, a ciência linguística se concentra nos estudos voltados para a totalidade e a consistência da língua. Sendo, portanto, a “Linguisteria uma espécie de “língua” inscrita e enraizada no corpo do falante, uma incrustação de significantes no corpo” (Peixoto, 2009). Esclarecido a partir do seguinte depoimento: “Meu primeiro sentimento foi de dizer que o que eu chamo de linguisteria exige psicanálise para ser sustentada. E eu acrescentaria que não há linguística que não seja linguisteria” (Lacan, 1977, p. 7).

De Lemos (2016, p. 04), acrescenta que “não é, pois, por acaso que na décima segunda aula desse mesmo Seminário, dedicada a Roman Jakobson, Lacan inventa o neologismo – linguisteria – quem sabe para abrigar o anterior – *lalangue* – e tudo o que a partir daí se desenvolve e se alastra para fora da Linguística”. Da mesma forma que um lapso de Lacan é gerador de outro lapso, pois produziu efeito decisivo, cunhando o termo *lalangue* na psicanálise.

Essa suposta preocupação em abrigar a *lalangue* aponta para a forma com a qual o primeiro neologismo surgiu, ao ter como foco o ressoar da palavra por intermédio de um lapsocometido por Lacan ou por alguém da plateia, visto por De Lemos (2016) como um acontecimento ocorrido na terceira aula do seminário XIX de Lacan, “O Saber do psicanalista”. Portanto, é possível entender que a *lalangue* em ato surgiu de uma equivocidade que apareceu da relação de Lacan com os alunos.

Assim, o autor toma a decisão de oficializar o distanciamento da linguística, por

intermédio da criação do neologismo supracitado. Para De Lemos (2016), “com o neologismolinguística, Lacan oficializa, diante de Jakobson, a distância que ele toma da Linguística e não faz sem apontar para a diferença introduzida por ele, a partir de Freud (1986, p.26): “Já que dizem que da última vez eu falei de amor, por que não retomá-lo neste nível, e sempre com a ideia de marcar a distância entre a linguística e a linguística?”.

Dito de outro modo:

Mas se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguística. (Lacan, 1972-3/1985 p. 22).

E, o que significaria o endereçamento de Lacan (1972-3/1985) “a Jakobson (1981)”? Segundo Bousseyroux (2021), deve-se ao fato de Jakobson não ter falado “bestamente da linguagem” ou propriamente do significante e da linguística. Em outras palavras, para não falar tolice sobre o significante e a linguística, seria necessário ler Jakobson.

Pois, Jakobson garantiu a Lacan a continuidade de sua teoria estrutural do simbólico, favorecendo para que em maio de 1956 Lacan incluísse na psicanálise o significante, a metáfora e a metonímia, fazendo também referência aos trabalhos de Jakobson sobre afasia.

Nesse contexto, conforme Silva (2011), Jakobson teria sido o pioneiro de investigações na linguística sobre a afasia, ao pressupor que essa perda estaria relacionada com os eixos paradigmático (incapacidade de fazer relação entre os termos) e sintagmático (dificuldade de fazer correspondência das unidades verbais) da linguagem. E, ainda de acordo com Bousseyroux (ibid, 2021), essas contribuições elencadas justificariam o tributo de Lacan a Jakobson (e a outros linguístas) na lição de *Encore* (1972-3/1985), ao dedicar uma homenagem ao linguísta e poeta que foi Roman Jakobson.

No que se refere ao ato de Lacan, quanto à barra trazida pela paródia do signo linguístico, seria um marco inaugural do distanciamento entre a psicanálise e a linguística. No contexto dessa preocupação, o objeto em comum entre as duas ciências seria o estudo da linguagem. E, a partir da proposição lacaniana de ver a psicanálise como um “método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas” (Lacan, 1966/1998, p. 242), podemos inferir que, a intersecção entre a linguística e a psicanálise favoreceu os estudos da psicanálise. À vista disso, apontamos para uma discussão concernente ao psiquismo na

psicanálise, a partir das teorias de Freud e Lacan no que se refere ao aparelho psíquico.

2.1.2 O Psiquismo na psicanálise: Freud e Lacan e o desenvolvimento do aparelho psíquico

O aparelho psíquico põe em jogo a escrita que nele se inscreve, daí considerar a estruturação da subjetividade como uma escrita psíquica (Moschen; Sei, 2014).

A proposição acima convoca-nos a entender que “a escrita na psicanálise tem uma relação com o inconsciente, pois há um modelo teórico sobre o funcionamento psíquico como um aparelho de memória, cujo conteúdo só pode ser acessado por meio da linguagem”(Carvalho, 2022). E, conforme Macedo (2020), a vida psíquica está relacionada aos fenômenos da linguagem. Esta tem um papel importante na estruturação do psiquismo, identificada nos modelos do aparelho psíquico que Freud desenvolveu. Dito isso, torna-se possível uma melhor compreensão de que a linguagem estrutura o psiquismo, justificando o fato de que o inconsciente segue a linguagem.

Esse contexto nos situa no percurso realizado por Freud para que fosse possível alcançar o desenvolvimento do aparelho psíquico, no qual “Freud empregou a palavra “aparelho” para caracterizar uma organização psíquica dividida em sistemas, ou instâncias psíquicas. Cada uma delas exercia uma função específica, porém eram interligadas entre si, ocupando um certo lugar na mente” (Lima, 2010)

A função desse aparelho seria a de “manter ao nível mais baixo possível a energia interna de um organismo” (Laplanche; Pontalis, 1991, p.30). Desta forma, o psicanalista estabeleceu a estrutura de sua primeira teoria do aparelho psíquico e em um segundo momento a remodelou, ao elaborar a segunda teoria. Assim, “se fosse preciso concentrar numa palavra esta descoberta freudiana, esta palavra seria incontestavelmente inconsciente” (Laplanche; Pontalis, *ibid*, p. 307).

A trajetória do primeiro momento em prol desse investimento, segundo Morettini (2022) envolve os anos de 1900 a 1915, nos quais Freud desenvolveu a sua primeira teoria sobre a estrutura do aparelho psíquico, tornando-se possível fazer uma leitura da mente humana, baseando-se na apresentação do método estrutural. Conforme Lima (2010), os estudos freudianos sobre o aparelho psíquico surge na obra “A interpretação de sonhos” (1900), notadamente no capítulo 07, concebido como um conjunto de lugares virtuais.

Assim, de acordo com Morettini (2022), a Primeira Tópica quer dizer lugar (em grego) ou teoria topográfica como constituinte do aparelho/instrumento psíquico e seria

composta por três sistemas, tais quais, o pré-consciente, o consciente e o inconsciente. De acordo com Lima (2010) o pré-consciente (barreira de contato ou peneira) é visto como um filtro, por permitir (ou não) que alguns conteúdos tenham conexão com o consciente e ajam como um pequeno arquivo de registros, tendo a função de conter o que as palavras representam. Por intermédio dessa instância psíquica pode ser acessado um conjunto de lembranças, que dependerá da forma que foi significada pelo sujeito, quando ainda criança.

Lima (2010) prossegue dizendo que, Freud concebeu o consciente como sistema de percepção-consciência, tendo a função de armazenar informações oriundas das excitações, provenientes do exterior e do interior e registrar os acontecimentos que proporcionam tanto prazer quanto desprazer, porém estes não são retidos como depósito. Dessa forma, as funções como percepção, pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, atividade motora são processados no sistema consciente, embora funcione em conjugação com o sistema inconsciente, mesmo estando em oposição.

Quanto ao inconsciente, Baratto (2009) nos convoca a entender que este tem leis próprias, distanciando-se da possibilidade de haver um entendimento ou consciência de si, sendo visto como o ponto de entrada do aparelho psíquico e a parte mais arcaica da psique, por causa da existência das lembranças mnêmicas. Lugar onde surgem a criatividade humana, os receios, as paixões, assim como a vida e a morte.

Tais considerações nos remete à Almeida (2020), ao acrescentar que no inconsciente não habita a racionalidade, sendo este visto como um sistema que rege o princípio do prazer. A saber, o sonho, as lembranças encobridoras, as parapraxias, os chistes, as transformações e exigências pulsionais, que são “comunicadas” ao Ego.

Segundo Baratto (2002), o inconsciente na Primeira Tópica passa a ser definido pelo recalque, sendo este o responsável pela divisão dos três sistemas psíquicos da supracitada tópica. O recalque é definido como sendo “o mecanismo que funda e “organiza” o inconsciente e Freud conceituou como a “pedra angular de sua teoria” (Silva; Figueiredo, 2022, p.4), pois “o recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância (Freud, 1915/1916-2006, p.152).

Conforme Fernandes (2018), este divide-se em recalque primário e recalque secundário. No primário os processos inconscientes se constituem descritos como uma batalha, pelo fato de o inconsciente insistir em satisfazer a pulsão do prazer. Portanto, o psíquico seria o lugar que inaugura os processos inconscientes, por ser o local no qual ocorre o acolhimento dos representantes da pulsão. Já no recalque secundário, o sujeito recusa ideias, pensamentos, lembranças ou desejos ao produzir uma negação inconsciente.

Segundo Azevedo; Mello Neto (2015), a pulsão seria um dos temas mais essenciais à obra de Freud, atribuindo-se o desenvolvimento de duas teorias desse conceito freudiano. A primeira divide as pulsões entre pulsões de ego e pulsões sexuais, já a segunda propõe a existência de pulsão de morte – que estaria voltada à descatexização do objeto ou a retirada da energia psíquica do objeto – e pulsão de vida – buscando investimento e a unificação com o objeto desejado. E, “o que confere a vida ao corpo é a pulsão – eco no corpo do dizer do Outro”(Quinet, 2017, p.78).

De acordo com Moreira (2014) a relação existente entre recalque e pulsão seria que, esta pode sofrer transformações ou mudanças através do recalque. Nesse contexto, o papel do recalque seria contribuir para que a pulsão gere desprazer ao invés do que seria considerado como prazer. O recalque seria, portanto, considerado como um mecanismo de defesa que acontece para afastar algo da consciência. Por outro lado, as ideias e representações que são ligadas às pulsões são mantidas no inconsciente, sendo a pulsão vista como “representante psíquico dos estímulos provenientes do interior do corpo” (Honda, 2011).

No que se refere à constituição da Segunda Tópica, concebida como Estrutural, conforme Lima (2010), Freud tomou a iniciativa de propor um novo modelo para o aparelho psíquico, com o objetivo de expandir o entendimento sobre as instâncias psíquicas. Entretanto, o novo modelo não estaria mais voltado ao entendimento virtual. A denominação do supracitado modelo Estrutural do aparelho, agora estaria voltada para as estruturas ou classes psíquicas e contribuiria para o funcionamento da psique, tendo como constituintes o Id, o Ego e o Superego, introduzidos por Freud em 1923. “A nova tríade proposta, não vem a substituir a antiga (Garcia-Roza, 2009, p.206).

De acordo com Morettini (2022), o ego é uma instância psíquica que tem parte no inconsciente e o id e o superego são estruturas psíquicas que também estão presentes em nosso inconsciente, porém apenas o ego e o superego se encontram no campo do consciente, já que o id permanece no inconsciente.

No final, o ego se estende através das sensações do corpo, visto como uma projeção da própria superfície corporal e é considerado como “o mediador entre as forças que operam no id” (Lima, 2010). No dizer de Freud, o ego seria visto como “parte do id que se modificou pela influência direta do mundo externo através do sistema perceptivo” (Freud, 1923/2006, p. 41).

No que se refere ao superego, segundo Homrich (2008), este age como sendo juiz implacável do id, cujo poder lhe foi atribuído quanto ao domínio, controle e destruição do

id, através de ferozes censuras e críticas consideradas depreciativas, já que é o guardião da moral e dos bons costumes. Sendo este “o freio modulador dos interesses motivacionais/pulsionais do id” (Lima, 2010; Nakasu, 2007). Conforme Nakasu (2007), isto ocorre porque o mundo externo faz suas impressões e requer limites que provocam regressão e transformações das pulsões, procurando buscar satisfações que as substituam para que não haja agressão às normas sociais. Normalmente esta busca de adaptação leva a um desenvolvimento e fortalecimento progressivos do ego.

Conforme Lima (2010), a interação das instâncias psíquicas da segunda tópica ocorre em um percurso no qual a energia psíquica é acionada no id, sendo esta de natureza primitiva e instintiva. Já o ego emerge a partir do id, cuja função seria a de lidar com as pulsões básicas para mediar as forças que operam no id e no superego.

Diante de tudo o que foi dito sobre a constituição do aparelho psíquico, fica claro, segundo Danielski; Ramos; Ambrozio et al (2016), que Freud se dedicou à construção do supracitado modelo, em seguida Lacan deu continuidade a esses estudos, dedicando-se à criação de três instâncias psíquicas, a saber, o real, o imaginário e o simbólico.

Dessa forma, faz-se necessário aludirmos o caminho trilhado por Lacan, para elaborar sua teoria quanto a esses estudos, como favorecimento da constituição do sujeito.

2.1.3 Os três registros psíquicos e a constituição do sujeito no ensino de Lacan

Para uma melhor compreensão do ternário lacaniano, temos que:

O real, simbólico e imaginário são conceitos construídos por Lacan e introduzidos pela primeira vez em julho de 1953. Os conceitos apresentados por Lacan forneceu à psicanálise grandes avanços teóricos e conceituais. Através dessas três repartições Real, Simbólico e Imaginário, Lacan passa a atribuir o inconsciente ao campo da linguagem e dos significantes (Vasconcelos; Nunes, 2019, p. 158).

Na verdade, Lacan vai dedicar o Seminário XXII, conforme Leite (2008) para falar sobre o Real, Simbólico e Imaginário. Pois, embora esses conceitos já estejam presentes desde o seminário XXI, será mais adiante no final dessa trajetória teórica que Lacan vai dedicar o seminário XXII a esses três conceitos. Desta forma, essas três repartições forneceram ao campo da linguagem e do inconsciente grandes avanços.

E, ainda conforme Vasconcelos; Nunes (2019), o que contribuiu com os estudos lacanianos, no que se refere ao aprofundamento do supracitado ternário foi o seu intuito em definir a função do eu para a psicanálise, já que os analistas estavam confundindo a concepção do eu com a de sujeito do inconsciente, distanciando-se da descoberta freudiana

do inconsciente.

Para tanto, Lacan retoma a primeira teoria sobre o sujeito, no narcisismo de Freud, através do texto o “Estádio do Espelho, como formador da função do eu em psicanálise” (Lacan, 1957/1998) e faz uso de outras ciências como suporte, para empreender o que ele queria transmitir.

“O real, Lacan define como o impensável e o impossível de ser simbolizado. O imaginário, Lacan passa a definir como o que envolve o sentido e o simbólico, sendo representado pela linguagem caracterizando o duplo sentido” (Vasconcelos; Nunes, 2019). Desta forma, somos atravessados pela palavra que nos antecede e nos marca. “O sujeito do inconsciente, seria considerado o lugar situado no simbólico e aparentado à verdade do desejo” (Sales, 2005).

Quanto às diferenças entre as três instâncias psíquicas, de acordo com Pereira; Macêdo(2018), Lacan faz uma associação do simbólico à linguagem, como consequência da relação entre os sujeitos, proporcionada pelos signos linguísticos. Pois, ao ouvir a palavra cadeira qualquer falante fará uma associação entre o som e o objeto. Por sua vez, o real seria o que não é possível de ser simbolizado.

Como exemplo temos a dificuldade de se descrever algumas sensações, por não conseguirmos explicar as nossas impressões com signos (simbólicos). O imaginário seria a maneira que se vê o mundo, considerando as formulações pessoais, a partir dos “óculos” de cada pessoa ou da subjetividade de cada um.

Fica claro que, o real ex-siste à imagem ou à palavra, pois a palavra é simbólica por representar o sujeito de um significante à outro. Portanto, o real não pode ser representado ou revelado através de símbolo ou imagem e seria o que vai faltar ao imaginário e ao simbólico.

Assim, em resumo:

O imaginário seria o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo. (...) O real designa uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. (...) O simbólico designa um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização” (Roudinesco, 1998, p. 371/645/714).

Por sua vez, a linha inconsciente que faz a conexão sujeito e outro é atravessada pela relação imaginária, fundando-se um novo lugar e surgindo o sujeito dividido, tocado pelo significante.

E, ainda conforme Silva Neto (2009), o conceito de pulsão está na fronteira entre o

imaginário, o simbólico e o real.

Para Herrmann (2015), ao ser fundado na linguagem, o sujeito age e fala afetado por uma ilusão de unidade. Sendo este constituído pelas dimensões do imaginário, do simbólico e do real. O campo do imaginário está reservado para o eu e suas ilusões. Ao simbólico cabe o sistema de representação que se baseia na linguagem, onde atuam os significantes que constituem o sujeito.

Ainda de acordo com Herrmann (ibid 2015), na estrutura desses registros ocorre uma organização de símbolos que abrange a experiência subjetiva. O campo do real contempla o que foi foracluído do simbólico. Isso quer dizer que, tornou-se possível ter passado pelo sistema simbólico. O conceito foracluído ou forcluído foi constituído por Lacan no intuito de explicar a rejeição do significante fora do domínio simbólico do sujeito, pelo fato de não haver inserção do significante ao consciente, como ocorre no processo de recalque conforme Freud. Ao entendermos que o significante ficou em um estado foracluído, isso quer dizer que, este corre o risco de voltar de maneira alucinatória através de delírio por intermédio da fala do sujeito, em uma relação com a dimensão do real.

Por outro lado, os três registros também favorecem a possibilidade de situarmos o inconsciente no campo da linguagem, já que de acordo com Nunes; Vasconcelos (2018) esse movimento seria norteador pelo Real, Simbólico e Imaginário, cujo objetivo estaria relacionado à apresentação do supracitado aforismo do inconsciente estruturado como uma linguagem. Esses registros da realidade humana usados por Lacan significam que a realidade é real, simbólica e imaginariamente constituída.

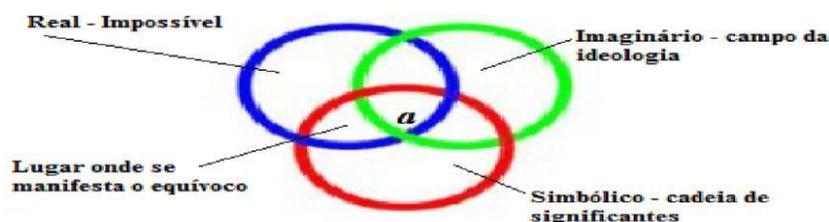
A partir dessas questões, faremos considerações relacionadas à amarração do sujeito lacaniano, dando a entender que o sujeito é sustentado através do enodamento borromeano nos registros real, simbólico e imaginário

2.1.4 O nó borromeu e o ensino de Lacan

De acordo com Barroso (2015), no intuito de buscar um avanço teórico e clínico da teoria psicanalítica freudiana, Lacan retorna à noção de inconsciente para construir seu conceito de sujeito. Para tanto, o psicanalista imprime ao inconsciente um caráter marcado mais pela descontinuidade e pela pulsação, passando a atrelá-lo ao funcionamento da pulsação ao invés de apenas à linguagem. Deixando explícito que existe uma parceria do significante com o real.

Assim, a partir de um refinamento teórico lacaniano ressurgem o real, simbólico e imaginário como entrelaçados (nó borromeu), a saber:

Figura 4- O nó borromeano.



Fonte: Research gate, 2024.

Conforme a autora (ibid, 2015), o nó borromeano instiga a elaboração de novos conceitos lacanianos, tais quais, o falo, a fantasia, o objeto e o sintoma. E, para sustentar a concepção de sujeito foi necessário fazer uma articulação entre o que é da ordem do significante com o que é real. Dessa forma, o caráter de dessubstanciação do sujeito é atribuído ao fato de o sujeito do inconsciente passar a ser encontrado nos equívocos, por entre os significantes.

Assim, encontramos um esclarecimento sobre o entrelaçamento ou nó atribuído aos três registros psíquicos que ocorreu na segunda etapa do ensino lacaniano, a saber:

O nó é um objeto matemático utilizado por Lacan para apresentar, na psicanálise, as articulações possíveis das categorias do Real, do Simbólico e do Imaginário, e suas implicações na gênese e na teoria do sujeito. (...) A utilização, a partir de 1972, de um enodamento de três círculos, tal que a ruptura de um único deles acarreta o desligamento dos três, marca um achado importante nas apresentações topológicas de Lacan (Chemama; Vandermersch, 2007, p.265).

Na explicação de Moraes (2019), sobre o nó borromeu, temos que o sujeito lacaniano se sustenta por intermédio de uma amarração ou um enodamento borromeano no registros real, simbólico e imaginário. Em outros termos, não tem como evitar que existam alguns momentos e situações em que o nó borromeu do sujeito sofra torções em suas interpenetrações. E a superfície dos três registros se interpenetrem, tendo como consequências do nó inibições: sintomas e angústia na vida do sujeito.

A autora (ibid, 2019) prossegue dizendo que, sendo o sujeito representado por intermédio do nó borromeu, este correria o risco de algum elo poder se soltar da cadeia do significante que mantém no entrelaçamento dos registros do imaginário, simbólico ou real, ocasionando um deslocamento ou torções na estrutura dos círculos que compõem o nó. Dessa forma, ocorre um descontrole concernente à montagem do sujeito, tendo como consequência a representação e possível perda do lugar do objeto *a*, como causa do desejo.

Após realizarmos esse percurso, quanto à elaboração do aparelho psíquico em Freud e, em seguida, da releitura lacaniana que culmina na criação do seu conceito sobre o nó borromeu, fica claro conforme Macedo (2020), que apenas por intermédio de um saber falado pelo inconsciente estruturado como uma linguagem, torna-se possível significar a nossa existência no mundo. E os fenômenos que são atribuídos à linguagem têm uma relação com a vida psíquica, sendo o papel da linguagem de primordial importância na formação do psiquismo. O investimento de Lacan na releitura do aparelho psíquico freudiano contribuiu para que fosse possível abarcar o seu aforismo de ser o inconsciente estruturado como uma linguagem, já que esta constitui o psiquismo.

Da relação dos registros psíquicos com o corpo, consideramos que “para estar vivo o corpo precisa ser também um corpo que goza, o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real” (Quinet, 2017, p.77). Dito isso, propomos questões sobre o neologismo lacaniano *falasser* no qual Lacan incluiu a noção de sujeito corpo, já que “o *falasser* integra as dimensões do dito e do dizer em um único conceito, o sujeito borromeano, que, a partir de um traço de singularidade, sustenta os três registros do RSI”. (Calado, 2019).

2.1.5 O neologismo Falasser: inclusão do corpo à noção do sujeito lacaniano – Relação com a escrita

Lacan inicia o uso do conceito de *falasser* em função de LaLíngua na articulação ao real do gozo, constitutivo do inconsciente real. Ele é precedido do novo esquema borromeano (...) [e] não elimina a noção de sujeito falta a ser, ele se junta aí, para dizer que ele só tem do ser o que vem nele pelos efeitos encarnados de LaLíngua. (Soler, 2009, p. 25).

A proposição acima nos convoca a entender a razão pela qual Lacan incluiu o corpo à noção de sujeito, a partir dessa decisão “uma mudança teórica se dá no percurso de Lacan, haja vista que ele parte de uma concepção de sujeito fundada sobre o simbólico rumo a uma perspectiva nova do sujeito como *falasser*, articulado com o real”. (Calado, 2019).

Da explicação de Couto (2022), tem-se que o conceito *falasser* é lançado por Lacan (1975-1976) no Seminário, livro 23, cujo significado seria que o significante produz efeitos no corpo do sujeito. Com isso, Lacan teria o objetivo de substituir a palavra inconsciente de Freud, pelo fato de que “o termo *falasser* condensa o sujeito do significante com a substância gozante, e inclui na noção de sujeito o corpo” (Camargo, 2007, p.01).

A partir desse neologismo lacaniano, “o corpo lalinguageiro é o corpo do ser falante, o corpo do *falasser*, aquele que está preso e determinado pelos significantes da língua

materna que se depositaram para aquele sujeito produzindo secreções, concreções, em suma, *sinthomas*” (Quinet, 2017, p.80). E, “o *sinthoma*, de forma simples e resumida, é justamente o ponto de captura daquilo que há de mais singular em cada sujeito” (Calado, 2019).

Dessa forma, o neologismo *falasser* significa que há uma relação de dependência entre ser e a fala. Melhor dizendo, nós só somos porque falamos. Assim:

O corpo do ser falante está comprometido, implicando o gozo e a satisfação da pulsão. O sintoma como metáfora e formação do inconsciente sai, para entrar o *falasser* e o *sinthoma* enquanto um acontecimento de corpo. Um modo singular de fazer-se um corpo a partir dos detritos desse acontecimento de gozo fora-de-sentido (Pitella, 2021).

Miller (1998) nos convoca a entender que, pelo fato de considerar o sujeito como sendo elemento atormentado por alguma coisa de ordem moral ou psíquica, Lacan o definiu como falta-a-ser, justificando o fato de colocar o corpo vivo na psicanálise. Todavia, Lacan substituiu termo sujeito por *falasser* sendo visto como o contrário de falta-a-ser, interpretado como o sujeito mais o corpo ou sujeito mais substância gozante.

Para o autor (ibid, 1998), ao promover o corpo, Lacan não cancela o Outro como o lugar do significante, ao contrário, esse fato o destaca, por ser o significante um meio de gozo. Desta forma, “toda a modificação teórica que supõe os *conceitos de falasser*, de língua e de inconsciente real tem a ver com o sintoma como um acontecimento do corpo”. (Machado, 2010, p.112). Na realidade, “O que interessa [...] é uma busca muito pontual: qual é a articulação significativa que produz o fenômeno do corpo? (Miller, 2012, p.110).

Nesse contexto:

É preciso delimitar que o sujeito do significante, da falta-a-ser, se apóia a posteriori no *falasser*. Essa formulação abre duas vias que, segundo nossa leitura, indicam a imbricação dos conceitos de incorpóreo e corporal. A primeira ressalta a incorporação, pois o corpo do *falasser* se constitui pela incorporação do corpo do simbólico. A segunda, o incorpóreo que se eleva a partir do corpo marcado, sulcado, do *falasser*. Portanto, o incorpóreo se faz pela incorporação do corpo simbólico no corpo do *falasser*. (Maia, 2013, p.03).

Sobre a descrição do percurso realizado por Lacan para introduzir o conceito *falasser* como forma de amparar o sujeito do significante, na descrição de Camargo (2007), tem-se que Lacan separou a noção de sujeito do gozo de sujeito do desejo e incluiu ao conceito de *falasser*. Isso significa que, a concepção de sujeito do desejo não é a mesma de sujeito do significante. Aquele implica em uma mudança neste, apesar de o conceito de sujeito do desejo incluir a concepção de sujeito do significante.

Camargo (2007) prossegue dizendo que o sujeito do significante está incluído no significante, representando o sujeito para outro significante, conforme já foi dito. Portanto,

seriano seminário 20 que Lacan oficializaria essa separação, mantendo-se o sujeito do desejo – queficaria do lado do saber, e o sujeito do gozo – sendo esse o lugar do real. O que justificaria o fato de o *falasser* condensar o sujeito do significante com a substância gozante. O *falasser* incluiria o corpo como suporte do ser.

De acordo com Maia (2012) a partir da definição do sujeito como representado por umsignificante junto a outro, por se tratar de um substantivo que se mobiliza, o significante pode ser interpretado como uma das vestimentas do *falasser*, baseando-se na crença lacaniana de queessa seria a única relação que o *falasser* tem com o seu corpo. Fica claro que “o significante é apresentado como suscetível de se materializar no corpo” (Espinha, 2020).

Portanto, “[...] é preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seucorpo, ou, em outras palavras, que é *falasser* por natureza” (Lacan, 1975/2003, p. 562). Fica claro que “o corpo é, assim, o lugar onde se experimentam os afetos e as paixões, muitas vezesdesconhecidos. Denominar o corpo de “falante” significa dizer que ele não cessa de fazer irrupção por meio das significações pessoais da língua primeira que atravessa o *falasser*” (Laurent, 2016).

Diante de tudo o que foi dito, faz-se necessário pontuarmos algumas concepções epistemológicas concernentes à relação existente entre o neologismo *falasser* e o liame com a escrita em Lacan.

Dessa forma, a proposta de relacionarmos o neologismo *falasser* à escrita, já que“o *falasser* é uma junção do gozo e da fala (Calado, 2019), deve-se ao fato de considerarmos que “a escrita mobiliza, de forma singular, como um *falasser* pode viver o gozo” (Manso; Caldas 2013, p.119) e que a singularidade de gozo no corpo pelo *falasser* “ implica a maneira pela qual o inconsciente produziu seus efeitos no nível do corpo, pela escrita marcada no corpo”(Izcovich, 2009, p.43).

De acordo com Manso; Caldas (2013) existe uma relação entre o conceito de corpo empsicanálise com a concepção de escrita, pois desde Freud o sintoma histérico no corpo foi considerado como uma mensagem inconsciente. Nesse contexto, o inconsciente seria aquele que lê as experiências vivenciadas através das vivências traumáticas do sujeito, escritas desde quando este nasceu.

Segundo estas autoras (ibid, 2013), desde “A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), Lacan fez considerações concernentes à fala e à escrita, esclarecendo que, a essência da linguagem na comunicação seria atribuída ao fato de que

no processo de representação do sujeito, este é reduzido ao fato de falar com outro. Essa concepção seria proveniente da definição supracitada de que o sujeito é aquilo que representa o significante para outro significante.

Já no seminário 20, segundo Manso; Caldas (2013), Lacan afirmou que o significante seria a causa do gozo. A partir de então, a letra começou a funcionar no próprio significante. Dessa forma, mesmo não deixando de servir à fala, o significante passa a ser considerado como letra, podendo-se afirmar que o significante seria denominado como aquele que se originou da escrita.

Manso; Caldas (2013) prosseguem dizendo que na sua obra “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise” (Lacan, 1953/1998), Lacan relaciona o inconsciente ao corpo. Nesta, o psicanalista tece um comentário afirmando que a verdade do sujeito está escrita em outro lugar, pois o inconsciente seria considerado o capítulo que foi censurado e só seria resgatado ao ser acessado no outro local. Nesse contexto, as lembranças seriam vistas como os arquivos desta escrita. Já no seminário 18, no texto *Liturgia*, Lacan deixa claro que a escrita requer leituras que pode variar. No entanto, considera a escrita como um traço, que permite a leitura do efeito de linguagem.

Por esse prisma, a origem do significante seria proveniente da escrita, na relação do significante com o corpo. Temos, portanto, que “o significante mapeia o corpo e nele escreve a história e a anatomia histórica próprias a cada um. (Quinet, 2017, p.77). Essa singularidade peculiar em cada sujeito, faz com que “a escrita deixe pistas, vestígios do percurso da pulsão, “rastos” do pensamento e possibilita alguma ligação com o mundo compartilhado, dando margem a pensar numa contenção do gozo através desses tipos específicos, que compõem um repertório de traços” (Manso; Caldas, 2013).

Desde a concepção de nó borromeu a partir dos três registros psíquicos que “Lacan faz desta possibilidade de homogeneizar o nó para estabelecer, aí, a escrita da existência”. (Lima, 2015). Inferimos, portanto, como uma maneira de identificar os efeitos da escrita no corpo que, “há algumas formas de escrita no corpo, tão frequentes na contemporaneidade — tatuagens, cortes, escarificações —, que poderiam produzir maneiras possíveis e singulares de enlaçamento do sujeito ao Outro” (Manso; Caldas, 2013, p.109).

Escrever a si mesmo parece ser uma grande exigência do ser humano, o que justificaria o fato de que, “a face deixou de ser o lugar único para a pintura corporal. De os caras pintadas, como derivação da maquiagem, passamos aos troncos pintados, braços pintados, bundas pintadas etc. A tatuagem mostra o copo tela para a pintura do olhar do Outro” (Quinet, 2017, p.78).

Por intermédio dessa relação, o lugar da linguagem e os seus efeitos no corpo expressa a ligação do sujeito com o Outro, já que “os semblantes do corpo, através de cortes e tatuagens, revelam o maior ou menor fracasso dos sujeitos em seus arranjos para dar conta de uma dupla falta, a real e a do Outro” (Manso; Caldas, 2013, p.116).

E, pelo fato de que (...) “o habitante da linguagem como morada, ou aquele que é habitado por ela, é o sujeito, a linguagem só existe através de la língua que faz falar um corpo que goza (...) qual seria essa outra la língua, de onde vem a la língua do *falasser*”? (Quinet, 2017, p.82).

A partir dessas questões, faremos considerações teóricas sobre a *Lalangue* e a LM na perspectiva da prática complexa que é a sua relação com a aquisição da LE, pois “o conjunto do que foi depositado dos equívocos é a língua. Cada língua tem seus próprios equívocos, e são intraduzíveis” (ibid, 2017, p.82).

2.1.6 *Lalangue* e a língua materna na relação com a aquisição da língua estrangeira

Para tratarmos da questão da *lalangue* e a LM na relação com a aquisição de LE, é relevante ressaltarmos que o neologismo *lalangue* é considerado “a amarração fundamental entre desejo e língua, sujeito e significante” (Lemos, 2002, p.38). Portanto, torna-se possível considerarmos a linguagem como aquela que constitui o sujeito, visto que a *lalangue* diz respeito à implicação que todos nós temos em relação à linguagem ou à incidência da linguagem sobre nós todos.

Isso se deve ao fato de que:

Esta inscrição prévia, fundada em *lalangue* e em suas operações, faz os efeitos desta *lalangue* reverberarem tanto em uma língua estrangeira quanto nos processos de aprendizagem desta, na relação que será estabelecida entre o aprendiz e esta nova prática complexa. Uma vez incluída a suposição de *lalangue* em nossa discussão, as línguas materna e estrangeira não podem mais ser tomadas como sistemas fechados e separados, mas tornam-se extensões/prolongamentos umas das outras, podendo, ambas, oferecer sua materialidade significativa para a emergência do sujeito do inconsciente (Gasparini, 2010 p. 226).

Dessa forma, os efeitos da *lalangue* reverberam no processo de aprendizagem de LE, pelo fato de haver uma “inscrição prévia” do aprendiz, que foi fundada em *lalangue*. Esta seria o registro que leva a língua ao equívoco. E, ao considerarmos a inscrição prévia assinalada na LM, fundada na *lalangue*, podemos dizer que a *lalangue* contribui para que o falante passe a ser o estranho da própria LM. No dizer de Moraes (1999):

Se Lacan alinha *Lalangue* aos afetos, cujos efeitos estão no inconsciente como um saber anterior à fala, é ela porque guarda os efeitos dos afetos, de maneira a levar o sujeito esquecido a tentar compreender a estranheza da língua que o causa. É a maneira de inscrição, no sujeito, da sincronia primitiva dos elementos de linguagem, que vai escrever a língua para esse sujeito. (Moraes, 1999, p. 83).

E, é por guardar os efeitos da própria LM no sujeito que a *lalangue* exerce o efeito de sincronizar os elementos da linguagem. Sendo a *lalangue* peculiar ou própria de cada um, a língua é inscrita de forma diferente para cada sujeito e incide também na LE.

Gasparini (2010) trata da estranheza que o sujeito sente ao entrar em contato com a LE. O estranho se refere ao fato de a LE se distanciar da LM, por ser esta a língua de sua primeira infância. E, pelo fato de estar envolvido em um processo de esforço para apreender uma LA, sente-se diante de um confronto não podendo se esquivar das imposições da *lalangue* e seu funcionamento.

Ao refletirmos sobre o que está implicado na *lalangue*, talvez se possa considerá-la como um impacto da própria linguagem sobre nós todos, o que justifica o questionamento de De Lemos (2016), que corrobora Milner (2017), a saber, “seria *lalangue* um acontecimento da ordem da linguagem que põe em cheque esse saber?”

Considerando essa “implicação que todos nós temos em relação à linguagem” ou até “aincidência da linguagem sobre todos nós”, é de uma grande relevância fazermos uma análise das relações que um sujeito autodidata poliglota tem com LEs e que supomos descobrir indícios de traços do laço específico que este mantém com a LM. Lemos (2016) trata do movimento do jogo que faz da *lalangue* o próprio movimento de pensar, dizer e escutar.

E, tal qual o próprio Lacan (1976 p.35) diz: “A interpretação não deve ser teórica, sugestiva, ou seja, imperativa. Ela não é “feita para ser compreendida; ela é feita para produzir ondas”. Foi exatamente o que o termo *lalangue* fez “produziu ondas”. No dizer de De Lemos (2016): “o que tenho em mente são palavras de Lacan em ‘Radiofonia’. É que o efeito que se propaga não é de comunicação de fala, mas de deslocamento de discurso”. Isso remonta ao fato de se ter pensado em algo além do sentido, ou até fora do sentido, que se podia localizar com mais clareza ou exatidão o que vem a ser de fato a *lalangue*.

Portanto, diante de todo o esforço que demanda do aprendiz na aquisição de uma LE, entendemos que “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua materna” (Revuz, 2008, p. 215).

Concernente à forma com a qual a *lalangue* habita em cada um de nós, Veras (2017)

assinala que como diz Lacan, o ser é habitado pela *lalangue*, e os ruídos que fazemos com o corpo são a prova mesmo de que o corpo vivo se distingue da comunicação. Isso provoca imediatamente um complexo giro na relação entre o que pode ser definido como fala e o que pode ser definido como comunicação.

Ao nos propormos a analisar um sujeito autodidata poliglota e a sua relação com LEs, não há como desconsiderar o estranhamento que esse processo de aquisição pode provocar no falante. Sendo a *lalangue* a língua do afeto, o laço específico tem a ver com o afeto. Assim, podemos dizer que o laço específico, conforme a hipótese de Revuz (2008) significa algo que os aprendizes têm com a LM.

Da concepção da *lalangue* como: “matéria que constrói ambigüidades, equívocos e todas as formas de mal-entendidos, subvertendo, assim, qualquer relação entre som e sentido: elemento indistinto que repercute no corpo do sujeito, convocando-o, *lalangue* é o espaço onde há algo que sabe, mesmo que disso o sujeito não se aperceba” (Gasparini, 2010 p. 110).

Considerando a convocação que a *lalangue* faz ao corpo, já que é “operador presente em qualquer língua, elemento responsável por articular as línguas ao sujeito/desejo (Gasparini, 2010 p.17), da habitação da *lalangue* em cada um de nós, entendemos que sendo esta a língua do afeto, o corpo sofre os efeitos de linguagem na aprendizagem de uma LE, já que o que o sujeito escuta afeta o seu corpo. Dito isso, como um outro subtema do nosso trabalho de tese trataremos da relação corpo e linguagem no que se refere ao liame LM e LE.

2.1.7 A Relação corpo e linguagem dentro da abordagem sobre língua materna e língua estrangeira

Ao apontarmos para possibilidade de tratarmos da relação corpo e linguagem dentro da abordagem sobre LM e LE é relevante trazermos a descrição elaborada por Murce Filho (2001) no que se refere à relação existente entre o sujeito e o próprio exercício de significar, relacionando-o ao prazer ou ao desprazer de sentir a própria palavra, que é encarnada na boca, em todo o corpo, nos olhos, orelhas, na voz, no gesto e no movimento.

Dessa descrição sobre a magia que a palavra exerce no corpo todo, não apenas na LM como também em uma LE, torna-se relevante considerarmos que “aprender uma língua estrangeira é muito mais complexo – ou muito simples, para alguns – mas não é sem consequências para o corpo” (Murce; Freire, 2015, p. 74), parte-se do princípio de que a linguagem é corpo e que, o que o sujeito escuta atinge o seu corpo, isso mostra a relação

corpo e linguagem como instâncias inseparáveis.

Nesse contexto, nos primeiros anos de vida o bebê vai modulando os sons da LM, a partir do encontro dos sons emitidos por ele, com os sons provenientes das pessoas com as quais este convive. A criança reage à voz do adulto a partir dessa escuta. Dessa forma, as palavras são formadas de sons e tudo isso faz parte do material linguístico, no qual a linguagem se realiza e incide no corpo.

Em se tratando da aquisição de uma LE, conforme Revuz (2008), o processo de aprendizagem de uma LE incide na relação inconsciente, que mantemos com nossa língua “fundadora”. Isso nos coloca diante de algumas diferenças, a saber, entre os universos fonético e as maneiras de construir significações. Esse processo envolve corpo e linguagem e nesse contexto: “o Eu do desejo é evidentemente o corpo, diz a psicanálise” (Novaes, 2003, p. 9).

Para tanto, tomemos o neologismo corpolingüagem considerado na proposta de Ana Costa (2022), assumido por psicanalistas importantes, a saber, Angela Volcaro, Claudia Leite, Flavia Trocoli, Priscila Matsunaga e Suely Aires, durante a XXI Jornada Corpolingüagem (IEL – UNICAMP), tendo ‘como tema “O corpo na ponta da língua”’. Esses pesquisadores trouxeram articulações entre corpo e linguagem e exploraram o supracitado neologismo como membros da comissão científica do evento.

No entanto, há mais de duas décadas, o neologismo proposto pela pesquisadora Ana Costavem sendo explorado nos encontros e jornadas do IEL - UNICAMP, tendo como marco inaugural o ano de 2000, com a temática “Corpo e linguagem”. Desde então, o evento passou a acontecer anualmente e os pesquisadores se debruçam sobre esse tema.

Em face desse cenário atual, após situarmos e justificarmos o uso do neologismo corpolingüagem para fazermos uma abordagem que envolve a aquisição da LM e LE, uma vez incluída essa concepção, entendemos que existe uma delicadeza durante a aquisição de LE e é tão acentuada por envolver a nossa relação com o saber, o corpo e nós mesmos, capaz de afetar as bases da estruturação psíquica, dito por Revuz (1998), já que é mediada pela própria LM. Murce; Freire (2015) dizem que esse movimento traz a linguagem em seu limite último, considerada a partir das articulações de corpo, afeto e sentido.

E, é pelo fato de o corpolingüagem não ser apenas um transmissor de conhecimento ou instrumento de comunicação, que faz com que se pense a aquisição de LEs, levando em consideração a dimensão afetiva dessa aprendizagem. Portanto, esse estudo se torna possível por intermédio da psicanálise.

Isso se deve ao fato de que, conforme Leite (2003), abordar a linguagem como referida

ao corpo levanta inúmeros problemas no âmbito da ciência linguística. Significando dizer que, existe um tratamento dado pelos estudos linguísticos ao ensino e aprendizagem de LE, caracterizado por se restringir apenas ao trabalho com funções comunicativas, associando-as à gramática da língua. Limitando-se a preocupações que se restringem ao aprendizado da estrutura gramatical, paralela às situações de uso da língua, que simulem uma comunicação real.

Assim, fica claro que há preocupações também, concernentes à abordagem de métodos de ensino voltados para estudos de fenômenos linguísticos, para que favoreçam o processo de aquisição. Distanciando-se, conforme já foi dito, de fatores que se preocupem com as consequências desse aprendizado para o corpo, bem como, o valor afetivo da aquisição e o sentido para cada aprendiz.

Portanto, de uma maneira geral, os estudos linguísticos trazem uma abordagem concernente ao ensino de LE e de acordo com Murce; Freire (2015):

Deve haver uma (im)possível “garantia” de comunicação, tanto nos livros didáticos quanto na própria sala de aula, como se a língua fosse transparente, completa, sem equívoco, como se não houvesse corpo desejante e, portanto, a falta constitutiva do sujeito, a incompletude, como se não houvesse singularidade, como se não houvesse sofrimento ao aprender uma nova língua” (Murce; Freire, 2015, p. 74).

Fica claro que, durante o processo de aquisição de uma LE, o sujeito se sente envolvido em um processo de uma falta, movido por uma sensação de incompletude. Esse fato nos direciona para um questionamento de como se constitui a relação corpolingüagem. Principalmente, quando se refere a sujeitos autodidatas políglotas, devido a uma estreita relação que, normalmente, estes mantêm com LEs.

Dito isso, entendemos que a aquisição de uma LE é mais complexa do que se pode imaginar, e que não se pode levar em consideração apenas as concepções dos estudos linguísticos. Por esse viés, quando se pensa em ensino de línguas na educação escolar, conforme Murce; Freire (2015), “normalmente a LE vai ‘servir para’ o aluno aprender ‘como’ comprar um bilhete numa estação, como pedir comida em um restaurante, como orientar-se dentro de uma cidade desconhecida, etc”.

Já os estudos psicanalíticos levam em conta que: “há uma relação de determinação entre a linguagem e as formações do inconsciente. Isso porque nada mais natural – para aqueles que adotam o texto freudiano – do que tomar o conceito de *pulsão* para abordar as articulações entre corpo, linguagem, afeto e sentido. (Leite, 2003, p.81). Nesse sentido, ao

se pensar na possibilidade de fundir corpo e linguagem, Veras (2015) também afirma que quando ouvimos uma língua desconhecida materializamos um corpo que fala. O corpo se faz presente porque não temos como recortar as sequências sonoras que ouvimos.

Considerando o que foi dito, entendemos que os sons das línguas são expressos pelo próprio corpo, já que não podemos materializá-los como recortes sonoros. Melhor dizendo, ao tomar a palavra em uma LE, torna-se impossível o falante se apropriar de recortes de sons e deles utilizar-se como ferramentas materializadas, para em seguida usá-las como sujeito consciente que se encontra em processo de aquisição de uma LE.

E, os estudos linguísticos desconsideram que o corpo se torna a expressão de materialização desses sons, envolvendo o aprendiz em uma relação afetiva com uma determinada LE. Dessa forma, na aquisição de uma LE, ao considerar a palavra como uma unidade mínima para o processo de aprendizagem, a forma peculiar que cada sujeito usa para se expressar na LE leva a indícios que há um efeito que o som reverbera e faz ressoar a linguagem no corpo, fazendo com que este tenha facilidades ou dificuldades no processo de aquisição. Isso ocorre por levar o sujeito a: “pôr a serviço da expressão de seu eu um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais e um trabalho de análise e de memorização das estruturas lingüísticas” (Revuz, 2008, p.217)

Nesse contexto, no que se refere aos efeitos que a linguagem pode trazer para o corpo, tomemos para os nossos estudos a concepção de corpo da psicanálise, que “concebe o efeito da linguagem no corpo como corpo *pulsional*, pois [.] somos efeito de linguagem e há estreita ‘relação’ entre corpo e LE” (Freire; Murce, 2009, p.73 / 77). Por outro lado, ressaltamos que esses efeitos da linguagem no corpo, não se refere apenas à LE, como também à LM.

Como exemplo desse efeito da linguagem no corpo ou de corpo *pulsional*, temos o caso Wolfson (1970), que segundo Amati-Mehler; Argenti; Canestri (2005), trata da materialização do som da LM no corpo. Pois, através da descrição do desejo ardente e suas insistentes tentativas de destruir a LM, Wolfson elaborou estratégias denominadas de “interlinguagem substitutivas” como se fosse possível alcançar o seu intento, a saber:

Destruirá a ‘língua materna’, em vez de tentar impedir que esta se insinue através dos orifícios do corpo, já que a voz da mãe não penetra pelos ouvidos, mas pelos olhos, pela boca, pelo ânus e sabe mais lá por onde. Não pode se sentir seguro enquanto a língua inglesa continua a ser a língua da rarefeita comunicação com os outros e consigo próprio, a língua em que vivem seus sonhos e seus pensamentos. (Amati-Mehler; Argenti; Canestri, *ibid*, p.202)

Esse movimento que se dá no corpo, na tentativa de um esforço profundo de se livrar da LM, ao considerar que no caso de Wolfson, a LM seria a língua invasora de sonhos e de pensamentos, entendemos que uma constante se impõe: a distinção entre, de uma parte o organismo, o vivente, e de outra o que a língua designa como corpo.

Assim, considerando a distinção entre corpo organismo (efeito biológico) e do que a língua designa como corpo, esse último, pode ser considerado como *corpo pulsional*, já que é atravessado pela linguagem. Essa concepção é atribuída, pelo fato de que a língua é capaz de proporcionar a possibilidade de, por intermédio da palavra, ser dita e implantada no ser humano, pois é desde o corpo e através do corpo que o sujeito é introduzido no mundo.

Essa definição, concebida como forma de implantação da palavra no ser humano, faz lembrar a descrição das sensações que as palavras são capazes de provocar, conforme o poema “O livro sobre nada” de Manoel de Barros (2000). No dizer do poeta, “as palavras me escondemsem cuidado. Aonde eu não estou as palavras me acham” (Barros, 2000, p. 69).

A possibilidade de o lugar atribuído ao eu poético, de poder encontrá-lo, descuidadosamente, onde este não está, confere-se às palavras. Essa travessia que só a palavra é capaz de realizar, cuja performance só se realiza por intermédio da linguagem, nos permite retornarmos ao caso de Wolfson, no que se refere à sua angústia provocada pelo estranhamento reverberado da sua relação com a LM. No dizer de Revuz (2008, p.226) “Wolfson descreve, minuciosamente, por meio de quais procedimentos complexos de aprendizagem de várias línguas estrangeiras ele tenta dominar (como se diz em relação a uma fera) a língua materna e os enunciados destrutivos dos quais ela é portadora”.

Essa sensação que faz com que a língua de origem seja tratada como uma fera, ao ser vista como se fosse destruidora do próprio enunciador, por se sentir “vítima” da implantação da LM em si mesmo, provoca a estranheza de o falante sequer estar lá. Como se a palavra se precipitasse de uma forma que este quisesse dominar a língua, por ser condutora de enunciados que parecem fugir do controle dele mesmo. Seria o que Moraes (1999) denomina de “o buracoda língua materna”, no qual (...) ‘o Outro absoluto do sujeito’ não pode aparecer senão na forma de estranho de linguagem, na língua. Essa falta de controle nos faz lembrar o que Melman (1992) nos traz, concernente à diferença entre saber uma língua e conhecê-la.

No dizer do autor:

Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, o que ela fala em você se enuncia por sua boca como destacado

a título do “eu”. Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece. Desde então, não falamos mais do mesmo lugar, nos comunicamos (Melman, 1992 p.15).

Dessa forma, “o que a língua fala em nós” se enuncia na nossa própria boca, como se escapasse do nosso controle, em uma representação que foge do nosso “eu”, embora seja vista e “destacada a título do eu”. Por outro lado, ao “conhecer a língua”, tem-se a capacidade de “traduzir mentalmente”, porém o falante não se encontra no mesmo lugar que estava ao enunciar, no posicionamento do “saber uma língua”, pois ali apenas exercemos a capacidade de nos comunicar.

A “mudança de lugar” atribuída ao “conhecimento da língua”, por não estar na posição de “saber uma língua”, considerada como aquela que fala pelo falante, corrobora Moraes (1999), conforme já foi dito, por fazer alusão a um “Outro lugar” no qual o sujeito adentra um “descaminho”, já que há um distanciamento da vontade do sujeito falante da língua. No entanto, entende-se que em nenhum desses lugares apontados por Melman (1992) existe a possibilidade de prevalecer a vontade do falante.

Diante de tudo o que foi dito, ao estar no entremeio de falar uma LE e falar a LM por intermédio da relação corpolingüagem, entendemos que há uma possibilidade de nos embasarmos na concepção do que “a língua designa como corpo”, atravessado pela linguagem (corpo pulsional), por introduzir o falante no mundo. Isso se deve ao fato de que o dizer e o viver por intermédio da palavra, cujo efeito de sentido aponta para a possibilidade de introduzir o sujeito no mundo, permite-nos, através da LM, estar em um Outro lugar que também não é nosso, o que faz com que nos sintamos um não familiar em nossa própria língua.

Ao mesmo tempo, no que se refere ao aprendizado de uma LE, conforme Revuz (2008), esta incide na relação amplamente inconsciente que mantemos com a LM. E esta relação, no dizer de Moraes:

Está intermediada pela linguagem, na medida em que o corpo, assim como apresentado por Freud, é um corpo submetido à linguagem, e, por isso, dela separado. Se a linguagem separa o sujeito do corpo, pois esta representa o seu desconhecimento, a fala aí entra como o elemento de uma possível ligação entre o corpo e a linguagem (Moraes, 1999, p. 53).

Essa atuação condiz com o que Revuz (2008) traz concernente ao que a linguagem causano corpo, no momento que o falante explora os movimentos de contração e vibração produzidos pelos sons da LE, provocando sensações surpreendentes na região bucal, caracterizadas como importantes no corpo erógeno, sendo influenciada, conforme já foi

dito, pela língua fundadora. Ao mesmo tempo, as sensações que a vibração dos sons da LE provoca no corpo, proporciona a possibilidade de o aprendiz de uma LE se sentir um estranho na própria LM. Essa sensação é atribuída ao fato de o sujeito ter acesso a enunciados completos e dotados de sentido também na LE.

Diante de tudo o que foi dito, sobre a relação corpo e linguagem, no que se refere à abordagem sobre LM e LE, quanto aos descaminhos encontrados pelo aprendiz em processo de aquisição de línguas e da interferência da língua de origem, é válido trazer questões da LM, provenientes de algumas abordagens que abarquem concepções teóricas de estudiosos da psicanálise.

2.1.8 Questões da língua materna trazidas por teóricos que buscam articulação com a psicanálise

Ao trazer uma abordagem sobre a constituição do sujeito por meio da linguagem, entendemos que é relevante abordarmos questões que envolvem a LM, apontando para a possibilidade de fazermos um entrelaçamento de ideias, abrigo-nos em estudiosos que auxiliam com trabalhos significativos já realizados na área (Gasparini, 2010; Lemos, 2015; Melman, 1992; Moraes, 1999; Murce-Filho, 2001; Veras, 2008), por trazerem avanços importantes ao ancorarem suas pesquisas na psicanálise.

Isso se deve ao fato de que, “a língua materna é aquela na qual, graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejo daquilo que é impossível” (Melman, 1992, p.33).

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de considerar a questão da relação entre LM e LE, pois para Veras (2008 p.108) “essa relação é algo que inquieta e desperta curiosidade entre profissionais que mostram sua preocupação com o impacto da língua estrangeira sobre a línguamaterna”.

E, na tentativa de fazer ressoar uma frase como se fosse um mandamento, chama a atenção para a sentença “(Não) desejar as coisas alheias” (Veras, 2008, p.112), na tentativa de mostrar que existe uma vontade em forma de desejo de apreender uma LE, que não se refere à inveja ou cobiça da língua alheia, por parte do falante.

Por outro lado, reconhecemos na proposta de Moraes (2009), a possibilidade de fazer uma reflexão concernente ao estatuto da pesquisa em LE a partir de uma outra concepção de LM, ao propor a perda do estatuto de estrangeira por parte da LE, tomando-se como norte as consequências da proposição de que o sujeito é constituído por linguagem. Isso quer

dizer queo estranhamento da LM faz com que a língua estrangeira perca o estatuto de estranha.

Já em Gasparini (2010), encontramos uma discussão sobre a maneira com a qual a psicanálise ressignifica os conceitos de LM e de LE, considerando-as sob o ponto de vista de “língua causa do sujeito do inconsciente e prolongamento do campo simbólico” instaurado pelaLM. Para tanto, a autora mostra que essa interface impõe que se considere um estudo da *lalangue* como elemento da relação entre as duas línguas, ao reverberar seus afetos e efeitos natentativa de aprendizagem de uma LE.

Em sua pesquisa sobre a fala da criança na LM, De Lemos (2007) defende que a criança não seapropria da língua, mas é capturada por esta. Além disso, a autora (2002) também faz reflexõessobre a linguagem e a psicanálise trazendo questões relacionadas ao neologismo linguisteria noque se refere ao distanciamento existente entre a linguística e a linguisteria retomando o percurso trilhado de Freud a Lacan.

Por outro lado, De Lemos (2016) faz algumas considerações sobre o Seminário de Lacan “O Saber do Psicanalista” que significa um marco, por inaugurar o neologismo *lalangue*, por intermédio de um ato falho, sendo considerado um momento de passagem ou transição do saberpara o saber-fazer nos estudos lacanianos.

As pesquisas de Murce Filho (2001) apontam para a questão da língua e da subjetividade observada a partir das práticas de narrar e de dialogar, tanto em LM quanto em LE. Para tanto, a linguagem é concebida como insistência da alteridade no ser, manifestada por meio dos equívocos, chistes, lapsos, tropos, mal entendidos e etc. O que permite fazer a língua materna parecer outra, nela mesma. Em outras palavras, existe um estranhamento não apenas na LE, mas também na língua materna. Isso provoca efeitos no sujeito, que considera e rearranja determinada língua que pensa conhecer ou dominar.

Esse estranhamento está relacionado ao que foge do controle do sujeito como falante. No dizer de Murce Filho (2001 p.38) “trata-se da língua sob a emergência do real que a torna percorrida por falhas, por aquilo que escapa ao falante”. Dessa possibilidade de existir falha, por ser proferida sem que o falante tenha dado permissão como expressão da linguagem do inconsciente, é dito por Revuz da seguinte forma:

A maneira pela qual o sujeito se relacionou com a língua é ela mesma sintomática desua organização psíquica, mas o universo das formas linguísticas e o do psiquismo individual são, um e outro, complexos demais para que se possa estabelecer paralelismos ou correspondências estáveis entre os dois. As tentativas feitas nesse sentido, são muito pouco concludentes (Revuz, 2008, p.220).

Talvez a incongruência do psiquismo individual do sujeito favoreça a possibilidade de incluir o outro como falante, apontando para a hipótese de Moraes (1999) que afirma que existe uma consequência de se considerar a concepção de Freud concernente ao aparelho de linguagem como um aparelho para a linguagem, denotando que este é constituído de linguagem. E, que a linguagem funda o aparelho numa relação de causa e efeito, favorecendo até o seu próprio funcionamento.

Esse movimento repercute na consequência de que o outro e o mundo se constituem como objetos, a partir da construção da linguagem. Fica claro, portanto, que é inconcebível distanciarmos LM e LE e com termos o equívoco de considerá-las como estranhas uma à outra, pois se consideramos conforme Freud, o psíquico como o lugar da linguagem ou a linguagem que inclui o outro enquanto falante, apontaremos para essa dualidade.

Revuz (2008) fala com clareza que:

O estar-já-aí da primeira língua é um lado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido e o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova. A novidade, entretanto, não está no encontro com o fenômeno linguístico como tal, mas nas modalidades desse encontro (ibid, 2008, p.491).

Desse modo, o “aí” da LM é um lugar do qual não se pode escapar. E, ao longo desse processo:

O sistema de valores impregna completamente o sistema linguístico. Ele diz o que se pode dizer e aquilo que não poderia ser dito; ele manifesta uma relação com a própria língua e o saber que ela permite construir, o que faz com que a criança diga alguma coisa do seu próprio desejo (Ibid, p.219).

No nível do corpo biológico, conforme Revuz (2008), a tentativa de articular novos sons para produzir outros movimentos articulatorios, cuja flexibilidade envolve uma certa reestruturação psíquica como se estivesse travando uma luta para dizer o seu desejo em uma outra língua, o aprendiz se encontra envolvido em um processo de desestabilização do que foi construído para este na sua LM, a partir de sua entrada na LE. E, ao se deparar com o conflito de estar entre o eu do desejo do outro e o eu do seu próprio estranhamento, torna-se fragmentado pelo desejo de ser e de estar no lugar do outro e de ao mesmo tempo não ceder o espaço do seu eu da LM.

Ao considerarmos a possibilidade de fazer um esforço para alcançar um diálogo entre o eu da LM e o eu da LE e atenuar o conflito na entrada de uma LE, propomos fazer considerações concernentes ao estranhamento provocado pela tentativa de se tornar o outro

da LE e ao mesmotempo se sentir exilado da língua de origem, um amor à língua dividido entre o sujeito do desejo da LM e o sujeito do desejo da LE.

2.1.9 A alteridade como um processo de estranhamento na aquisição de língua estrangeira

Ao nos propor a fazer uma abordagem sobre a questão de o aprendiz se tornar o outro da LE, é válido salientar que essa concepção da presente pesquisa, é usada por fazer considerações concernentes ao outro-escrevente em sua relação peculiar e afetiva com a língua, justificada pelo fato de que esse estudo se refere a um sujeito poliglota autodidata que escreve em algumas LEs.

Dito isso, entendemos que essa relação afetiva peculiar que o sujeito tem, considerada como facilidade de apreender algumas LEs, não ocorre de forma tão simples, já que aprender uma LE provoca um estranhamento concernente aos discursos que nos constroem e dá permissão para que possamos nos afirmar como eu.

No dizer de Revuz:

Se é verdade que aprender uma língua estrangeira é avançar, mesmo que modestamente, em relação aos discursos sociais e familiares que nos perseguem, nos constroem e nos coagem, e é afrontar um espaço silencioso no qual é preciso se inventar para dizer eu, então, aprender uma outra língua é fazer a experiência do seu próprio estranhamento no momento em que nos familiarizamos com o estranho da língua e da comunidade que a faz viver. Há muitas maneiras de eludir essa experiência, porém, não será sempre entregar-se a um duplo desconhecimento: um desconhecimento do Outro, da alteridade e desconhecimento de si e do próprio estranhamento? (Revuz, 2008 p.228/229).

Portanto, subjacente ao processo de familiaridade com o estranho da língua e da comunidade que a traz, existe um desejo de apreender uma LE que causa uma afronta no que se refere ao espaço silencioso no qual é possível o aprendiz se afirmar como *eu*. Isso ocorre porque, através de uma possível invenção de si, o aprendiz vive uma inquietação quanto à cultura e à língua do outro.

Esse processo aponta para a possibilidade de questionarmos se não seria uma entrega a um Outro desconhecido, da alteridade e até do estranhamento de si próprio. Diante do exposto, a pesquisa em questão tenta atender também a um esclarecimento acerca da função de cada LE para o aprendiz, cujas narrativas escritas sugerem o questionamento da existência da variação do outro da LE como se o sujeito estivesse à procura de si mesmo nessas outras línguas, já que conforme Revuz (2008 p.226) “aprender uma língua é sempre,

um pouco, tornar-se um outro”.

Dito isso, considerando a relevância causada pelo “impacto exercido pelo desafio de Lacanà psicanálise clássica, derivado de sua asserção do inconsciente como linguagem” (Kernberg, 2005 p.11), torna-se relevante abordarmos as grandes contribuições trazidas pelos autores Jaqueline Amati-Mehler, Simona Argentiere e Jorge Canestri quando se propõem a dialogar com esse tema através da escrita do livro “A Babel do Inconsciente: Língua materna e língua estrangeira na dimensão psicanalítica” (2005).

Para tanto, no capítulo intitulado “Do mundo dos poetas: O estranhamento como profissão”, estes fazem uma abordagem sobre o tema políglotismo, trazendo os casos de escritores que abandonaram seu idioma materno para escreverem as suas obras em outra língua, muitas vezes dando-se conta do processo de estranhamento no qual estavam envolvidos. Dessa forma, a própria LE passou a ser considerada como instrumento de suas artes, justificado pelo fato de que os artistas expressam a sua capacidade de compreender dinâmicas profundas do nosso mundo inconsciente.

Para Revuz (2008, p.220), “a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua. Essa relação é complexa e estruturante da relação que o sujeito mantém com ele mesmo, com os outros, com o saber”. Ao apontar para a possibilidade de, a relação com o idioma estrangeiro levar o sujeito a questionar a própria relação entre este e a sua LM. Pois, o dizer em uma LE possibilita o aprendiz de expressar um mundo no qual, o idioma materno ainda não o permite adentrar. No momento em que este sente que as palavras não são mais aquilo que eram em sua relação com ele próprio e, até, com o saber e poder dizer.

Dito isso, entendemos que torna-se possível atentarmos para a possibilidade de existir algo semelhante entre o nosso estudo de caso e os casos assinalados pelos autores do livro A Babel do Inconsciente. Para tanto, atentemos para as consequências que tiraremos desses relatos, no que se refere às peculiaridades e diferenças desses escritores se relacionarem afetivamente com as LEs; quanto à razão pela qual abandonaram o seu idioma materno para se autoafirmarem como escritor em LEs e quanto a existência de um possível estranhamento que estes sentem concernente a relação com a própria LM

Assim, atentemos para a razão pela qual Samuel Beckett adota algumas línguas estrangeiras e luta para que “o que é estranho, vá embora”, para se defender das injunções da sua mãe, por esta não querer que ele fosse escritor. Esse fato afeta a sua relação com a LM. Desta forma, ao tentar se livrar da LM (inglês), usa a língua de adoção (francês),

considerada como um ponto de fuga, como favorecimento para salvar sua criatividade e sua sobrevivência psíquica.

E, ao escrever na LE, está sempre empenhado a se certificar se há ainda a presença da LM. Embora essa certeza não possa ser atribuída à sua dinâmica psíquica, porém está certo de que sua mudança para o país de adoção contribuiu para perder a inibição com a escrita, chamada por este de “constipação verbal”, sendo este considerado como aquele que em suas produções fazia revelações sobre si.

Vladimir Nabokov se comportou de forma oposta ao Samuel Beckett por não querer escrever e divulgar nada de sua vida pessoal. Nasceu na Rússia, depois instalou-se em Berlim, por último, morou nos Estados Unidos. Apesar de ter adotado três LEs como literata: o francês, o alemão e por último o inglês, só conquistou o sucesso como escritor na língua inglesa.

Já o caso de Fred Uhlman se destaca por ser aquele que sofre a dor de se sentir estrangeiro e chama a atenção, por se sentir compelido a fazer mudanças de identidade, de nacionalidade e de língua. Nasceu na Rússia, mas tem a Inglaterra como a sua segunda pátria e só realiza o seu sonho de ser um escritor na língua inglesa, mesmo que a sua ida definitiva para a Inglaterra tenha sido dolorosa, por não falar a língua inglesa.

Uhlman admite que teve duas pontes entre as suas duas identidades (Rússia e Inglaterra): sua esposa inglesa e o amado autor de sua inspiração: Shakespeare. Fred Uhlman vive sentimentos de dualidade, ao considerar a Inglaterra a sua pátria-mãe e ao mesmo tempo uma madrasta, quando se dá conta que em nenhuma outra língua existe tanta expressão que despreza o estrangeiro, como na língua inglesa.

Isso repercute de forma muito negativa para ele, pois há uma irreconciliabilidade de seus dois mundos. No dizer de Uhlman:

Eu havia esquecido de tudo, completamente. Não só o nome das ruas e das praças que eu atravessara quase todos os dias por trinta e dois anos, mas também os nomes dos velhos amigos. Como se explica isso? (....) A dor era tanta que eu quis esquecer (...) e consegui. (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.214).

Conforme o depoimento de Fred Uhlman (1960), entendemos que sua tentativa e angústia de querer substituir a LM pela LE, o leva a uma forma de criação de uma outra identidade, movido por um sentimento de ruptura com a comunidade de origem. Esse gesto, conforme Revuz (2008), proporciona um deslocamento para a comunidade de adoção. Como se quisesse livrar de algo que o desestabiliza na LM (russo) e o atrai para a língua inglesa.

Elias Canetti é um escritor considerado como multilíngue e grande amante das palavras, nascido na Bulgária no seio de uma família judia de origem espanhola. Viveu sua infância e adolescência entre a Bulgária, e alguns países de adoção, a saber, a Inglaterra, a Suíça e a Austria. Em seus depoimentos dizia que nada se comparava às palavras e se estas sofressem deformação, sentia-se aflingido, como se as palavras fossem seres sensíveis à dor e se um escritor não se desse conta disso, seria considerado para ele um ser incompreensível.

Na sua família, defendia-se que seria necessário conhecer várias línguas, pois só assim seria possível salvar a própria vida e até a língua dos outros. Portanto, em seus escritos havia uma ligação recorrente entre as línguas e a salvação, já que para ele o conhecimento da língua poderia salvar fisicamente e espiritualmente. Desta forma, Canetti compreendia que as palavras oferecem um sistema para metabolizar as separações de traumas das pessoas e lugares amados, aplicando essa ideia como uma terapia durante o luto precoce pela morte de seu pai.

Quanto ao escritor Héctor Bianciotti, temos que:

Bianciotti é filho de camponeses italianos originários do Piemonte, nasceu em 1930 na Argentina. Deixou seu país em 1955, indo a Roma, Madrid e, enfim, Paris, onde se estabeleceu no ano de 1961. Adquiriu a nacionalidade francesa em 1981. Publicou vários romances em espanhol – todos traduzidos para o francês. Foi jornalista literário, colaborando por 15 anos com a revista *Le Nouvel Observateur* e depois com o jornal *Le Monde*. Com *Le traité des saisons* (“O tratado das estações”), ganhou o Prêmio Médicis de Literatura Estrangeira de 1977 e com *L’amour n’est pas aimé* (“O amor não é amado”), o Prêmio de Melhor Livro Estrangeiro, em 1982 – ano em que, a despeito dos seus esforços para preservar a língua materna, passou ao francês definitivamente. Com *Sans la miséricorde du Christ* (“Sem a misericórdia do Cristo”), seu primeiro romance francês, ganhou o Prêmio Femina de 1985. Depois da edição de “O lento passo do amor”, publicado também no Brasil, foi eleito para a Academia Francesa em 1996 (Milan, 1993).

Conforme Amati-Mehler; Argentieri; Canestri (ibid, 2005), Bianciotti é visto como aquele que é exilado em muitas línguas e ao se sentir excluído da língua do afeto dos pais (o italiano piomontês) passou a ter dois mundos associativos em francês e em espanhol, vivendo em um exílio linguístico atormentado pela vocação e fascínio pela escrita. Ao fazer uma auto- interpretação afirma que o seu fascínio pelo francês está relacionado ao reencontro que teve com o som da letra “U”, associando-a a uma pequena concha na qual poderia ser encolhido parte dele próprio. Esse “achado” o motivou a fazer o que ele considerava como uma viagem de uma língua para outra.

Há semelhança entre o caso Bianciotti e o caso Beckett, na medida em que aquele

também sofre desde jovem por ter vocação pela escrita (assim como Beckett que sofreu para setornar um escritor por ser contra a vontade da mãe), no entanto é movido por uma inibição para escrever e se sente um autor clandestino, por ter sido o seu primeiro texto escrito como resumode uma cópia de história retirada de um livro de fábulas, o que provoca um certo constrangimento no autor.

Dessa forma, Héctor Bianciotti só se libertou da inibição para escrever após seus trinta anos de vida, quando mudou-se para a França e viveu uma fase chamada por esse de “sentimento de exílio linguístico”, na qual aprendeu francês como autodidata, com a ajuda de alguns dicionários e começou a se expressar como crítico literário. Mas, só em 1985 escreverá um romance em francês.

O fato de a libertação da inibição para escrever de Bianciotti só ter ocorrido, durante a fase que este se sentiu exilado linguisticamente, condiz com o que Moraes (1999) considera, quanto ao conceito de estrangeira de uma língua, oculta no próprio estranhamento da LM.

Assim:

O Estranho, como efeito do desgarramento da Coisa e a partir do qual se funda o sujeito, é o que, por um lado, faz da Língua Materna, estrangeira, pelos efeitos do seu representante, o hostil da linguagem, ou a Outra língua. O "Outro absoluto do sujeito" não pode aparecer senão na forma de estranho de linguagem, na língua. Esses momentos, onde a língua perde seu valor de código e se perde na linguagem, revelam a presença de um Outro lugar, lugar este onde o sujeito, pela língua, sofre esses descaminhos, na medida em que não entra aí em jogo qualquer vontade (Moraes, 1999, p.55).

A explicação da autora quanto à possibilidade de em alguns momentos, atribuir-se à LMo estatuto de ser considerada como estrangeira, deve-se aos efeitos que esta é capaz de causar quando em um processo de “desgarramento”, situando-o em um Outro lugar, no qual a língua “perde o valor de código”. E, ao encontrar-se no “descaminho” da sua própria vontade como falante, perdido na linguagem, desgarra-se do seu próprio processo de fundação na LM. Fica claro que ao incluir o conceito de estranho à LM, aponta-se para a possibilidade de o sujeito viver uma experiência imaginária de formação do EU, com relação ao objeto idealizado que seria a aquisição de uma LE.

Dito isso, podemos constatar um “deslocamento” do mundo real vivenciado por Bianciotti ao se sentir exilado em algumas línguas, quando experimenta a sensação de um estrangeiro para si mesmo ao afirmar: “Não estou seguro se o francês me aceitou, no entanto estou certo de que o espanhol me abandonou” (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.223).

Entendemos, portanto, que Bianciotti perdeu o contato consigo mesmo e com as

coisas, trilhando um caminho muito doloroso por intermédio das línguas, por estar envolvido em um processo de deslocamento do mundo real, gerando um sentimento de desânimo. E, por não se sentir aceito, envolve-se em uma sensação de abandono.

Amanda Morris Pranterá, entre esses escritores, destaca-se por se mudar para um outropáís e decidir nunca falar a LM, mas depois se descobre em um impulso criativo como escritora em seu idioma materno, após os seus quarenta anos de vida. Nasceu na Inglaterra, casou-se com um italiano, concebeu duas filhas e prometeu que nunca falaria inglês com elas, após ter tomado a decisão de que seu único contato com a LM seria através da leitura para si mesma. Surpreende-se quando ao entrar em contato com os amigos, estes disseram que ela havia esquecido a LM, após mostrar que o pouco que conseguia falar, ressoava como uma pronúncia deformada.

Pranterá se recusa a ser tradutora e intérprete na sua LM, porém com quarenta anos de vida volta a estudar em uma universidade inglesa e em seis anos publica quatro romances em inglês, mesmo diante do tormento desse momento de estranhamento. Não é à toa que esse processo ocorre com o surgimento de um inglês incomum, quase arcaico já que se distancia do inglês dodia a dia.

Essa trajetória mostrou que, diferente dos outros autores, a escritora não descobriu sua trajetória de criatividade literária na língua de adoção, mas apenas no seu retorno à LM. Entendemos que a própria criatividade literária a impulsionou ao seu retorno ao idioma materno. Esse retorno consolidou a clareza para a autora de que existiam dois mundos separados, dos quais esta transitava como se estivesse em um processo claro de “renascimento”. A clareza desse momento veio a consolidar-se por intermédio do seguinte sonho:

Sonhou que estava em uma casa de vários andares, (...) mas que não se tinha escadase passagens que permitissem ir de um andar para outro. Ela tinha de encontrar caminhos tortuosos dentro dos apartamentos de outras pessoas, conseguindo, às vezes com grandes riscos, passar por saliências externas. (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005 p.227).

A linguagem metafórica do seu sonho, mostra com clareza o processo mental no qual Pranterá estava envolvida. Essa descrição remonta Revuz (2008, p.220), quando traz que “a relação com a língua é ela mesma sintomática de sua organização psíquica”. E, esse trajeto que proporciona a passagem de um caminho inverso, exige um grande esforço, interpretado como uma trajetória realizada da LE para a LM. No dizer de Amati-Mehler; Argentieri; Canestri (ibid, p.227) essa “passagem de um para o outro é possível, porém tortuosa, cansativa, senão perigosa”.

O sonho de Pranterera traz à sua consciência o caminho “perigoso” que ela estava trilhando no trajeto fulminante de retorno à LM, que pode ser vista como uma “inquietação por uma desordem, inquietação de não estar no lugar necessário, de não poder encontrar seu lugar na língua materna” (Prasse, 1997, p.71), por sentir-se “desgarrada” de sua língua fundadora.

A trajetória de Pranterera em seu retorno à LM sugere uma situação de exílio da sua própria língua ou de ser um “extrangeiro na língua materna, (...) no EX que comparece como em “extranho”, “extrangeiro”, extraordinário – o ex é o que está longe, está fora” (Veras, 2010, p.111/113), fora de um “lugar necessário” por se sentir como sugere a descrição de seu sonho “em uma casa de vários andares”, faz alusão à imagem da Torre de Babel, aquela que segundo o mito bíblico ” separa os homens de maneira radical, ela cria o espaço para uma diferença legítima” (Revuz, 2008 p.226/227), na condição de habitar duas línguas, ora a LM ora a LE.

Assim, consideramos o estranhamento de se tornar o outro da LE, tendo como referência alguns casos de literatas políglotas ou plurilíngues, sugerindo que esses casos nos direcionam para algo, interpretado como se esses escritores estivessem em meio a um emaranhado de umateia de conflitos da magnífica e atrativa “Torre de Babel”,

A seguir, no primeiro momento do segundo capítulo trataremos da questão da relação do sujeito com a escrita na psicanálise da LE abordando o significado do ato da escrita e o que seria escrever em uma LE. Ao mesmo tempo, trataremos questões que envolvem as manifestações da escrita do significante à letra, culminando nos dois conceitos de letra de Lacan. Para no final, faremos considerações epistemológicas sobre os conceitos de traço à escrita da releitura que Lacan fez de Freud.

2.2 A relação do sujeito com a escrita em língua estrangeira na concepção psicanalítica

Para tratarmos da relação do sujeito com a escrita em LE, é relevante considerarmos o que diz Freud diz, conforme Guimarães (2007), sobre a existência de uma indissociação entre a escrita e o inconsciente. Ao mesmo tempo, pontuamos que a escrita é considerada como “um traço onde se lê um efeito de linguagem” (Lacan, 1982, p. 164).

Dessa forma, ao considerarmos a escrita como indissociável do inconsciente e como uma forma de se ler a linguagem, já que esta é vista como um traço, fica claro que existe uma relação afetiva entre quem escreve e a escrita, no sentido de poder ser lida como um efeito da linguagem no inconsciente. Concernente a esta concepção, referente ao liame existente entre escrita, linguagem e inconsciente, Rilke (1986) nos leva a uma reflexão, sugerindo que se façam escavamento dentro de si mesmo, quanto ao próprio desejo de escrever. No dizer do autor:

Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranqüila de sua noite: “Sou mesmo forçado a escrever?”. Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar àquela pergunta severacom um forte e simples “sou”, então construa sua vida de acordo com esta necessidade (Rilke, 1986, p. 22).

A asserção acima se refere à escrita literária, apontando para a possibilidade de levar quem escreve a buscar resposta concernente à sua incontrolável vontade de escrever. Para tanto, sugere que este reflita sobre a própria sobrevivência, se por acaso for apontada a possibilidade de abandonar a escrita. Instigando, portanto, a questionar o real motivo que leva quem escreve à angustiante exigência de se empenhar no ato de escrita, recomendando que este vá até as suas raízes, à procura dessa resposta.

E, se da indagação: “sou forçado a escrever?”, não conseguisse fazer uma contestação do questionamento: “realmente sou”? sinalizaria, no final, um desfecho propondo que o sujeito “construa a sua vida de acordo com esta exigência”. O empenho do sujeito sugere sua inscrição na busca de tentar desvendar os seus motivos inconscientes ou resíduos mnêmicos, quanto à compulsão de escrever, que envolve os seus pensamentos afetivos com a escrita.

Sugerindo, portanto, que este busque entender qual seria a função da letra e seus efeitos no seu corpo, pois só assim talvez possa alcançar o não interpretável pelo inconsciente, impregnando-se de um impulso vital de se entregar ao ato de escritura como efeito de linguagem. Já que “o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas

um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita”. (Lacan, 2003, p. 24).

O questionamento quanto a implacável vontade de escrever, remete-nos à indagação de Lacan no que se refere ao comando do inconsciente, à sua relação com a estrutura da linguagem e à função da letra como instrumento apropriado à escrita, a saber:

Resta saber como o inconsciente que digo ser efeito de linguagem, por ele pressupor a estrutura desta como necessária e suficiente, comanda essa função da letra. Ser ela o instrumento apropriado à escrita [écriture] do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por um outro, na frase, e portanto para simbolizar certos efeitos de significante, mas não impõe que nesses efeitos ela seja primária. (Lacan, 1971, p.18).

Da explicação de Lacan (1971) fica claro que o inconsciente existe pela linguagem. E, sobre o comando da função da letra, entendemos que a letra está no real e o inconsciente se faz no momento do sintoma. Portanto, a letra é quem sustenta o movimento do inconsciente. Este ex-siste no sentido de estar fora da cadeia do significante. Ao mesmo tempo, é a partir do inconsciente que a cadeia do significante existe, mantém-se e se move. Por outro lado, “as manifestações do inconsciente poderão ser compreendidas como uma escrita. (Carvalho, 2022, p.04).

E, para Bento (2004), O sujeito exercita a sua subjetividade através da alteridade, e é a escrita quem proporciona essa possibilidade. Como se estivesse mirando-se no espelho, a escritadá permissão a este de encarar a sua fratura. Sendo visto como o outro de si mesmo, interpondo-se entre o sujeito e o mundo, indicando uma opacidade de um outro que é impossível alcançar completude.

Ancorados nessas reflexões, cabe em nosso estudo usarmos critérios de análise que contemple a execução da escritura, para averiguarmos qual seria o lugar da escrita na psicanálise, bem como retomarmos o caminho traçado por Freud e Lacan no que se refere ao desenvolvimento do conceito de traço, letra e escrita ao longo do ensino desses autores e suas contribuições na psicanálise.

No dizer de Rego:

A caligrafia interessa a Lacan como uma prática da letra que revela uma escrita que possibilitaria para o sujeito um tipo de relação diferente com o inconsciente e que, portanto, poderia permitir pensar um sujeito inanalísável. A teoria lacaniana da letra e da escrita aponta para: isso (se) escreve e o inconsciente é estruturado como uma escrita que não cessa de não se ler, mas que, paradoxalmente, só revela sua estrutura pela **escrita** (Rego, 2005, 169/170).

Assim, embora o inconsciente seja interpretado como uma instância psíquica que não pode ser lida, ao mesmo tempo, sua estrutura só pode ser revelada por intermédio da

escrita, e esta razão pela qual Lacan se interessa pela caligrafia, na medida em que a prática da letra mostra que a escrita proporciona a possibilidade de o sujeito ter uma relação diferente com o inconsciente.

A complexidade da concepção da escrita na psicanálise nos faz lembrar do que Nascimento; Mello (2016) discorrem sobre a exigência de a psicanálise se empenhar em um posicionamento diferenciado na transmissão de seus conceitos, já que se trata de uma ciência que aborda o irrepresentável e a incapacidade das palavras traduzirem as coisas na sua inteireza. Essa característica é considerada como consequência do fato de que, a transmissão da psicanálise se posiciona de forma diferente do discurso sustentado pela ciência, pois esta tenta abranger o saber de forma completa, enquanto a psicanálise se sustenta em um espaço no qual o papel importante está no vazio. Como consequência, tem-se um sujeito dividido entre realidade e saber, desejo e gozo e que a verdade é semi-dita.

Diante dessa conjuntura, a escrita passa a ter um papel essencial no saber da psicanálise, principalmente a partir da concepção de letra lacaniana que a aborda como “um conceito que trata de uma leitura e de uma escrita do inconsciente” (Silva; Silva Junior, 2017, p.129).

No dizer de Lacan:

Resta saber como o inconsciente que digo ser efeito de linguagem, por ele pressupor a estrutura desta como necessária e suficiente, comanda essa função da letra. () Assim, hoje tentarei indicar a vocês o cerne do que nos parece produzir a letra como consequência, e a linguagem, precisamente por eu dizer que esta é habitada por quem fala.. (Lacan, 1971, p.110-111).

Fica claro que há uma interface entre letra e inconsciente e este é considerado como um efeito de linguagem. Dessa forma, a letra produz um ponto determinante como resultado do próprio efeito da linguagem, já que esta reside no falante.

Considerando o que foi dito, buscaremos no saber psicanalítico o desenvolvimento da concepção e da função de letra e a visão de leitura e escrita a partir da teoria lacaniana sobre o significante, entendendo que trará contribuições no que se refere à constituição do sujeito do desejo e do inconsciente a partir das obras de Lacan e a sua releitura de Freud. Para tanto, faz-se necessário percorrermos a concepção de escrita na psicanálise, retomando algumas considerações relevantes do significante à letra nos estudos lacanianos.

2.2.1 Um olhar sobre a escrita sustentado pela psicanálise

No intuito de desenvolver conceitos epistemológicos que favoreçam nosso olhar sobre a escrita sustentado pela psicanálise, dedicaremos esse espaço para nos debruçarmos no questionamento sobre o que significa o ato de escrever a partir de quem escreve e qual seria o sujeito da escrita.

Partiremos do princípio de que, a escrita não pode ser considerada como um ato meramentecognitivo e mecânico. Justificada pelo fato de que “o caminho que leva à escrita não pressupõeunicamente a aprendizagem de uma técnica que faz corresponder um som a um signo. Há um caminho subjetivo a se percorrer”. (Moschen; Sei, 2007, p.336).

Desta forma, podemos constatar a complexa relação entre o ser humano e a escrita, quando nos referimos à “euforia da criança ao ler alguma palavra, ou ao escrever, como se o domínio dessa ação lhe permitisse uma assunção de si, semelhante ao que ocorre quando apreende sua imagem no espelho (Guimarães, 2007, p.12).

E é debruçando-nos em conceitos provenientes de estudiosos da psicanálise, que abordaremos questões que envolvem concepções sobre o que seria o sujeito da escrita. Tendo-se que:

o sujeito da escrita é um sujeito do desejo inconsciente que, pulsionado no interior do campo da palavra e da linguagem, marca o papel a partir de marcas psíquicas e, ao fazê-lo, enfrenta impasses que estão para além das explicações advindas da noção de sujeito epistêmico sustentada pelo “estatuto do sujeito psicológico”. (Almeida; Percílio; Santos et al, 2023).

Seria a forma com a qual o sujeito se apropria da palavra e da linguagem munido de um desejo inconsciente, que o faz deixar as suas marcas no papel. Assim, ao questionarmos o que seria o ato de escrever, encontramos a seguinte resposta “(...) escrever é uma prática antiga e o ao questionarmos o que seria o ato de escrever, encontramos a seguinte resposta” (...) escrever é uma prática antiga e muito vaga, porém ambiciosa, cujo sentido repousa no mistério do coração. Lacan diria que escrever seria um saber fazer com a linguagem e com toda uma ciência da linguagem” (Attié, 2005). Dito isto, sustentado pela psicanálise, escrever seria um ato que convoca o sujeito ou o *fallasser*. Este “indica que o sujeito possui um corpo afetado pelos efeitos do significante” (Couto, 2022).

Nesse contexto, escrever não envolve apenas uma questão de condições cognitivas, sendo possível nos referirmos a “uma escrita orientada pelo desejo. Uma escrita considerada não só como um produto texto, mas como uma forma singular do sujeito

habitar na sua escrita” (Goméz; Silveira, 2019).

Conforme Guimarães (2007), cada um de nós tem um enlace com a escrita e o universo do sujeito é composto pelas letras, mesmo antes de seu nascimento, pois as letras estão presentes no tecido social do sujeito e este se estrutura e é tecido pela rede desse discurso. A inscrição dessas letras é feita por intermédio da escrita. Esta oferece uma condição de exterioridade para o aprendiz. Dessa forma, supõe-se que o significado de escrever depende do que denotaria o ato da escrita para cada um de nós, já que existe uma condição de expressão de escrita própria de cada sujeito.

Ainda no que se refere ao nosso questionamento quanto ao ato de escrever, identificamo-nos com o que diz Moschen; Sei (2014), que ancorados nos estudos de Freud e Lacan afirmam que as nossas impressões escritas no papel são provenientes da inscrição de nossas marcas registradas no nosso inconsciente. Então, a escrita seria considerada como efeitos da forma de ações do sujeito na linguagem. Na descrição desse processo temos que, o Outro deixa marcas no sujeito que são consideradas como o estatuto da letra e são vistas como percepções neste armazenadas. “Este ato adquire importância na constituição do sujeito, na medida em que a escrita representa uma possibilidade de re-significação da estruturação subjetiva” (Guimarães, 2007, p.13)

No entanto, segundo Moschen; Sei (2014), nem tudo o que é registrado permanece na memória, pois algumas lembranças são vistas apenas como estímulo no sujeito. As marcas que prevalecem são provenientes do lugar discursivo que é ocupado pela mãe, fazendo a sua inscrição no corpo do bebê. Então, letra seria aquilo que vai além do que a percepção registra, ficando como marca na memória da criança mediada pela figura materna.

Sobre esta relação que se dá com o corpo, “a escrita começa a ganhar sentido antes mesmo dos primeiros traços que uma criança imprime na folha, as marcas e garatuñas que vão tomando forma e que se tornam uma maneira de inscrição que o pequenino começa a fazer. Escrever, inscrevendo-se”. (ibid, 2007, p.12).

De acordo com Costa-Moura (2010), Lacan pontua que o jogo da escrita mostra o vazio e a perda que assinalam o real. O impossível proporcionado pela ciência, mas não estaria relacionado ao sujeito, mas se refere ao impossível para a letra, por não descrever o que envolve “eu perco”. A perda se refere ao fato de que quando se escreve, não se escreve tudo (como um incessante não escrever). Dito de outra forma, conforme Paiva (2016) a escrita pode capturar o sujeito, pelo fato de ser regida pelo inconsciente, podendo gerar um

certo desconforto, por estar aliada à dúvida e a questões que inquietam quem escreve.

Ao questionarmos qual seria a função da escrita no conceito psicanalítico, esclarece-se que “a Psicanálise opera pela via do significante, aquilo que é escutado, mas só acede ao significado pela função da escrita, ou seja, quando o significante ouvido vem a se transmutar, em um segundo tempo, em letras lidas” (Elia, 2007, p.132). Fica claro que a escrita é uma forma de transformação do significante em letra, passando a ser considerada como uma maneira de o significante acolher o significado.

Após trazermos concepções teóricas sobre o significado do ato da escrita e qual seria o papel do sujeito na escrita, propomo-nos a fazer uma abordagem epistemológica relacionada à questão “o que escrever quer dizer e o que significa escrever em uma LE?”.

2.2.2 O que escrever quer dizer e o que significa escrever em uma língua estrangeira?

A escrita pode tornar-se um espaço de habitação, uma morada provisória para as intempéries da vida, onde é possível a invenção do próprio sujeito. Um lugar de resguardo onde o sujeito pode cuidar de si (escrever a si) para depois de refazer-se conseguir se lançar na escrita (autoria) do mundo. (Ferreira; Silveira, 2013, p.243).

O movimento descrito da escrita, cuja modalidade da linguagem denota que o sujeito é dotado da capacidade de primeiro se inventar, para em seguida se apropriar de uma possível autorização para se irromper na escrita do mundo, faz-nos trazer para esse contexto algumas inquietações que nos instigam a buscar possíveis respostas para o questionamento sobre o que escrever quer dizer.

Estas inquietações nos induz a pensar que:

O sujeito do qual falamos é o da linguagem, uma vez que é aquele que se faz sujeito no e pelo discurso. Seu engajamento no discurso se dá via história e língua, na qual seu dizer se materializa. Por estar imerso na linguagem, este sujeito está, portanto, à mercê de sua equivocidade e das formações inconscientes que atravessam a língua na qual se diz tenta se dizer. Se, por um lado, deseja, conscientemente, o controle do dizer, por outro, ao qual não tem domínio, deixa fluir a multiplicidade que constitui assim seu dizer. (Andrade, 2009, p.292).

Nesse contexto, trazemos como ponto de relevância o que dizem Moschen; Sei (2014) quanto a inscrição psíquica do *infans* na linguagem, que dependerá de um Outro primordial e esta entrada na linguagem só se dará a partir da possibilidade do contato mediado pelo outro. Desta forma, “a escrita implica, ainda, um corpo. Este, para a psicanálise, não é o biológico, mas, sim, o corpo pulsional que se constitui na relação a

partir do investimento libidinal do Outro materno, ou seja, de um desejo que investe o sujeito”. (Guimarães, 2007, p.35).

Esse fato nos convoca a entender que, de acordo com Castro (2022), a fala do outro produz um efeito no corpo do *infans*. Isso não seria de se estranhar, pois a própria língua antecede o *infans* no que se refere à cultura e é determinante do seu caminho traçado no processo de aquisição de linguagem. Fica claro que o Outro tem um papel relevante tanto na modalidade da fala quanto na modalidade da escrita para a criança.

E, conforme Moschen; Sei (2014), por intermédio dos estudos psicanalíticos é possível questionarmos a função do inconsciente para o aprendiz. Entendendo-se que a criança atravessa um processo subjetivo, até chegar a correr o risco de marcar alguns traços de escrita em uma folha de papel. Segundo Rodolfo (2004), este desdobramento ocorre entre carícias, rabiscos, hieróglifos e garatujas.

Seguindo esta linha de raciocínio, conforme Moschen; Sei (2014) o corpo é tecido pela trama das palavras, pois desde o seu nascimento o homem sente um desamparado proporcionado pela própria condição do seu organismo, sendo necessária a intervenção de alguém. E é dessa ajuda que se produz a sua marca psíquica, constituída pela sua experiência satisfatória.

Lopes (2015) reconhece a existência de um enigma figurado para expressar as palavras como se não fosse possível encontrar um único ponto em comum, sinalizando que cada sujeito pode encontrar sua “verdade” no ato de escrever. O que nos convoca a pensar que, “somos marcados pela linguagem no mundo e é a partir dessas marcas inscritas em nosso inconsciente que as registramos no papel (Moschen; Sei, 2014).

Na concepção de Guimarães (2007), ao investir no ato de registrar a escrita à mão, esse movimento é proveniente da conscientização do sujeito de que o seu corpo deve estar presente ali, entendendo-se que este se vê na implicação do seu próprio esforço de escrever. Ao mesmo tempo, este processo não envolve apenas a sensação de prazer, mas pode significar também sofrimento.

No poema “Aula de português”, o eu poético denota estar envolvido em um processo de duplicidade, em meio a um não reconhecimento de si, descrito como um momento de não autorização para falar a própria LM, a saber:

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem

na ponta da
língua
fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de
letras, sabe lá o que quer
dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem
sabe, e vai desmatando
o amazonas de minha
ignorância. Figuras de
gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que
comia, em que pedia para ir lá
fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua
entrecortada namoro com a
priminha.

O português são dois; o outro,
mistério. (Drummond de Andrade,
2022)

As sensações descritas apontam para a existência de sentimentos antagônicos, experimentados pelo falante da língua. Pois, a mesma língua que outrora o serviu para guardar boas experiências mnêmicas, interpretadas como bons momentos, em seguida proporcionou sensação de angústia e de perda. E, por se referirem a sentimentos estranhos e desconhecidos relacionados à língua que o acolheu, são interpretados como se a LM que parecia tão acessível e prazerosa, tivesse se tornado um misterioso outro, inconsciente.

Pois, o lugar atribuído à LM já não o cabe mais, por se sentir em um desprovimento de si mesmo e parecer ser um outro dele mesmo, ressoando-lhe como se fosse uma outra língua, estranha e estrangeira da própria LM – como se a língua-mãe tivesse se duplicado em vias opostas. Dito de outra maneira, segundo Freire (2002), a língua-mãe não seria vista como algo proporcionado pela natureza, mas seria considerada como causa do sujeito, não sendo passível de ser apreendida por este.

Sob esta mesma perspectiva, temos que “a suposta língua materna é também uma língua estrangeira, estranha em sua familiaridade, provocando sofrimento e gozo ao mesmo tempo.

Refletir sobre isso é muito importante, para compreender a si próprio e ao outro” (Coracini, 2009, p.475). Posto que, “[...] o estranho, em algum momento, é, portanto, idêntico ao familiar, está nele, escondido, silenciado, mas latente, prestes a se fazer ouvir. (De Nardi, 2005, p.08).

Por outro lado, no que se refere à sensação de estrangeiridade que a LE pode despertar no aprendiz, temos que:

Indicar a origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória de estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado (Kristeva, 1994, p.15).

À vista disso, inferimos que a exposição à língua do outro leva o sujeito a se sentir um passageiro que protagoniza uma viagem, cujo local de desembarque parece ser inexistente. Sendo possível até reconhecer alguns pontos de referência, mas o destino seria enigmático.

De maneira análoga, a descrição nos leva a nos situar em um conflito no qual se encontra o aprendiz no entremeio da LM e do idioma estrangeiro. Fazendo menção a uma ida sem possibilidade de retorno às origens, já que “a angústia vivida pelo *infans* para entrar na linguagem é revivida mais tarde para entrar na língua estrangeira” (Lyra, 2013, p.38).

Fica evidente que a entrada na LE não ocorre de forma tão simples, como se fosse um processo inócuo para o aprendiz. Por outro lado, Freire (2002) nos convoca a entender que, em linhas gerais, há um esforço para se provar a posição da LM considerada como familiar, para tanto atribui-se sua aquisição como se fosse inofensiva. Uma prova disso, seria a tentativa de atenuar o sofrimento de aquisição da LE, ao ensinar/aprender a LE, utilizando-se o mesmo método que é usado no ensino de LM.

Esse fato justifica a sensação de pertencimento à língua de origem e o sentimento de estranhamento ao nos envolver no processo de aquisição de uma LE. O que nos permitiria fazer o seguinte questionamento, a saber, “a nossa universalidade não seria a nossa própria estranheza?” (Kristeva, 1994, p.07). Querendo questionar se o nosso estranhamento não estaria relacionado à nossa impressão de que somos seres universais ou completos. No entanto, ao sermos acometidos pela sensação de incompletude no entremeio do estranho e do familiar do idioma materno, experimentamos a sensação de estranheza na própria LM.

O percurso trilhado até aqui favoreceu o entendimento, quanto ao tratamento que

tem sido dado à aquisição da escrita em LE, para em seguida apontarmos uma direção na tentativa de uma resposta ao questionamento sobre “o que é escrever em uma língua estrangeira?”

Para tanto, é válido inferirmos nesse contexto a pesquisa realizada por Andrade (2009) sobre o desejo de aprender línguas estrangeiras, tendo como perfil de sujeito de análise o aluno-professor. E, a partir do depoimento de um dos sujeitos da pesquisa, pode-se constatar que, o simples gesto de olhar a escrita em LE causava um certo desconforto no aprendiz, sentimento oposto ao que sentia ao visualizar a escrita na LM.

O acometimento dessa estranheza causada pela visualização da escrita da língua do outro, denota que este não se sente confortável com o que não pertence à sua língua-mãe. A visualização da língua escrita parece causar um certo repúdio, deixando transparecer como uma forma de não aceitação. Ainda conforme Andrade (2009), esse fato aparenta ser um dos modos que o sujeito é enganchado pela língua, que causa impressões particulares no aprendiz, representada pelo Outro, inconsciente.

Diante de tudo o que foi dito, concernente à dificuldade com a aquisição da LE, por outro lado, quando nos referirmos à facilidade encontrada pelos aprendizes na aquisição da LE, entendemos que esta facilidade não seria considerada como de todo dócil. Esta direção aponta para alguns questionamentos sobre as diferentes formas de posição do sujeito ao se sentir atravessado pela LE, levando-nos a considerar que:

Cada um tem um mapa próprio, uma maneira particular de se apropriar de um idioma, de se relacionar com quem o ensina, de se posicionar em uma nova língua e, sobretudo, de tornar-se outro. Por todo o trabalho subjetivo que isso implica, chegamos ao nosso fim / ponto de chegada com uma certeza, a de que devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. (Di Paolo; Turra, 2011).

Tendo em vista as particularidades que cada aprendiz tem, ao se envolver no processo de aquisição de um idioma estrangeiro, Freire (2002) aponta para a forma com a qual algumas metodologias de ensino conduzem a aquisição da LE, tais quais a abordagem audiolingual, cognitivista e comunicativa-pragmática, que se referem a métodos voltado para a LE, defendendo a ideia de evitar se apoiar na LM, para a apreensão da LE.

No entanto, são abordagens contraditórias à medida em que reproduzem o ensino/aprendizagem da língua-mãe, como uma estratégia usada na tentativa de atenuar o sofrimento da aquisição de uma LE, como se o processo de aprendizagem da LM não fosse perturbador para o aprendiz. A partir destas abordagens de ensino/aprendizagem, pode-se

identificar a concepção de língua adotada e o tratamento atribuído à habilidade da escrita. E, a concepção de língua seria, ora como ferramenta que pode levar o aprendiz a modificar o seu comportamento e o seu hábito, ora como um sistema com regras que favorecem à organização e elaboração de frases.

As três abordagens de ensino têm em comum, conforme a autora (ibid, 2002), a preocupação em focar a oralidade da língua em detrimento da modalidade da escrita, baseando-se na crença de que existe uma formalização do ensino da escrita que traz sofrimento para o aprendiz. O mesmo tratamento é dado à aquisição da LE: primeiro apreende-se algumas funções comunicativas, interpretadas como frases prontas que envolvem a sequência de tempos verbais, para que este possa se sentir em meio a uma suposta abordagem comunicativa.

Fica claro que esses métodos desconsideram a relação afetiva que temos com a língua, já que esta estaria relacionada à dinâmica psíquica do aprendiz, pelo fato de que “a linguagem estrutura o psiquismo e, por isso, somos servos do significante. [...] E é a linguagem que funda e estrutura o psiquismo” (Macêdo, 2020).

Pode-se enfatizar com Freire (2002) que, ao se supor que a LM é apreendida de forma natural, significa dizer que não há um esforço psíquico por parte do aprendiz. Como se não houvesse nenhum incômodo nesse processo, conforme foi constatado no caso de Wolfson, que experimentava dor ao ouvir o som da LM.

Tais considerações nos remete à Ramos (2009) que, por intermédio de sua pesquisa realizou investigações epistemológicas fundamentadas com algumas análises, questionando quais seriam as estratégias cognitivas usadas pelos aprendizes no que se refere à aquisição da habilidade da escrita, para que favorecesse a formação do aluno-professor como produtor de textos em LE. E, ao solicitar que os sujeitos descrevessem as suas dificuldades com a língua escrita, um dos aprendizes deixa vir à tona a frase: “(...) eu não consigo lidar com isso...” (Depoimento de JVO).

Em um outro momento, o mesmo aprendiz chama a atenção com o seguinte desabafo sobre a forma que se deu a entrada da LE na sua vida escolar: “(...) a professora já entrava na sala e a única coisa que ela ensinava era número, dia da semana... escapando no máximo assim... foi um erro () aí eu tenho grandes grandes.. grandes dificuldades com a escrita... não sei. ” (Depoimento de JVO)

Dito isso, fica claro que “aprender línguas implica muito mais do que a aquisição de saberes, habilidades e competências, mas toda a reconfiguração de processos subjetivos

e identitários que constituem o sujeito.” (Andrade, 2009, p.291).

Nessa mesma direção, temos que:

[...] o desejo de aprender uma língua estrangeira pode ser o desejo de ter escolha, de poder escolher a lei, as regras e muitas vezes o mestre do gozo. É o desejo de ser livre para escolher uma ordem para se exprimir, de impor-se uma ordem por um ato voluntário, aprender, enfim, como se deve falar corretamente e gozar com isso. (Prasse, 1997, p.72).

Feito esse percurso sobre o ato de escrever, o significado da escrita e o que seria escreverem uma LE, pode-se inferir que existe uma preocupação em relacionar “o desejo à compulsão de escrever” (ibid, 2009). Prosseguiremos a nossa discussão, trazendo para esse contexto questões que envolvem a escrita na psicanálise por intermédio da manifestação do inconsciente, tendo como norte os conceitos epistemológicos dos estudos lacanianos.

2.2.3 A escrita na pesquisa em psicanálise: o significante e os dois conceitos de letra de Lacan

Para tratarmos da concepção de escrita na pesquisa em psicanálise e suas manifestações do inconsciente, percorreremos o caminho traçado por Lacan em sua trajetória, que envolve as teorias do significante à letra. Nesse contexto, também estaremos refazendo o itinerário do sujeito no que se refere à sua inscrição no investimento com a falta do objeto através da escrita. Sendo este visto como causa do desejo, já que “o traço tem forma de escrita e as letras produzem efeitos no corpo do sujeito” (Rilke, 1986).

Baseando-se no liame traço e letra, signo e significante, Silva; Silva Junior (2017) fazem uma apresentação do conceito de letra no ensino laciano, a partir do Seminário IX “A Identificação” (Lacan, 1961-1962), descrevendo a diferença em comparação com o texto “A Instância da letra” (1957). Podemos ler nesses autores (ibid, 2017) que no texto “A Instância da letra” (1957), a letra surgiu pela primeira vez como leitura do inconsciente, pelo fato de estase estruturar conforme uma lei da linguagem, que seria a mesma do inconsciente.

Entretanto, algum tempo depois, Lacan dedicou os anos de 1961 e 1962 ao Seminário IX, intitulado “A Identificação”, no intuito de validar o conceito L’instance de la lettre (1957) e fazer desdobramentos sobre a concepção de traço unário. Dessa forma, Silva; Silva Junior (2017) descrevem de que forma a concepção de traço unário contribuiu para dar prosseguimento à definição de letra nos estudos lacanianos. Nesse contexto, a divisão dos conceitos entre leitura da letra e uma escrita da letra facilitará um

entendimento entre signo e significante, por considerar que alguma coisa pode ser marcada ou escrita como significante na história humana. O conceito de letra (La lettre) favorece para que Lacan possa se referir ao ser (l'être) tendo como referência a linguagem, sendo representada pelo inconsciente. Os componentes dessa ordem do ser seriam os significantes, cujas unidades de som não estariam relacionadas à significação, porém estruturadas como linguagem. Assim, a letra representaria a leitura do significante. Esta ideia lacaniana seria proveniente da evocação de figuras alegóricas aludidas por Freud ao fazer análises de sonhos, já que a partir das imagens do sonho se torna possível ler o inconsciente.

Isso ocorre devido à presença de uma moldura simbólica, constituída por significantes, na qual a presença da letra estaria representada como um componente cifrado, apontando para a possibilidade de alcançar a língua do inconsciente. Já que a estrutura da letra obedeceria a uma lei de linguagem, que seria a mesma que se baseia o inconsciente, conforme a teoria lacaniana.

Silva; Silva Junior (2017) prosseguem, apontando para uma modificação no conceito de letra lacaniana. Dessa forma, após o percurso de quatro anos considerando a letra como leitura do inconsciente, esta passa a ser vista, a partir de então, como a escrita do inconsciente. Entrasse contexto o conceito de traço unário por intermédio do seminário IX, simultaneamente ao conceito de letra.

Nesse momento, Lacan concebe que o campo do inconsciente seria o mesmo que o campo do traço unário, ao se referir ao suporte de diferença do supracitado traço, já que na escuta clínica há uma lógica que alude ao traço singular do sujeito. Sendo que anteriormente, ainda no

seminário

IV

intitulado “Les formations de l'inconscient”, o psicanalista já apontava para a possibilidade de fazer uma exploração desse campo, por intermédio da serialidade significante, pois a série significante representaria a fala do sujeito: alienado, contido, separado do Outro.

Os autores (ibid, 2017) prosseguem dizendo que, através desta descrição, tem-se que o traço da diferença unária é localizado no deslocamento do significante, considerado como ordem não natural e simbólica. Quem guiaria ou nortearia esse processo, seria o próprio sujeito, na medida em que surge entre dois significantes, porém este não tem controle sobre os significantes, no sentido de ser determinado pela cadeia do significante. O sujeito não saberia que se refere, todavia ao descrever suas inibições e sintomas, algo que não é de seu conhecimento poderia surgir.

Nesse ponto de vista, a “diferença unária” seria o não saber do sujeito. Na explicação sobre o significado de unário, ainda a partir dos autores (ibid, 2017), considera-se unário como algo que tem em comum um único conjunto. Ao mesmo tempo, essas unidades são mutuamente opostas, pois umas não são concernentes às outras. Essa definição tem como origem a concepção de Saussure que defende ser os elementos de uma língua marcados por diferenças em relação uns aos outros.

Por outro lado, Silva; Silva Junior (ibid, 2017) questionam qual seria a relação existente entre a leitura e a escrita de um traço. A resposta a esse questionamento é aludida a partir do ensino lacaniano. E, entende-se que o liame concebido entre estes, seria por intermédio da relação existente entre a escritura da fala, dos sons e a leitura dos signos. Assim, a escrita seria posterior à leitura de signos. À exemplo dessa afirmação, temos que na representação da cabeça de boi, ao ver o símbolo passaríamos a pensar que se referia àquele animal. Com o tempo, esse símbolo teria uma ligação com um som que equivocadamente seria ligado a outros signos, distanciando-se da relação com o boi. E o signo da cabeça de boi não seria mais associado ao animal.

E, é por intermédio desse conceito lacaniano, que anteriormente a escrever e elaborar o significante, a letra já existia. Esta concepção marca uma diferença no conceito lacaniano, elaborado em “A Instância da Letra”, no qual a letra seria uma estrutura que se localiza no significante. Quando nos referimos ao uso da escrita para elaborar o significante, o uso da letra seria um empréstimo arbitrário da escritura para conceber a fala, não sendo considerado como consequência do significante. Seria, simultaneamente, um uso e uma escrita e não significaria uma leitura.

Dessa forma, Lacan transforma o signo em letra. Dentro desse processo, há um primeiro apagamento para a criação de um sistema simbólico, conforme a estrutura da linguagem. Em um momento posterior, os símbolos que emergem desse apagamento são usados como representantes do som da fala e marca a linguagem. Nesse contexto, surge a letra, pelo fato da leitura do traço escrever o significante, considerados como os fonemas.

Dentro desse prisma, a primeira escrita espera sua fonetização. E, é nesse contexto que será considerada como escrita paralelamente à sua fonetização. Nessa associação, a letra deixa de ter relação à coisa, para existir apenas de uma forma que difere o significante. Portanto, a essência do significante se encontra na letra, passando a se diferenciar do signo. Devendo-se ao fato de que a letra apagará o representante de alguma coisa para alguém, surgindo, nesse contexto, algo sobre o sujeito.

Ainda sobre a obra “A Instância da Letra” (Lacan, 1957), temos que Lacan

considera a letra como “um litoral ou inscrição em forma de borrão, que faz com que o sujeito sobreviva, localizado entre os registros do simbólico e do real” (Souza, 2018; Nascimento; Mello, 2016), trazendo consequências, conforme Souza (2018), pelo fato de pensar a realidade como fantasiada para cada sujeito e ser vista como a linguagem que é não-toda nas modalidades simbólicas.

Nesse momento, a linguagem passa a ser constituída através das associações. O objetivo seria tanto o dito quanto o não dito passarem a ser lidos como letra, não elucidado, devido ao furo do real que não é interpretável, proveniente da cadeia de linguagem. Na qual, o significante representa o sujeito para outro significante.

Quanto à possibilidade de o dito e o não dito serem lidos como letra, Souza (2018) infere que o intento seria se ocupar da linguagem, dedicando-se ao que não pode ser interpretado pelo inconsciente. A saber, seu significante esvaziado, a memorização, os sintomas, as fantasias, a língua, os chistes, os lapsos, os esquecimentos, as formações do inconsciente operada pela fala nas metáforas e metonímias.

Ainda conforme Souza (2018), já no Seminário “Mais, Ainda” (Lacan, 1972/1973), Lacan toma as letras como se funcionassem como ajuntamentos e simultaneamente faz uma abordagem do inconsciente, estruturando-o por esses ajuntamentos e tratando-o como letras. Em seguida, tomando a teoria dos conjuntos, Lacan se refere às letras como um conjunto de traços que atua em grupo e constitui a base da estrutura do inconsciente. A letra surge como célula que estrutura o inconsciente, baseado nos traços mnêmicos, elaborado por Freud.

A interpretação atribuída ao conceito de letra lacaniano dada por Nascimento; Mello (2016) seria que Lacan utiliza essa ideia para se referir ao que é usado como base material do escrito, inscrito como marca no inconsciente. Dessa forma, o *objeto a* se faz letra a partir do estilo da escritura de um determinado autor.

De acordo com Rocha; Rosa (2019), Lacan considera o *objeto a*, como uma construção lógica do encontro do sujeito com a própria falta do objeto. Desta forma, o *objeto a* é a causa do desejo e a psicanálise se inscreve no percurso trilhado pelo sujeito com a falta do objeto.

Ao questionarmos o que o *objeto a* traz para o campo da psicanálise, Lacan diz que:

O objeto da psicanálise (anuncio meu naipes e vocês o verão com ele chegar) não é outro senão aquilo que já expus sobre a função que nela desempenha o *objeto a*. O saber sobre o *objeto a* seria, então, a ciência da psicanálise? Essa é precisamente a fórmula que se trata de evitar, uma vez que esse *objeto a* deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito pela qual se estrutura, muito especialmente, e foi disso que hoje tomamos a partir, o campo psicanalítico. (Lacan, 1966-1998, p. 877/878).

Lacan ainda esclarece que:

Esse *objeto a* não é tranqüilo, ou melhor, caberia dizer que ele não deixa vocês tranqüilos? - e menos ainda aos que mais lidam com ele: os psicanalistas, que portanto seriam aqueles que, de maneira eletiva, eu tentaria esclarecer através de meu discurso. É verdade. O ponto em que encontrei vocês hoje, por ser aquele em que os deixei no ano passado - o da divisão do sujeito entre verdade e saber - é para eles um ponto conhecido. (Lacan, 1966-1998, p. 877/878).

A partir das duas assertivas, Lacan deixa claro que o objeto da psicanálise seria a função do *objeto a*. E, entendemos que ao inserir o *objeto a* e sua função na psicanálise, não se deve considerá-lo tal qual o uso de uma fórmula, pois este não pode ser visto como um terreno tranqüilo para se transitar. Mas, a concepção de *objeto a* pode ser inserida, quando se refere ao caso de o sujeito estar dividido entre verdade e saber, já que seria considerado um ponto célebre para a psicanálise.

Por outro lado, no que se refere à função da letra nos estudos lacanianos, Prado; Canesin; Lima et al (2022) apontam para um duplo papel proveniente do neologismo *Lituraterra* e considerado como princípio material de um outro neologismo: a *lalangue*. No primeiro, o fato de a letra localizar-se no gozo, bordejando o impossível de ser dito, pois a letra está localizada na borda do furo do saber, no entremeio do querer saber e querer gozar. No segundo, a letra se converte em reservatório do gozo. Como destaque dessa dupla função, a letra funciona como recorte no saber – no neologismo *lituraterra* – e como furo, indicador de gozo – no neologismo *lalangue*.

No dizer de Brocco (2020):

Lituraterra é um neologismo criado por Jacques Lacan, para dar conta dos múltiplos efeitos inscritos nos deslizamentos semânticos e jogos de palavras tomando como ponto de partida o equívoco de James Joyce quando desliza de *letter* (letra/carta) para *litter* (lixo), para não dizer das referências a Lino, litura, liturários para falar de história política, do Papa que sucedeu ao primeiro (Pedro), da cultura da terra, de estética, direito, literatura, inclusive jurídicas – canônicas e não canônicas – ainda e quando tais expressões se pretendam distantes daquelas religiosas, dogmáticas, fundamentalistas, para significar apenas dominantes ou hegemônicas (Brocco, 2020, p.511).

Costa (2009) esclarece a assertiva acima de Brocco (2020) ao afirmar que, o que motivou Lacan a criar o neologismo *Lituraterra* foi a colocação inusitada de James Joyce ao produzir a letra como lixo (“*a letter*” – “*a litter*”). Para tanto, Lacan colocou em evidência os campos de saber nos quais a letra se inscreve, produzido pela cultura.

Ainda sobre o significado da palavra *lituraterra*, Prado; Canesin; Lima et al (2022) acrescentam que *Litura* significa rasura, borrão, letras riscadas, letras apagadas. Lacan tenta localizar o estatuto da letra sugerido em *Lituraterra* na escrita e na poesia chinesa. Dessa

forma, o autor retira a ideia de traço único para se referir à noção de letra, dando prioridade ao aspecto da caligrafia.

No dizer de Lacan:

Tomarei emprestados os traços daquilo que, por uma economia da linguagem, permite esboçar o que favorece minha ideia de que a literatura talvez vire em literatura. Não há de causar surpresa verem-me proceder nisso para uma demonstração literária, já que isso é marchar no passo em que a questão se produz. (1975/2003 p.20).

Após trazermos questões sobre a escrita na psicanálise, apontarmos as manifestações do significante, a função da letra e no final referenciarmos os dois conceitos de letra lacanianos, descreveremos a releitura feita por Lacan da pesquisa freudiana quanto à escrita.

2.2.4 Releitura de Lacan da pesquisa freudiana referente à escrita

Importa-nos trazer também a pesquisa de Freud, no que se refere à escrita e ao traço e a releitura de Lacan. Para tanto, no artigo “Uma nota sobre o Bloco Mágico” (1925), conforme Serafin (2006), Freud faz uma reflexão sobre o funcionamento da escrita em uma metáfora escritural, no intuito de pensar o aparelho psíquico. O psicanalista se refere ao ato de escrever diariamente como uma exigência, para que seja possível garantir o funcionamento da memória. A escrita seria um suporte da memória e um traço para ser acessado.

Todavia, conforme a metáfora freudiana, ao preencher uma determinada folha através da escrita, necessitamos de outra folha em branco. Partindo-se dessa constatação, Freud questiona como poderia ser constituído um aparelho psíquico que preservasse o traço e se apresentasse como uma superfície aberta a outras escrituras.

Nesse momento, este introduz a questão do apagamento e inventa o *Bloco Mágico* que representa a concepção de aparelho conceptual. O *Bloco* retrataria uma escrita na qual o traço permanece, pois a escrita não dependeria da caneta, mas poderia ser feita com um objeto pontiagudo para marcar a superfície. A marca pode ser apagada e preenchida com novos traços, pois o traço ficará retido enquanto marca na prancha da escrita. A partir dessa invenção, Freud mostra a forma como o apagamento ou a presença do traço constituem o registro psíquico.

Conforme Serafini (2006), da metáfora freudiana, a partir da releitura realizada por Lacan, enquanto a importância da escrita em Freud estava na superfície – impressão e

marca –para Lacan a importância seria atribuída à relação do traço com a sua legibilidade. Desta forma, Lacan vai defender que a leitura funda a escrita e se distancia da noção de que a escrita precede a leitura. Justificado pelo fato de que, “Lacan propõe que toda letra tem endereço, ou seja, sua própria produção resulta de um endereçamento pulsional, alienado ao Outro desde o início. É nesse sentido que a leitura é anterior a uma escrita” (Costa, 2009, p.28).

Por outro lado, a escrita na psicanálise, de acordo com Souza (2018) deve ser considerada do significante à letra, pelo fato de o escrito em psicanálise passar pelo dito e pelo não dito, podendo ser falado ou feito à mão, como na escrita chinesa, obras literárias ou em uma tese – cada um diz de si. Na psicanálise o si é o sujeito do inconsciente ou o que escreve aquilo que é proveniente entre o Eu e o Id, conforme diz Freud. O sujeito do inconsciente surge do que seria escrito na instância da letra.

Ainda de acordo com Souza (2018), seria a associação livre que aponta para a possibilidade de “falar de si” ou de “escrever-se” como um furo. Como exemplo tem-se a possibilidade de fazer associações das formações inconscientes de estrutura significante e surgir como sujeito. Nesse momento, o sujeito seria marcado como livre, por não ser considerado isso ou aquilo. Instante no qual se fala e não se escuta: no topos do escrever-se.

Diante de tudo o que foi dito, para contextualizarmos a nossa pesquisa, encontramos a possibilidade de fazermos uma abordagem de nossos estudos baseando-nos nos ensinamentos lacanianos, tanto no que se refere à concepção de sujeito que toma para si o exercício da alteridade por intermédio da escrita – em sua interposição e interação com o mundo, através da tentativa de atingir um outro de si na busca de sua completude – quanto no que se refere à inscrição da escrita no seu próprio corpo, como se estivesse registrando o traço no corpo, na tentativa de ler a si mesmo como uma escrita.

Conforme a abordagem epistemológica aqui desenvolvida, fica evidente que, primeiro a letra para Lacan faz referência à leitura do inconsciente, para em seguida, ter como foco a letra como escrita do inconsciente. Ao mesmo tempo, fica clara a concepção de traço como constituinte do sujeito. Esse evento nos conduz a manter aberto um diálogo com essas teorias que circundam o nosso trabalho, pelo fato de que, o ato de escrever assinala a estratégia usada pelo aprendiz. Baseando-se na crença de que esse seria o seu método de aprendizagem de LEs. Dito de outro modo, a sua relação com a linguagem é intermediada pela escrita.

Essa atitude sugere uma concepção de escrita como “aquilo que se inventa em torno

dodesconhecido; aquilo que o si inventa com o não-sabido do inconsciente: a letra carregada pelo significante dá voltas no desejo. Modo de ‘fazer com as mãos’ como resposta topológica ao real, esse indizível que nos determina.” (Souza, 2018, p. 1301).

Esse contexto faz referência à existência de uma relação entre a escrita, o inconsciente e o significante.

No dizer de Ritvo:

O inconsciente lê uma escrita em ruínas e a transforma em significante. Mas, observem, trata-se obviamente de um campo metafórico - como se a função do inconsciente consistisse em cifrar e decifrar continuamente marcas apagadas, marcas em estado de ruínas, marcas que se constroem e voltam a destruir-se incessantemente. O que o inconsciente faz é inventar, cifrar e não decifrar. O decifrar é a suposição do inconsciente em relação ao sujeito suposto saber, isto é, um sujeito suposto decifrador do que cifra o inconsciente, mas o que o inconsciente faz é apenas trabalhar cifrando. (Ritvo, 2000, p. 16).

O fragmento acima, favorece para que seja possível refletir sobre o processo de envolvimento de repetição diária da escrita, fazendo-nos entender que é possível alcançar que o inconsciente exerce apenas a função de inventar, codificar, mas não de decodificar as marcas de significantes.

Dessa forma, o processo de escrita diária contribui para que se possa alcançar a fundação de si, constituído de um desejo de ser, pois é lá que se encontra a linguagem em seu limite último (*fallasser*), como se quem escreve em uma LE tentasse suprir a sua *falta-a-ser*, não encontrada na própria LM.

Conforme Teo (2021), Freud demonstrou que o inconsciente é um texto que pode ser lido. Porém Lacan veio a sublinhar esta assertiva quando ressaltou que não pode ser lido de qualquer modo ou maneira, pois o texto do inconsciente é uma escrita que pode ser lida apenas sob condições muito específicas, numa relação, numa posição de não-saber, na transferência analítica.

Teo (2021) prossegue dizendo que em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, ao fazer descrição da memória por intermédio da inscrição de traços mnêmicos, Freud afirma que a experiência fica registrada na memória como um traço, no formato de escrita. Sendo o inconsciente formado pelas memórias que foram recalçadas, então pode-se considerar o inconsciente como um texto antigo ou um texto arqueológico de traços que foram soterrados.

Essa analogia do inconsciente com um texto arqueológico de traços soterrados e armazenados na memória corrobora à descrição de Buschinelli (2018), sobre o mergulho nas águas psicanalíticas da escrita. No qual, no momento que se procura no fundo dos mares da escritura seus corais, cavernas, algas, relevos e correntes marítimas, seria necessário

estar com uma vestimenta não apenas apropriada, mas também modelada ao nosso corpo, para usufruirmos da liberdade de nadarmos pelas águas que apreciamos.

Ora, se as memórias recalçadas dão forma ao inconsciente e ao mesmo tempo, a memória é o local no qual ficam os registros das experiências traçadas como escrita, o que ressoa da memória é a expressão do texto armazenado e soterrado no inconsciente, ao mergulharmos nas águas psicanalíticas da escrita, tanto a vestimenta é própria a cada um “mergulhador”, como também são próprias “as cavernas”, “os relevos” e “as correntes marítimas”. Pois, “passar pelo escrito é uma experiência de castração, dos efeitos da letra que passam pelo corpo, onde se lê, se teoriza, se decifra e se inventa em torno da falta que nos causa, o fazer de cada sujeito” (Souza, 2018. p.129).

Levando em consideração o que já foi dito sobre o conceito de traço e letra nos estudos lacanianos, já que a escrita na psicanálise deve ser considerada dos princípios de significante à letra, as concepções mais relevantes referentes ao “liame letra, significante e inconsciente se referem à letra considerada como a incidência material do significante; à letra vista como os ajuntamentos, a célula estrutural e a base material do escrito, inscrito como marca no inconsciente” (ibid, 2018).

Ao mesmo tempo, concebeu-se a letra vista como: litoral ou inscrição em forma de borrão que ocorre entre o imaginário e o simbólico (Nascimento; Mello, 2016); a letra como sendo o próprio *objeto a* (ibid, 2016), presente no estilo do autor ou daquele que escreve. Por outro lado, tanto o dito quanto o não dito foram reputados como letra (Souza, 2018) por intermédio da memorização, dos sintomas, das fantasias, da língua, dos chistes, dos lapsos, dos esquecimentos e das formações do inconsciente operada pela fala nas metáforas e metonímias.

Conforme Freud e Lacan, nossas marcas deixadas no inconsciente determinam nossas impressões escritas (Moschen; Sei, 2014). Cada um de nós tem um enlaçamento com a escrita e o universo do sujeito é composto pelas letras e esta relação inicia antes do nascimento (Guimarães, 2007). Fica claro que por ser guiada pelo inconsciente, a escrita pode capturar o sujeito (Paiva, 2016) e a psicanálise só reconhece o significado pela função da escrita, através da transmutação do significante em letras lidas (Elia, 2007).

Portanto, podemos dizer que existe uma relação entre a escrita, o inconsciente e o significante (Serafin, 2006; Costa, 2009) e que para manifestar-se como sujeito é necessário uma elaboração dos esquemas inconscientes do arcabouço significante. Assim, através do exercício da letra, por intermédio da escrita, o sujeito passa a ter uma ligação distinta com o inconsciente.

2.2.5 Liame com o primeiro momento desse capítulo

No primeiro momento desse capítulo, buscamos bases epistemológicas para tratarmos do lugar da escrita na relação que o sujeito mantém com LEs. Para tanto, reconhecemos que o inconsciente é uma escrita que deve ser lido (Teo, 2021), sendo considerado como uma linguagem ou um efeito de linguagem (Lacan, 1971). Isto significa que, simbolicamente o inconsciente é constituído a partir dos significantes que representam o sujeito para outro significante (Nascimento, Mello, 2016; Souza, 2018) a partir dos conceitos psicanalíticos lacaniano. Por outro lado, entendemos que existe uma relação do inconsciente com a letra e com o significante e estes seriam considerados como elementos da linguagem (Souza, 2018).

Isso posto, enfatizamos o papel da escrita a partir da noção e da função de letra, considerando a teoria sobre o significante e apontando para a possibilidade de compreendermos impactos no sujeito dividido (Nascimento; Mello, 2016), interessa-nos o entremeio dos efeitos da LM e da LE, já que conforme Brazão (2010) no momento de enunciação, essas línguas se tocam e causam estranhamento no ouvinte/leitor.

No intuito de entender a relação psicanálise e linguagem, ao mesmo tempo, tratamos do liame existente entre memória, inconsciente, letra e corpo e entendemos que a memória tem o formato de escrita e que o inconsciente é visto como um texto arqueológico de traços soterrados na memória (Teo, 2021), no qual as letras produzem efeitos no corpo (Rilke, 1986).

Dessa forma, é necessário trazermos teorias que referenciam epistemologicamente a psicanálise da LE, para que seja possível fazermos reflexões que nos levem a descrever a relação subjetiva que o sujeito desse estudo de caso mantém com algumas LEs, bem como questionarmos a possibilidade de analisar o significado e a função de cada língua para o aprendiz, de maneira geral.

Nesse cenário, partiremos de conceitos que trazem questões relevantes concernentes à junção entre a linguagem e o desejo inconsciente de um aprendiz poliglota autodidata e a sua relação com a língua como sintomático da sua dinâmica psíquica. Ao mesmo tempo, traremos conceitos teóricos que envolvem o inconsciente e a aquisição de LE no que se refere aos excedentes simbólicos como instigadores de um desejo de um outro da LE. Assim, apontaremos questões relevantes concernentes à intenção inconsciente que o aprendiz tem

proveniente de sua dinâmica psíquica, que reverbera na sua relação com a língua.

2.2.6 A psicanálise da Língua estrangeira: o desejo inconsciente do aprendiz e a relação coma língua como sintomática de sua dinâmica psíquica

A questão de saber se devemos fazer coincidir o psíquico com o consciente, ou aumentar a abrangência daquele, soa como uma discussão vazia em torno de palavras; mas posso assegurar-lhes que a hipótese de existirem processos mentais inconscientes abre o caminho para uma nova e decisiva orientação no mundo e na ciência (Freud, 2006, p. 31-32).

Tendo em vista a proposição acima, interessa em nossa pesquisa fazermos uma abordagem orientada, conforme Freud, pela possibilidade da existência de processos mentais inconscientes. Nesse contexto, partiremos de conceitos que trazem questões relevantes concernentes à junção entre a linguagem e o desejo inconsciente de um aprendiz poliglota autodidata e o seu relacionamento com a língua como sintomático da sua dinâmica psíquica, no intuito de nos empenharmos em trazer considerações que contribuam para tratarmos da psicanálise da LE.

E, a partir da concepção da forma que a língua funciona, como:

Um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros. (...) Tal sistema constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. (Saussure, 2002, p. 133/ 139-140).

Nessa perspectiva, conforme já foi dito, o fato de nos basearmos em uma concepção de língua cujo local de fundação é atribuído ao psiquismo do sujeito, faz-nos trazer a descrição feita por Brazão (2010) no que se refere à existência de um entrecruzamento entre LM e LE e a relação de proximidade que ocorre a partir do movimento realizado pelo aprendiz. Portanto, considera-se que essas línguas têm uma importância psíquica na vida do sujeito e por ser a LM responsável por esta estruturação, a aquisição de uma LE passará sempre por uma inscrição na língua-mãe, provocando um estranhamento no aprendiz, podendo ser visto como o movimento da língua e suas manifestações inconscientes.

Entretanto, conforme Brazão (2010), esse estranhamento não seria superado quando o sujeito adquire mais conhecimentos sobre a LE, pelo fato de existir uma lei que governa internamente o funcionamento da língua e do inconsciente. A existência dessa lei aponta para a possibilidade de uma explicação que vai além do fator biológico do sujeito, passando a ser interpretada através de funções psíquicas.

Dito isso, torna-se relevante retomarmos as proposições freudiana e lacaniana, quanto à concepção de inconsciente e a sua relação com a linguagem. No dizer desses autores:

O inconsciente é certamente o verdadeiro intermediário entre o somático e o psíquico, talvez seja o *missing link* tão procurado. (Freud, 1887-1904 / 1986).

O inconsciente é estruturado como linguagem. (Lacan, 1986, p. 22).

Considerando as duas asserções, no intuito de interpretarmos a assertiva freudiana, no que se refere ao fato de Freud apontar para a possibilidade de o inconsciente ser o mediador entre o somático e o psíquico, entendemos que a partir da possível leitura que pode ser realizada, através da mediação do que seria expresso pelo inconsciente, podemos alcançar a forma com a qual a linguagem se estrutura para o sujeito.

Esta concepção freudiana que considera o inconsciente como um *missing link*, remete-nos à observação de Weissmann (2017) no que se refere à existência de traços inconscientes que circulam através da língua e o modo que os sujeitos transmitem os mais profundos sentimentos, desejos e anseios, ao perceber que pode se comunicar em uma LE.

Esses traços inconscientes interessam em nossa pesquisa, já que questionamos se as relações com a LE podem desvelar traços com a LM e o desconhecimento de si, que provoca um estranhamento no aprendiz de uma LE, parece fazer com que a comunicação em outra língua favoreça para que o sujeito se sinta menos exposto a situações do não familiar na própria LM, talvez buscando um “*missing link*” ou um elo perdido de si mesmo. Esse elo faltoso aponta para a possibilidade de o inconsciente intermediar situações que podem fugir do controle do falante através de lapsos, chistes, atos falhos, deslizos e tropeços, como se fosse possível a existência de um emissor idealizado.

Questionamos, então, se o que parece ser visto como um estranhamento de si, pode ser interpretado como se o sujeito estivesse perdendo a si mesmo. E, falar a LM e estar exposto à aquisição de outras línguas, o faz retornar ao início de sua relação com a LM, já que existe “o incontestável laço que cada sujeito mantém com a língua materna, constitutiva do sujeito” (Coelho; Vilar de Melo, Carvalho, 2020, p. 277).

Quanto ao aforismo lacaniano “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, denota alcançar o que parece ser de mais íntimo do sujeito. Fica claro que Lacan dialoga com a concepção freudiana de inconsciente, para dar origem ao seu supracitado aforismo. E, de acordo com as perspectivas aqui apresentadas, partimos da premissa, fundamentada em Baratto (2009), que há mais desconhecimento do universo psíquico do que conhecimento por envolver a existência do inconsciente, inferido a partir das suas manifestações.

Diante de tudo o que foi dito, consideraremos a complexidade que as concepções de inconsciente nos traz, por apresentar a ideia de múltiplos significados e trazer leis de associação própria. Assim, à luz da psicanálise freudiana e lacaniana aprofundaremos questões sobre a relação existente entre a linguagem e as formações do inconsciente, já que “a teoria do inconsciente é fruto de um longo e laborioso processo de construção” (Baratto, 2009) e “a psicanálise é uma filosofia do desejo inconsciente (Santos, 2015).

Por conseguinte, ensejaremos questões sobre o inconsciente e a LE, para tratarmos dos excedentes simbólicos como instigadores do desejo de alteridade na aquisição de LE.

2.2.7 O inconsciente e a aquisição de língua estrangeira: os excedentes simbólicos como instigadores de um desejo de um outro

Para trazermos questões relacionadas ao inconsciente e à aquisição de LE, é relevante retomarmos alguns conceitos que já foram apresentados a partir do embasamento teórico do capítulo 01 do nosso trabalho de tese, no que se refere ao não familiar da LM, para nos situarmos concernente à continuidade do embasamento teórico da nossa pesquisa. Dito isso, no supracitado capítulo, a *lalangue* foi vista como aquela que contribui para que o falante seja o estranho do próprio idioma materno (Moraes, 1999).

Ao mesmo tempo, consideramos o estranho do ponto de vista da LE, quanto ao fato do processo de estranhamento ser ocasionado pelo distanciamento existente entre a LE e a LM, por ser esta a língua da primeira infância (Gasparini, 2010), corroborando à constatação de que ao tomar a palavra na LE, o sujeito vive um estranhamento (Cavalheiro, 2008). Entendemos, também, que os sons da LE faz o aprendiz se sentir um estranho na LM e que aprender outra língua é fazer a experiência de seu próprio estranhamento (Revuz, 2008).

Importa nesse capítulo, acrescentarmos contextos teóricos que nos embase quanto ao encontro do aprendiz com a LM e a LE, para que possamos nos aprofundar em questões que envolvem a alteridade na LE, bem como pontuarmos algumas concepções relacionadas ao conceito de familiar e de estranho no entremeio do idioma materno e da LE. Para tanto, entendemos que seja possível, a partir da interface inconsciente e aquisição de LE, considerar o não familiar da LM, sendo visto como as representações dos excedentes simbólicos (Herrmann, 2015) da língua mãe, que leva o sujeito a se engajar em prol de um desejo de um outro da LE.

Já que, conforme foi dito no primeiro capítulo do nosso trabalho, no sistema simbólico

ocorre uma organização que inclui a constituição e a experiência do sujeito, o que faz com que o registro simbólico seja considerado como a dimensão da palavra do ser humano (Fávero, 2022); que o eixo simbólico faz emergir a linguagem como o campo do Outro (Barroso, 2015); que no campo simbólico atuam os significantes constituintes do sujeito (Herrmann, 2015). E, que os representantes da pulsão nesse registro representa o espaço da subjetividade, corroborando à assertiva de que “é em referência a ordem simbólica que se pode falar em sujeito e subjetividade a partir de Freud, e em especial após a produção teórica de Lacan (Torezan, 2009, p.35).

No que se refere à ordem simbólica, segundo Moraes (1999) existem elementos excedentes que determinam o sujeito simbolicamente e que a LE contribuiria, nesse contexto, como um modo de leitura da LM. Dito de outro modo, o sujeito teria um sistema simbólico que se inscreveu por intermédio do inconsciente. E, a LE agiria como mediadora da sua relação com esses segmentos, momento no qual o aprendiz se encontraria entre o estranho e o familiar da LM.

Assim:

(...) é necessário, portanto para compreendermos o estatuto da diferença ou da semelhança entre línguas, que as abordemos a partir daquilo que na Língua Materna se apresenta como Estranho e como Familiar, isto é, daquilo que é Familiar no Estranho ou Estranho no Familiar, e que tomemos tão somente do ponto de vista da relação com o sujeito (Moraes, 1999, p.9).

Dito isso, ao considerarmos o envolvimento do aprendiz no duplo processo com a LM, seja de estranheza no familiar ou de familiar no que seria considerado como estranho, convoca-nos a entender que esse entremeio seria a causa do desejo do sujeito pelo outro. Denotando ser encontrado em LEs, por estar diante de excedentes simbólicos da LM.

Tais considerações remete-nos a Souza (2008), ao descrever o encontro dos contrários freudiano, no ensaio “O estranho” *Das Unheimlich* (não familiar), no qual na palavra *Heimlich*, traduzida como familiar, encontram-se simultaneamente o familiar e o estranho. Querendo dizer que, o sentido da palavra *Heimlich* é tão ambivalente que coincide com o seu oposto *Unheimlich* (em alemão). Sendo, portanto, considerado como um achado semântico, que remete ao conhecido e familiar.

Lacan (1960/1998) inventou um nome para falar dessa região, que seria a “terra estranha interior”, entendida como êxtimo ou extimidade. Este designa de maneira problemática o real no simbólico, pelo fato de o real abrigar uma heterogeneidade radical.

Para Guimarães (2013) a designação “terra estranha interior” seria atribuída a uma região cuja exclusão ocorreu, ocasionada pelo recalçamento que Lacan (2008 [1968-69])

cunhou como extimidade (êxtimo). O “Ex” significaria exterioridade, como também tempo, indicando intimidade exterior. Significando dizer que, há uma incidência do real no simbólico, no entanto o simbólico abrangeria uma heterogeneidade radical. Em outros termos, “o tema o outro é tão íntimo que essa intimidade é extimidade. É um mais-além interno” (Miller, 2010, p. 12) ou “a terra estranha interior” aludida por Lacan.

Ainda de acordo com Souza (2008), o enlace entre o registro simbólico é denominado de estranho e nos apresenta no imaginário. Sendo esse o local no qual tudo se esclarece. Entretanto, o estranho estaria aí em uma nudez que dá um caráter terrorífico pela presença da angústia, característica do real como impossível de suportar. Experimentar o estranho parece uma indicação de ruptura no tecido do mundo, daquilo que constitui a realidade que nos é proporcionada como experimental, tais quais a nossa teia de véus, imagens, sentidos e os nossos fantasmas.

Fica claro que a LM pode causar um caráter terrorífico e que favorece a existência de uma angústia, pela qual o sujeito procuraria a LE como uma reconstrução psíquica do possível dano que a LM pode causar. Levando isso em consideração, Ayouch (2015) descreve a existência de uma clínica para pacientes estrangeiros que recorrem a LE para mediar problemas psíquicos com a LM, a saber:

(...) No atendimento a pacientes estrangeiros, fui confrontado com uma clínica da “revitalização” da língua nativa pela língua estrangeira, quando os pacientes recorriam à língua estrangeira para se reconstruir psicologicamente, e afastar o arrombamento da língua materna. Para o/a multilíngue ou o poliglota, a nova língua permite evitar a invasão de um trecho da língua materna fortemente investido. (Ayouch, 2015, p. 88).

Se por um lado a LM é aludida como sendo capaz de causar um “arrombamento” psíquico, a LE é referenciada como aquela que proporciona a possibilidade de o aprendiz se refazer, no tocante ao possível estrago que o idioma materno pode causar no sujeito poliglota, apontando para a possibilidade de evitar que a LM seja invasiva. Faz referência à “terra estranha interior” lacaniana, cuja habitação provoca um estranhamento de si mesmo. A clínica de “revitalização” teria como objetivo tratar dessa brecha ocasionada pela própria LM, tendo como aliada a LE.

Conforme Souza (2008), o estranho se apresenta como “doloroso fastio do mundo” e o estrangeiro seria o passageiro da diferença, o desalento, a dor, o medo, e as paixões tristes. No entanto, nesse contexto o estrangeiro se alia à alegria do novo, à afirmação do múltiplo; afirmação trágica do plural e do diferente.

Diante de tudo o que foi dito sobre o estar no entremeio da LM e da LE, podemos fazer

algumas considerações relevantes no que se refere à interface inconsciente e LE, a saber:

Se o inconsciente é a língua estrangeira de todos, o/a estrangeiro/a, ao ser confrontado/a com uma nova língua, vive novamente essa estrangeiridade. Contudo, a nova língua pode também permitir um novo velamento das coisas, como na experiência da criação poética, quando o/a poeta/isa desmonta a relação rígida entresignificado e significante e instila à língua uma nova vida” (Ayouch, 2015, p. 99).

Através do reconhecimento de que, o encontro com uma LE proporciona a mesma sensação de estrangeiridade do inconsciente, fica claro que esta vivência provoca um estado de vigilância aprendiz, causando a impressão similar a que um/a poeta/isa tem ao usar a linguagem de uma forma que só seria aceitável no campo da literatura. E, por intermédio da licença poética ou incorreção da linguagem, desfaz a relação entre significado e significante injetando algo novo à língua.

Confome Melman (1992) o que caracterizaria a língua como LM, seria o fato de que esta produz a interdição da mãe. O que nos leva a pensar que o próprio objeto interdito e a significância da língua está nesse interdito. Nela são introduzidos pelo falante o jogo poético, os lapsos, os deslizos e os tropeços, tendo na escuta de seus locutores desejos de coisas comuse de outra coisa, mesmo que essa outra coisa esteja interdita, apesar de ser causadora do desejo.

Pode-se afirmar com Melman (1992) que, o recalco da falta interdita passa a constituir um estoque de unidades significativas no inconsciente. E, o retorno destas unidades na fala faz com que a presença desta falta seja traída através dos lapsos, deslizamentos e dos tropeços. Essa descrição sinaliza a ocorrência do recalco de um desejo, que foi interdito e a presença do “estoque de unidades significativas inconscientes”, parece proporcionar a possibilidade de os desejos serem escutados sob a forma de uma das habilidades da LE.

Ainda de acordo com o autor (ibid, 1992), a despeito da interdição do objeto idealizado, o sujeito pode tentar buscar a aparição do inconsciente como se fosse uma “alegoria do corpo materno”, mesmo que as unidades significativas não lhe estejam disponíveis.

Essa descrição faz alusão a uma ruptura da cadeia de significantes, conforme Rosso; Prudente (2019), por haver um empecilho nas representações psíquicas, o que causaria uma desestabilização do Simbólico, proporcionando uma angústia por estar diante da face do Real. E, quando em contato com uma LE, o sujeito se sentiria em meio a uma falta de um domínio de algo que foi recalco na LM. Significando dizer que o seu

repertório não seria considerado suficiente, ao estar diante de sons e de símbolos diferentes da sua LM, já que envolve a estruturação de sua subjetividade e os seus reflexos.

2.2.8 Considerações relevantes

À guisa de fazermos algumas considerações relacionadas ao percurso realizado na segunda parte do segundo capítulo, tratamos de concepções epistemológicas quanto ao inconsciente e à aquisição da LE (Carvalho, 2008; Gasparini, 2010; Melman, 1992), fazendo uma abordagem que levasse em consideração os excedentes simbólicos que instigam o desejo no aprendiz de um outro da LE (Ayouch, 2015; Herrmann, 2015).

Ficou claro que há uma possibilidade de a partir de um movimento realizado pelo aprendiz, existir um entrecruzamento entre a LM e a LE (Brazão, 2010), por causa da importância psíquica dessas línguas para o sujeito, já que o psíquico seria o lugar que inaugura os processos inconscientes (Fernandes, 2006).

E, pelo fato de a inscrição da estruturação psíquica ser realizada pela LM, pois o aprendizado de um idioma estrangeiro passa pelo crivo da língua de origem do aprendiz, fica evidente que a própria LE parece favorecer para que o aprendiz se sinta menos exposto à situação não familiar (Moraes, 1999) da língua-mãe. E, essa condição seria mediada pelo inconsciente. Este também seria responsável pela intermediação de situações que estão fora do controle do falante.

Baseando-nos no que foi dito, o estranho pode ser visto como um gêmeo do eu que divide e desconecta o sujeito, na medida que o leva a uma conexão com a “terra estranha interior”, deixando-o “fora da realidade” (Souza, 2008). Esse estranhamento é proporcionado, seja pelos sons da LE ou pelo próprio processo de aquisição, causando um estranhamento na LM (Revuz, 1998). E, é desta forma que no entremeio das línguas materna e estrangeira o aprendiz experimenta o familiar e o estranho (Moraes, 1999)

Por intermédio do percurso trilhado até aqui, fica claro que, existe uma relação entre a linguagem e a formação do inconsciente. Como consequência, o sujeito responde por aquilo que faz sem saber por quê. (Nápoli, 2011). A escuta do inconsciente pode ser realizada a partir das palavras ditas pelo próprio sujeito. Nelas estão as raízes do inconsciente e é através dela que este pode ser escutado (Coutinho Jorge, 2005). E, é desta forma que Lacan atrela o funcionamento do inconsciente à pulsão, ao invés de apenas à linguagem (Barroso, 2015).

A partir das concepções epistemológicas desenvolvidas na segunda parte do segundo

capítulo, inferimos que, na relação peculiar que o aprendiz mantém com a LE denota haver um desejo inconsciente que ressoa como sintoma da sua dinâmica psíquica, coexistente a um desejo proveniente de uma falta causada pelo arrombamento da própria LM (Ayouch, 2015). O que nos leva a interpretar que os excedentes simbólicos da LM seriam os instigadores deste vazio que causaria uma sensação de incompletude, considerada como se levasse o sujeito a idealizar um suposto desejo de um outro da LE. Apontando, então, para a possibilidade de este alcançar um novo velamento das coisas, proporcionado pelo idioma estrangeiro (Ayouch, 2015).

No próximo capítulo faremos uma definição dos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, apresentando as teorias que nortearam o nosso embasamento teórico. Também faremos um esboço do perfil do sujeito do nosso estudo de caso e dos instrumentos de coleta, sendo considerados como dados para análise, as entrevistas não-estruturadas; as imagens dos textos escritos em lugares comuns e os registros escritos nos lugares mais inusitados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo, descreveremos a nossa proposta metodológica, fundamentada em uma pesquisa que dialoga com o liame linguística e psicanálise. Para tanto, “o pesquisador não precisa ser um psicanalista atuante. Pode ser um filósofo, um historiador, um sociólogo ou um crítico literário” (Figueiredo; Minervo, 2006), dentre outros. Desse modo, esse tipo de pesquisa não requer a análise de um analista atuante, pois “tem a psicanálise como tema, sem ser propriamente uma pesquisa psicanalítica” (Naffah Neto; Cintra, 2012, p.33). Portanto, estando situada entre esses campos, a pesquisa em psicanálise se torna o nosso guia, já que :

O trabalho do pesquisador em psicanálise envolve conviver com os impasses e aporias do vivido (e do não-vivido) em suas múltiplas implicações e em seus múltiplos sentidos éticos, estéticos, experienciais. Contemplando e fazendo desdobrar o múltiplo e o complexo sem, em nenhum momento tentar reduzi-lo, simplificá-lo, retirando dele sua dimensão temporal e mutativa. (Ibid, 2012, p.48).

E, para nos situarmos no que se refere à pesquisa psicanalítica, segundo Nogueira (2004), Freud (1910/1976) trouxe o que se considera como transmissão da pesquisa, destacando-se os cinco quadros clínicos que foram expostos em suas obras completas. Sendo estes, conforme Vieira (2021) reconhecidos como os casos da clínica psicanalítica freudiana, a saber, Dora, Hans, Homem dos Ratos, Schreber e Homem dos Lobos, que foram considerados como paradigmas por seus sucessos e impasses, proporcionando ao leitor a possibilidade de entender como se dá a invenção das formas de viver do sujeito, através da descrição de seus sofrimentos e sintomas psíquicos.

Contudo, Iannini (2022) ressalta que esses casos clínicos não devem ser vistos como se fosse um manual ou exemplar a ser seguido de maneira literal, do que seria considerado como histeria, neurose, perversão, psicose ou obsessão, que se apoia sob o julgamento X é P. Por outro lado, a relevância deve ser atribuída à singularidade da solução do sintoma, já que cada sujeito tem em sua particularidade algo de sua representação subjetiva, não podendo ser representado por uma determinada categoria para descrevê-lo. Assim, devem ser vistos como uma contribuição para reformular teorias e técnicas.

Todavia, esses eventos dizem respeito à pesquisa psicanalítica, que trabalha com casos clínicos. Importando à nossa pesquisa por esclarecer que junto a esta contribuição paradigmática de casos freudianos, conforme Nogueira (2004), Freud criou a noção de inconsciente para dar conta de alguns fenômenos da linguagem, tais quais, os atos falhos, sonhos, esquecimentos e os sintomas, considerados como manifestações do inconsciente.

Dessa forma, referenciaremos questões relevantes concernentes à pesquisa em psicanálise, na qual nos propomos nortear o nosso trabalho de tese, por se tratar de um:

Território heterogêneo, apontando para a possibilidade de diversificar e refinar o modo como abordamos e compreendemos os processos psíquicos, sem cairmos numa simplificação, discriminando as salutares flexibilidade e criatividade que oxigenam essa ciência, zelando por aquilo que fundamenta a racionalidade da psicanálise. (Sampaio; Amazonas, 2020, p.93).

Nesse contexto, segundo Bastos (2015), é importante ressaltamos que nesse tipo de pesquisa a manifestação do inconsciente ocorre no formato de tropeço e é interpretado como se fosse um achado e por estar na iminência de escapar, acrescenta ao achado a dimensão de perda.

Quanto ao liame Linguística e psicanálise, segundo Nogueira (2004), Lacan contribuiu com o estabelecimento da psicanálise como ciência. E, para Figueiredo; Vieira (2002), a subvenção da linguística favoreceu de forma relevante os estudos lacanianos, pelo seu apadrinhamento para que Lacan construísse um enredo de ação para a psicanálise, a partir do viés desta supracitada investigação epistemológica.

Dito isso, conforme Nogueira (2004), o próprio método científico em psicanálise já seria considerado como uma pesquisa, por ser vista como uma experiência que contempla a originalidade. Desse modo, através do método analítico, Freud influenciou a pesquisa quantitativa e a psicanálise seria um tripé que constitui um corpo teórico, dando uma base para a intervenção e a investigação.

No que se refere à construção do caso, temos que:

Na construção do caso como forma de pesquisa em psicanálise (...) de um lado, o sujeito elabora um saber sobre seu sintoma e sobre a verdade de seu desejo; de outro, o analista constrói um saber sobre o caso. Em ambos os casos há um manejo do saber que permite revelar algo da verdade do sujeito. (...) Na construção do caso, portanto, o analista também está aberto à surpresa e à invenção. Isto significa que os elementos contingentes surgidos (...) interferem constantemente na construção do saber sobre o caso (Val; Lima, 2014).

Visto por esse prisma, a construção do caso na pesquisa em psicanálise, segundo Siqueira; Queiroz (2020), seria visto como um relato, no sentido de o enredo ser tecido com o intuito de alcançar a sua singularidade. Dessa forma, o caso teria uma marca que causa efeito no investigador, levando-o a fazer questionamentos que provocam discussões, a partir de um relato, culminando em uma elaboração de uma teoria. Considerando esta descrição, entendemos que o caso produz um efeito significativo e que não poderia jamais ser considerado como um efeito experimental.

E, levando em consideração a aproximação da nossa pesquisa com a experiência em psicanálise, no que se refere às informações estratégicas correlacionadas ao tema proposto que contribui para a construção desse caso, atentaremos à estranheza do sujeito da pesquisa, no que se refere à sua dedicação de escrever em alguns idiomas estrangeiros incansavelmente.

Logo, a maneira pela qual a psicanálise vê o sujeito norteia a nossa pesquisa, a saber “um sujeito clivado, sem qualidades, vazio, caracterizado pela possibilidade constante de vir a ser. Esse sujeito emerge da relação significante, pois um significante representa o sujeito junto a outro significante” (Coelho, 2006). Melhor dizendo, seria um vir a ser, por isso o inconsciente se forma a partir daquele momento do ato falho.

3.1 Um olhar no Relatório de transcrição das entrevistas não-estruturadas

A compilação de dados consistentes do nosso trabalho de tese é proveniente de material oriundo de transcrições de áudios cujos conteúdos são gravações realizadas via celular, por intermédio do aplicativo denominado *WhatsApp*, no qual os diálogos foram realizados em modalidade de entrevistas.

À vista disso, tomamos a entrevista não-estruturada como um artefato teórico, entendida como uma entrevista sem roteiro predefinido, por favorecer várias circunstâncias de investigação. Justificado pelo fato de que, “a entrevista não-estruturada é um diálogo definido como uma situação de interação. (...) Já que é uma forma especial de conversação, na qual os atores, principalmente o entrevistado, articulam perguntas, respostas ou interferem nelas” (Mattos, 2005). O que favorece para que possamos usar os excertos desse diálogo, para a análise proposta em nossa pesquisa.

Dessa forma, a partir do liame interlocução e palavra, algumas das conversas apresentaram dificuldades para serem compreendidas na íntegra, por não estarem completamente audíveis e sofrerem a intervenção de ruídos externos. Todavia, a maioria dos diálogos foi audível com perfeição, com exceção de algumas palavras que foram representadas pelo símbolo.

Para favorecer o uso da técnica da entrevista não-estruturada, também utilizamos nas reproduções dos diálogos as regras de transcrição do Projeto NURC-RE (Norma urbana culta do Recife) – Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de Recife – por possibilitar a análise dos “estudos das diferentes formas de interação discursiva (...) derivada de um enorme esforço para registrar a língua falada e suas peculiaridades”

(Nurc/Re, 2017, p.09).

Para tanto, as conversas foram realizadas em português. Todavia, por vezes, houve o uso espontâneo de frases em algumas línguas estrangeiras, pronunciadas pelo sujeito da pesquisa. Dessa forma, também está presente na transcrição o símbolo “(())”, para expressar o momento no qual o sujeito se reporta em alguns idiomas estrangeiros, assim como expressa emoções e outras formas sonoras inerentes ou não à fala.

3.1.1 Quadro de diretrizes da transcrição

O quadro de diretrizes a seguir norteará a transcrição de nosso diálogo, considerando as ocorrências e os sinais provenientes de “falas naturais com certo grau de espontaneidade, (...) havendo uma tendência a longos turnos com muitas narrativas, descrições e explicações” (Projeto Nurc/Re, 2017). O supracitado projeto existiu durante um tempo, porém atualmente a UFPE não o acolhe mais. Dessa forma, tomamos emprestado a grade de sinais para dar conta da oralidade.

Quadro 1- Normas para transcrição de textos orais-Normas adotadas pelo Projeto NURC.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem ge/ tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né?
Entonação	Maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalonu viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio

interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - era muita gente, né? muitos atletas - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[Ligando linhas	é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo pára de tomar chope...

Fonte: a autora, 2023.

OBSERVAÇÕES

- 3.1.1.1 Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.)
- 3.1.1.2 Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
- 3.1.1.3 Números: por extenso
- 3.1.1.4 Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
- 3.1.1.5 Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::... (alongamento e pausa)
- 3.1.1.5.1.1.1 Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, pontofinal, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

3.2 O participante e os instrumentos: a escolha e constiuição do caso

Iniciamos esse espaço sobre o sujeito da nossa pesquisa, ressaltando que esse caso foi constituído por chamar a atenção, no que se refere à forma de tratamento dada pelo aprendiz à aquisição de línguas. Pois, seria visto como um contraponto de aprendizes que têm dificuldades com a aprendizagem de idiomas estrangeiros. Para tanto, a ideia dessa tese surgiu como uma interrogação sobre as diferenças e peculiaridades, concernentes à forma como um sujeito apreende algumas LEs. E, a literatura que traz essa abordagem proporcionou um encontro com as nossas indagações que foram elaboradas ao longo da nossa experiência como docente de LE- inglês.

Dito isso, os instrumentos de análise foram autorizados pelo Comitê de ética CEP UNICAP na data de 29 de abril de 2022, cujo parecer do registro de aprovação corresponde ao número 5.38.803. Portanto, trabalharemos com os dados coletados, que correspondem às imagens ou fotos de textos escritos em alguns lugares da casa, tais quais as paredes e alguns objetos que fazem parte do uso pessoal ou da mobília. Essas imagens foram coletadas em dois apartamentos: um deles por ser residido pelo sujeito e o outro por ser reservado apenas para a sua escrita, conforme veremos mais adiante na constituição do caso. Bem como as gravações de entrevistas não-estruturadas, cujo diálogo envolveu o sujeito e a pesquisadora.

Já que a conversação favorece no sentido de que “de um espaço que não quer dizer nada, pode surgir um dizer” (Maia, 2012, p.17) proveniente de um aparente vazio. Pois, na pesquisa em psicanálise “a palavra é considerada como ato psíquico (...) e o inconsciente e a própria psicanálise não seriam possíveis sem a palavra” (Perachi; Rosa; Pasqualatto, 2017, p. 83).

Da explicação concernente aos supracitados dados, cabe-nos a incumbência de mostrarmos no nosso percurso metodológico, a forma com a qual esse caso foi construído. Paratanto, justificaremos a razão que este nos chamou a atenção e nos envolveu no movimento de coleta e constituição do corpus da pesquisa, com a finalidade de realizarmos a nossa análise e discussão.

Assim, como docente de língua inglesa e pesquisadora especialista e mestre na área de linguística aplicada ao ensino de línguas, em nosso convívio com alguns colegas de profissão da mesma área de atuação, um dos colegas nos chamou a atenção por causa da peculiaridade de sua relação com a escrita em algumas LEs. Notadamente, pela intensidade temporal que mantém a sua dedicação às línguas, a ênfase na escrita e o escrever em lugares inusitados, conferidos na parte externa do seu armário e de seu notebook, da sala dos

professores. Esses gestos ultrapassavam o simples interesse com o idioma específico da sua formação profissional.

Assim, diferenciava-se tanto no que se refere à sua maneira de lidar com a língua escrita, quanto à sua forma de conduzir os seus estudos nessas línguas. Como se os seus materiais pessoais, tais quais cadernos e ferramenta tecnológica não o bastassem para escrever.

Outro aspecto que considerávamos como estranheza, seria o seu hábito de estar ouvindo com frequência uma rádio em LE e em muitos momentos, parecia não se dar conta que estava se locomovendo de uma extremidade da sala para outra, com o aparelho de rádio na mão, ao ouvir alguma LE. Esse contexto nos levou a questionar como seria a sua relação com as línguas no seu ambiente familiar. E, conduziu-nos a nos aprofundar e nos empenhar na constituição desse caso, em um movimento de esforço para fazer uma descrição específica do sujeito da nossa pesquisa.

Sobre o supracitado aprendiz desse caso, passamos a apresentá-lo com o nome fictício de Bruno, professor de LE, de nacionalidade brasileira, pernambucano, aposentado e atualmente na faixa de 60 anos. No contexto de sua vida escolar, iniciou os seus estudos com as LEs aos 12 anos, na 5ª série (correspondente ao 6º ano de hoje) do ensino fundamental II. Na ocasião, a língua francesa fazia parte da grade curricular. No entanto, Bruno ressalta que ficava ansioso para migrar para o ano seguinte, no qual a grade curricular contemplaria as aulas de língua inglesa.

Portanto, no ano posterior, já aos 13 anos de idade na 6ª série (correspondente ao 7º ano de hoje), passou a estudar língua inglesa na escola, procurando manter seus estudos nessa língua também em sua casa, utilizando alguns livros didáticos e fazendo as suas anotações em cadernos. Enquanto se dedicava à língua inglesa por um período de 5 a 6 anos, já tinha um olhar na língua espanhola e estavam presentes em seu projeto de adoção as línguas alemã e holandesa. No final, essas línguas foram incluídas aos seus estudos diários. Essas adesões só foram feitas, conforme o seu depoimento, após este se sentir fluente em língua inglesa.

Quanto ao contexto familiar de Bruno, caracterizava-se como monolíngue. Seus pais e irmãos – três irmãs e seis irmãos – perceberam o seu interesse pelas línguas, porém nunca expressaram nenhuma curiosidade em aprendê-las. Nem sequer indagaram qual teria sido a forma que este usou para estudar idiomas e adquirir fluência, sem ter feito um curso em nenhuma LE. Seu pai era um homem analfabeto e sua mãe seria a única a escrever e se expressar bem na LM, tanto na fala quanto na escrita. Porém, esta tinha o seu mundo e os seus problemas de saúde.

Em depoimento, Bruno afirma que ninguém de sua família se interessava em estudar LEs. Quanto à sua experiência com a língua materna, este relatou: “a primeira escola que tive foi na casa de uma vizinha que oferecia aulas a algumas crianças... mas nunca tive dificuldades com a aprendizagem... desde quando era criança” (Fala de Bruno).

Bruno também parece guardar em suas memórias as suas poucas andanças com seu pai para comprar gibis. E, quando questionado pelos pais quanto ao presente que gostaria de ganhar, ele afirma “sempre pedia livros” (Bruno). E, conforme o seu depoimento, nenhum irmão ou irmã tivera uma relação com a leitura igual a dele.

3.3 A relação com a escrita na infância: a ideia de criar um código linguístico para escrever em segredo

Quanto ao seu relacionamento com a escrita, Bruno afirma que nunca se dedicou a essa habilidade da língua quando criança. Passando a registrar algumas coisas só depois de adulto, investindo na escrita de seus diários. Depois, sentiu-se movido por um desejo de criar um código linguístico que pudesse usar, no intuito de manter a sua escrita em segredo.

Sendo assim, Bruno tentou usar o alfabeto (fenício) como um código linguístico que só ele pudesse entender, para fazer os seus registros escritos, porém desistiu. No final, admite não ter ficado frustrado por não ter alcançado o seu intento e que não teria mais interesse em fazê-lo. Por outro lado, indagamos ao Bruno se sente fascínio por esse escrever, atribuído por ele como uma forma de “se esconder de muita gente”. E, ele afirmou que não se sente atraído pelo “se esconder”, mas pelo domínio de poder falar de outra maneira.

Bruno também relatou que se preocupa em se relacionar apenas com línguas naturais. Sendo esse o motivo pelo qual nunca se interessou pelo Esperanto, por ser uma língua artificial de “laboratório”. Quando ainda era um adolescente, alguém o falou sobre essa língua, mas não o fez despertar interesse em estudá-la. Pois, por intermédio de suas pesquisas, constatou que esta foi criada pelo poliglota Lázaro Zamenhof. Sendo, portanto, muito complexa em termos gramáticos. E, ao constatar que era uma língua artificial, ele perdeu o interesse.

3.4 A entrada de Bruno nas línguas estrangeiras: o desconforto com a língua francesa

Ao questionarmos como começou o primeiro interesse por LE, apesar de dizer que foi entre 9 ou 10 anos, Bruno deixa claro que o período escolar de entrada nas LEs

contribuiu com seu fascínio por alguns desses idiomas. Dessa forma, Bruno descreve que seus estudos nas LEs iniciaram no primeiro e segundo ano ginasial, correspondente ao 6º ano e 7º anos do ensino fundamental II (antiga 5ª e 6ª séries).

Quanto ao primeiro ano ginasial (6º ano), Bruno relata que começou a estudar francês e achou maravilhoso. Sentindo-se encantado com o fato de alguém conseguir se expressar de maneira diferente da nossa, ele questionava se o nativo da França, ao falar francês estaria pensando em português. Como se tudo tivesse como base a sua LM. No entanto, apesar de estar estudando francês, sentia-se ansioso que chegasse o próximo ano, para estudar inglês. Ele relata que o inglês para ele seria um grande desafio, por se referir a uma língua anglo saxônica. E, quando começou, foi “amor à primeira vista”.

Portanto, apesar de seu primeiro contato com a LE na escola ter sido com o francês, ele demonstra que o seu envolvimento maior foi com o inglês, admitindo que foi uma experiência incrível. Bruno relata também que o seu pai não tinha condições de colocá-lo em uma escola de idiomas, razão pela qual decidiu aprender inglês sozinho e encontrou um grande aliado em Ondas Curtas.

Ao se referir a Ondas curtas, ele faz alusão às emissoras de rádios que se conectava para ouvir os programas transmitidos, sendo visto como grandes aliadas para a aquisição de algumas línguas. Por outro lado, Bruno tenta racionalizar o seu interesse maior pela língua inglesa, justificando que se sentiu atraído por essa língua por causa do desafio maior que encontrou nesse idioma. E, conforme o seu entendimento, seria porque na mídia o inglês teria uma maior evidência, sentindo-se instigado a estudá-la.

O sujeito também descreve o motivo pelo qual sentiu dificuldade com a aquisição do francês, no início da sua vida escolar. Sendo esta a primeira língua que Bruno estudou, ele a viu como se fosse “a língua do franguinho”. Momento no qual decidiu migrar para o inglês, tendo uma melhor recepção em sua vida. Depois, começou com outras línguas. Para ele, as línguas sempre foram “um mistério incrível” que até hoje ele se diz não saber explicar.

Dessa forma, fica claro que a primeira impressão que Bruno teve da língua francesa o levou a um certo estranhamento, passando a relacioná-la à sexualidade. O que coincide também com o momento no qual ele estava entrando na puberdade (entre 9 e 10 anos). Nesse contexto, Bruno achava que a língua francesa se adequaria apenas a falantes do sexo feminino, o que o motivou a migrar para a língua inglesa. Isso fica claro no seu depoimento, ao afirmar: “o que agente via era um franguinho falando francês... parece que a língua dos frangos... aí isso o tempo todo... eu disse não... peraí... eu vou me voltar para uma outra

língua e um outro lado era a língua inglesa ”.

O sujeito também descreve a forma de ver a sua relação com as LEs, no momento que diz que escuta inglês como se fosse “um ensinante da língua”, com o mesmo prazer de antes. Mesmo assim, ressalta que não tem nenhuma superestimação ao estrangeiro ou língua inglesa. Adora o inglês, mas também o português do Brasil.

Desse modo, Bruno tenta mostrar que o seu interesse pela língua inglesa está relacionado à sua profissão como professor da língua. E, esforça-se para esclarecer que seu envolvimento não deve ser caracterizado como se ele, de alguma forma, subestimasse a língua materna. Ao mesmo tempo, deixa transparecer que não superestima o falante nativo das LEs.

3.5 A formação acadêmica em Letras: português/inglês

Quanto a sua formação acadêmica, conforme já foi dito, Bruno foi o único dos nove filhos que se dedicou às LEs e ingressou no curso de licenciatura em Letras com habilitação em português/inglês, obtendo uma carreira profissional na família. Em seguida estudou especialização em linguística aplicada, deixando claro que nunca teve interesse em dar continuidade à sua vida acadêmica com o mestrado e doutorado.

No entanto, ocupou-se em se dedicar à sua paixão pelas LEs e prosseguiu com o seu intento até o momento presente. Na maioria das vezes, Bruno parece se embasar no conhecimento acadêmico que obteve da linguística. Por outro lado, demonstra um certo inconformismo por nunca ter encontrado respostas para as suas indagações referentes à origem das línguas, ao dizer “e eu não concordo eu não concordo não. eu posso () não que é muito forte... mas eu não aceito plenamente cem por cento as teorias linguísticas () - - eu não posso nem falar assim mas eu falo - - sobre a origem das línguas. “.

Movido pela atração pelas línguas, Bruno deixa claro que há uma relação direta entre o mistério e as línguas. E, quando questionamos se pelo fato de ele achar que as suas leituras, baseadas em estudos linguísticos, não oferecem respostas aos seus questionamentos, não seria este o ponto que o instiga a se debruçar na “adoção” (dito por ele) de algumas línguas; ele respondeu: “claro que não... eu estudo línguas porque eu acho gostoso... eu acho mistério. Eu quero.... eu gosto de falas...de ideias.... mas dizer que eu. eu aprendendo mais uma língua eu vou desvendar.... jamais..”.

3.6 A concepção de Bruno sobre como se deve ensinar/aprender a língua estrangeira

Bruno prossegue falando sobre a sua relação com as línguas e ao questionarmos se ele se sente forte ao se envolver com as LEs, ele confirma que sim, mas que não subestima sua LM. Nesse contexto, fala sobre o seu primeiro professor de inglês admitindo que mesmo sendo visto como um grande professor, mas cometia algumas falhas, que seria o fato de não ter metodologia para levar o aluno a falar o inglês. Pois, nunca teve uma aula para ouvi-lo dizer: *“hello... what’s your name? where are you from?”* (Alô.. qual é o seu nome? De onde você é?). Era só o ensino da gramática.

E, o via com uma visão bem infantil da língua. Mas naquela época, ele não tinha como detectar “falhas em alguém” quanto ao ensino de inglês. Dessa forma, não saberia dizer qual seria o nível de proficiência desse professor, por não se expor oralmente em inglês. Esse fato levaria Bruno a concluir que a sua abordagem da língua seria baseada apenas no ensino da gramática. E, para Bruno isso deveria ser visto como um problema.

Ao questionarmos o que significaria a questão de “detectar falhas” no ensino da língua, Bruno esclarece que seria proveniente do que ele considera como a maneira incorreta de ensinar uma LE. Em seguida, descreve qual seria o formato de ensino correto, ao dizer: “aí a gente pode pensar num personagem A ou B e a gente começar a ver... eu vou ser A... ‘What’s your name?. Where are you from?... Oh no, I don’t like this kind of’ ”. No final, Bruno caracterizaria a aula de seu professor como um certo distanciamento das aulas que se baseiam no método comunicativo.

A crença de Bruno, concernente à forma certa/errada de ensinar a LE, remonta o tratamento que normalmente tem sido atribuído ao ensino e aprendizagem de línguas, no qual os estudos se detêm a fazer abordagens sobre métodos e técnicas do ensino, no que se refere a metodologias inovadoras. Todavia, apresentam a língua como “veículo de comunicação” (Rozeno, 2018).

Além disso, “são propostas que servem para suprir as carências dos materiais didáticos, na maioria das vezes para privilegiar o método comunicativo de ensino (Fenner ; Corbari, 2004), tal qual Bruno esclarece que esse seria o seu intento. Descrita por ele, no final, como uma forma de imitação, já que a língua é imitação e para falar tem que imitar o nativo.

Ao mesmo tempo, Bruno tenta passar a ideia de que não precisa de nenhuma das línguas que estuda. Nesse contexto, defende que ao estudar uma língua estrangeira,

deveríamos ao invés de quatro habilidades (ouvir, falar, ler, escrever) usarmos cinco, a saber, ouvir, falar, ler, escrever e pensar (*thinking*). Eis o motivo pelo qual Bruno se esforça para tentar pensar ao máximo na LE que estuda. Ao mesmo tempo, transcreve os pensamentos mais inusitados que lhe vem à mente. Em um outro momento, Bruno alega que seria uma maneira muito mais prática de se sentir dono do império linguístico.

Desta forma, o sujeito admite que para ele a LE é uma língua dele, nacional. Como se fosse uma criança aprendendo uma língua sua, sem ter nenhuma outra língua em mente, devendo agir como se a LE fosse uma LM. E, é desse modo que o sujeito defende a ideia de abandonar a LM em prol de uma LE, o que seria considerado como um método de uso de uma LE para conquistar uma outra LE e que ele chamaria de “a língua pela língua”. A concepção de estudar LE sem se apoiar na LM está pautada na posição presente em algumas abordagens de ensino de LEs, que apresentam a possibilidade de estudá-las sem se apoiar na LM.

3.7 O autodidatismo e “a tagarelice” na língua inglesa que o leva a ser confundido comum falante nativo

Conforme Bruno, o autodidatismo nas línguas, consideradas por ele como “línguas adotadas”, foi favorecido pela sua formação acadêmica. E, o seu investimento em seus estudos diários em algumas LEs foi respaldado com as escutas de rádios como Voz da América. “Transmitida em mais de 44 idiomas via rádio e 24 línguas via televisão, por várias estações aoredor do mundo” (Voa, 2023) e BBC de Londres, que também transmite os seus programas em “mais de 40 idiomas diferentes por meio de serviços online, mídias sociais, TV e rádio. Entre esses serviços, está a BBC News Brasil” (BBC News Brasil, 2022).

Em seu depoimento, o sujeito afirma com veemência: “a Voz da América era... o meu grande professor de língua inglesa... foi a Voz da América... desde aquele tempo eu gostava da BBC com os britânicos... mas claro que eu me interessei mais com o jeito de falar do americano.. com certeza...”.

Nesse contexto, a sua afinidade com a língua inglesa faz com que, muitas vezes, Bruno seja confundido com um nativo dessa língua. Pois, as pessoas, segundo ele, costumam questionar sobre a sua nacionalidade, argumentando que ele fala muito diferente dos brasileiros. Além disso, costumam dizer que ele é mais tagarela na língua inglesa do que na própria LM. Por sua vez, Bruno admite que consegue se sentir mais tagarela e mais assertivo quando está falando em inglês.

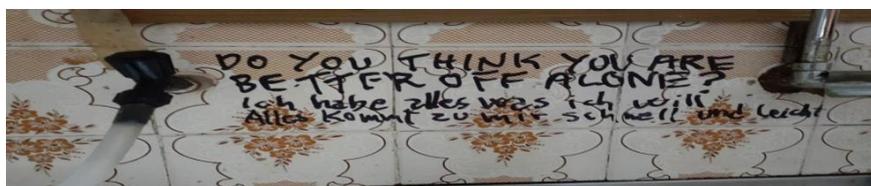
3.8 O início da escrita em línguas estrangeiras: a escrita em dois apartamentos

Bruno alega ter começado se dedicar à escrita em LEs, no momento no qual passou a se sentir competente linguisticamente em língua inglesa. Para tanto, investiu na escrita de seus diários em cadernos, fazendo paradigmas linguísticos norteados pela língua inglesa, no intuito de se distanciar ao máximo da LM. Dessa forma, não costuma usar a ferramenta google para traduzir os seus textos escritos nas LEs, também se recusa a manusear um dicionário.

O participante se diz acreditar que, o contexto da palavra nos textos escritos o ajudaria a entender o seu significado na frase. Dessa forma, só iria consultar o dicionário, realmente em uma situação de extrema exigência. Pois, para ele, a transparência da palavra o ajudaria a inferir o significado. E, as vezes prefere até nem entender, de jeito nenhum. Por outro lado, Bruno afirma que não teria nenhum interesse de se expor aos erros das línguas “adotadas”, no sentido de não dizer nenhuma palavra, sem ter certeza que estaria falando de forma correta.

Quanto ao seu hábito de escrever em alguns lugares, tais quais no chão, nas paredes de sua residência, em móveis e em alguns objetos, conforme o seu depoimento, deve-se ao fato de este ver a cerâmica na cor branca como um quadro. Para tanto, mantém o apartamento 01 (Apt 01) fechado, como se fosse destinado à sua escrita. Neste, Bruno encontra um pequeno acervo de cerâmicas estampadas na cozinha. À despeito disso, ele ainda consegue registrar a sua escrita, conforme podemos constatar na imagem abaixo:

Figura 5- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt. 01.

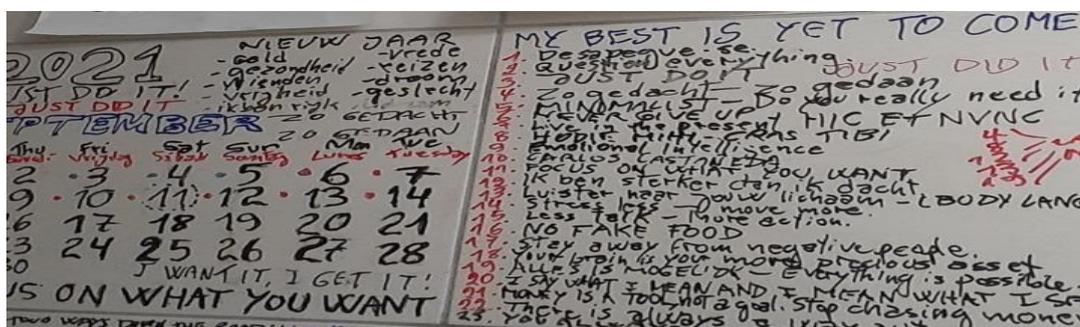


Fonte: a autora, 2024.

Sendo esse reservado aos lugares mais inusitados, a saber, a tampa do vaso sanitário e descarga do banheiro – conferidos mais adiante em nossa análise. Já no seu apartamento 02 (Apt. 02) – por ser este a sua segunda aquisição de imóvel, conforme o seu depoimento – Bruno escreve listas de compras mais importantes e até a data de sua consulta médica. Ele também tem o hábito de desenhar os meses do ano na parede. Podendo-se conferir na

imagem a seguir:

Figura 6- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt 02.



Fonte: a autora, 2024.

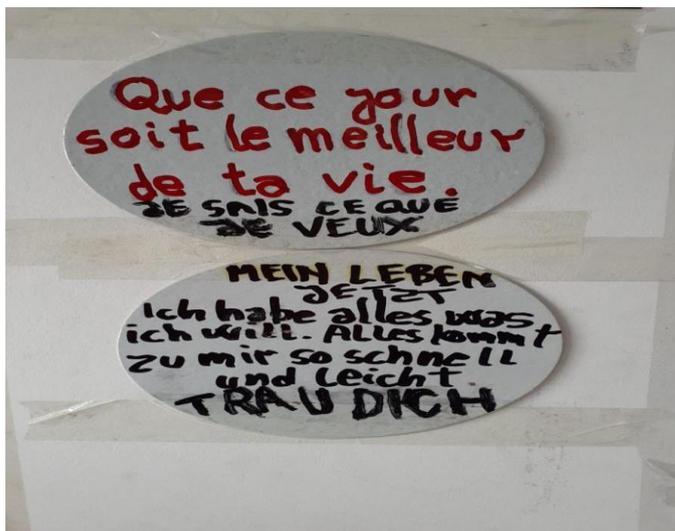
Por outro lado, o sujeito descreve situações que lhe vem à memória, mesclando com algumas LEs. E, em alguns momentos usa a LM. Nesse contexto, o Apt 02 parece favorecer a sua escrita nas paredes, por ser revestido de cerâmica branca: na cozinha, nos 02 banheiros e no chão. Também constatamos que no Apt. 02, a escrita toma o lugar dos quadros na parede, pois estes são deslocados para o chão para ceder espaço à escrita. Ao mesmo tempo, esta também é registrada nas mobílias.

Ao escrever em móveis e objetos, Bruno diz ter a sensação de estar resgatando traços mnêmicos ou registrando pensamentos e ideias, que podem nunca mais surgir em sua mente. E, para ele, seria a concretização de um gesto que eternizaria a escrita. Eis a razão pela qual faz uso do pincel anatômico permanente, para executá-la e deixá-la. Ou quando necessário, apagá-la através do manuseio de bucha e detergente.

Bruno ressalta que só escreve nas paredes que são cobertas por cerâmicas, pois não quer danificá-las. Por isso, nas paredes que não têm revestimentos, costuma colar frases que lhe parecem interessantes. Essas frases são impressas ou escritas por ele em quadros artesanais. Para tanto, usa alguns materiais reciclados, tais quais, tampas de vasilhame de quentinhas e pedaços de madeira em mdf. Até mesmo os seus documentos pessoais são colocados em alguns sacos plásticos e colados nas partes das paredes que não possuem nenhum cerâmica.

Nesse contexto, Bruno expressa o seu desejo de aperfeiçoar as letras, usando uma arte chamada de *lettering*. Esta o ajudaria a fazer letras das mais belas possíveis. Para ele, a variedade de letras com formas diferentes contribuiria para atrair a atenção das pessoas e ao mesmo tempo eternizar os seus escritos, já que as pessoas passariam a admirar a sua “arte”. Podendo-se constatar a na imagem a seguir:

Figura 7- Quadros em material de mdf, colados com fita adesiva na sala do Apt 01.



Fonte: a autora, 2024.

Os dois quadros acima corroboram ao depoimento de Bruno, ao afirmar que para a sua escrita na parede sem revestimentos, ele escolhe fitas grossas que, no seu entendimento, caracterizaria uma impossibilidade de alguém conseguir retirar da parede. O que para Bruno significaria que estaria eternizando o que escreveu, pois segundo ele: “quero ver alguém conseguir retirar com esse material... vai ser eterno...”.

No que se refere ao fato de Bruno ter mudado o lugar de seus textos escritos, migrando os cadernos para as paredes, o sujeito justifica que essa decisão ocorreu junto à aquisição de seu segundo imóvel ou apartamento. Pois, este teria algumas partes de suas paredes forradas por cerâmica na cor branca (sem estampas). Desse modo, ele passou a usá-las como quadro. Antes, ele usava os cadernos e apenas as cerâmicas do chão.

3.8.1 A escrita durante o seu tratamento hospitalar: o pesadelo de encontrar as paredes apagadas ao retornar ao seu apartamento

Acometido por uma bactéria, Bruno necessitou se submeter a um tratamento de saúde e passou seis meses hospitalizado. Na ocasião, ele se debruçava a escrever os seus textos nos papéis que vinham forrados nas bandejas das refeições que fazia no hospital, a despeito de terem mãos um caderno para a sua escrita. Esses episódios escritos também envolveram as suas experiências registradas enquanto esteve na UTI. E, ao questionarmos o motivo pelo qual o participante não usou o caderno para escrever enquanto estava hospitalizado, ele respondeu que seria pelo fato de o caderno ter sido um presente, por isso não queria transformá-lo em rascunho.

Desta forma, propôs-se a usá-lo como um receptáculo para um possível resumo dos seustextos escritos nos papéis enquanto estava no hospital. No dizer do sujeito “escrevo e transfiro para o caderno que será visto como definitivo... eu posso escrever com novas ideias e com novas palavras”.

Por outro lado, ao receber o comunicado de um dos familiares que quando chegasse do hospital, seus textos escritos no apartamento que ele reside estariam apagados, Bruno disse que ficou um tanto revoltado e lamentou que todos os seus registros escritos não estivessem mais lá. Desse modo, teve que se preparar emocionalmente para ver algo que para ele seria muito doloroso.

O sujeito admite que teve uma certa dificuldade de dar continuidade e/ou reiniciar a sua escrita, mas procurou se refazer e logo voltou a escrever novamente. Entretanto, reconheceu que foi um verdadeiro trabalho de reconstrução e esforço pessoal. E, o que parece tê-lo confortado um pouco, foi a sua decisão de fotografar algumas dessas imagens, antes de sair para o seu tratamento hospitalar. No final, lamentou o fato de as pessoas não entenderem que a escrita é a sua vida.

3.8.2 Dificuldade de escrever enquanto estava na Europa: a surpresa por recorrer à língua materna

Durante a sua viagem dos sonhos que seria conhecer alguns países das LEs, a saber, França, Alemanha, Itália e Holanda, o que deveria ser considerado como uma grande oportunidade para praticar a língua falada e escrita de cada país, porém foi transformado por Bruno em um momento no qual ele recorreu à LM, por não conseguir falar e/ou escrever em nenhuma das línguas, enquanto estava nesses países.

O sujeito também alega ter se surpreendido consigo mesmo, ao ser acometido por momentos nos quais se dava conta que estava falando a língua materna durante alguns episódios, tal qual, um momento específico na França, no qual esqueceu a sua carteira no banheiro e logo em seguida, este foi interditado para a limpeza.

O segundo episódio de recorrência à LM ocorreu quando Bruno estava na Alemanha. Nesse contexto, ele transitava na rua, quando uma mulher desconhecida começou a gritar, como se estivesse brava com ele. Bruno se defende, alegando que não sabia o que ela estava dizendo e admite que não se esforçou para entender. No final, cometeu o ato falho de perguntar em português o que estava acontecendo. Mas ela não poderia responder, por não falar português. Assim, além de o sujeito recorrer à sua LM, ao mesmo tempo, não teve interesse de saber o que aquela mulher estava dizendo na LM dela, o

alemão.

3.9 Um olhar na análise e discussão

Na análise e discussão do nosso trabalho de tese, apreciaremos o material das gravações das entrevistas do sujeito, bem como algumas das suas produções escritas, levando em consideração a escuta de significantes que foram eleitos pelo sujeito da nossa pesquisa.

Também consideraremos as imagens de seus escritos nas paredes, no chão, bem como em: tampas de quentinhas, material de MDF, objetos da sua residência, folhas de papel avulsas e em folhas de papel que cobrem a bandeja hospitalar por acompanharem as suas refeições. Devendo-se ao fato de considerarmos tanto como lugares incomuns, quanto como lugares mais inusitados por percorrem caminhos que ultrapassam os lugares incomuns. Isto se deve ao fato de que a escrita pode ser vista como “subjetivação de marcas inconscientes” (Carvalho, 2011, p.06) do sujeito.

Em alguns momentos, faremos algumas análises simultâneas com o foco no liame entre o material escrito pelo sujeito e as entrevistas não-estruturadas, baseadas na relação com as línguas, para que seja possível identificarmos indícios de traços do laço específico a partir da relação que o sujeito mantém com o idioma materno.

Nesse contexto, levaremos em consideração as variações de entoação, silenciamentos, pausas, truncamentos e rupturas do sujeito no tempo e no espaço, interpretando-as como uma urgência subjetiva causada por um sofrimento psíquico, por inferirmos que aponta para um conflito interno. Isto se deve ao fato de que, “a urgência subjetiva é entendida como um dispositivo dentro de uma perspectiva discursiva, que nos permitir captar a causa da ruptura” (Booner; Bastos, 2008).

Ao mesmo tempo, consideraremos que:

o inconsciente nos fala alguma coisa, mesmo através de uma fala tropeçada e truncada a despeito das intenções do sujeito. E é por esta fala que a psicanálise se interessa: a fala do sujeito do inconsciente, um sujeito clivado; a fala que evidencia uma dimensão de conflito. (Padrão, 2009, p.95).

Desse modo, fica claro que o inconsciente pode se expressar por intermédio dos tropeços, truncamentos, silêncios, bem como os atos falhos, pois:

Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas,

manifesta-se uma palavra que traz a verdade (Lacan, 1979, p.302).

Portanto, inicialmente apontamos como base da nossa análise os quatro conceitos freudianos que Lacan, em seu retorno à Freud, considerou como fundamentais para a psicanálise, a saber:

O estatuto conceitual da psicanálise dá ênfase a quatro dos termos introduzidos por Freud como conceitos fundamentais, nominalmente o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão [...] situei estes conceitos em relação a uma função mais geral que os engloba, e que permite mostrar seu valor operatório neste campo, isto é, a função do significante enquanto tal, subjacente, implícita [...]. (Lacan, 1988, p.19).

Outras concepções foram suscitadas, tendo como base o aforismo:

o inconsciente é estruturado como uma linguagem e seguindo esta lógica, é possível pensar que a psicanálise também é estruturada pela linguagem, ela é (...) uma ficção tecida para fazer reconhecer um objeto, pelo uso da escrita, de imagens, conceitos e formulações (Leitão; Mendes, 2018).

Podemos dizer que, de uma maneira geral, conduzidos por esses quatro conceitos elencados por Lacan (1988), nortearmos o nosso trabalho a partir da noção de corpo pulsional, pois “o corpo para a psicanálise é pulsional e afetado pela linguagem, (...) tocado e marcado pela palavra. Ou seja, nossa biologia é atravessada pelo desejo” (Lise, 2015).

Desta forma, a pulsão une o psíquico ao corpo e uma de suas características seria o fato de esta não ter um objeto fixo. O que levaria o sujeito humano a tentar satisfazer as suas demandas das mais variadas formas possíveis, sendo esse conceito fronteiro entre o somático e o psíquico, assim como o inconsciente (Freud, 1986); como também o conceito de falasser que reduz o sujeito do significante à substância gozante, envolvendo o liame sujeito e corpo (Camargo, 2007).

Ao mesmo tempo, usaremos o neologismo corporelinguagem, já que o liame LM e LE envolve a nossa relação com o saber, o corpo e nós mesmos, afetando a nossa estruturação psíquica (Revuz, 1998) e abrange um movimento que articula afeto e sentido, como consequência do uso da linguagem em seu limite último (Murce; Freire, 2015).

Por sua vez, outros conceitos relevantes nortearão esse processo, tais quais o conceito de significante, pois “o sujeito possui um corpo afetado pelos efeitos do significante” (Couto, 2022), por “sermos servos do significante” (Macêdo, 2020); além dos três registros psíquicos, considerados por Lacan como o local onde se encontra a existência humana: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e no gozo do real (Quinet, 2017); a definição de linguagem, já que os seus efeitos reverberam no processo de aprendizagem da LE (Gasparini, 2010) e da concepção de alteridade via estranhamento,

visto que a alteridade se manifesta através dos equívocos, lapsos, mal entendidos, atos falhos, dentre outros (Murce; Freire, 2001).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Descrição da relação subjetiva do sujeito com algumas línguas estrangeiras

No intuito de especificar de que modo Bruno se relaciona com as línguas estrangeiras, empenhamo-nos a levá-lo a fazer a descrição dessa relação. Assim, investimos na seguinte pergunta:

Pesq.: você poderia falar um pouquinho da sua história com as línguas? como tudocomeçou? por favor?

Respondendo a nossa pergunta, Bruno diz:

Bruno: uh::: ai meu Deus ai vai falar do universo todo... meu DEUS... meu negócio de línguas não é negócio de hoje não... é negócio de quando eu era criança...

A despeito de uma certa dificuldade de Bruno para identificar o início de sua história com as LEs, insistimos nessa questão, ao fazermos a seguinte solicitação:

Pesq.: fale sobre essa história...

Bruno prosseguiu, dizendo:

Bruno: mas (aí) é fodA... eu gosto de língua por quê... eu gosto de Mistério... eu gostode enigma e o que é língua? língua é uma coisa que ninguém sabe explicar... porque peg/ por exemplo... qual a origem das línguas? eu já vi... com todo respeito mas eu jávi muitos relatos de linguistas de eh:: eles falam de tudo e::: eu nunca vejo... eu nuncavejo... quer dizer... a origem da língua () (heloooo ou ouuouuuuuu ooooooh ououou)ah: é? eu não aceito... a língua é uma coisa muito incrivelmente misteriosa desde os primórdios e que merece muita atenção e o que eu acho muito interessante... em termode língua é que todos nós temos essa capacidade... não importa... pode ser burra burraburro não tem que ouvir é claro estou me referindo a pessoas que tem audição e capacidade de falar... mundo num... não pode falar ok... não estou falando nada de libras coisas assim não... to falando de língua falada escrita aquela que tem (frase eminglês) escutar falar ler e escrever... então eu acho isso muito interessante mesmo... aliás sempre fui um deslumbrado e fico... até neste último poliglota que houve....

A partir dessa descrição, fica claro que Bruno fala e desenvolve as suas reflexões comoum estudioso da linguística, sendo condizente com a sua formação acadêmica – graduado em letras e especialista em linguística aplicada – o que o levaria também a tentar explicar de forma simples a sua relação afetiva com as línguas. Desse esforço de racionalizar a sua fala, recorremos a Goldenstin quando diz:

O mecanismo de racionalização significa a atribuição de motivações mais plausíveis do que verdadeiras, oferecendo uma justificativa de ordem racional ou ideal, ou seja,justifica a deformação da realidade ou da verdade. Apoiando-se num raciocínio lógico, procura explicar sentimentos e emoções que não controla, disfarçando assim,seus conflitos internos para si e para os outros (Goldsteing, 2017).

Esse investimento de Bruno se distancia de uma abordagem que referencie as consequências que o aprendizado da língua traz para o corpo, por não contemplar o “envolvimento do valor afetivo da aquisição da língua e o significado para cada aprendiz, por ser capaz de articular corpo, afeto e sentido” (Murce; Freire, 2015).

4.1.1 A escolha pelo inglês no Clube dos Políglotas

Bruno também conta a sua experiência com as LEs, vivenciada no clube dos políglotas. Baseando-nos em seu relato, entendemos que seria um encontro organizado por alguns aprendizes que costumam se reunir para conversar em algumas LEs. Esses encontros organizados não teriam um lugar fixo para as pessoas se reunirem, cabendo ao próprio grupo decidir sempre em que lugar será o próximo encontro, que normalmente acontecem em lugares públicos.

Dessa forma, conforme a última sentença proferida por Bruno “aliás sempre fui um deslumbrado e fico... até nesse último políglota que houve...”, nesse momento interrompemos a fala de Bruno para indagarmos:

Pesq.: o que é políglota... Bruno?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: políglota é esse clube de Nikolas que a gente vai lá pra falar... várias pessoas vai lá somente para falar... digamos ah:: inglês francês alemão... eu estava na área onde a turma estava falando só em inglês OK... ai eu falei para ele... olhe não tem coisa mais incrível no universo do que língua... (...) OH meu Deus que coisa difícil e nunca vou aprender... mas um na-tivo aprendeu... por mais complexa que seja a línGUA uma criança aprende... UAU... e eu acho isso incrível... **que coisa misteriosado cacete essa coisa chamada língua.**

Bruno descreveu a experiência que viveu no último encontro que teve com amigos que, assim como ele, identificam-se como aprendizes que se voltam para o aprendizado de mais de uma LE. Nesse contexto, prosseguimos com o nosso intento, questionando:

Pesq.: certo... e no momento que você estava no clube dos políglotas no último sábado... é::: você disse que são várias línguas que são faladas... então os grupos se isolam... por exemplo... inglês naquele cantinho... francês naquele outro... espanhol naquele outro... e por que você escolheu inglês e não uma das outras línguas que circularam no momento... para participar naquela hora do clube?

Dessa indagação, tivemos a seguinte resposta de Bruno:

Bruno: não... infelizmente ai não uma () não é que eu queira... que para mim... com todo respeito... eu ir lá para falar inglês é redundante... para mim é perda de tempo... porque... eu poderia estar lá treinando meu espanhol ou francês ou até (palavra em outra língua) quer dizer alemão... mesmo falando com muita dificuldade ah:: será que eu estou falando besteira mas seria melhor... mas como eu não vi ninguém falando... ah: tinha dois caras que falavam... quer dizer... tem pouco... um certo conhecimento de alemão... mas eles não quiseram abrir a boca para falar em alemão... eu ok tudo bem... vamos ficar em inglês... mas para mim seria muito mais interessante uma língua que eu ainda não domino... que eu ainda não tenho condições... seria muito melhor... Nikolas... (...) achou que eu... eu... tinha perdido tempo... não... não foi uma perda de tempo não... mas... seria meia. muito melhor se eu estivesse em uma língua como o espanhol e francês que eu não tenho tanto domínio mas eu iria poder interagir com eles e o inglês é como se diz

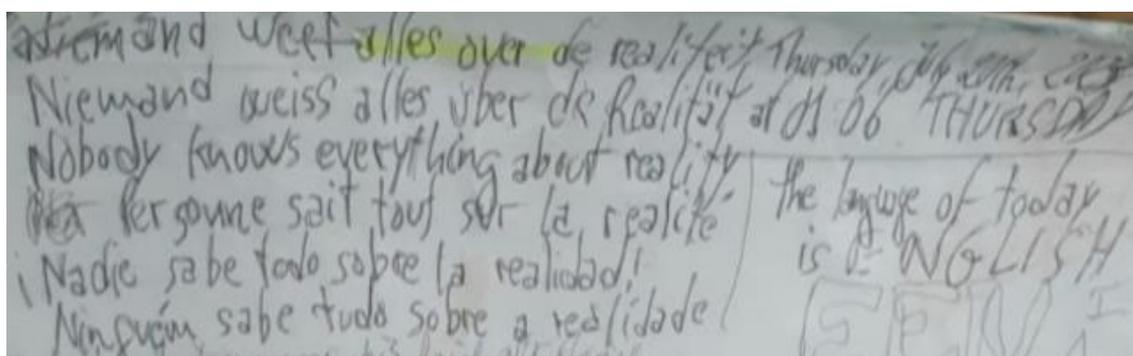
Entendemos que a língua inglesa parece “se impor” de qualquer jeito na fala de Bruno, no momento que ele afirma: “eu poderia estar lá treinando meu espanhol ou francês ou até (palavra em outra língua) quer dizer alemão... mesmo falando com muita dificuldade ah:: será que eu estou falando besteira ...mas seria melhor ”.

Bruno deixa claro que tem consciência do que seria melhor para ele, no sentido de contribuir com o seu aprendizado das LEs, ao dizer: “para mim... com todo respeito... eu ir lá para falar inglês é redundante... para mim é perda de tempo...”, porém não consegue executar o que descreve que deveria seguir ou fazer.

Perguntamos: Estaria Bruno, inconscientemente, empenhando-se na escrita das LEs como se tentasse manter o controle da sua relação com as línguas, já que admite não tê-lo como língua falada?

Diante desse questionamento, atentemos para a possibilidade de observarmos se nos textos escritos por Bruno predominam também a língua inglesa. Para tanto, em um primeiro momento procuramos um trecho da escrita no formato de paradigma linguísticos, a saber:

Figura 8- Escrita de Bruno na toalha da bandeja do hospital.



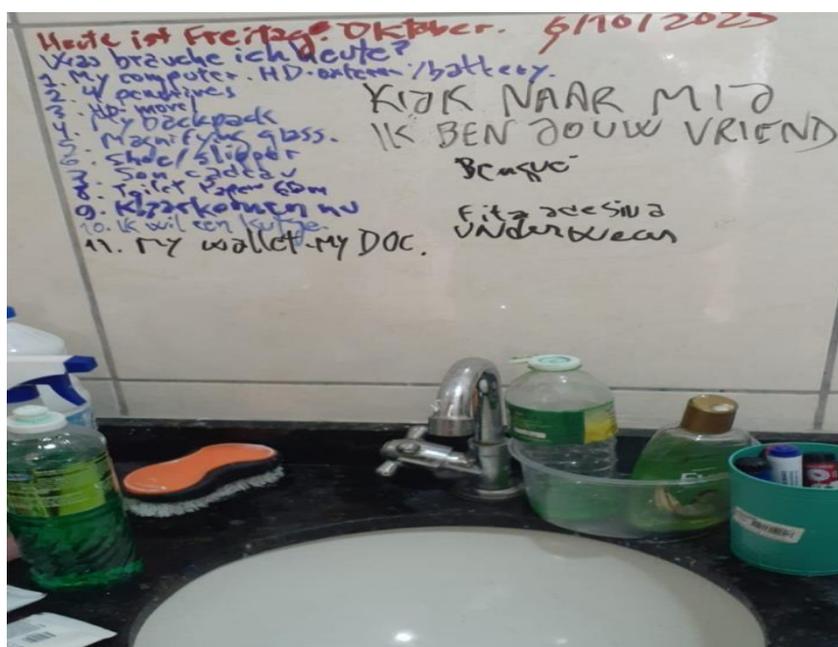
Fonte: a autora, 2024.

Considerando o excerto acima, escrito respectivamente em holandês, alemão,

inglês, francês, espanhol e português e traduzido como “ninguém sabe nada sobre a realidade”, entendemos que a presença da língua inglesa poderia ser evitada. Pois, o aprendiz poderia ter usado como estratégia o apoio na língua materna, já que ele mesmo considera que já é fluente em inglês e o seu foco principal nesse contexto, parece ser a aprendizagem das outras LEs.

Em outro momento na parede de sua residência, também podemos constatar a predominância da língua inglesa, na lista de itens selecionados para compras:

Figura 9- Escrita de Bruno na parede do banheiro do Apt 02.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Alemão: Hoje é sexta-feira de outubro. 06/10/2023

Alemão: O que eu preciso hoje?

1. Meu computador
- pendrivers
- HD móvel
4. minha mochila
5. Lupa
6. Sapatos / chinelo
- 7 Minha carteira. Meu documento

Holandês: OLHA PARA MIM, SOU SEU/SUA AMIGO (A).

A partir do excerto acima, constatamos outra vez que, mesmo iniciando o texto em alemão com as frases: “heute ist Freitag oktober” e “Was brauche ich heute?”, Bruno escreveu sua lista de compras em inglês, o que poderia ser escrita em uma das LEs que ele

se propõe a estudar. Como se a língua inglesa se impusesse com relação às outras línguas. Esse episódio nos faz lembrar o que Bruno diz sobre a possibilidade de uma língua querer se impor sob as outras, para humilhá-las, ao falar: “essas coisas que eu não entendo porque eu estava falando inglês/ em português de repente... (I am sorry) eu não gosto porque isso para mim é uma tentativa de de/mostrar **o reinado de uma língua...** não não pode cada língua é autossuficientee não pode uma HUMILhar... entre aspas... uma a outra”.

Perguntamos: estaria o aprendiz vivendo um momento de perda de controle de si no que se refere à sua relação afetiva com as LEs? Baseando-nos em nosso questionamento, supomos que haja um distanciamento entre o que Bruno espera da sua relação com os idiomas estrangeiros e o que realmente acontece, fugindo do seu controle.

E, é nisso que Bruno procura embasar a sua fala durante a nossa conversa, ao dizer em um outro momento: “pensar... por quê? porque eu penso/ o pensar naquela língua alvo é bem interessante porque... eu poderia ter uma estruturação mais acentuada naquela língua...”. Dessa forma, inferimos que o que importa para Bruno é se munir da estruturação da língua para se comunicar.

No final, no último excerto, chama-nos a atenção a frase: “KIJK NAAR MIJ IK BEM JOUW VRIEND (= Olha para mim, sou seu/sua amigo(a))” por apresentar uma descontinuidade da lista de itens elencados em inglês. Desse excerto, poderíamos atribuir duas interpretações. Em um primeiro momento poderia ser visto como um apelo inconsciente de Bruno à língua holandesa: “olha para mim... sou seu amigo”. Ou da própria língua em si, ao dizer “olha para mim.. sou sua amiga...”, como se estivesse a espreitar um espaço, ainda não concebido por Bruno, momento no qual a língua falaria por Bruno, já que “cada língua tem seus próprios equívocos, e são intraduzíveis” (Quinet, 2017, p.82).

4.1.2 Tentativa de obter o controle das línguas

Dando prosseguimento às nossas questões que tem como foco a relação de Bruno com algumas línguas estrangeiras, prosseguimos a nossa conversa com o sujeito, ao perguntarmos:

Pesq.: e quando o rapaz Nikolas migrou pra... a outra língua... francesa....

Interrompendo o nosso raciocínio, Bruno se esforça para responder:

Bruno: eu poderia também ter saído pra lá... mas... eu já tinha feito assim um umjá tinha conversado com eles em inglês já... (ai depois eu fiz não) eu não vou não vou

deixar Nikola lá com o francês e eu vou ficar aqui com o inglês... mas. dizendo sempre... eu ficando com o inglês é...um... não estou subestimando a ninguém não... mas como eu já tenho um bom treinamento em inglês com mais de trinta anos eu num... eu num... não vejo mais desafio assim tanto incrível no inglês... eu uso inglês diariamente... eu uso... por exemplo... eu... é::: o dia do inglês é quinta feira (yes on Thrusday) na quinta-feira de manhã pra noite eu pensar somente inglês. agora as vezes como é uma língua vigente aqui no meu cérebro que () **apesar.eu** denominei como minha segunda língua nativa ((risos))... talvez uma pretensão minha mas é a segunda língua nativa... porque todas as coisas que faço é inglês inglês inglês inglês inglês. Aí de repente eu digo mesmo na quinta-feira eu dizendo (não aceito mais) eu não vou nem pensar mais em inglês não eu vou pensar nas outras línguas que precisam de mais reforço... mais prática... língua é isso...é prática.

Bruno faz alusão à língua inglesa, como se esta habitasse nele, quando afirma “como é uma língua vigente aqui no meu cérebro...”. Em seguida, prossegue admitindo que considera inglês como o seu segundo idioma nativo, ao dizer “ () apesar... eu denominei como minha segunda língua nativa ((risos))... talvez uma pretensão minha...”. E, complementa dizendo “quinta feira (frase em inglês)... na quinta-feira de manhã pra noite eu vou pensar somente inglês...”.

Por outro lado, no último excerto, podemos identificar alguns tropeços presentes na fala de Bruno, no momento que este diz algo incompreensível, cuja marcação nessa ocorrência seria o sinal (). Em seguida, o significante “apesar...” se desliza de forma descontextualizada, como se após a palavra “apesar” estivesse a omissão da frase: “apesar... de o inglês entrar em momentos que não tem a minha permissão”. Já que em outros momentos Bruno se referiu ao inglês como uma língua que ele não tem controle sobre ela, ao dizer: “eu não entendo porque eu estava falando inglês/ em português de repente... (I am sorry)... eu não gosto porque isso para mim é uma tentativa de de/mostrar o **reinado de uma língua...**”.

A despeito dessa estranheza, Bruno admite: “eu denominei como minha segunda língua nativa”. O que o faz aceitar o “reinado” da língua inglesa, que de certa forma o incomoda, porém parece fugir do seu controle.

Ao mesmo tempo, podemos inferir que os ((risos)) apontam para um processo de ruptura, denotando haver uma urgência subjetiva, por causa da existência, conforme Leite (2003) de uma relação entre a linguagem e as formações do inconsciente, sinalizando a ocorrência de alguns fenômenos ligados ao riso e ao rubor, por existir uma ordenação relacionada ao corpo e que pode ser definida como consequência para a linguagem.

O que levaria o sujeito, mesmo sem ter consciência, a se envolver em um processo de estranheza de si, pois conforme Cavaleiro (2008), ao tomar a palavra na LE, o sujeito vive um estranhamento, o que parece levá-lo a negar a sua entrega, ao afirmar:

Bruno: é a segunda língua nativa porque todas as coisas que faço é inglês inglês inglês...inglês inglês inglês... ai de repente eu digo mesmo na quinta-feira eu dizendo (não aceito mais) eu não vou nem pensar mais em inglês não eu vou pensar nas outras línguas que precisam de mais reforço... mais prática... língua é isso... é prática...

E, ao dizer “eu não vou nem pensar mais em inglês não. eu vou pensar nas outras línguas que precisam de mais reforço...”. Bruno age como se quisesse romper com o controle que o inglês parece exercer sobre ele, ao dizer “(não aceito mais). O aprendiz não se dá conta de que “cada língua que nos habita e através da qual nos expressamos, é uma ampliação desse canal sensível um canal a mais para conhecer o mundo e a si mesmo” (Saavedra, 2021).

No final, o significante “prática” mostra o esforço do aprendiz para se distanciar da relação afetiva que tem com a língua inglesa. Podemos inferir no rompante de Bruno, ao dizer “língua é isso... é prática”, um momento no qual este necessita se apropriar de uma defesa subjetiva, o que de certa forma apontaria para uma evidência de seu conflito interno.

Com a finalidade de favorecer para que as pistas concernentes à relação de afeto que o aprendiz tem com os idiomas estrangeiros viessem à tona, perguntamos ao Bruno:

Pesq.: você se sente capturado pela língua que está falando... pela língua estrangeira?

O sujeito responde com o seguinte questionamento:

Bruno: Capturado?... o que é isso?... traduza.... capturado o quê?....

Em poucas palavras, explicamos ao Bruno a acepção do significante “capturado”:

Pesq.: Como se você pertencesse àquela língua?

Bruno responde de forma bastante enfática:

Bruno: **CLARo... decididamente... decididamente... porque é essa minha intenção..** adquirir um.... um novo código linguístico não é para chamar a atenção de ninguém, não tenho a mínima intenção de falar uma nova língua estrangeira pra dizer “HELLO... vejo o holofote em cima de mim... tá vendo? falo essa outra língua... NÃO... é uma coisa de mim para mim e pronto então, se eu quero aprender uma língua... ou melhorar as que eu já as tenho é meramente para ter uma interação muito mais efetiva com as ideias.... pensamentos... novas aquisições... conhecimento e adquirir conhecimento naquela nova língua... também.... com tão... não há nenhum... eu sou capturado como você tá dizendo com esse termos assim... **capturado sim PORQUE EU QUERO...** redimensionar minha memória... minha vida. Minhas ideias... tudo naquela nova língua... claro... e.... me sentir totalmente a vontade é essa a minha intenção... de eu ouvir um nativo falando aquela língua e eu poder destacar ideias e não ir buscar como traduções. eu prefiro entender a língua naquela língua e não a partir de traduções.

Apesar de admitir que é capturado pela língua, quando afirma: “CLARo.... decididamente.... decididamente...”, outra vez Bruno tenta mostrar que tem o controle do processo de captura, quando diz: “porque é essa minha intenção..”, como se, conforme Andrade(2009), estivesse empenhado a se proteger de algo, pois no processo de imersão na linguagem, o sujeito se sente a mercê da equivocidade que atravessa a própria língua. Desse modo, este denota tentar assumir o controle do dizer, por se tratar do outro da LE que não exerce o domínio.

Nesse contexto, o sentido da palavra “captura”, definida por Bruno, não seria condizente com os estudos da concepção que a pesquisa em psicanálise traz. Conferindo-se o conceito de captura como “um sentimento em relação à língua sobre o qual o sujeito não tem controle e pelo qual é capturado (algo lhe causa o deslumbramento), colocando-o em uma posição de passividade em relação ao objeto amoroso” (Almeida, 2009, p. 297), distanciando-se, portanto, do controle de sujeito capturado.

Para Murce; Freire (2015), a partir do neologismo corpolingüagem é possível pensar a aquisição da LE do ponto de vista da dimensão afetiva dessa aprendizagem, já que envolve corpo, afeto e sentido. E, esse liame favorece, conforme Paiva (2016), a captura do sujeito pela escrita, por ser esta regida pelo inconsciente, o que chega a gerar um certo desalento já que está associado à dúvida e a questões que pode afligir quem escreve, por envolver o estatuto do corpo e linguagem.

4.1.3 O corpolingüagem e o duplo estatuto do corpo: o corpo corpóreo e o corpo real

De acordo com Leite (2003), existe um duplo estatuto em jogo quando envolve a questão corpolingüagem. Esta duplicidade se refere ao corpo como corpóreo e ao corpo como real. Na concepção do corpo como corpóreo, o corpo se encontra em um processo de submissão aos efeitos que a linguagem proporciona, tornando-o um corpo pulsional.

A concepção de corpo como real, refere-se ao registro do corpo que não se deixa captar na rede de significações, por ser excedente da linguagem, tal qual o não-sentido e o fora do sentido, já que o corpo resistiria ao sentido, como consequência do encontro com o imprevisto.

Por esse prisma, como exemplificação do corpo como real, por fazer parte de um contexto linguístico desprovido de significação, podemos retomar a frase “KIJK NAAR MIJ IKBEM JOUW VRIEND” (Olha para mim... sou seu amigo), que atravessa uma

lista de compras – analisada em outro contexto – entendemos que pode ser considerada também como um não sentido. Justificado pelo fato de fazer referência à língua “sob a emergência que a torna percorrida por falhas, pela ocorrência daquilo que escapa ao falante” (Murce-Freire, 2001).

4.2 A Babel das línguas estrangeiras: O lugar que a escrita ocupa

A confusão invoca Babel e Babel joga com a confusão que está encravada na própria versão bíblica. (...) A Babel aplicado ao nosso caso se referiria às várias línguas nas quais, para algumas pessoas, o inconsciente é formado (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.35/36).

De forma metafórica, a versão bíblica da Torre de Babel faz alusão a um emaranhado de uma teia de conflitos, que ocorre no momento em que se dá o encontro do aprendiz com várias línguas. O caminho trilhado indica que o sujeito se empenhará em um esforço por estar em meio a uma “confusão” e o ponto principal desse conflito seria a parte na qual o aprendiz está no entremeio da LM e da LE ou inverso. Sendo esta passagem “possível, porém tortuosa, cansativa, senão perigosa” (ibid, p.227), pelo fato de que o liame das línguas é “sintomática de sua organização psíquica” (Revuz, 2008, p. 220).

Em função disso, perguntamos: por que Bruno estuda várias línguas?

De forma direta, questionamos: Por que você estuda várias línguas?

Bruno respondeu:

Bruno: por que eu gosto de mistério...

A palavra mistério deve ser destacada, pois supomos que ela seja um significante que remete Bruno a um mundo novo, “como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade” (ibid, p.224).

Em função disso, perguntamos ao Bruno:

Pesq.: O que significa o mundo das línguas estrangeiras para você?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: ah... é como se eu estivesse adentrando em um outro mundo... e o inglês me faz sentir mais ainda... e o mundo de encontro com essas línguas. É o mundo mais rico ainda.

O que Bruno diz é do imaginário, ao se referir a um “mundo mais rico”, pois cada língua parece dar a sua contribuição de um mundo diferente.

Perguntamos: A LM marca uma falta e ele busca uma completude?

O que nos chama atenção é o investimento diário de Bruno em um impulso de escrever como se a escrita se apresentasse de forma imperativa para suprir um desejo de dominar os efeitos da LM sobre ele. Ao mesmo tempo, existe uma sede de conhecer outras línguas, pela pulsão epistemofílica, citada por Freud. Pois, conforme Rennó (2019), na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud fala sobre uma pulsão sexual na infância, relacionando-a à pulsão epistemofílica ou pulsão do saber e do conhecimento.

Embora não tenha continuado a explorar esse conceito, Freud deixa claro que essa pulsão não se refere apenas à sexualidade. E, mais adiante – em 1910 – faz alusão ao termo como instinto de pesquisa/ investigação movido por uma sede de conhecimento. Assim, esse anseio de conhecimento denota levar Bruno a encontrar uma forma de “curar-se das ilusões que o retêm na via de seu desejo” (Lacan, 1988, p.267). O desejo de completude o levaria a um esforço de dominar os efeitos da LM sobre ele, aliado à ânsia de conhecer outras línguas movido pela pulsão epistemofílica.

Reafirmamos a resposta de Bruno, no intuito de fazê-lo prosseguir com esse assunto:

Pesq.: então é como se você entrasse em outro mundo... falando... cada língua dessa... e o inglês te faz sentir mais ainda... o mundo da língua é o mundo mais rico?

Bruno complementa:

Bruno: é... mais vasto... porque eu estou... é... há mais tempo... é a língua do/ pronto... também eu posso adicionar um texto... um texto novo... eu não sabia... mas estava buscando a minha missão... uau... minha missão...

Baseando-nos no que Bruno diz: “como se eu estivesse adentrando em um outro mundo... e o inglês me faz sentir mais ainda... e o mundo de encontro com essas línguas... é o mundo mais rico ainda”, leva-nos a ressaltar que o que ele fala tem sentido, pois as línguas nos proporcionam uma relação com as coisas do mundo. Por outro lado, esse mundo no qual o sujeito se diz focar, pode nos direcionar, no sentido de aclarar a possibilidade de haver um desvelamento de indícios do laço específico que o sujeito mantém com a LM, já que este denota estabelecer uma relação peculiar com algumas LEs.

Por esse prisma, que tem como norte a relação afetiva que o sujeito mantém com alguns idiomas estrangeiros, no sentido de analisar se as relações do aprendiz com as LEs desvelam traços com a LM, nesse contexto, “a palavra do inconsciente seria a palavra de

revelação. É palavra que não se diz diretamente, já que o inconsciente só se expressa por deformação, distorção, transposição (Brauer, 1994).

Com a finalidade de levar Bruno a refletir sobre o seu envolvimento com as LEs e LM, perguntamos:

Pesq.: você disse uma vez... primeiro que o inglês é enxerido não é... que ele entra de fininho sem sua permissão... e também você disse que se sente mais... extrovertido... mais à vontade pra falar inglês... mais assertivo falando inglês.

Bruno responde:

Bruno: com certeza... porque... é... não é que inglês seja melhor que português ou vice-versa ou/ cada língua tem sua maneira... PECuliar de... se expressar... então quando eu falo inglês... eu sou alguém... uma coisa... **quando eu estou falando português eu tô... de alguma forma diferente... não... não é a mesma coisa...** como (por ejemplo en español... yo hablo español...) quando eu falo espanhol já me sinto uma coisa... mais desenvoltura... porque uma é melhor que a outra? não... cada línguanos dá um ponto de/ uma forma de pensar diferentemente... por quê? não sei... não sei exatamente por quê... mas que cada língua tem sua forma... é... totalmente pessoal... quando eu falo espanhol é como se eu fosse uma pessoa... quando eu falo inglês é como se eu fosse já outra pessoa... **quando eu me volto para o português... eu já me vejo como um outro personagem diferente... nenhum é melhor do que o outro... mas ele consegue ver o/ buscar um mundo que o outro não tem... o outro/ quando eu estou em inglês... eu sou algo... quando eu estou em espanhol... eu sou um outro... até já pensei na possibilidade/ uma vez Nikolas me falou assim... pessoas quietem vários personagens na sua mente... no seu cérebro... então quando ele é... ele é... dar um nome qualquer assim aleatório... falando... é... Chico... ele é Chico... **então ele é um... se ele for um/ às vezes até um personagem diferente... como uma mulher... então agora ele é uma mulher...** oh my... **então existem essas/ esses bloqueios de uma língua para outra...** mas no meu caso não tem nada a ver... no meu caso é só... eu sou/ quando eu estou falando inglês... eu consigo... ah... uma coisa que eu só entendi... uma coisa que bateu assim... chegou a mim só porque eu estava falando em inglês... (“oh my god... I didn’t know that”)... mas só porque eu estava falando inglês... mas quando eu estou falando português já tenho outras ideias... não é que uma seja melhor do que a outra... é meramente uma diferente da outra... ela me põe/me/ eu atino... atinei só porque estava falando ou em inglês... ou espanhol... ou em francês... assim... dessa forma... não sei exatamente como estruturar isso... mas é essa coisa que acontece.**

O relato de Bruno nos traz uma semelhança com o caso de uma detenta que participa da pesquisa de Lopes (2015), sobre as “Interferências subjetivas do processo de aquisição de outra língua”, pois no momento que é questionada quanto às possíveis mudanças que o inglês como LE traria para a sua vida, ao falar a língua, ela responde: “muita coisa (...) eu ia ser **uma nova pessoa**”. A resposta sugere o envolvimento do sujeito em um episódio de despersonalização.

Da mesma forma ocorre com Bruno, ao dizer: “ela me põe/ me/ eu atino... atinei só porque estava falando ou em inglês... ou espanhol... ou em francês... assim... dessa forma... não sei exatamente como estruturar isso... mas é essa coisa que acontece”. Nesse momento,

Bruno descreve que se sente como se estivesse buscando uma completude relacionada a um processo de despersonalização, ao migrar de uma língua para outra.

Devendo-se ao fato de:

Quando nos encontramos em posição de emigrados, a realidade apresenta uma qualidade absolutamente particular, ou seja, de ser sustentada por um desejo pelo qual, **enquanto emigrados, não pagamos**. Ao mesmo tempo, o desejo que sustenta essa realidade parece estrangeiro e a própria realidade toma um caráter superegóico, pois vem de certa forma lembrar ao **emigrado que ele não pagou o preço que era necessário**, já que não se pode incluir nessa realidade como se fosse parte constituinte ou mesmo participante dela. (Melman, 1992, p. 26).

A explicação de Melman (1992), quanto ao processo de despersonalização, que inconscientemente Bruno faz a descrição, deve-se ao fato de que nas outras línguas nos sentimos como se não pagássemos o preço de recalque, já que este foi inscrito na LM. E, o próprio objeto interdito e a significância da língua está no interdito. Nela são introduzidos pelo falante o jogo poético, os lapsos, os deslizos e os tropeços, tendo na escuta de seus locutores desejos de coisas comuns e de outra coisa, mesmo que esta outra coisa esteja interdita, apesar de ser causadora do desejo.

Esses embaraços, conforme Weissmann (2017), ocorrem quando o aprendiz tenta se comunicar em uma LE e se sente como se estivesse diante de uma exigência de abandonar a LM para se comunicar em um idioma estrangeiro. O luto seria proveniente de uma sequência de perdas, tais quais, da língua, da cultura, bem como a perda do lugar de origem, como se estivesse diante de uma situação de migração.

Justificado pelo fato de que:

A terra natal [...] é o lugar onde temos as nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do nosso coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta (Lenz, 1985, p. 83).

Por outro lado, podemos considerar esse último excerto como um ápice, no qual o sujeito se distancia da sua abordagem recorrente que se refere apenas às questões linguísticas da aquisição de LEs. Favorecendo para que possamos destacar alguns trechos relevantes, concernentes à relação que o sujeito mantém com algumas LEs, a saber:

Bruno: quando eu falo inglês... eu sou alguém... uma coisa... **quando eu estou falando português eu tô... de alguma forma diferente... não... não é a mesma coisa...** como (por ejemplo en español... yo hablo español...) quando eu falo espanhol já me sinto uma coisa... mais desenvolvida... porque uma é melhor que a outra? não... cada língua nos dá um ponto de/ uma forma de pensar diferentemente... por quê? não sei... não sei exatamente por quê... mas que cada língua tem sua forma... é... totalmente pessoal... quando eu falo espanhol é como

se eu fosse uma pessoa... quando eu falo inglês é como se eu fosse já outra pessoa... **quando eu me volto para o português...eu já me vejo como um outro personagem diferente... nenhum é melhor do que o outro... mas ele consegue ver o/ buscar um mundo que o outro não tem... o outro/quando eu estou em inglês... eu sou algo... quando eu estou em espanhol... eu sou um outro..**

Assim, ao afirmar: “eu tô de alguma forma diferente” e “quando eu falo espanhol já me sinto uma coisa...”, inferimos que, por não ter explicação para essa perda de si mesmo, Bruno define com a palavra “coisa”, depois complementa com a definição de “mais desenvoltura”.

Outra parte que nos chama a atenção no excerto é quando Bruno relata:

Bruno: uma vez Nikolas me falou assim... pessoas que têm vários personagens na sua mente... no seu cérebro... então quando ele é... ele é... dar um nome qualquer assim aleatório... falando... é... Chico... ele é Chico... então ele é um... **se ele for um/ às vezes** até um personagem diferente... como uma mulher... então agora ele é uma mulher ...

Nesse contexto, ao dizer “... pessoas que têm vários personagens na sua mente...”, mais uma vez, Bruno parece adentrar “a linha inconsciente que faz a conexão sujeito e outro que é atravessada pela relação imaginária, fundando-se um novo lugar e surgindo o sujeito dividido, tocado pelo significante” (Silva Neto, 2009).

Em seguida, identificamos a presença da fala truncada, no momento em que o sujeito diz “se ele for um/ às vezes”, como se a língua o capturasse e o fizesse sentir em meio à entrada de “um personagem diferente...”, tal qual a sua descrição, fazendo-o adentrar em “umalinguagem por vezes truncada (...) que é passível de inúmeras interpretações” (Cabral, 2008, p.09).

Ainda sob o efeito da contribuição lacaniana que “atribui o inconsciente ao campo da linguagem e dos significantes” (Vasconcelos; Nunes, 2019, p.158), prosseguimos com a nossa conversa, tentando levar o sujeito a se manter, conforme Herrmann (2015) em um espaço reservado ao eu e suas ilusões, identificado como o registro do imaginário, pois “o que se cogita é, de certa maneira, o que o imaginário retém como enraizado no corpo” (Lacan, 1975, p.119).

Dessa forma, averiguamos:

Pesq.: são vários fragmentos de você...

Bruno prossegue afirmando:

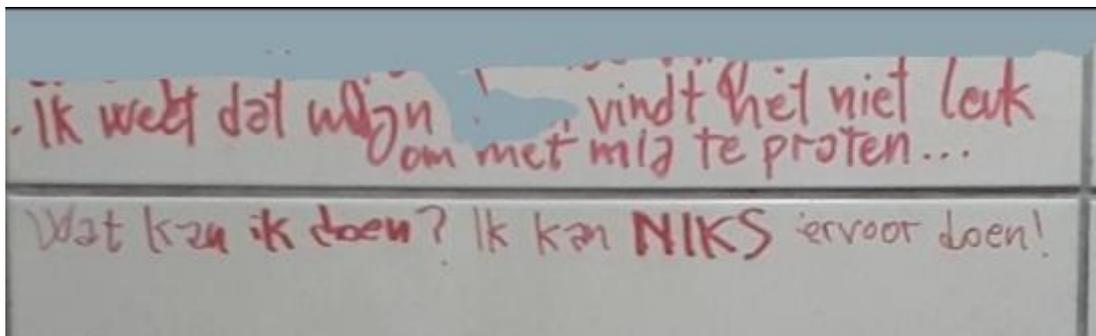
Bruno: (ya...) com certeza... os meus frag/ fragmentos/ **eu quando estou em inglês...eu sou uma coisa... é... de repente eu posso até ser mais loquaz... eu ter mais assim... mais... é... mais capacidade de falar sobre algo do que se eu**

estivesse falando aquilo em português... (“just like that”).

A palavra “fragmentos” parece ressoar aos ouvidos de Bruno e provocar alguns efeitos, fazendo-o tropeçar na sua fala, ao dizer “com certeza... os meus frag/ fragmentos/ eu quando estou em inglês... eu sou uma coisa...” como se estivesse diante de um elo faltoso, o que faz com que o inconsciente venha intermediar situações que podem fugir do controle do falante, culminando em seus deslizos e/ou tropeços, por ser “o inconsciente (...) o verdadeiro intermediário entre o somático e o psíquico, talvez seja o *missing link* tão procurado. (Freud, 1986).

Diante de tudo o que foi dito, percebermos a alteridade como um lugar onde “desfila uma legião de seres (...) designada como – outros” (Portieri, 1999-2000, p.330.). No caso de Bruno seria como se esses outros representados pelas LEs fossem “aqueles com quem este teceria sua vida de relações afetivas (ibid, 1999/2000), através da escrita. Os excertos a seguir exemplificam dois momentos de escrita nos quais Bruno expressa em LEs diferentes, holandês e inglês, sua afetividade por um amigo e pela própria vida, a saber:

Figura 10- Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt.02.

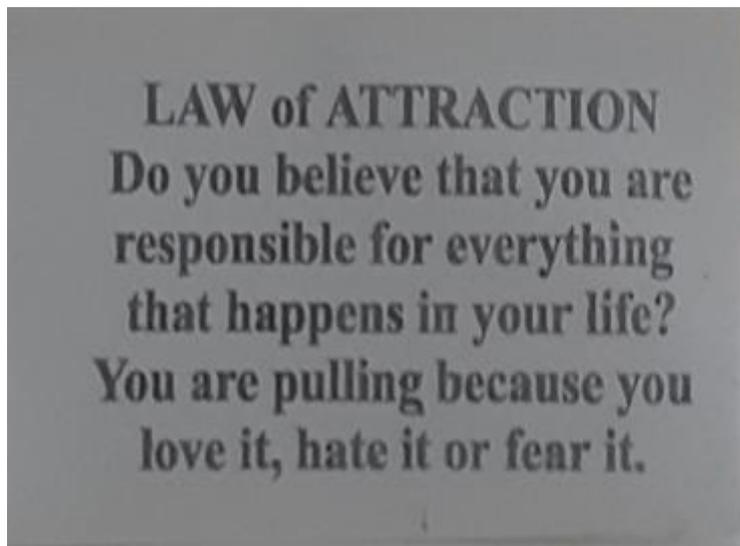


Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Holandês: eu sei que-----simplesmente não gosta de conversar comigo. O que posso fazer? não posso fazer nada por isso.

Figura 11- Texto digitado por Bruno em uma folha e colada na parede do quarto do apt.02.



Fonte: a autora,2024.

Tradução:

Inglês: você acredita que você é responsável por tudo que acontece em sua vida?
Você está atraindo porque ama.. odeia ou teme.

Conforme os excertos acima escritos em holandês “ik weet dat mijn vriend vindt het niet leuk om met mij te praten”, traduzido como: “eu sei que simplesmente não gosta de conversar comigo”, e em inglês “you are pulling because you love it, hate it or fear it”, cuja tradução seria: “você está atraindo porque ama.. odeia ou teme”, inferimos como se a escrita, segundo Bento (2004), apontasse para a possibilidade de o sujeito se mirar no espelho, como uma permissão para encarar a sua fratura. Um espelho que faz a mediação entre o sujeito e o mundo.

4.3 O mundo entre a língua materna e a língua estrangeira: A entrega aos idiomas estrangeiros e o retorno ao amor da língua-mãe

Questionamos: existem diferenças na relação de Bruno com as línguas estrangeiras? No intuito de levar o sujeito a mostrar se há diferenças na sua relação com as LEs, perguntamos:

Pesq.: você acha que a sua escolha... profissional... foi por causa do seu fascínio pelas línguas?

Bruno confirma o nosso questionamento, dizendo:

Bruno: u-hum... principalmente voltando mais para o inglês... porque eu... **eu era só bilíngue... português e inglês...** mas depois eu comecei a querer outras línguas... mas depois de muito... é... relutar... né... porque primeiro eu queria ser inglês inglês e cadavez mais inglês... **mas depois eu comecei a ver que há outras coisas... outras línguas... aí eu comecei a ter também essa/ esse gosto por outras línguas.**

Nesse momento, ao afirmar “eu era só bilíngue... português e inglês...”, Bruno elimina o seu primeiro momento com o francês, pois o seu primeiro contato com uma LE foi com a língua francesa. E, ao dizer “mas depois eu comecei a ver que há outras coisas... outras línguas... aí eu comecei a ter também essa/ esse gosto por outras línguas”, há um certo esquecimento de que ele conhecera outra LE, antes do inglês.

Continuamos instigando Bruno a descrever esse mundo entre as línguas, no qual a inquietude proporcionada pelo corpo tocado e marcado pela palavra – corpo pulsional – parece fazê-lo entregar-se à travessia do desejo.

Desta forma, perguntamos ao Bruno:

Pesq.: e o inglês não ficou com ciúmes... não?

Bruno respondeu com um sorriso:

Bruno: ((ri discretamente))

A inibição de Bruno com a nossa pergunta, parece tê-lo levado a esboçar um sorriso. Esobre o riso, este parece “ultrapassar o sentido, o qual está articulado aos significantes, atravessa algo da repressão tocando o pulsional, que ao liberar-se provoca um efeito que também incide no Outro” (Zelaya, 2023).

No contexto do nosso diálogo, Bruno deixa deslizar dois significantes, denotando expressar o seu afeto pela língua inglesa, que seriam os significantes “amor” e “loucura”, fazendo com que o sujeito continue reafirmando uma certa devoção ao inglês.

No dizer de Bruno:

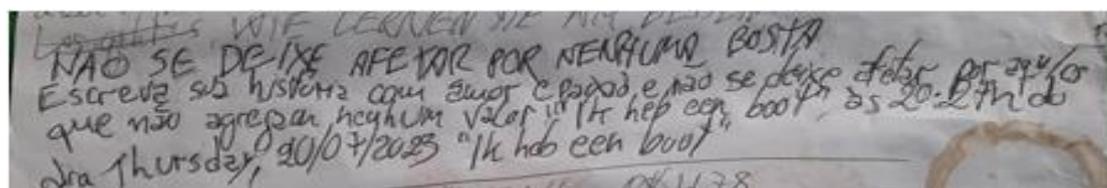
Bruno: mas o inglês é imbatível... nenhuma outra língua poderá/ mesmo o holandês... que é meu sonho... mas eu diria que... eu acho que nunca vou ser tão bom em outras línguas como eu já sou com o inglês... porque primeiro é negócio de três décadas... três décadas... ou mais... aliás... mais do que três décadas... eu já estou com o inglês há mais de três décadas... desde que eu tinha meus... quatorze... quinze anos... e... eu me volto a essa língua com muito... **amor... vontade... loucura...** e eu nunca vou deixar de me voltar para ela... então me aperfeiçoei cada vez mais **e... inglês fica como/ depois da língua nativa... minha língua materna... a... (number one)... depois de português... é o inglês...**

Dessa forma, os significantes “amor” e “loucura” podem ser interpretados como uma das “vestimentas do *falasser*, pois esta seria a única relação que o *falasser* tem com o seu corpo”(Maia, 2013) e o significante se materializa no corpo (Espinha, 2020). Nesse processo de entrega aos significantes que se deslizaram em cadeia, outra vez veio à tona a preferência pela língua inglesa, ao dizer: “mas o inglês é imbatível...”.

E, mesmo com uma certa hesitação para falar, ao dizer “e... inglês fica como/ depois da língua nativa... minha língua materna...a... (number one)... depois de português... é o inglês..”, Bruno assume que há diferença da sua relação com as LEs, atribuindo sua dedicação maior, ao “primeiro” idioma estrangeiro que teve contato e apreendeu: a língua inglesa, tomando-a como o segundo idioma materno. Por sua vez, encontramos a presença do significante “amor” na escrita de Bruno, que nos chama a atenção por ter sido registrado na LM.

Questionamos: O que faz Bruno recorrer à língua materna para fazer auto aconselhamento sobre a escrita? No dizer de Bruno, tem-se:

Figura 12- Escrita de Bruno na toalha da bandeja do hospital.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

“Ik heb een boot” (Holandês): “Eu tenho um barco”. Em 20/07/2023.

No excerto acima, Bruno traz além do significante “amor”, o significante “paixão”, para se referir à forma que este deve se dedicar à escrita de sua própria história. E, nesse momento recorre à LM, como se esta fosse uma certa exigência da sua própria língua fundadora. Lacanalinha *Lalangue* aos afetos, cujos efeitos estão no inconsciente como um saber anterior à fala, é ela porque guarda os efeitos dos afetos, de maneira a levar o sujeito esquecido a tentar compreender a estranheza da língua que o causa (Moraes, 1999, p. 83).

E, sendo a *lalangue* a língua do afeto, o laço específico que temos com a LM tem uma relação com a afeição, o que levaria o sujeito a dialogar consigo no idioma materno, ao dizer “escreva sua história com amor e paixão e não se deixe afetar por aqueles que não agregam nenhum valor...”, em uma tentativa de expressar a sua afetividade pela escrita de

sua história, como se uma ramificação de si irrompesse no momento em que “o sujeito enlaça seu desejo” (Milner, 2012, p. 104).

Ao mesmo tempo, mais uma vez o texto de Bruno é atravessado por uma frase “Ik heb eenboot”, escrita na língua holandesa, que escapa ao sentido do seu texto, alcançando a relação LMe LE. Traduzida como “Eu tenho um barco”, a partir da descrição anterior de Bruno, sobre o fato de que cada LE seria considerada como um personagem, nesse contexto da frase aparentemente sem sentido, Bruno aparenta estar diante de um outro momento de despersonalização.

Dito de outro modo, pode ser entendido como se o sujeito estivesse diante de um desmoronamento de algo, que o estarrece. E, faz com que este tropece na frase ““Ik heb een boot”, como se “os elementos articulados virassem significantes (ibid, 2012, p.100), a partir do que parece não ter sentido, já que “nela um sujeito de desejo dá indício num ponto para que, num só golpe, tudo desande” (ibid, 2012).

Dentro do contexto do entremeio de Bruno entre as línguas e da preferência e consideração dele pela língua inglesa, perguntamos ao Bruno:

Pesq.: você faria a troca? faria a troca né? faria a troca... sem nenhum constrangimento do português para o inglês

Bruno responde:

Bruno: eu fiquei com as duas línguas... é... português e inglês... inglês e português... depois eu me voltei para outras línguas...

A mudança de assunto de Bruno nos faz persistir com a nossa pergunta:

Pesq.: você faria a troca DEfinitiva de português para inglês?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: olha... eu amo a minha língua... não tem/ quando alguém diz “você fala port-/você fala português como se fosse um estrangeiro e bla bla bla”... mas isso é totalmente/ eu não sei por quê... porque eu não faço questão de falar português com... vestígios do inglês... NÃO... eu até já disse a Nikolas... eu poderia... vamos dizer... vamos dizer uma palavra... vamos dizer em inglês... card... c-a-r-d... cartão... eu jamais diria cartão ((**com sotaque estrangeiro**))... cartão... eu poderia dizer... frangando... como de/ como se eu fosse um estrangeiro... não... eu digo CAR:: tão ((**sotaque brasileiro reforçando o som do R**))... eu não sei de onde vem essa ideia de “ah mas você fala português como se fosse um estrangeiro”... estrangeiro um caralho... porque eu falo português querendo mostrar... “olha... eu sou de falar cartão... carta... e jamais cartão... carta” ((**com sotaque americano**))... uma merda... agora quando eu estou com inglês... bye bye... esse... esse “carta” (**reforçando o R de sotaque brasileiro**)...

Em um primeiro momento, Bruno se nega a responder a nossa pergunta mudando

totalmente de assunto. Ao insistirmos, Bruno tenta responder como se estivesse se defendendo do fato de as pessoas dizerem que ele fala a LM com o sotaque da LE, ao falar “olha... eu amo a minha língua... não tem/ quando alguém diz você fala port-/ você fala português como se fosse um estrangeiro e bla bla bla...”, pode-se constatar que Bruno inicia a sua frase declarando o seu amor pela LM, no entanto trunca a sua fala ao dizer “não tem/ quando alguém” e em seguida descontinua o que iria dizer.

No segundo truncamento, o sujeito insiste até o final repetindo o que queria dizer e concluindo a fala, quando diz “você fala port-/ você fala português como se fosse um estrangeiro”, o que não conseguiu fazer no primeiro momento do tropeço da sua fala.

Na realidade, o que favorece para que Bruno seja confundido com um falante nativo de inglês seria a musicalidade da língua ou a entonação e não a pronúncia de alguns fonemas, tal qual ele se referiu ao “r” retroflexo da língua inglesa, usando como exemplos as palavras “card” traduzida como “cartão” e “car” que quer dizer “carro” em português.

De acordo com Haux (2021), o “R” retroflexo seria também chamado de “R” caipira. Podendo ser considerado como uma variedade própria do interior do Brasil, identificada no interior de São Paulo, no sul de Minas e de Mato Grosso e no Norte do Paraná. Dessa forma, Bruno fala como se estivesse usando o R retroflexo ou caipira para falar português, razão pela qual estaria sendo confundido com um estrangeiro.

Em outro momento de maneira direta em meio à sua descrição da forma que estuda as línguas, Bruno deixa claro que “destronaria” o português, ao dizer:

Bruno: o inglês é o enxeridinho... e pode entrar em qualquer dia... qualquer coisa. / *speak English*).... de repente eu não quero **tecer** e português... vem cá... mesmo no domingo, eu digo perai. **destrona o português.**

Conforme o excerto, mesmo admitindo que o inglês é um “enxeridinho”, Bruno deixa claro que permite a sua entrada ao afirmar “e pode entrar em qualquer dia”. Em seguida usa o significante “tecer” na frase “eu não quero tecer”, como se estivesse preso em uma “teia” ou um entrelaçamento de fios nos quais a LM não teria permissão de ficar. E, no final conclui: ‘eu digo perai. destrona o português’. A LM está lá e ele parece querer se livrar dela.

A reação de Bruno faz alusão ao fato de que “a suposta língua materna é também uma língua estrangeira, estranha em sua familiaridade” (Coracini, 2009, p.475). Significando dizer que, “o estranho, em algum momento, é, portanto, idêntico ao familiar, está nele, escondido, silenciado, mas latente, prestes a se fazer ouvir. (De Nardi, 2005,

p.08).

Por outro lado, Bruno não se dá conta que, de forma inconsciente, **destrona a LM** também quando está falando o português com o sotaque da LE, mesmo dizendo “porque eu não faço questão de falar português com... vestígios do inglês. ”, o que seria considerada como uma frase recorrente, na qual o sujeito tenta se certificar que tem o controle na sua relação com as línguas.

Todavia, Bruno afirma:

Bruno: e eu vou perder tempo pensando em português... todas as línguas são autossuficientes e eu quero me sentir capacitado e ter uma expressividade mais acentuada. quanto mais se expõe melhor.

Questionamos: esse momento poderia ser considerado como se Bruno estivesse no ápice do seu estranhamento pela LM, por se encontrar em meio ao estranho e familiar da língua-mãe? O nosso questionamento remontaria o encontro dos contrários freudiano no ensaio “O estranho” *Das Unheimlich* (não familiar). Nesse contexto, na mesma palavra “*Heimlich*”, encontra-se de forma simultânea o familiar e o estranho, sendo visto como um achado semântico, por estarmos diante de uma palavra ambivalente.

Justificado pelo fato de que: “os sujeitos ao falar na língua materna a nomeiam como um território, o que explica porque os migrantes mencionam rupturas e travessias, de passagem do *heimlich*, a língua perdida, para o *unheimlich*, esses outros lugares ainda estrangeiros” (Koltai, 2011, p. 1).

Dito isso, podemos considerar a reação de Bruno como se fosse um estado de ambivalência com a LM, o que o levaria a uma sensação de estranhamento, ao se sentir entre o familiar e o estranho da sua língua-mãe, como se “o português fosse dois, o outro, mistério” (Drummond de Andrade, 2022). Levando-o a falar: “e eu vou perder tempo pensando em português”, depois complementa “todas as línguas são autossuficientes e eu quero me sentir capacitado e ter uma expressividade mais acentuada quanto mais se expõe melhor”.

4.4 Diálogo com os casos de escritores que iluminam a relação de Bruno com as línguas estrangeiras

Nesse espaço, faremos uma intersecção entre o caso Bruno e alguns escritores bilíngues já mencionados na nossa revisão literária, conforme Amati-Mehler; Argentieri; Canestri (2005), por trazerem os efeitos subjetivos das línguas ao se dedicarem à escrita em LEs. Notadamente, por ser considerado um momento no qual ocorreu um duplo envolvimento entre LM e LE. O que nos oferece “um ponto de intersecção entre a língua e a obra daqueles que fizeram das palavras de sua língua materna ou de uma língua estrangeira os instrumentos de sua arte” (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.200).

4.4.1 Bruno e o caso Louis Wolfson

Considerando a fala de Bruno:

Bruno: **naquele momento que eu estou com o inglês que pode ser dez minutos, cinquenta minutos ou um dia todo... eu efetivamente. eu simplesmente exclui a língua materna..... mas ... você nasceu com o português... lôlôlôlô.... eu sei cacête.... mas. ..eu poderia viver muito bem sem o português e isso não vai me causar nenhum problema**

Lendo o excerto, entendemos que o caso Bruno se aproxima do caso Wolfson. Pois, conforme Gedrim (2018), é como se Wolfson (1970) recorresse à língua francesa para se proteger da LM ao demonstrar um grande esforço para substituir cada palavra do idioma materno inglês por algumas línguas que ele adotou. A aproximação entre os dois casos seria no que se refere a uma relação cotidiana intensificada no tempo que ambos passam se dedicando às línguas. Constatando-se na afirmação de Bruno, ao dizer: “naquele momento que eu estou com o inglês que pode ser dez minutos, cinquenta minutos ou um dia todo eu efetivamente exclui a língua materna...”. Dessa forma, Bruno pensa nas outras línguas no sentido do imaginário, como se quisesse se completar na experiência de falar uma outra língua.

Ainda conforme o depoimento de Bruno:

Bruno: **eu comecei a aprender holandês a partir do inglês e nesse contexto...eu não precisei de usar a língua materna para aprender a língua holandesa...eu acho uma atitude ousada dizer que a pessoa se desvincula de uma língua como língua mediadora...**

Considerando a fala de Bruno “eu comecei a aprender holandês a partir do inglês e nesse contexto... eu não precisei de usar a língua materna para aprender a língua holandesa”, Bruno mostra uma compreensão da língua como objeto de conhecimento, ao ter o entendimento de que a LM pode ser neutralizada, e pode aprender uma LE usando uma outra LE como uma ferramenta de apoio.

Essa concepção de aprendizagem de língua de Bruno parece se basear na própria divisão da linguística, no sentido de apresentar contradição. Pois, a linguística afirma que “o sujeito constrói e é construído pela linguagem através de associações. E, enquanto ser social o sujeito precisa da linguagem verbal e não verbal para a expressão, a compreensão, a comunicação, a transmissão de conhecimentos e as reproduções” (Volpato, 2021, p.82), entendendo-se que a linguagem tem um papel fundamental na constituição do sujeito humano.

Em contrapartida, ao “separar língua de fala, Saussure estabelece os princípios da linguagem como ciência, mas deixa de fora o sujeito falante” (Crestani, 2004). Portanto, a contradição estaria no fato de afirmar que a linguagem estaria fora do sujeito.

Por outro lado, conforme já foi visto, ao falar das línguas, Bruno usa adjetivos que estão relacionados aos impactos subjetivos, fazendo uma dicotomia de conhecimento da língua ligado à pulsão. Nesse sentido, chama-nos a atenção à carga subjetiva presente nos efeitos dos palavrões, ao dizer: “você nasceu com o português... lôlôlôlô.... eu sei cacête.” que presentificam as implicações subjetivas da língua.

Uma outra aproximação com Wolfson (1984) seria o fato de que, segundo Amati-Mehler; Argentiari; Canestri (2005), Wolfson tenta adquirir vocabulário de algumas **línguas de adoção** (espanhol, italiano, turco, armênio etc.), usando como se fosse sua grafia reformada, o que ele próprio chamaria de especulações etimológicas fonético-fonemáticas, denotando ser uma maneira mais rápida de se livrar da LM, por intermédio de transmutação linguística.

Por sua vez, Bruno utiliza-se da escrita em cinco LEs (francês, espanhol, inglês, holandês e alemão), o que denotaria ser uma forma instantânea de aquisição, já que a escrita da língua parece ser para ele a maneira mais “fácil” de se autodeclarar “falante” destas línguas, mesmo não tendo ainda o domínio da habilidade da fala, tal qual afirma no excerto a seguir.

No depoimento de Bruno:

Bruno: quando eu me proponho a escrever ou **pensar** numa língua....eu fico somente com AQUELA... "ah... mas..." claro que eu vou com pé no

chão... dizendo "peraí... eu não vou dizer que eu gostaria em holandês. é claro que não **eu não tenho um vocabulário da porra desses** e nem mesmo uma parte gramatical tão desafiadora... é como eu até disse no Poliglota. no Clube Poliglota... há coisas que eu gostaria de dizer em alemão mas eu não vou dizer porque não tenho condições...

Ao dizer “eu não tenho um vocabulário da porra desses e nem mesmo uma parte gramatical tão desafiadora...”, usando como ponto de referência a língua holandesa, Bruno também deixa claro que não tem proficiência linguística para conversar em holandês. O sujeito também se refere à língua alemã como se não conseguisse se comunicar nesse idioma, ao falar: “há coisas que eu gostaria de dizer em alemão... mas eu não vou dizer porque não tenho condições...”. Portanto, para “dizer” em LEs Bruno parece se sentir favorecido pela escrita, já que não tem conhecimento para falá-la.

Wolfson elaborou estratégias chamadas de “interlinguagem substitutivas” ao substituir vocabulários da LM por palavras de outras línguas, pois “não pode se sentir seguro enquanto a língua inglesa continua a ser a língua da rarefeita comunicação com os outros e consigo próprio, a língua em que vivem seus sonhos e seus pensamentos” (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.202)

Esse fato faz lembrar a atitude de Bruno, ao tentar criar um código linguístico para a sua escrita usando o alfabeto cirílico, embora o intento seja diferente. Pois, Wolfson recorria às línguas, por querer **se livrar da dor** que o causava o alfabeto da sua LM – o inglês.

E, ao questionarmos:

Pesq.: você em algum momento nesse tempo... que você falou... em quarenta e cinco anos que você estuda as línguas... não é? você já tentou criar algum código com a escrita que só você entendesse? para escrever?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: JÁ... mas veja bem... **não era a língua... era um có-di-go... o alfabeto (cirílico) .. que agora nem mais me lembro direito... cada uma letra tinha a ver com uma letra em português... aí eu pegava... pegava e escrevia em português... mas usando aquele... aquele alfabeto... como se fosse por (ventura) eu pegasse o alfabeto grego para escrever em português... a palavra casa ah::: como vai ser em...em grego... no alfabeto grego... eu poderia tentar e eu já fiz isso com o alfabeto fenício... porque aí... eu tinha um decodificador das letras... aí eu entendia... **porque eu queria escrever uma coisa que só eu o entendesse... só eu****

Bruno fala sobre a ideia que teve de criar ou conquistar uma outra forma de escrever, que ele identifica como “um có-di-go... o alfabeto (cirílico)...”. Este é conhecido como (...) um sistema alfabético de escrita utilizado atualmente para representar a língua russa, além de várias outras na Europa oriental e na Ásia central (Santiago, 2012). Nesse contexto, Bruno explica o motivo que o levou a ter essa ideia,

ao afirmar: ... “porque eu queria escrever uma coisa que sóeu o entendesse... só eu”.

O que nos levou a perguntar:

Pesq.: e essa era uma língua que você queria criar?

Bruno: sim... mas era só pra mim.

Pesq.: hum... você não queria espalhar pra ninguém?

Bruno responde:

Bruno: NÃO... EI... ERA DE MIM PARA MIM SÓ

Ainda perguntamos:

Pesq: só para escrever?

Bruno confirma nossa especulação:

Bruno: só para escrever e pronto...

As afirmações de Bruno trazem outra vez a questão da escrita e confirmam nossas especulações no que se refere às facilidades que a escrita em LEs parece proporcioná-lo. Já que, conforme Weissmann (2017), a LE traz um desconhecimento de si que provoca um estranhamento no aprendiz, mas ao mesmo tempo, a comunicação em outra língua favorece para que o sujeito se sinta menos exposto a situações do não familiar na LM.

4.4.2 Bruno e o caso Samuel Beckett: semelhança

Bruno parece buscar um favorecimento nas LEs como se fosse uma fuga, para desenvolver a sua criatividade e sua sobrevivência psíquica, o que envolve a criação artística de alguns de seus textos que são escritos em materiais reciclados, como se demonstrassem uma tentativa de imitar uma obra de arte (o que veremos mais adiante), tentando criar quadros escritos em diferentes materiais reciclados.

Desta forma, ao fazermos o seguinte questionamento ao Bruno:

Pesq.: você quer fazer seus quadros com as letras?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: ah::: adoraria... eu... eu vi ai um pedacinho de coisas que eu vou aprender... vou aprender quando eu voltar com minha internet... ele chama de... deixa eu ver (LETTERING) é aqueles caras que tem o comando de fazer letras mais artísticas... que coisa linda da PORRA...

A estratégia descrita por Bruno nos leva a encontrar uma semelhança com o caso literário de Samuel Beckett, um escritor irlandês (1906-1989), que conforme Amati-Mehler; Argentiére; Canestri (2005) tem o estranhamento como profissão, variando o seu

discurso inventivo, a partir dos diversos personagens, constatado em “O que é estranho, vá embora”, onde faz infinitas descrições concernentes à posição do corpo no espaço, sem nenhuma imagem apenas letras, utilizando-se de um vai e vem linguístico (inglês e francês e vice-versa).

Da mesma forma Bruno o faz, ao tentar usar alguns materiais reciclados para escrever pequenas frases na língua estrangeira que escolher. Trata-se de quadros nos quais a única imagem permitida é a das letras, que o leva ao intento de querer aprimorá-las, ao dizer “fazer letras mais artísticas que coisa linda da PORRA...”. Como se as letras fossem os únicos traçados permitidos, já que “as letras produzem efeitos no corpo do sujeito” (Rilke, 1986) e conforme Souza (2018), Lacan se refere às letras como um conjunto de traços que atua em grupo e constitui a base da estrutura do inconsciente.

Como exemplo, temos a frase seguinte escrita em uma tampa de recipiente descartável, cuja função seria a de cobrir o vasilhame que transporta alimento para viagem. Bruno utiliza a tampa para escrever a seguinte frase:

Figura 13- Frase escrita na tampa de recipiente descartável e colada na parede do quarto do Apt.02.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Bruno: PARE DE FALAR sobre VOCÊ MESMO.

A partir da imagem, percebemos que Bruno destaca três palavras que parecem ser o foco da sua mensagem “STOP TALKING” e “YOURSELF”, cuja tradução seria “PARE DE FALAR” e “VOCÊ MESMO”. Como se Bruno fosse impulsionado a dialogar consigo, increvendo-se na sua própria escrita, o que nos faz lembrar a repetição da frase de sua frase “eu escrevo para mim”. E, nesse momento “o verbo se faz corpo” (Menezes, 1995, p.27), já que “as letras produzem efeitos no corpo do sujeito” (Rilke, 1986).

O que nos faz lembrar o que diz Graciliano sobre o significado de escrever:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocamo anil, ensaboam e torcem uma duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.” (Ramo, 2021)

(Graciliano Ramos, romancista brasileiro, sobre a arte de escrever, em entrevista concedida em 1948)

O “quadro” confeccionado por Bruno não teria a mesma função ornamental que exerça pintura de um quadro comum, pois esse escrever envolve um processo, tal qual o que fazem as lavadeiras aludidas no poema. O autor não se refere a uma escrita qualquer. Da mesma forma que Bruno o faz, ao querer transformar a sua escrita em uma obra de arte, o que não seria considerada uma escrita comum. Como se seu dizer envolvesse todo esse efeito subjetivo descrito por Graciliano (ibid, 2021): molhar, torcer, enxaguar, bater na laje ou na pedra para por último pendurar a roupa no varal.

No caso de Bruno, seria um estar pronto para pendurar na parede, para ser visto e lido, já que a escrita denota fazer imagem para ele. Inferimos que esse fato justificaria o investimento de Bruno no desenho de letras, pois a escrita como imagem exerce um certo fascínio sobre ele.

4.4.3 Contraponto entre o caso Bruno e o caso Samuel Beckett

Perguntamos: Por que Bruno se inibiu de falar e escrever nas LEs enquanto estava na Europa?

Sobre a inibição de escrever enquanto estava na Europa, constatamos um contraponto entre Bruno e Beckett, pois este perdeu a inibição na produção da escrita ao se mudar para o país da LE, confirmado no fato de que, “somente depois de um distanciamento geográfico e linguístico definitivo Beckett foi capaz de superar a inibição para escrever, a qual chamava de ‘constipação verbal’ (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005, p.208). Enquanto Bruno, ao se distanciar da sua pátria materna, inibiu-se de falar ou escrever nas línguas nativas dos países que visitou, na Europa.

Dessa forma, a inibição para escrever de Beckett se deve à interferência da mãe, já

queeste escolheu uma outra língua para se tornar escritor por causa da relação da LM com a mãe. Nesse sentido, o francês forneceu uma liberdade que o permitiu escrever. Por sua vez, enquanto esteve na Europa, conforme o seu depoimento, Bruno se sentiu inferior aos europeus por ser brasileiro, pois a cultura européia parece calar outras culturas, pelo fato de prevalecer o olhar europeu sobre o mundo. Portanto, a inibição para escrever se refere mais a questões que envolvem suas inquietações e seus questionamentos, atribuídos também aos impactos subjetivos que esse contexto o ocasionou como aprendiz de LEs.

Ao relatar sobre a sua inibição, Bruno afirma que:

Bruno: os alemães foram os que mais me inibiram... um alemão cismou porque eu fui ao banheiro e usei de forma errada o vaso sanitário... eu odiei... ao sair pelas ruas e ter que voltar para aquele lugar de um homem que não me respeitou era um **espaço de guerra**.

Ao dizer “os alemães foram os que mais me inibiram...”, Bruno usa um contexto particular de um fato que ocorreu na Alemanha para justificar a razão pela qual se sentiu inibido em falar alemão enquanto estava na Alemanha. Segundo ele, esse episódio o causou muitas impressões negativas, provenientes do mal acolhimento que teve, o que o fez se sentir inibido por estar em um “lugar de um homem que não me respeitou”, sendo visto por ele como um momento no qual se sentiu em “um espaço de guerra”.

Sobre a interação de Bruno com os nativos, perguntamos:

Pesq: tu conversastes muito com nativos lá na Europa?

Bruno respondeu:

Bruno: não... não porque a turminha era muito fresca

Continuamos questionando:

Pesq: aí por causa disso tu não conversaste. porque era tudo fresca?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: não ah::

Insistimos com o seguinte questionamento:

Pesq: e as línguas todinhas que tu:: aprendeste aqui?

Bruno respondeu:

Bruno: não... () falar () INGLÊS INGLÊS INGLÊS. porque por exemplo

Interrompemos a fala de Bruno para questionar:

Pesq: por que escolheu inglês?

Bruno respondeu:

Bruno: porque a turminha não gosta de outra língua não... por exemplo na França... a turminha ou francês ou FRANCês... ou francês ou francês... eles não gostam de falar inglês não... Nikolas tentava falar com eles em inglês eles ah:::: ah:::: ah:::: ah:::: francês francês e uma maior merda.

No que diz respeito à possibilidade de o sujeito se afastar da LM, ao viajar a outro país, Ayouch (2015) nos convoca a entender que ao chegar a um novo país e ter que falar a língua, esse encontro seria visto como um estado de exílio na nova língua e um momento dramático do aprendiz entre-duas-línguas, por estar próximo à materialidade da palavra, porém sem nenhum sentido.

Nesse confronto, o sujeito seria movido por uma falta de motivação na língua que foi acolhido e na língua de origem. Sendo esta ocasião interpretada como a de grande abandono, tanto na língua de acolhimento quanto na língua de origem. Contudo, embora seja visto como um momento de abandono e exílio entre duas línguas, o investimento na nova língua seria interpretado como o momento de apaziguar a realidade psíquica. No caso de Bruno, não houve nenhuma investidora na língua que o acolheu.

Assim, detectamos nos dois últimos excertos uma marca da contradição de Bruno na sua fala, pois o sujeito escolheu conversar com os nativos apenas em inglês, ao dizer: “não... () falar () INGLÊS INGLÊS INGLÊS... porque por exemplo”. Nesse contexto, Bruno apresenta no meio de sua fala dois momentos de incompreensão de segmentos ou palavras, como se quisesse dizer que conseguia se comunicar com os nativos na língua inglesa, passando a ideia de que o inglês seria o código linguístico que o favoreceu para se comunicar com os franceses naquele momento.

Todavia, após o nosso questionamento “por que escolheu inglês?”, Bruno parece retomar sua fala anterior “porque por exemplo”, exemplificando com o fato que não obteve êxito ao tentar falar inglês enquanto esteve na França, dizendo “... por exemplo na França... a turminha ou francês ou FRANCês... ou francês ou francês... eles não gostam de falar inglês não...”. Desta forma, inferimos que a preferência pelo inglês seria de Bruno e não dos franceses.

Desse modo, a contradição pode ser “interpretada como indicio de vulnerabilidade e incoerência, revelando sobre o sujeito algo que escapa à lógica e que o coloca em uma posição de incerteza. Desconcertantemente, uma posição de quem não sabe sobre si” (Rabelo, 2020, p.11).

Insistimos em perguntar:

Pesq: e esses outros países? por exemplo... Alemanha... tu gosta tanto de Alemão...holandês.... tu gosta tanto de holandês... por que tu não falasse essas línguas lá?

Bruno responde:

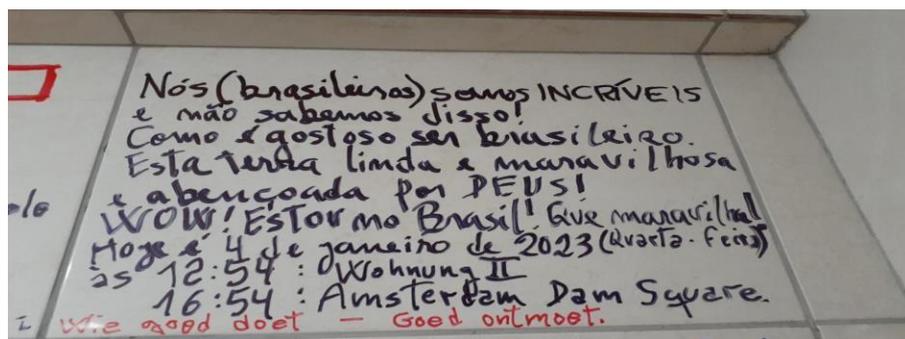
Bruno: é a turminha... olha só... um Matheus pode entender melhor... eu vou dizer porque... enquanto a gente não viaja a gente não sabe como são esses bos/ bostinhas ... aiquando eu comecei... olha Matheus... quando eu voltei para o meu país eu voltei comaquele amor desenfreado pelo meu país... porque aqui que é um país da PORRA... nós somos incríveis.

Nesse último excerto, Bruno faz alusão a uma pessoa amiga que está morando nos Estados Unidos, o que para ele poderia ser tomada como uma testemunha, no que se refere à dificuldade que existe em se comunicar com os nativos, argumentando: “só um Matheus pode entender melhor... eu vou dizer por que... enquanto a gente não viaja a gente não sabe como sãoesses bos/ bostinhas...”.

Em seguida, Bruno faz um desabafo quanto à sua forma diferente de ver o seu país, após sua experiência na Europa, ao dizer “eu voltei para o meu país... eu voltei com aquele amor desenfreado pelo meu país... porque aqui que é um país da PORRA... nós somos incríveis”. Podemos conferir nesse trecho a presença de palavras carregadas de afeto e de sexualidade quando se refere ao “amor desenfreado” trazendo também a presença do palavrão.

A fala de Bruno corrobora sua escrita na parede de sua residência, ao escrever:

Figura 14- Escrita de Bruno na parede de um dos banheiros do Apt.02.



Fonte: a autora, 2024.

O excerto acima seria considerado como um dos poucos momentos nos quais, Bruno sedebruça a escrever na sua LM. Nesse contexto, o sujeito tenta expressar o seu afeto pela sua nacionalidade e pelo seu país, ao escrever: “como é gostoso ser brasileiro” e “Estou no

Brasil. Que maravilha”. Entretanto, a sua declaração de amor não se sustenta na LM. Pois primeiro, o horário da escrita é sempre atribuído aos dois países: Brasil 12:54 e Holanda 16:54 – o que parece levá-lo a ser compelido a conferir a existência de quatro horas a mais na Holanda.

Em seguida, outra vez, o texto de Bruno é atravessado por duas frases em holandês, tais quais “Wie goed doet (quem faz o bem) – Goed ontmoet (bem conhecido). Ambas desprovidas de sentido em português, já que não conseguimos atribuir nenhuma interpretação.

Esse contexto da escrita das duas frases sem sentido, faz-nos lembrar a fala de Bruno ao dizer que escreve na LE que estiver “pulando em sua mente”. Significando dizer que não teria controle com a sua escolha da escrita no idioma estrangeiro. Perguntamos: seria esse episódio considerado como um momento no qual Bruno se inscreve em uma frase inusitada, fazendo alusão à sua descrição ao afirmar que escreve na língua que estiver “pulando” em sua mente? De forma inconsciente, essa frase viria à tona diante de sua intenção de expressar afeto pelo seu país.

Por outro lado, as duas frases em holandês que atravessam o texto escrito em português, poderiam ser consideradas como se os sons da língua materna provocassem outros sons através de “associações imagéticas, sonoras e afetivas (...) como algo que é entranhado na vivência, pois língua é corpo, é voz, é respiro, é olhar” (Saavedra, 2021).

Ainda no que se refere às duas frases em holandês: “Wie goed doet (quem faz o bem) – Goed ontmoet (bem conhecido)”, perguntamos: poderiam trazer a ideia de que Bruno denotaria dizer mais do que sabe sobre si? Em nosso questionamento estaríamos inferindo que, atravessado pelo dizer do outro da LE, o sujeito seria movido pelo desejo, levando-o a um vazio, um furo e uma falta. E, “é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito” (Lacan, 1964/2008, p. 214).

Como se estivesse:

diante do real difícil de ser apreendido pelo simbólico (...) articulado com o vazio constituído pelo furo da linguagem e suporte da função do significante. (...) Podemos, então, pensar que este impossível de ser apreendido é um vazio que sustenta e é sustentado por la língua. (...) É como se pegássemos uma superfície e nela fizéssemos um buraco com uma broca. Para efeitos de analogia, a broca causadora de furo é a linguagem e constitui o vazio lhe dando consistência. (Suzuki, 2017).

Ao mesmo tempo, o fato de não conseguir se expressar nos idiomas dos países das LEs faz alusão ao espaço imaginário ao qual Bruno se inscreveu, denominado por ele como

um “espaço de guerra”, levando-nos a supor que o sujeito se encontra em meio a um engajamento seu limite do desejo de um outro da LE. E, “o desejo do homem é o desejo de Outro, onde ‘de’ fornece a determinação chamada pelos gramáticos de subjetiva, ou seja, é como Outro que ele deseja” (Lacan, 1960/1998, p. 829).

Estas considerações nos leva a questionar: “o que (se) passa com o sujeito quando uma outra língua o atravessa? Quando uma língua estrangeira o convoca a uma nova escrita, a uma reescrita de si?” (Di Paolo; Turra, 2011)

Sendo o sujeito “privado, pela sua relação ao significante, de algo dele mesmo, de sua própria vida, que adquiriu o valor do que o liga ao significante” (LACAN, 1986 p. 67). Ainda sobre o significante “guerra”, supomos que este faz alusão ao afeto experimentado por Bruno, levando-o a uma aflição. E, considerando que “a angústia é um afeto que não engana” (Lacan, 2005, p.131), Bruno se sente em meio a um estranhamento em função de estar situado em dois mundos: os da LM e os da LE.

Isto se deve ao fato que, há uma inscrição prévia que se funda na língua que faz com que a LM e a LE se tornem prolongamentos recíprocos, não podendo ser tomadas de maneira isolada (Gasparini, 2010).

Segundo Moraes (1999), este seria um momento no qual o estranhamento favorece para que o sujeito se sinta sob o efeito de um desgarramento do seu processo de formação na LM e se refere à própria fundação do sujeito. E, “é na medida em que o desejo do Outro é barrado que o sujeito vem a reconhecer seu desejo barrado, seu próprio desejo insatisfeito” (Lacan, 1999, p. 379).

Nesse contexto, a falta se caracterizaria como “a pedra angular do sujeito desejante” (Nascimento; Mello, 2015, p.143). Ao ressoar no sujeito, este processo o leva a um estranhamento de si no momento em que está em contato com os nativos. Conferindo-se na sua afirmação: “enquanto a gente não viaja a gente não sabe como são esses bos/ bostinhas ...”.

No que se refere à sua relação com a escrita nas línguas estrangeiras durante o período que estava visitando a Europa, prosseguimos, indagando como se deu esta interação, perguntando:

Pesq: e o que você escreveu na Europa?

Bruno responde:

Bruno: não... eu não escrevi... eu não podia escrever porque não tinha parede... como eu iria escrever?

Indagamos, então:

Pesq: Ahhh::: você não escreveu na Europa porque não tinha parede?

Bruno insistiu:

Bruno: () parede... eu ia escrever onde? no papel não... parede não

Nesse contexto, sugerimos uma alternativa para o Bruno:

Pesq: sim... mas por que não escreveu em um caderno? não levou um caderno e escreveu em um caderno?

Eis o argumento de Bruno:

Bruno: é porque tem um detalhe... eu saia... eu e (Nikolas) saia diariamente... a gente/... eu não poderia ficar em casa escrevendo nada não...aqui não... tem essa regalia de ca (paradinho) então eu escrevo ou aqui ou nas paredes

Continuamos indagando:

Pesq: mas no hospital tu escrevia... né?

Bruno responde:

Inf: ah::: porque eu não tinha o que fazer... mas na Europa eu tinha que andar eu iria ficar preso dentro de casa? Deus me livre

Respondemos ao Bruno:

Pesq: ah::: era por causa disso que tu não escrevia? porque tinha que andar

Bruno complementa a nossa fala dizendo:

Bruno: () interagir... ver

Considerando os excertos acima, em um primeiro momento, Bruno atribui a causa de sua inibição pela escrita na Europa alegando: “() parede... eu ia escrever onde? no papel não...parede não”, sendo outra vez contraditório, e a:

não-coerência define que o sujeito do inconsciente expressa a tensão permanente entre o sujeito e o Outro. Escutar as contradições é reconhecer suas ligações com o imaginário, reafirmar a ambiguidade a que as palavras são predestinadas (Freud, 1900) e dar lugar à condição transformadora da fala” (Rabelo, 2020, p.23).

Nesse contexto de contradição, Bruno age como se a sua dificuldade em escrever fosse justificada pela proibição da escrita na parede. Além disso, coloca como se fosse proibido escrever no papel, tanto quanto seria nas paredes do espaço no qual estaria hospedado, ao alegar “no papel não” e na “parede não”. O que dá a ideia que o significante “parede” estaria relacionado à forma que a escrita se apresenta para Bruno: uma escrita que faz imagem para ele, conforme já foi dito. Todavia, em seguida Bruno fala que queria

turistar e não seria do seu agrado escrever para não ficar preso em casa.

Sobre esse processo:

A psicanálise revela que, em relação à inibição da escrita, o desejo do sujeito encontra-se ocultado, e a dificuldade em traçar letras sobre o papel revela um impasse entre o sujeito e o Outro. (...) Os sintomas que surgem em torno da impossibilidade de escrever paralisam o sujeito. A transferência desprazerosa com o Outro pode trazer consequências em que a anulação do desejo e a inibição do sujeito surgem como resposta. (Sena; Ornelhas, 2011).

Dito isso, inferimos que, a relação sujeito e Outro – da língua estrangeira – parece trazer a inibição como resposta, já que “a angústia vivida pelo *infans* para entrar na linguagem é revivida mais tarde para entrar na língua estrangeira” (Lyra, 2013, p.38).

Dito de outro modo, podemos inferir que a dificuldade de falar ou escrever enquanto estava na Europa, deve-se ao fato de Bruno se sentir em um estado de:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que excluía parada. (Kristeva, 1994, p.15).

Bruno parece experimentar a sensação de ser um passageiro perdido em uma viagem, na qual não consegue alcançar o lugar de desembarque. Situando-se em um conflito que ocorre durante o movimento que se dá na entrecena LE e LM, aludido por ele anteriormente como um “espaço de guerra”. Nesse contexto, a LM poderia ser vista como o ponto de referência, porém o destino para o sujeito seria um enigma por se sentir um desconhecido de si mesmo na “parada” que a LE poderia oferecer.

Perguntamos: estaria Bruno sob os efeitos da própria LM guardada pela lalange?

Conforme Moraes (1999), a lalange guarda os efeitos da LM no sujeito, já que a língua é inscrita de maneira diferente em cada sujeito, incidindo também na LE. E, “a linguagem é uma elucubração de saber sobre lalange, enquanto o inconsciente é um saber-fazer sobre lalange” (Lacan, 1972/73, p. 149).

Sobre os efeitos da lalange no corpo, perguntamos: haveria uma relação entre a escrita na parede e um retorno ao estado de *infans*?

Após fazermos algumas considerações concernentes à dificuldade do sujeito com a escrita enquanto estava na Europa, de acordo com a nossa conversa, a causa da inibição foi atribuída por Bruno, ao fato de não poder escrever na parede: “eu ia escrever onde? (...)”

paredão...”. Dito isso, o fato de adotar a parede como um dos lugares para escrever os seus textos, sugere um retorno ao estado de *infans*, no qual o ser humano tem o hábito de fazer rabiscos nas paredes. O que inferimos um indício de regresso à infância. Perguntamos: Seria como se a relação de Bruno com a escrita e as línguas fosse guiada pela infância?

No excerto a seguir, Bruno descreve como acontece o seu momento de escrita na parede, ao dizer:

Bruno: eu estou fazendo uma coisa mecanicamente... lavando prato... fazendo... aí eu me lembrei... me lembrei não... uma coisa que ... eita.. uma/. aquela ideia incrível na cabeça... aí eu digo.. não perai... digodigodigodá.... num instante eu escrevo na parede... porque.... de repente aquilo vai embora e nunca mais volta para o meu cérebro.

Questionamos: Qual seria o significado de: “de repente aquilo vai embora...” ou o que é que vai embora?

A expressão “aí eu digo.. não perai... digodigodigodá.... num instante eu escrevo na parede” traz a presença de um jogo sonoro que é infantil, no sentido de ser a marca da infância como se o sujeito estivesse resgatando “o *in-fans*, aquele que não pode falar e precisa de alguém que fale por ele (Canestri, 2021). Esse alguém parece ser o outro da LE. E há uma variação desse outro das LEs, cujo critério de escolha, que já foi dito anteriormente por Bruno, seria a escrita na língua que estiver “pulando” em seu cérebro.

Por esse prisma, o momento descrito pelo sujeito se refere à escrita nas paredes de sua residência quando está no Brasil. Para tanto, o jogo sonoro “digodigodigodá” seria como se fosse um enunciador da hora de escrita, por estar seguido da frase: “num instante eu escrevo na parede”.

Nesse retorno ao início, o aprendiz parece se sentir amparado pelas LEs, pois repetidamente Bruno tem uma ideia e sente como se ela fosse “fugir”. E, para não perdê-la, ele consegue escrevê-la em uma LE. Seria como se ele estivesse se sentindo em um suposto medo de um possível desamparo da LM, levando-o a expressar um pensamento infantil, ao falar: “de repente aquilo vai embora... e nunca mais volta para o meu cérebro”. Seria essa uma descrição da maneira pela qual, diariamente, Bruno se entrega ao impulso constante para a escrita em LEs.

E, é dessa forma que Bruno se sente permitido, conforme Moschen; Sei (2014), a tecer a trama de suas palavras em um retorno à condição do seu organismo infantil, movido pelo impulso de obter a intervenção de algo ou alguém, marcando-o psiquicamente e conduzindo-o a uma experiência supostamente satisfatória. Como se a escrita fosse usada

como algo que favorecesse a sua sustentação afetiva.

Como se ao mesmo tempo, conforme Guimarães (2007) o movimento da escrita à mão levasse o sujeito à consciência que o seu corpo presente no seu esforço, envolve também a sensação de prazer, mas também de sofrimento. “Se o corpo é lugar de revelação de um sujeito, não é menos verdade que ele pertence também ao campo das coisas”. (Leite, 2005, p.86). Em outras palavras, a linguagem se expressa no corpo através da fala e da escrita. Desta forma, as LEs se tornam suportes do dizer, como se tivesse um jogo de se mostrar e ao mesmo tempo o sujeito tenta se desvencilhar disso, o que novamente nos leva a pensar no laço que existe com a LM.

4.4.4 Contraponto do caso Bruno com o caso Fred Uhlman

A dificuldade de Bruno de se comunicar nas LEs, faz-nos considerar a sua reação como um contraponto do caso de escritor Fred Uhlman, judeu-alemão que, segundo Amati-Mehler; Argentieri; Canestri (2005) se destacou por se sentir motivado a mudar de identidade, de nacionalidade e de língua, ao decidir morar na Inglaterra.

Para Uhlman a Inglaterra seria considerada “... a nova e definitiva pátria-mãe” (ibid, 2005, p.214), o que o motivou a se entregar à língua inglesa, ao afirmar “eu havia esquecido tudo completamente. Não só o nome das ruas e das praças que eu atravessara quase todos os dias por trinta e dois anos, mas também os nomes dos velhos amigos. Como se explica tal amnésia?” (Ibid, 2005, p.214).

No contexto de Bruno, na sua viagem à Europa teria ocorrido o contrário. E, ao perguntarmos:

Pesq.: você foi à Europa com o intento de conversar com nativos da LE?

O sujeito deixa claro seu intento, esclarecendo:

Bruno: eu ficava esperando que o meu filho que estava comigo falasse.
não tive o intento de desenvolver as línguas que eu escrevia.
procurei apenas o lado turístico.

A despeito de sua consideração “não tive o intento de desenvolver as línguas que eu escrevia. procurei apenas o lado turístico”, Bruno se sentiu surpreso por se dirigir aos nativos na LM. Como se a partir desse ato falho fosse possível realizar um desejo do inconsciente, já que esses deslizamentos na fala não acontecem acidentalmente. No dizer do sujeito:

Bruno: **não sei dizer porque no momento de desespero quando esqueci a carteira no banheiro... recorri à língua materna para falar com a mulher da limpeza...ela queria dizer que o banheiro estava interditado para a limpeza me voltei para a língua materna sem me dar conta que a mulher francesa não estava entendendo....** então eu gritei.. (EI)... eu esqueci a minha carteira. Sei que vai fazer limpeza..... mas eu quero a minha carteira não sei porque no momento de desespero a gente recorre à língua nativa.

A partir desta nossa conversa, Bruno descreve o momento no qual cometeu o ato falho de falar português com uma francesa “recorri à língua materna para falar com a mulher da limpeza ”, mostrando que depois teve consciência do que estava acontecendo na ocasião, ao dizer: “ela queria dizer que o banheiro estava interditado para limpeza....”. E, admitiu: “me voltei para a língua materna sem me dar conta que a mulher francesa não estava entendendo”. Bruno reproduz o que diz à mulher: “(EI)... eu esqueci a minha carteira.. . quero a minha carteira ”.

A partir do episódio descrito por Bruno, temos que:

Entre falar sem querer, falar uma palavra no lugar de outra, esquecer, perder e encontrar sentido, o sujeito aventura-se a buscar uma forma e uma intenção que se faça reconhecer e, ao mesmo tempo, se faça produzir no momento imediatamente posterior ao ato falho (Aires, 2017).

O relato de Bruno nos direciona para a forma que ele vive o processo de alteridade, como se fosse acometido, segundo Kristeva (1994) do impulso de reconhecimento do estrangeiro em si, o que parece viver a sensação de que a LE seria a sua ressurreição: pele, sexo, dentre outras sensações que a os idiomas estrangeiros parece provocar. Mas, isso ocorre apenas quando Bruno está na sua pátria-mãe. Pois, essa ilusão se desfez quando ele estava nos países das LEs.

Por outro lado, ainda concernente ao episódio no qual Bruno alega: **“me voltei para a língua materna sem me dar conta que a mulher francesa não estava entendendo. Então eu gritei.. (EI)... eu ESQUECI a minha carTEIRA ”**, perguntamos: A inibição de Bruno de falar em francês, teria sido em função do laço específico que este mantém com a LM? Nesse contexto, a LM denota ser a via de endereçamento, pois o sujeito se encontra em um conflito que o faz retornar à sua inscrição na língua-mãe, provocando um movimento da língua por vias de manifestações inconscientes, pois falar a LM e estar exposto à aquisição de outras línguas, o faz retornar ao início de sua relação com a LM, notadamente ao laço específico

4.5 O que é escrever para Bruno e por que ele escreve em vários lugares

Bruno: escrever é... registrar... a minha existência... (...) é o contato diário com-comigo mesmo e também o grau de como está a minha cabeça.

Considerando que a escrita não está relacionada a um ato inofensivo ou sem efeitos para ser humano, investimos na seguinte interpelação:

Pesq.: veja..... por que você/ o que é escrever para você?

Para tanto, Bruno dá a seguinte resposta:

Bruno: escrever é... registrar... a minha existência... e também ao escrever também vem o outro lado... vc naturalmente que é... é o lado da leitura... claro... se eu escrevo... depois eu quero... retornar àquele texto para poder resgatar o meu pensamento... minhas ideias... porque às vezes... do nada... surge uma ideia... por exemplo eu deixei lá em cima...(apontando) é... quatr-/ perai... cinco escritas... em... al-alemão... holandês... é... inglês... e francês... cada um falando sobre um assunto diferente... e também uma das é a língua holandesa... **é a única que eu não consigo até então compartilhar com ninguém...** ou seja... é de/ é um/ eu chamei até de “**é um escreverde mim para mim**”... é... e eu dizer assim... “perai... eu vou colocar isso aqui...” **como eu faço de/ eu quero sair de casa... mas eu não posso esquecer de... comprar:./ aie u boto o garrafão na/ bem ali da porta... porque eu vou ter que passar pela porta... eu o vejo...** e naturalmente ele vai me indicar/... pronto... escrever para mim é o contato diário com- comigo mesmo... com as coisas... como eu estou relacionando... como eu estou interagindo... e também o grau de como está a minha cabeça... porque também... **se eu não consigo escrever... é porque alguma coisa não está muito bem... é uma maneira de me diagnosticar...**

Em relação a esse excerto, realçamos a fala de Bruno ao dizer “escrever é... registrar... a minha existência...” inferindo que nesse momento, a palavra “existência” denota ser a causa que o move a escrever. Dito de outro modo, “o sujeito estaria privado, pela sua relação ao significante, de algo dele mesmo, de sua própria vida...” (Lacan, 1986 p. 67).

Por outro lado, há muita implicação subjetiva na fala de Bruno de dimensão inconsciente, pois faltam palavras no momento que ele é convocado a falar o que é escrever para ele. E, com muitas pausas, Bruno faz algumas relações que não ficam claras, denotando aliar o que diz sobre o significado de escrever ao impulso que o leva a retomar o seu texto, após a sua escrita. Nessa conjunção, Bruno se expressa como se fosse impulsionado a visualizar a escrita que o move e o faz escrever. Já que a escrita cumpre a função de dar uma imagem a ele, que está ligada ao eu, conforme já foi dito. Interpretado

por ele como um esforço para resgatar o seu pensamento. Como se desse conta de que:

Alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante. Distingue-se aí algo que não passa de efeito do discurso, do discurso enquanto tal, quer dizer, de algo que já funciona como liame (Lacan, 1972-1973/1985, p. 47).

Ao mesmo tempo, Bruno fala do favorecimento que as LEs trazem para ele. Poderia servisto como se cada língua contribuísse para que seja possível tratar de um assunto diferente? Ou como se cada fragmento dele pudesse ser protagonizado a partir de uma língua, formando o seu todo? Nossas indagações seriam atribuídas à sua fala, quando diz: “por exemplo... eu deixei lá em cima... é... quatr-/ peraí... cinco escritas... em... al- alemão... holandês... é... inglês... e francês... cada um falando sobre um assunto diferente... e também uma das é a língua holandesa...”

Ainda conforme o último excerto, Bruno comete o ato falho de se referir a cinco línguas, todavia só elenca quatro destas. Ao mesmo tempo, aproveita o ensejo para falar como se estivesse confessando algo sobre o idioma holandês.

E, ao dizer: “eu chamei até de ‘é um escrever de mim para mim’”, perguntamos a partir de Rilke (1986), não estaria Bruno procurando entrar em si mesmo ao escrever de si para si, para examinar as suas raízes, como se estivesse esmiuçando em si algo para se decifrar através da escrita e concebendo a sua vida, a partir da própria compulsão de escrever?

No final, Bruno faz uma analogia do que seria escrever apontando um exemplo do que ele considera como uma situação do dia a dia: “como eu faço de/ eu quero sair de casa... mas eu não posso esquecer de... comprar:/ aí eu boto o garrafão na/ bem ali da porta... porque eu vou ter que passar pela porta...”. Nesse contexto, atentemos para as pausas no discurso de Bruno, reconhecidos como três momentos de truncamentos em sua fala, nos quais o sujeito fazalusão aos lugares da casa que ele escolhe para escrever. Questionamos então se, ao relatar “eu vejo... e naturalmente ele vai me indicar/... pronto”, denotaria que os lugares nos quais Bruno se debruça a escrever, o faria se sentir numa obrigatoriedade com a leitura de seus textos?

A partir desse cenário, inquirimos: seria a escrita vista como se fosse um mapa a ser seguido? já que Bruno tem o hábito de cobrir parte da parede de sua residência com mapas, conforme o seu depoimento em um outro momento, ao dizer: “poderia ser uma coisa que

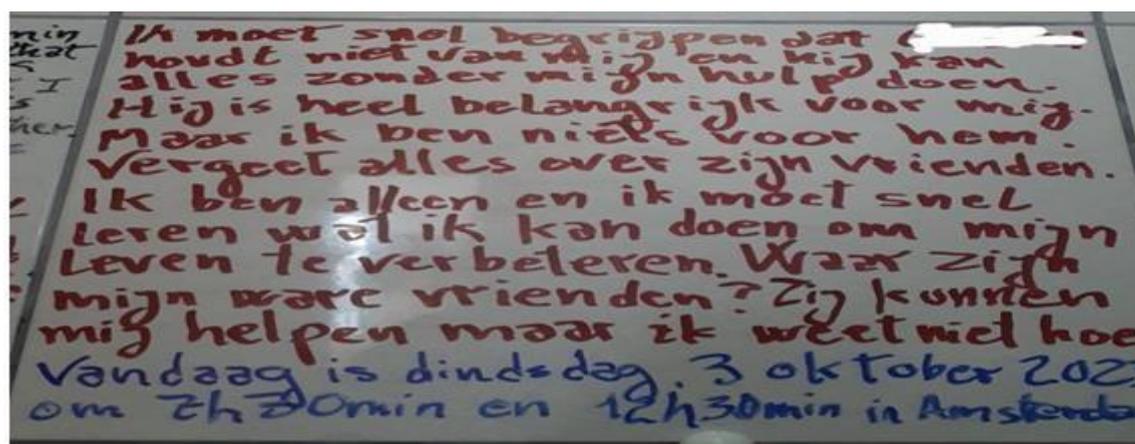
eu escrevi... mas ali tem um mapa... eu... ah... ali tem um mapa, um mapa mundi... eu vejo todos os países do planeta... ((aponta para outro mapa))”, constatando-se que os mapas marcam o entorno dos textos escritos por Bruno.

Por outro lado, o mapa é algo que indica a existência do mundo e a existência dele, identificando-se com o significado de escrever para Bruno, ao dizer que “escrever é... registrar... a minha existência...”. E, a escrita teria o poder de estar em todos os lugares. Consequentemente, a palavra tem uma relação de não ter limite de lugar para ela.

É como se a escrita para Bruno fosse “uma escrita orientada pelo desejo. Uma escrita considerada não só como um produto texto, mas como uma forma singular do sujeito habitar na sua escrita” (Gomez; Silveira, 2019). Por esse prisma, diante de uma escrita na qual Bruno parece “habitar”, ao dizer “eu quero sair de casa...”, perguntamos: estaria o sujeito agindo comose necessitasse obter uma permissão anterior de sair da habitação de sua escrita?

Concebendo-se o nosso questionamento a partir da afirmação de Bruno: “porque eu vouter que passar pela porta...”. Ao dizer eu deixei lá em cima” e elencar quatro línguas que escreveu: al- alemão... holandês... é... inglês... e francês... cada um falando sobre um assunto diferente... e também uma das é a língua holandesa”, Bruno estava se referindo aos textos a seguir, a saber:

Figura 15 - Primeiro texto escrito por Bruno em holandês na parede de um dos banheiros do Apt.02.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução

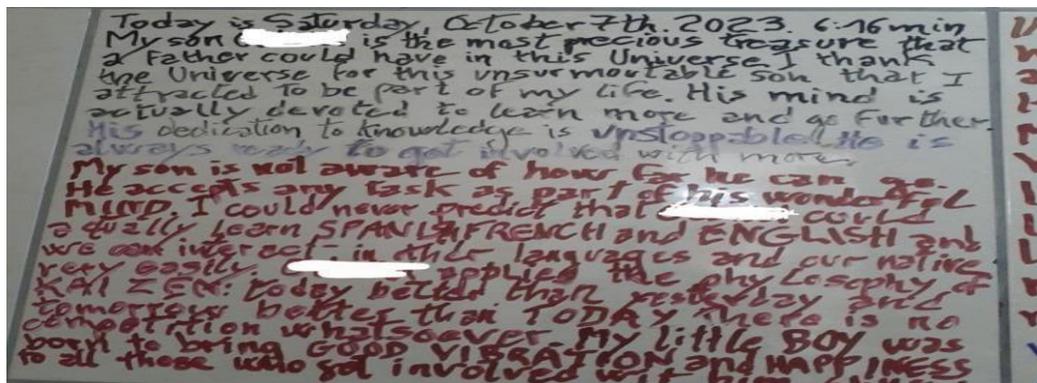
Preciso entender rapidamente que -----não me ama e pode fazer tudo sem minha ajuda. Ele é muito importante para mim. Mas eu não sou nada para ele. Esqueça todos sobre seus amigos. Estou sozinho e **devo aprender rapidamente o que posso fazer para esquecer minha vida.** Onde estão meus verdadeiros amigos?

Eles podem me ajudar, mas não sei como.

Hoje é terça-feira. 03 de outubro de 2023. Om 7h. 20 min. e 12h. 03 minutos emAmsterdã.

Corroborando à fala de Bruno sobre os textos escritos em holandês e em inglês, o texto a seguir foi escrito paralelo à escrita em holandês:

Figura 16- Segundo texto escrito por Bruno em inglês, na parede de um dos banheiros do Apt.02.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Bruno: Hoje é sábado, 7 de outubro. 2023 6:16 minutos.

Meu filho é o tesouro mais precioso que um pai poderia ter no universo, agradeço a universo por esse filho insuperável que atraí para fazer parte da minha vida. Sua mente está realmente dedicada a aprender mais e mais longe. Sua dedicação ao conhecimento é imparável e está sempre pronto para se envolver com mais. Meu filho não tem consciência de até onde pode ir. Ele aceita qualquer tarefa como parte de sua maravilhosa MENTE. Eu nunca poderia prever que meu filho aprenderia igualmente ESPANHOL, FRANCÊS e INGLÊS e poderíamos interagir em outras línguas e com nativos muito rapidamente. Meu filho aplicou a filosofia do KAI ZEN: hoje melhor que ontem e amanhã melhor que HOJE não há competição alguma. Meu garotinho nasceu para trazer BOA VIBRAÇÃO e FELICIDADE a todos aqueles que com ele se envolvem. 6h 48min.

Considerando os dois excertos acima, o primeiro deles nos chama a atenção pela desarticulação de Bruno ao dizer “devo aprender rapidamente o que posso fazer para esquecer minha vida”, no entanto escreve sobre ela. O que dá ideia de uma atitude paradoxal, pois normalmente quem quer esquecer algo não faz registro escrito. Ao mesmo tempo, Bruno comete o ato falho por dizer que tem quatro textos escritos em diferentes línguas, entretanto podemos constatar a escrita de apenas dois dos textos aludidos pelo sujeito, nos idiomas holandês e inglês. Deixando um espaço vazio para os outros idiomas estrangeiros, tais quais o alemão e o francês.

Ainda sobre o primeiro texto, atentemos para frase “Ik ben Alleen em ik moet snel leren wat ik kan doen om mijn leven te vergeten” traduzida como “Eu estou sozinho e devo aprender rapidamente o que posso fazer para esquecer minha vida”, o que denota que Bruno estaria diante de um momento de impasse. Perguntamos: Seria um momento, conforme Amati-Mehler; Argenieri; Canestri (2005), no qual o sujeito vive um “deslocamento do mundo real”, como se estivesse perdendo o contato consigo mesmo, envolvido em uma sensação de desânimo?

Nesse universo, a língua holandesa parece ser o idioma que o acolhe, já que conforme seu depoimento: “uma das é a língua holandesa... é a única que eu não consigo até então compartilhar com ninguém...”.

Ainda, no que se refere ao significado de escrever para Bruno, temos que:

Para mergulharmos nas águas psicanalíticas da escrita, ao procurar no fundo de seus mares seus corais, cavernas, algas, relevos e correntes marítimas, precisamos estar com nossa roupa apropriada, ou seja, nossas teorias e técnicas escolhidas, modeladas ao nosso corpo, aquela que foi feita para nadarmos com liberdade por essas águas tão apreciadas por nós. (Buschinelli, 2018).

À vista disso, da descrição de Bruno quando diz “escrever para mim é o contato diário com- comigo mesmo... com as coisas... como eu estou relacionando... como eu estou interagindo...”, questionamos: estaria ele falando de algo que só através da escrita fosse possível detectar? ao afirmar: “porque também... se eu não consigo escrever... é porque alguma coisa não está muito bem... é uma maneira de me diagnosticar”.

Interpretamos a partir do discurso de Bruno que, por intermédio da escrita o sujeito parece ser capaz de submergir no fluxo oceânico de suas “cavernas” e “relevos”, para que seja possível alcançar a fundação de si, em prol de um desejo de ser. Seria, então, esse local buscado por Bruno, o lugar no qual habita a linguagem em seu limite último (falasser), na tentativa de suprir a sua falta-a-ser, que não foi encontrada no seu idioma materno?

Esse impulso de tentar suprir a falta-a-ser na LM, faz alusão à:

clínica da "revitalização" da língua nativa pela língua estrangeira, quando os pacientes recorriam à língua estrangeira para se reconstruir psiquicamente, e afastar o arrombamento da língua materna. Para o/a multilíngue ou o poliglota, a nova língua permite evitar a invasão de um trecho da língua materna fortemente investido”. (Ayouch, 2015).

Pois, conforme Baratto (2006), a falta-a-ser é o pivô dos fenômenos aos quais a transferência dá lugar, já que está articulada tanto ao inconsciente quanto às leis que conduzem à sua atualização. Dito de outro modo, a transferência está estruturada em uma esteira na qual se situa o sujeito do desejo inconsciente.

No que se refere à razão pela qual Bruno escreve, conforme constatamos, quase que

majoritariamente, Bruno só escreve em LEs. Desse modo, reservamos ocasiões diferentes para esse questionamento, considerando o primeiro destes como a ocasião na qual, Bruno apresenta uma resposta racionalizada. Dessa forma, perguntamos:

Pesq.: em relação à escrita, como você decodifica esse impulso para escrever diariamente?

Bruno responde:

Bruno: olha... não sei se isso responde, mas ... eu gosto de escrever... porque eu gosto de preservar a minha memória, as vezes o /... eu gosto de escrever numa parede... ou num caderno... ou num computador... ou qualquer coisa....

A descrição de Bruno sobre o seu impulso de escrever, remonta Freud e Lacan, conforme Moschen; Sei (2014), ao dizerem que as nossas marcas deixadas no inconsciente determinam nossas impressões escritas, visto que há uma relação entre memória e inconsciente. Nesse sentido, é como se ao escrever, Bruno quisesse “ser guiado pelo inconsciente, já que a escrita pode capturar o sujeito” (Paiva, 2016). E, segundo Elia (2007), é por intermédio do reconhecimento do significado desempenhado pela função da escrita que ocorre a transmutação do significante em letras lidas.

Em um segundo contexto, consideramos como se Bruno conseguisse alcançar um estado de entrega maior no que se refere à razão que o faz escrever.

Desta forma, perguntamos

Pesq.: Por que você escreve?

Bruno respondeu:

Bruno: eu escrevo para manter a minha mente viva e motivada. plena de razão e emoção eu escrevo para me manter vivo.

Escrever em LEs é descrito por Bruno como um “eu escrevo para me manter vivo”. Assim, a escrita seria visto como um esforço dele para chegar a sua verdade. Ao mesmo tempo, a escrita parece levar Bruno “a mais específica tarefa humana (...) que é reunir os fragmentos dispersos da língua pré-babélica ecoados por todas as línguas” (Ayouch, 2015), como se permitisse fazer uma viagem à Babel, o mito bíblico.

E, ao arrazoar: “eu escrevo para manter a minha mente viva e motivada plena de razão e emoção”, Bruno denota estar vivendo duas realidades simultâneas e paradoxas entre a “razão” e a “emoção”. Os dois mundos nos quais a escrita parece lhe colocar ou até impor, já que escrever denota ser um ato que ele não consegue controlar. Fica claro que existe uma

relação afetiva entre quem escreve e a escrita, no sentido de poder ser lida como um efeito da linguagem no inconsciente.

Para dar continuidade sobre o que significaria a questão da escrita para Bruno, prosseguimos indagando:

Pesq.: então você quer dizer que tem medo de haver a possibilidade de ser acometido pelo esquecimento e perder o que vem à sua memória?

Bruno responde com veemência:

Bruno: **SImmm.... POSSO esquecer e eu não estou afim** ou então eu estou assim ai **de repente....** mas... não... não é que eu tenha problema de... não... não tenho não... mas de **repente eu digo assim... eita ideia do CARALHO de repente** você está assim ai parece aquele vislumbre... por que eu nunca pensei nisso? **((parapapapapara)) na língua que eu pensei e jogo lá...** eu quero ver esquecer mais... por exemplo... eu estou aqui... **de repente** eu digo.. hummm.. sabe o que mais... eu vou escrever... e eu faço isso agora... sempre... agora e sempre... **e ninguém vê... eu não posso nem provar às pessoas porque é somente da minha cabeça...** não... não é assim... porque eu... digamos... **para mim tanto faz ser comum ou incomum porque eu estou a fim de escrever... então o local mais próximo de mim eu aproveito porque... essa ideia eu não quero perdê-la porque.. eu escrevo e tal. Ou** até mesmo no banheiro... no banheiro mesmo... eu pego até o giz... giz mesmo... literalmente giz e começo **tatata... depois aquela ideia eu posso transmitir... transcrever e colocar em outro local mais seguro** porque ali eu vou pegar uma/ vou e coloco no quadro **tucutucutu...** encho o quadro de muitas coisas.... ou .. ou... somente... também tem esse detalhe... **somente usar a língua... somente para exercitar as coisas que eu já colhi..** tempos verbais... estruturas... verbos ou **formasde falar diferentes.**

Lendo o excerto, podemos identificar a presença de três momentos nos quais Bruno simula o som da escrita através de um jogo sonoro. No primeiro momento o som presentificou-se na frase: “de repente você está assim ai parece aquele vislumbre... por que eu nunca pensei nisso? ((parapapapapara)) na língua que eu pensei e jogo lá..”.

Em um segundo momento, o sujeito descreve o gesto de pegar o giz, seguido do ato em si de escrever, anunciado pelo segundo jogo sonoro, ao dizer; “eu pego até o giz... giz mesmo...literalmente giz e começo tatata...”. Em uma última instância, Bruno outra vez tece o seu gestode escrita com outro jogo sonoro, ao dizer: “porque ali eu vou pegar uma/ vou e coloco no quadro tucutucutu... encho o quadro de muitas coisas”, como se tivesse uma compulsão para descrever o seu trajeto que culmina no ato da escrita.

Dito isso, entendemos que a escrita denota afetar o seu corpo todo como se a língua “falasse e se enunciasse por sua boca como destacado a título do “eu”. (Melman, 1992 p.15). Pois, conforme Herrmann (2015), existem excedentes simbólicos instigadores do desejo de alteridade que parecem ser alcançados por intermédio do liame inconsciente e LE.

Também podemos identificar que o advérbio “de repente” é reincidido numa sequência de quatro vezes, constatados nas frases: “eu estou assim ai de repente...”; “mas de repente eu digo assim... eita ideia do CA...”; “de repente você está assim ai parece aquele vislumbre ” e “de repente eu digo.. hummm.. sabe o que mais eu vou... e eu faço isso agora..”. Conforme Baratto (2006), a repetição está vinculada à transferência, e esta proporciona a existência de uma trama que envolve o sujeito em uma falta. Dito de outro modo, o advérbio “de repente” parece enunciar o próprio acontecimento que ocorre no seu corpo, como um efeito da linguagem se realizando e incidindo no corpo.

Desse modo, perguntamos: estariam os jogos sonoros “parapapapapara”, “tatata...” e “tucutucutu... aventando a hora da escrita? Segundo Murce Filho (2001), a própria relação existente entre o sujeito e o exercício de significar, aponta para o liame prazer e/ou desprazer de sentir a palavra encarnada na boca, no corpo inteiro, nos olhos, orelhas, na voz, no gesto e no movimento.

Envolvido no processo da escrita Bruno demonstra se sentir sozinho, já que “o discursivo inconsciente é polifônico, poligráfico, e não se reduz à linguagem” (Ayouch, 2015). Portanto, pelo fato de as palavras não darem conta, o sujeito não pode provar. Como se houvesse, segundo Baratto (2006), um desejo que se manifestasse por intermédio do estreitamento das relações entre transferência e desejo o que determinaria desenvolvimentos que se referem ao sujeito do inconsciente, envolvido em uma falta fundada pelo seu próprio desejo.

Continuamos indagando sobre o receio que Bruno tem de esquecer:

Pesq: mas por que escreve os seus pensamentostem medo de esquecer?

Bruno respondeu:

Bruno: POSSO esquecer e eu não estou afim ou então eu estou assim ai de repente...

Prosseguimos insistindo nas nossas indagações:

Pesq: tem medo do esquecimento?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: não... não é que eu tenha problema de... não não tenho não ... mas de repente eu digo assim... eita ideia do caralho ... de repente você está assim ai parece aquele vislumbre... por que eu nunca pensei nisso? ((vocalização como se estivesse escrevendo)) na língua que eu pensei e joga lá eu quero ver esquecer mais...

Continuamos:

Pesq: entendi

Bruno prossegue:

Bruno: eu faço ...eu faço isso e isso é o que tem me ajudado a estar sempre ah:: eu sei
o que é ah:: é o que? **pronto aqui por exemplo ah o (impresso) isso aqui os documentos e as cartas de mamãe estão tudo ali. ou seja eu sei onde as coisas que tenho estão ... e também... quero ver alguém arrancar.**

Bruno mostra a sua preferência em colar os documentos e as cartas de sua falecida mãe na parede do quarto, ao invés de arquivá-los em pastas. A partir desse gesto, outra vez detectamos a presença da escrita de Bruno com a função de imagem, prevalecendo o imaginário sobre o simbólico. Conferido no seu depoimento “ o (impresso) isso aqui os documentos e as cartas de mamãe estão tudo ali ”. Caracterizada como uma ação não muito comum. Indagamos: esse gesto poderia ser interpretado como se ele quisesse eternizar os documentos e as cartas de sua mãe, ao questionar “quero ver alguém arrancar”?

Ainda insistimos em perguntar:

Pesq: por que a escrita nas línguas estrangeiras?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: não... mas porque se eu gosto de outras línguas eu quero fazer com português.. espanhol... francês... inglês... alemão e holandês inclusive quando falo... eu falo da sequência nas latinas e nas germânicas... português que é minha língua mater... é português... espanhol... francês... inglês e holandês.

Acrescentamos à resposta de Bruno, a seguinte ideia:

Pesq: é porque esse trabalho todo poderia ser somente na sua língua materna

Bruno respondeu:

Bruno: poderia mas como eu sou apaixonado por outras línguas então..

Interrompemos a resposta de Bruno acrescentando a seguinte indagação:

Pesq: e por que você acha que tem essa paixão por essas línguas?

Bruno respondeu:

Bruno: pra mim a língua sempre foi e nunca deixará de ser um mistério... sim CLARO se alguém disse que língua não é então... mas eu sei que é... **uma coisa mais absurdo mundo é línguas** e eu adoro línguas.

Insistimos em perguntar:

Pesq: absurda por quê?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: porque nos torna praticamente seres humanos () as pessoas pensam o que como é o balbuciar o som que nos leva a uma::: ideia a um armaze/ armazenamento alguma coisa **soltar... alguma coisa na parede e você depois começar a recompor um novo mundo a partir daquilo ali que você viu** (quem bixiga ler isso aqui?) muito muita absurda... primeiro porque você diz... eu sempre fiz essa pergunta e sei que nunca vou responder... como surgiram as línguas? nada da linguística mim ajudou... em nada.

Do esclarecimento de Bruno sobre “soltar... alguma coisa na parede...”, leva-nos a perguntar, segundo Macedo (2020), estaria o sujeito em busca de um saber falado pelo inconsciente estruturado como uma linguagem, para que seja possível significar a sua existência no mundo?

Nessa situação, chama-nos a atenção a ocorrência presente no sinal (), vista como um momento de incompreensão de palavras ou segmentos, seguida da exposição de Bruno: “as pessoas pensam o que como é o balbuciar o som que nos leva a uma::: ideia”, como se estivesse diante de um momento no qual precisasse “afrontar um espaço silencioso no qual é preciso se inventar para dizer eu, pois aprender uma outra língua é fazer a experiência do seu próprio estranhamento” (Revuz, 2008, p.229).

Depois, surge a ocorrência de um truncamento, sinalizado com (/), ao ponderar: “a um armaze// armazenamento alguma coisa... soltar... alguma coisa na parede”, apontando para a tentativa de mudança de assunto. No entanto, Bruno prossegue o seu intento culminando com a frase “armazenamento alguma coisa... soltar... alguma coisa na parede”. Estaria Bruno de forma inconsciente, a partir do verbo ‘soltar’, referindo-se à possibilidade de desenlaçar alguma coisa que estivesse preso dentro de si? Pois, “a escrita deixa pistas, vestígios do percurso da pulsão, “rastros” do pensamento e possibilita alguma ligação com o mundo compartilhado (Manso; Caldas, 2013).

E, “a escrita, nos termos de Lacan, é a atualização do desejo e, conquanto, não vem sem angústia e essa vacuidade é a voz da angústia frente à potência do sujeito em advir no vazio entre o Eu e o Id”. (Souza, 2018, p.129)

Até aqui, as nossas questões, concernentes a esse estudo de caso e sobre o qual entrelaçamos as formulações conceituais, estão relacionadas à variação de lugares nos quais Bruno se debruça a escrever. E, refere-se a uma escrita que não estaria associada aos

padrões.

Novamente perguntamos: Por que Bruno tem o impulso de escrever em vários lugares? Investindo nesta indagação, questionamos:

Pesq.: por que você escreve em vários lugares... é... o registro de fatos que aconteceram?

Bruno responde:

Bruno: porque são coisas... assim... que eu visualizo... assim... “EIta... aconteceu naquele dia... uau”... não sabia... não me lembrava... mas agora eu tô vendo... então... eu conviver com aquela notícia sempre... como é o...

Assim, prosseguimos com o nosso questionamento:

Pesq.: mas e as notícias ruins... de morte?

Bruno dá a seguinte justificativa:

Bruno: mesmo ruim... mas é como se diz... fazer o quê? ruim e bom... bom e ruim... eu filtro na minha cabeça... é o que sempre penso... aham...

Ainda continuamos questionando:

Pesq.: mas você diz que escreve e apaga depois

Bruno explica:

Bruno: é. algumas coisas eu... eu anoto... depois, "ah... não... perafá... eu vou-..." poder ser morte ou de alguma coisa boa... ou de ruim... aí de repente eu apago tudinho... mas quando se trata de uma coisa que... **se eu apaguei... é claro que eu não vou me lembrar mais... não tenho aquela dificuldade de "ah... se é uma coisa ruim... então eu quero esquecer isso para sempre"...** não... mas também... mesmo quando se trata de uma coisa boa ou ruim... não é aquela coisa- **eu sempre vou bom... bombardear... é... ((barulho da mão batendo na cabeça)) bombardear a minha cabeça com aquela informação... eu tenho que estar com aquela informação vinte e quatro por sete... quer dizer... todo dia... todo minuto? não... não é isso que vou fazer... não... quando eu escrever... é meramente para eu... saber... ter um senso de direção... e também para melhorar minha... meu grau de... compe- competência linguística.**

Insistimos em questionar a resposta de Bruno:

Pesq.: mas uma agenda não seria o suficiente pra registrar? uma agenda que tivesse na sua visão o tempo todo... vinte e quatro por sete?

E Bruno respondeu:

Bruno: é... mas esse é o grande problema com a agenda... a agenda você anotou e depois deixou lá... "ah... agora me lembrei... vou ler... vou ver o que eu escrevi"... é diferente de eu... escrever ali... por exemplo, ali tem... ((aponta para um mapa na sala)) poderia ser uma coisa que eu escrevi... mas ali tem um mapa... eu... ah... ali tem um mapa, um mapa mundi... eu vejo todos os países do planeta... ((aponta para outro mapa)) ali... todos os municípios do meu estado, Pernambuco... **então eu gosto de ver aquela informação verbal ou não verbal toda hora.**

Considerando o que Bruno diz: “então eu gosto de ver aquela informação verbal ou

não verbal toda hora”, achamos relevante questionarmos o motivo pelo qual algumas informações escritas ultrapassam períodos mais longos de mais de um ano, sem que haja a alternância de outros registros.

Dito isso, perguntamos: por que Bruno não se autoriza a apagar alguns de seus registros escritos? Para tanto, fizemos o seguinte questionamento:

Pesq.: mas veja... você tá falando em oscilação de escrita... como se houvesse a alternância de outros textos no mesmo local... mas teve escrita que foi apagada... né...antes de você voltar do hospital... que foi escrita no ano... por exemplo de dois mil e dezenove... então não existe/ esse/ nós estamos em dois mil e vinte e três... então... **dedois mil e dezenove para dois mil e vinte e três se passaram quatro anos... e... nesse intervalo de tempo... nesse ínterim... você não renovou a escrita... ela tá lá desde dois mil e dezenove... então... não existe mudança de registros escritos nesse contexto... onde está a renovação de registros?** você escreve e deixa lá... e você nãoqueria nem sequer apagar... você não se autorizou a apagar e nem autorizou ninguém a apagar pra você né... você sentiu/ quando você disse que ficou puto da vida quandoalguém foi lá e apagou... qual o seu critério para apagar? será que existe algum critériopara apagar?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: não... veja bem... eu gosto de estar sempre em contato com a língua que eu estou estudando... por escrito ou/ eu estou escrevendo... eu estou sempre produzindo alguma coisa naquela língua... falando... então... para mim... é... é uma... é uma... interação constante com aquela língua que eu quero aprender e buscar...

A resposta de Bruno não corresponde à pergunta que fizemos. Prosseguimos com o nosso intento, acrescentando a seguinte observação:

Pesq.: é uma interação constante... com aquela língua que você quer aprender... **mas a escrita tá lá parada na parede... algumas sem nenhuma renovação**

E Bruno esclarece:

Bruno: mas quando eu vejo... eu sempre interajo...

Baseando-nos na fala de Bruno, “eu gosto de estar sempre em contato com a língua que eu estou estudando... por escrito ou/ eu estou escrevendo...”, podemos identificar nesse excerto, como se Bruno fosse apresentar uma alternativa entre escrever e outra habilidade da língua. Todavia, ele trunca a fala e repete a mesma habilidade, alternando entre “por escrito” e “escrevendo”. Entendemos que ele é impulsionado a escrever sem ter limite de lugar para a sua escrita. Dessa forma, a escrita ocupa um grande espaço. E ele precisa de paredes escritas.

Por outro lado, a escrita é aludida como se provocasse efeitos no corpo, a partir dos olhos, pois “O sujeito da psicanálise não vai sem o corpo, assim como não há corpo humano

sem sujeito” (Quinet, 2017, p.79).

Demandamos: esta interação da qual o sujeito se refere pode ser vista como uma expressão ou indício de sua relação afetiva com o texto escrito? Nosso questionamento se baseia no fato de que, o que Bruno diz sobre o simples fato de olhar a escrita ser um movimento de interação, faz alusão a “algumas formas de escrita no corpo, tão frequentes na contemporaneidade — tatuagens, cortes, escarificações —, que poderiam produzir maneiras possíveis e singulares de enlaçamento do sujeito ao Outro” (Manso; Caldas, 2013, p.109).

4.5.1 Por que Bruno escreve em lugares inusitados?

Cada um tem um mapa próprio, uma maneira particular de se apropriar de um idioma, de se relacionar com quem o ensina, de se posicionar em uma nova língua e, sobretudo, de tornar-se outro. Por todo o trabalho subjetivo que isso implica, chegamos ao nosso fim / ponto de chegada com uma certeza, a de que devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. (Di Paolo; Turra, 2011)

Investindo na questão do que seria considerado pelo aprendiz como motivo que o faz sededicar ao hábito de escrever em lugares “comuns” e em lugares inusitados, lançamos a seguinte pergunta:

Pesq.: você escreve diariamente né? passaria um dia sem escrever?

Bruno.: eu gosto... é eu gostar de... eu gostar de escrever... eu gostar de/ ou na/ no quadro... ou numa/ na parede... ou escrever/ eu... eu gosto... é uma coisa que me faz bem... pode ser em português... pode ser em inglês... pode ser em francês.

Nesse contexto, aprofundamos as nossas questões, perguntando:

Pesq.: você não teria vergonha de as pessoas entrarem na sua casa e verem tudo escrito... tudo escrito... de ficar tentando ler... de ficar tentando observar... colher o que você está escrevendo?

Bruno dá a seguinte resposta:

Bruno: não... não tenho... não tenho mesmo... por quê?... é uma coisa/ eu me identifico com aquela língua... eu escrevo naquela língua... e eu quero ir/quero aprender mais...para ir mais adiante... então não tenho nenhuma rai-/ quer dizer... ter... ah... de... raiva... ou medo... não... nada disso.

Considerando o questionamento que fizemos ao Bruno, chama-nos a atenção o fato de usarmos a palavra “vergonha” como norteadora de nosso questionamento e surgir na resposta de Bruno as palavras “raiva” e “medo. Nessa ocasião, surge um truncamento, identificado como sinal (/) que traz a seguinte frase ou ocorrência “nenhuma rai-/ quer dizer...”, retomada em seguida na fala de Bruno como “de... raiva...”. Denotando que a

nossa formulação provocou outros sentimentos, como se fosse algo que o tocou afetivamente.

O que nos faz lançar a seguinte interpelação: as palavras “raiva” e “medo” podem ser consideradas como aquelas que se afinam com a sua posição de sujeito desejante? Podendo ser justificado pelo fato de que, o sujeito inconsciente se encontra nos equívocos dos significantes. Pois, conforme Baratto (2012) ao se organizarem em cadeias, os significantes trazem pensamentos inconscientes que se operam à revelia do sujeito, indicando o ser desse pensamento como ausente.

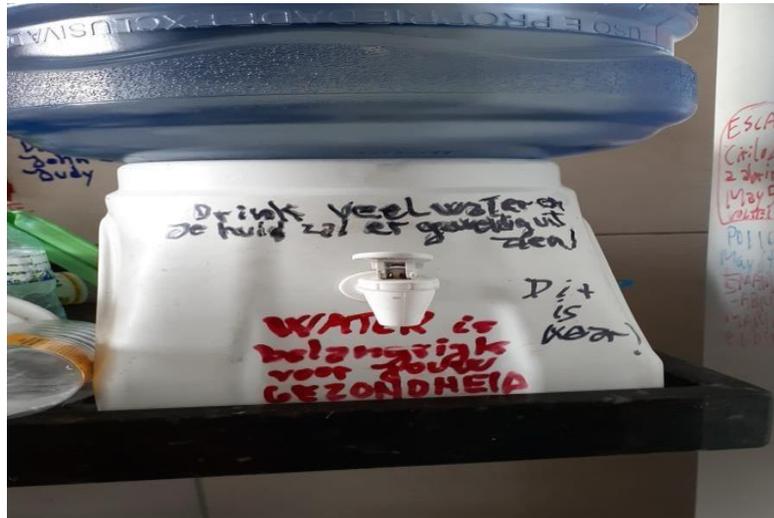
Ao mesmo tempo, interpretamos a pausa e as hesitações de Bruno nos três momentos de truncamentos de sua fala, ao dizer “é uma coisa/ eu me identifico com aquela língua...”; “e eu quero ir/quero aprender mais...” e “nenhuma rai-/ quer dizer... ter... ah... de... raiva... ou medo...”, como algo do inconsciente.

Esta descrição faz alusão à presença do recalque de desejos. E, “o recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância (Freud, 1915, p.152). Desta forma, indagamos: as unidades significativas inconscientes poderiam ser interpretadas como o causador da falta no aprendiz que estaria relacionada à aquisição e a prática da escrita em idiomas estrangeiros?

Nosso questionamento se baseia no que diz Melman (1992), sobre a possibilidade de o recalque da falta interdita passar a constituir um estoque de unidades significativas no inconsciente. E, o retorno destas unidades na fala faz com que a presença dessa falta seja traída através dos lapsos, deslizamentos e dos tropeços.

Ao mesmo tempo, ao argumentar: “não... não tenho... não tenho mesmo... por quê?... é uma coisa/ eu me identifico com aquela língua... eu escrevo naquela língua... e eu quero ir/quero aprender mais... para ir mais adiante...”, o que ele diz pode ser pensado à luz de que: “cada um funciona como escritor a seu modo, rateia a seu modo. Passa pelo escrito a seu modo, se embarçam a seu modo”. (Souza, 2018, p.1294). Continuando, iremos trazer alguns exemplos a título de contextualizarmos a escrita, com a finalidade de ilustrar alguns lugares inusitados que Bruno escreve.

Figura 17- Escrita de Bruno em holandês no suporte do botijão de água mineral na cozinha.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Beba muita água e sua pele ficará cinza!”“Isto é verdade!”
“A água é importante para a saúde

Figura 18- Escrita de Bruno em inglês e latim na descarga do banheiro do Apt.01.

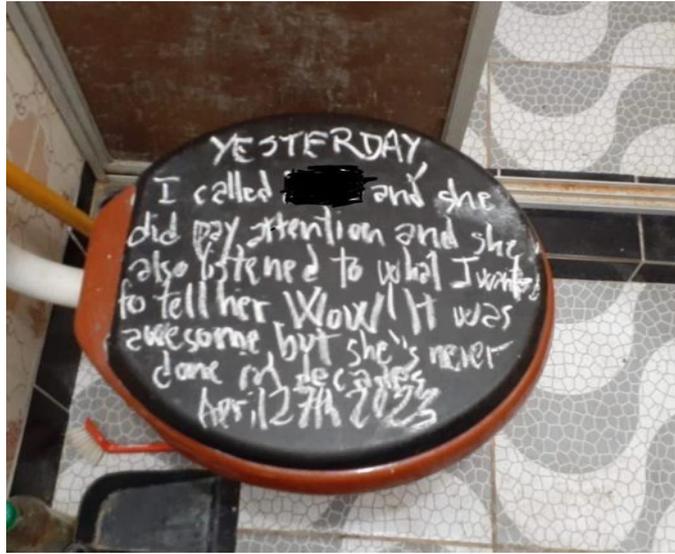


Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Inglês: Dê descarga depois de urinar ou evacuar.
Holandês: APRENDA ontem, SONHE amanhã, mas VIVA hoje.Latim: APROVEITE O DIA. 30 de dezembro de 2016.
Sábado

Figura 19- Escrita de Bruno em inglês na tampa do vaso sanitário do Apt.01.

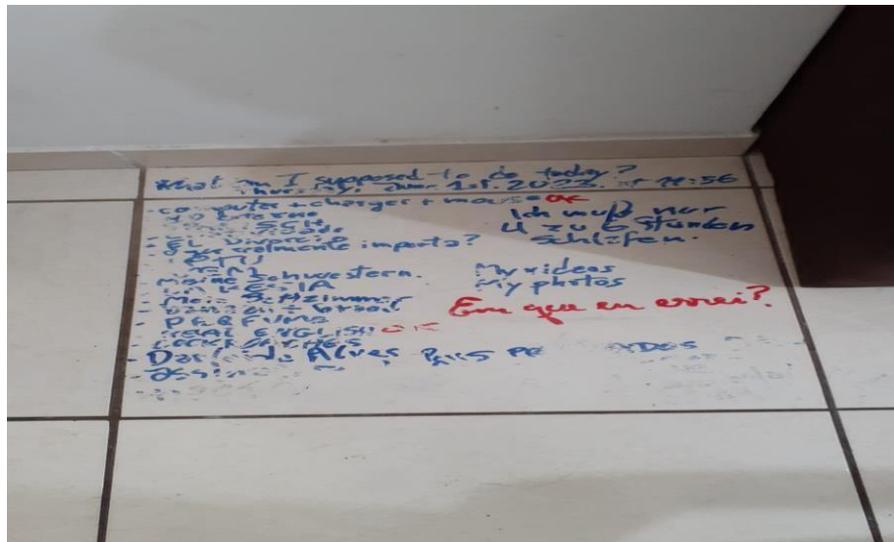


Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

“ONTEM, liguei para-----e ela prestou atenção e também ouviu o que eu queria dizer a ela.-----wow! Foi incrível, mas ela nunca o fez há décadas”. 27 de abril de 2023.

Figura 20- Escrita de Bruno em inglês, alemão e português no chão do Apt.02.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução:

Inglês: o que devo fazer hoje?)

Alemão: Eu só tenho que dormir 4 horas

“O que realmente importa?” (no entremeio dos itens a comprar ou contas a serempagas)

“Em que eu errei?” (Atravessa o texto escrito com pincel vermelho)

A sequência da exposição da imagem mostra o quanto Bruno se dedica ao seu exercíodiário da escrita. Constando-se também que o entorno dos objetos da escrita inusitada traz os registros de Bruno nas paredes, conforme podemos constatar na primeira imagem do suporte de água mineral. Ao mesmo tempo, faz alusão à pulsão de morte, já que “a pulsão de morte podedirecionar para uma busca epistemológica que reconheça a relação com o ignoto, o que ajuda areencontrar um novo rumo através de novas perguntas e de novos descobrimentos para os mal-estares contemporâneos” (Bichara, 2006).

Perguntamos: estaria o ignoto ou desconhecido, relacionado ao significante mistério, impulsionando Bruno a se dedicar compulsivamente à escrita? pois Bruno denota se empenharem buscar as suas respostas, na tentativa de se deslocar do vazio que a falta o causa “sustentadapor um desejo por algo que enquanto emigrados, não pagamos” (Melman, 1992, p.26). Essa parece ser a razão pela qual ele se dedica a uma busca de completude.

Dito isso, o que nos chama a atenção seriam os lugares de ocorrência dessa escrita. E, aescrita seria a via principal dessa vivência com as línguas, tornando-se mais do que um mero estudo de um aprendiz de LEs, já que Bruno se dedica a dar recados a ele próprio, compulsionado a escrever.

Considerando a sequência das imagens da escrita em lugares inusitados, na figura do suporte de água podemos constatar uma escrita mais objetiva, pois ele não faz nenhumquestionamento e escreve o que está relacionado aos benefícios da água ao corpo, ao dizer: “a água é importante para a saúde”. Nessa mensagem a água estaria posta na sociedade como ciência. Dando a entender que Bruno faz coisas inusitadas escritas que as vezes tem a ver coma funcionalidade do objeto.

Do mesmo modo, na descarga do banheiro a linguagem está ligada à função do objeto. E, nesse exercício, ele põe em prática a escrita em inglês, holandês, alemão, surgindo também de forma insólita o latim, ao escrever “APROVEITE O DIA”. A escrita em holandês parece algomais filosófico, quando Bruno diz “APRENDA ontem, SONHE amanhã, mas VIVA hoje”, o que nos faz lembrar o significado do holandês para ele “Meu sonho. Eu não posso desistir”. Inspirando-se também nas frases motivacionais das filosofias japonesas que ele diz ser adebto o “Ikigai” (“razão de viver”) e o “Kaizen” (melhoria contínua), conforme já foi dito.

Já a escrita na tampa do vaso sanitário nos chama a atenção por ser uma das ocorrênciasna qual Bruno se debruça a escrever mais sobre si, no sentido de que discorre sobre a sua vida de forma intensa, com um texto mais longo e com uma certa facilidade de

escrever sobre o assunto. Para tanto, mostra que o seu maior desprendimento com a escrita seria em inglês. Justificado pelo fato de Bruno ter se dedicado mais a língua inglesa.

Além disso, a sua maneira de estudar essa língua foi diferente das outras LEs. Visto que, conforme o seu depoimento, com a língua inglesa ele se dedicou a ouvir áudios e a falar nesse idioma. Enquanto as outras LEs teriam a função de favorecer apenas a sua escrita nos lugares escolhidos, pois Bruno não se dedica a ouvir áudios e nem a ouvir as línguas, tal qual o fez com inglês. Outra ocorrência que nos chama a atenção seria o fato de o seu texto em inglês ser homogêneo, por não ser atravessado por nenhuma outra língua, materna ou estrangeira, como os outros textos escritos nas outras línguas.

No último excerto, conferimos a imagem da escrita de Bruno no chão, elaborado em três línguas (inglês, alemão e português), chama-nos a atenção uma frase escrita em português, que seria: “o que realmente importa?” seguida da palavra IPTU. O que dá ideia de que o seu questionamento estaria desprovido de sentido, ao considerarmos o ambiente linguístico e a posição na qual a frase se encontra. O que parece fazer alusão à busca incessante de Bruno, com a finalidade de responder as suas indagações subjetivas que o causam inquietações sobre a vida.

Do ponto de vista da relação com a aquisição das LEs, Bruno vive as línguas e seus efeitos, lançando mão desse recurso e não parece um mero exercício, pois ele escreve dele, sobre ele e suas perquirições subjetivas. Assim, as imagens da escrita acima mostram que Bruno age como se necessitasse estar com a escrita em seu entorno, como se fosse um envelope psíquico para ele, por isso em vários lugares.

4.5.2 Bruno se declara precursor da criação de uma nova habilidade da língua

De que forma a relação de Bruno com as línguas contribui com o processo de aquisição?

Nesse sentido, dissemos a seguinte questão:

Pesq.: então... como você acha que tudo que você faz contribui para a aquisição da língua?

Eis a explicação de Bruno:

Bruno: as línguas... né? pode ser o/ pode ser também uma língua nativa... português... ou espanhol... ou francês... francês... o alemão.. o holandês... eu... eu gosto de separar línguas neolatinas... português... espanhol... francês... e as... é... as línguas germânicas... como inglês... alemão... holandês... eu separando o/ as germânicas... neolatinas... por quê? porque eu penso/ o pensar naquela língua alvo é bem então... porque aí eu vou cada vez mais longe com elas... e com as

quatro habilidades... falar...listen... não... escutar... falar... ler... e escrever... e **pensar...** interessante porque... eu poderia ter uma estruturação mais acentuada naquela língua... **“mas pensar naquela língua não quer dizer nada”... para mim... quer dizer muita coisa... porque o meu pensar naquela língua/ eu vejo que eu tenho mais habilidade naquela língua/ é... quando eu estou pensando... eu estou indo mais longe ou não... é isso que faço... então... eu... eu... eu... p-pensar... pensar ou pensar... aí eu posso ter mais desenvoltura naquela língua... ou pensando... ou escrevendo... entendeu?**

Nessa resposta de Bruno, podemos identificar a descrição de uma forma de viver as línguas de maneira que teria uma implicação subjetiva, ao falar do seu posicionamento quanto à sua sugestão de incluir uma nova habilidade na aquisição da LE: o “thinking”, traduzido como pensar. Dessa forma, o sujeito esclarece que o pensar seria considerado como uma habilidade para ser exercitada, paralela às habilidades ouvir, falar, ler e escrever.

Perguntamos: O que faz Bruno manter a crença de que o pensar em uma LE poderia ser considerado como uma das habilidades para avançar na aquisição dos idiomas estrangeiros?

Nesse contexto, a aquisição da LE parece se restringir à ordem do imaginário. E “o imaginário de língua estrangeira se constrói em torno de algo que parece externo ao sujeito (Andrade, 2009, p.300).

E, sobre a habilidade de pensar sugerida por Bruno, interpretamos o episódio a seguir como uma contradição de Bruno ao argumentar: “eu vejo que eu tenho mais habilidade” e em seguida concluir “eu estou pensando... **eu estou indo mais longe ou não**”. Nesse contexto, o “**ou não**” interrompe o sentido do dito e é assim que o inconsciente se revela. Contrariando a intenção inicial de Bruno de tentar explicar que a “habilidade de pensar” contribuiria para que ele conseguisse avançar com a aquisição das LEs.

Uma outra contradição seria que, Bruno defende a ideia de pensar na LE, no entanto parece obedecer à exigência de visualizar a escrita na parede, para evitar o esforço de ter que lembrar das coisas.

Ainda questionamos: se o pensar seria visto como uma habilidade da língua, por que Bruno escreve os seus pensamentos em prol de investir no seu esforço para não lembrar de novo, ou não correr o risco de esquecer? A compulsão de Bruno para escrever tem a ver com o imaginário e é nesse momento que ele tenta preencher o vazio com a escrita. O que nos faz pensar que o ponto de encontro com as línguas seria para evitar o contato dele com a LM, ao considerarmos o lugar que a escrita em LEs foi ocupando em sua vida.

Uma possível resposta ao nosso questionamento seria identificada como a ocasião na qual ao colocar em prática as habilidades linguísticas, conforme já foi dito, o aprendiz

inclui a habilidade *thinking* (além das outras habilidades já existentes) e tenta se apoiar em uma LE para aprender outra LE. Devendo-se ao fato de que, Bruno tenta colocar em prática a ideia de que a LM deve sair de cena, dando lugar a uma LE que servirá como apoio para a aquisição de outro idioma.

Ainda considerando os últimos excertos, outra vez nos deparamos com um momento de pausa (...), significando que houve incompreensão no seguimento, identificado como inaudível, e por duas vezes Bruno trancou (/) as suas falas. Primeiro ao tentar esclarecer: “meu pensar naquela língua/ eu vejo...” Bruno se esforça para dar uma explicação sobre o que seria “o pensar da língua estrangeira”, porém se depara com algo que não consegue elucidar. Em seguida, reelabora a sua frase tentando prosseguir, mas hesita ao falar “eu tenho mais habilidade naquela língua/ é... quando eu estou pensando...”.

Questionamos: Estaria Bruno se esforçando para escrever os seus traços mnêmicos nas LEs como uma forma de evitar a LM?

Prosseguimos questionando:

por que você se preocupa tanto com essa habilidade pensar? e você se preocupa tanto em registrar esse pensar?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: ah... o pensar... veja bem... eu acredito que... quando eu estou interagindo... falando... pensando... eu posso dizer “ok, eu vou... I’m gonna shift the language... mudar a língua”... então... eu:: acredito que sempre estou indo adiante... escrevendo... ou interagindo... e lendo... então/ ou pensando... sempre estaria com a habilidade de estar buscando mais naquela língua... então... **no pensar... eu tenho a estruturação mais acentuada com aquela língua.**

Em alguns momentos tivemos dificuldade de levar Bruno a falar da relação subjetiva com as línguas, pois o pensar (*thinking*) para Bruno seria no sentido da língua como objeto de conhecimento.

Dessa forma, prosseguimos o nosso questionamento:

Pesq.: e você acha que tem o controle desses pensamentos nas línguas que você aprende? que você controla? “ah... agora vou pensar em tal língua... vou deixar inglês de um lado e vou pensar em tal língua”... você acha que exerce o controle sobre essas línguas?

Bruno responde com veemência:

Bruno: claro

Ainda insistimos em levar Bruno a seguinte reflexão:

Pesq.: ou... tem alguma coisa que quando você se dá conta... já está pensando nela sem ter nem se programado pra isso?

Bruno responde:

Bruno.: hmm... veja...

Complementamos nossa fala com a seguinte questão:

Pesq.: quem predomina? é a língua mãe?

Bruno interpela, dizendo:

Bruno: não... não é assim... peraí...

Ainda instigamos Bruno a refletir, dizendo:

Pesq.: quem manda nesse território... dessas línguas? quem manda? quem dita as ordens? você ou as línguas?

Bruno trunca a fala, dizendo:

Bruno.: eu/ quando eu estou...

Percebendo a hesitação de Bruno, perguntamos:

Pesq.: você tem que ir lá e escrever... então mesmo que não haja... é... alternância... renovação... você acha que tá interagindo com a língua... mesmo assim você acha que tá interagindo... e o que é interação pra você?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: interação/... olhe... o meu escrever... é... no caso as quatro habilidades/... eu...quero estar sempre em contato com a língua... com as/ listen... speak... read and write... ou pensar... pensar... naquela língua... que para mim é bem interessante... uma forma de ir adiante com aquela língua... e pode pensar... pensar... ou escrever... ou escrever né... ok... eu estou escrevendo... estou pensando... estou interagindo

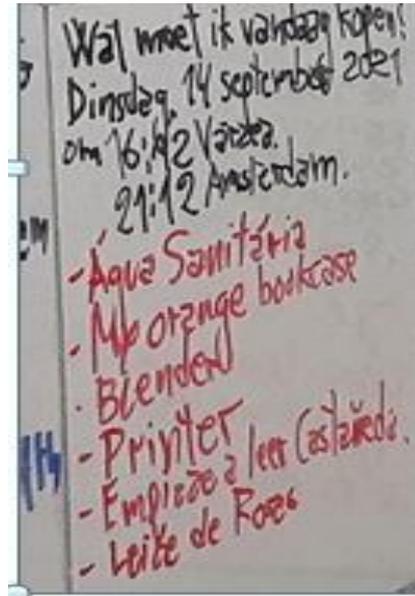
Ao questionarmos “quem predomina? é a língua mãe?”, Bruno reage como se o nosso questionamento o inquietasse. E ao insistirmos, Bruno trunca a palavra, dizendo “eu/ quando eu estou...”, como se estivesse diante de algo que o escapasse por estar sob a barra do recalque, por ser este, segundo Moreira; oliveira (2014), um mecanismo de defesa para afastar algo da consciência.

Prosseguimos com o nosso intento e perguntamos: “mesmo que não haja... é... alternância... renovação... você acha que tá interagindo com a língua...?”, querendo questionar também o fato de Bruno não renovar a escrita de seus textos, no intuito de substituí-las por outras escritas.

Devendo-se ao fato de que, normalmente a alternância da escrita de seus textos acontecesempre referente ao que ele escreve no chão, já que seria a própria imposição do apagamento natural de pisar descuidosamente nesses lugares. Esse fato é constatado na dificuldade que tivemos ao tentar entender os textos supracitados, por estarem com algumas partes incompreensíveis.

No que se refere à escrita veterana de Bruno, tomemos como exemplo um texto no gênero agenda, datado como sendo escrito no mês de setembro de 2021. No qual consta uma lista de compras em português e inglês, cujo título é colocado na língua holandesa, a saber:

Figura 21 - Escrita de Bruno na parede da cozinha do Apt.02.



Fonte: A autora, 2024.

Tradução:

(Holandês: o que devo comprar hoje)
Água sanitária
Minha estante laranja
Liquidificador
Impressora
Enfatizar uma doutrina
Castañeda Leite de rosas.

Esses textos normalmente recebem o atravessamento de algumas frases descontextualizadas que fogem do intento inicial de Bruno, como se despontassem em um lugar no qual não foram convocadas, conforme já analisamos. Entendemos como se o inconsciente emergisse com um ato falho e inrompesse, ao trazer uma palavra ou frase a partir de um discurso inconsciente. Fazendo com que o sujeito do inconsciente produza furos no discurso arrumado da consciência.

Diante de tudo o que foi dito, fica claro que a metodologia de aquisição da LE de Bruno dá ênfase à escrita e ao pensar, por ser o aspecto sonoro que é deixado de lado. Descrito por ele como uma abordagem na qual "... no pensar... eu tenho a estruturação mais acentuada com aquela língua", como se fosse possível estruturar e controlar os pensamentos que norteiam sua relação com as LEs.

Sobre o impulso de Bruno de escrever em diferentes lugares, prosseguimos com a seguinte pergunta:

Pesq.: e por que você acha que escreve em vários lugares?

Bruno nos responde:

Bruno: porque sempre eu estou/ ah... peraí... eu... eu vou a-aprender porque eu tenho as quatro habilidades... e eu/ no pensar... eu tenho a estruturação mais acentuada com aquela língua

Continuamos com a seguinte questão:

Pesq.: sim... tudo isso poderia ser em caderno... no qual você sentasse e fosse lá escrever... “ah, eu vou pegar meu caderno, vou retomar minha escrita”... a questão é por que não pode ser no caderno? por que são vários lugares na casa que você aprecia...né... que você elege para a sua escrita? o que é que você acha disso?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: é... quando eu... eu escrevo... eu acho que/ eu... eu estou tendo um conhecimento mais sólido... com aquela língua... é o que eu faço

Considerando a resposta de Bruno, insistimos em continuar a investir nesta questão:

Pesq.: mas por que os lugares? e não um caderno?

Bruno argumenta:

Bruno: porque no... no... no caderno/ eu... para eu ter contato com ele eu preciso abriro caderno e aquela coisa toda... mas se eu digo/ eu escrever na parede... ah... então... eu interajo mais... eu vou/ eu coloco aquilo no... no meu quarto... no... na cozinha... aí eu escrevi... aí eu... opa... eu estou vendo... estou interagindo... então... eu estou sempre me voltando para a língua que me interessa... ou/ mas também... **poderia ser não somente o escrever mas também o pensar... pensar naquela língua que eu quero aprender cada vez mais**

Ao questionarmos: “mas por que os lugares? e não um caderno?”, identificamos três momentos de hesitação, nos quais o aprendiz corta a sua fala constatados por intermédio do sinal (/), a saber, “no caderno/ eu... para eu ter contato com ele eu preciso abrir o caderno e aquela coisa toda...”; “eu digo/ eu escrever na parede... ah... então... eu interajo mais..” e “eu estou sempre me voltando para a língua que me interessa... ou/ mas também...”. Nessa explicação, novamente Bruno tenta esclarecer que a aquisição da língua ocorre no momento que visualiza a escrita.

4.5.3 Como Bruno acha que sua relação com a escrita afeta a sua forma de aprender a língua?

Para investir em nosso questionamento, lançamos a pergunta ao Bruno:

Pesq.: e... e como você acha que a sua maneira de lidar com a escrita afeta a sua forma de aprender a língua?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: **porque ao escrever eu não escolho a língua...** porque pode ser em português... ou espanhol... e pode ser para... **melhorar** meu... digamos... meu ritmo...**meu/ minha interação com aquela língua...** se ela for estrangeira... ou a língua nativa... mas... hã... a grosso modo... não meramente para melhorar meu/minha maneira de... de interagir com a língua... é também para eu... é... registrar... como eu já disse... e ver.. e também é claro... quando se trata de uma língua estrangeira eu ver...“porra... meu... não sabia que eu era bom”... como eu escrevi umas coisinhas em holandês... e disse... **“eita... eu não sabia que eu tinha condições de escrever desse jeito”**... ou seja... aquele insight... **“mas como é que você/ você é doido é?... como é que você não sabe o que sabe?”**... não... perafá... eu só sei do meu nível de... de uma outra língua... no tocante a uma língua estrangeira... se eu me exponho... por isso... **o ato de escrever é um auto... também de autoconhecimento... pronto**

Conforme já foi dito, a despeito de identificarmos episódios nos quais Bruno vive momentos de autoconhecimento de maneira metacognitiva, no excerto acima, Bruno age como se não tivesse o controle quanto à sua escolha da língua que vai escrever. Pois a escrita, conforme Paiva (2016) pode abduzir o sujeito pelo fato de o inconsciente está implicado na escrita, podendo gerar desconforto, por envolver dúvidas e causar inquietações em quem escreve.

Nesse sentido, Bruno sai da metacognição ao dizer duas frases carregadas de afeto, constatando: “eita... eu não sabia que eu tinha condições de escrever desse jeito... ou seja... aquele insight...”. Depois, dialoga consigo mesmo, ao exclamar “mas como é que você/ você é doido é?”. No final, pontua “como é que você não sabe o que sabe?”, como se estivesse mostrando a impossibilidade do não saber sobre si mesmo..., o que “lembraria Lacan (1961- 1962/2003), dizendo que o que identifica um sujeito é o traço em cadeia no osso do mamute: um traço do sujeito por ser não identificado. (Souza, 2018, p.1300).

Melhor dizendo, a partir desta analogia, o sujeito estaria vivendo uma inquietação por estar diante de um rasto de si que ele próprio não consegue identificar, por não saber o que sabe. No final, ao dizer: “o ato de escrever é um auto... também de autoconhecimento... pronto”, seria como se Bruno quisesse dizer: “eu só sei de mim se eu escrever” e se a escrita em LEs proporcionasse o seu encontro com o saber sobre ele mesmo? O que denotaria uma certa consciência de que, conforme Guimarães (2007), o sujeito tem um enlace com a escrita que esta oferece uma condição de exterioridade, pois o significado de escrever depende do próprio ato da escrita, sendo a condição da escrita peculiar a cada um de nós.

Ainda prosseguimos com a nossa indagação, ao dizermos:

Pesq.: então você acha que isso afeta sua forma de adquirir a língua porque você percebe que você/ que o seu nível tá melhor do que você imaginava?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: **eu consigo ver que eu estou vendo a língua com um novo ângulo... é... porque o meu... o meu parecer com a língua não é... eu mostrar ao outro que eu sei... “ah... eu sei aquilo”... não.. por exemplo... quando estamos no clube... clube... como é que se diz?... Clube Po-Poli glota... estava lá com a Raquel... Raquel tem um bom nível de alemão... mas ali eu ficava o mínimo possível com... o... alemão... maseu sei que agora estou com mais desenvoltura no... no... no alemão do que antes...a despeito do fato de eu ter me enveredado com outras línguas... para outras línguas... como o inglês... comecei a falar algu/ teve um momento que eu falei... assim.. não como um... porque ninguém tem aquela “vou me mostrar... vou me exibir”... todo mundo tem aquela compe-competência linguística... então comecei a falar... em inglês... depois misturei com... hola... and now?... y ahora voy a hablar... agora vou falar em espanhol... e dizer o que... que eu acho que... () dissealgumas coisinhas em francês... mas todos entendiam... não tem aquele negócio “ah... eu tô falando isso porque eu tô falando com uma pessoa que não sabe nada... tá vendo como eu sou/”... ((estalo de boca em sinal de negação))... não hánenhum... nenhuma atitude para... alguém olhar para mim... é um/ como se diz...massagear meu ego... porque isso é de todo mundo... todo mundo tem aquele mesmo nível ou mui::to mais... então não tem nenhuma conotação de... “tá vendocomo eu sou...”**

A partir desse excerto, Bruno quis dizer que ninguém estava preocupado com as competências no Clube de inglês. Ao mesmo tempo, procura medir as palavras e a hesitação, tal qual em: “tá vendo como eu sou/”... ((estalo de boca em sinal de negação))... não há nenhum... nenhuma atitude para... alguém olhar para mim...”, pode ter uma tentativa de controlar o que diz.

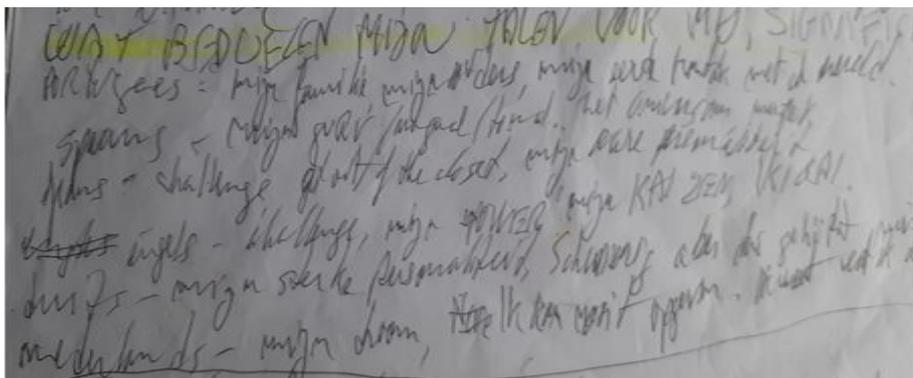
Por outro lado, ao questionarmos se Bruno acredita que a sua relação com a escrita favorece a aquisição das LEs, Bruno responde e age como se o seu olhar concernente à aquisição da LE fosse diferente da forma convencional. O que para ele representaria “um novo ângulo” e que não seria para “eu mostrar ao outro que eu sei”.

Perguntamos: Estaria Bruno agindo como se as LEs fossem condizentes com a alegria de algo que surge como novo, como se quisesse, conforme Souza (2018), tamponar uma brecha deixada pela LM?

4.6 O significado de cada língua para Bruno

Em algum momento de seu tratamento hospitalar, Bruno se dedicou a escrever sobre o significado de cada língua para ele. Nesse contexto, ele utilizou o papel que cobre a bandeja das suas refeições do hospital:

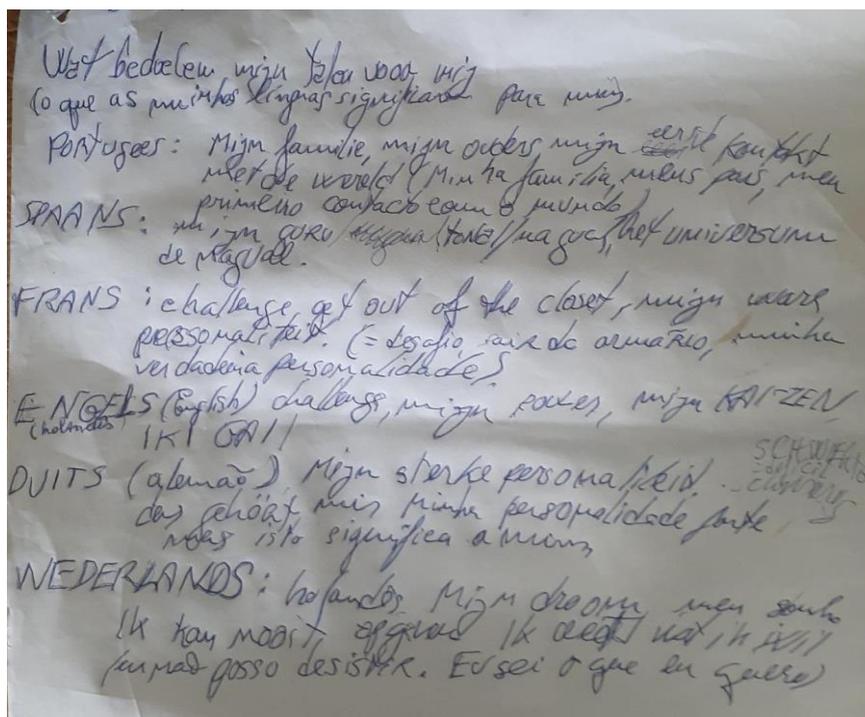
Figura 22- Primeira escrita de Bruno no papel da bandeja do hospital.



Fonte: a autora, 2024.

Todavia, ao tentar fazer a leitura da escrita do texto acima, Bruno alega ter tido dificuldade de entender e decide reescrevê-lo. Conferindo-se no texto a seguir:

Figura 23- Reescrita do texto da figura 21, no papel da bandeja do hospital.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução

PORTUGUÊS: Minha família, meus pais, meu primeiro contato com o mundo(escrito em holandês)

ESPAÑHOL: Meu guru tonal/nagual, o universo do nagual.

FRANCÊS: Desafio, sair do armário, minha verdadeira

personalidade. INGLÊS: Desafio, meu poder, minha KAISEN,

IKI GAI

ALEMÃO: Minha personalidade forte, mas isto significa a mim.

HOLANDÊS: Meu sonho. Eu não posso desistir. Eu sei o que eu quero.

Na reescrita de Bruno, chama-nos a atenção as traduções em português, o que parece ter sido para facilitar a leitura, no intuito de ser melhor compreendido. Por outro lado, o texto é escrito em holandês, com exceção de uma frase e algumas palavras em inglês. Assim, Bruno inicia a sua descrição com o título “wat bedoelen mijn talen voor mij”, cuja tradução seria: “o que as **minhas línguas** significam para mim”. Nessa frase, Bruno expressa um sentimento de posse pelas línguas, identificado no pronome possessivo “minhas”, ao se referir às línguas.

Quanto à organização da sequência na qual as línguas são descritas, entendemos que seguiu a forma que ele estrutura a sua fala para se referir primeiro às línguas neolatinas, e em seguida às línguas anglo saxônicas.

Dessa forma, no que se refere ao idioma materno, conforme podemos conferir no segundo excerto, Bruno descreve o significado de português para ele, todavia escreve em holandês. Definindo como: “minha família, meus pais, meu primeiro contato com o mundo”, fazendo a descrição de três coisas importantes que representariam a sua base como ser humano e falante do português como LM.

Todavia, o que nos chama a atenção seria o fato de Bruno escrever sobre a sua língua fundadora em uma LE, que poderia ter sido escrito apenas na sua LM. Em seguida, traduzir para a sua LM. Como se a sua relação com o idioma materno tivesse sempre que ser atravessada por uma LE. A posição de estar entre as línguas denota provocar um certo estranhamento, e o envolve em uma dinâmica psíquica. Como se a LE, nesse momento, tomasse a posição, conforme Ayouch (2015) de revitalizadora da língua nativa caracterizada como uma reconstrução psíquica. Movimento similar à forma compulsiva que o leva a escrever em lugares inusitados. Pois, o estar entre as línguas parece exercer esse efeito em Bruno.

Quanto à descrição de Bruno sobre o espanhol, a partir dos nossos dados, podemos constatar que seria uma das línguas menos presente nas escritas de Bruno. E, conforme podemos conferir, o espanhol foi a única língua que ele não escreveu sobre o que ela significaria para ele, em português. O que nos faz entender que Bruno poderia ter agido

assim com a LM. Assim, Bruno usa duas palavras que nos chamam a atenção em sua descrição: “nagual/tonal”.

Nesse contexto, o sujeito dialoga com os livros de sua preferência, cuja autoria seria de Carlos Castañeda. E, conforme Aveline (2023), o enredo dos livros de Castañeda, visto como de uma linhagem mística, gira em torno do mestre Dom Juan e de seu aluno Castañeda, cuja relação é descrita alegoricamente como uma parábola e faz alusão a um eu imortal e um eu mortal. Assim, o idioma espanhol parece “capacitá-lo” a ser um “guerreiro”.

E, de acordo com Krippner (2017), nagual/tonal seria um estado xamânico de consciência usado por Castañeda, que supostamente seria proveniente do “aprendizado” do próprio Castañeda com o Dom Juan – personagem criado por ele. Significando dizer que o universo seria simultaneamente uno e duplo com o tonal – nossa captação e percepção – e o nagual – relação com o desconhecido, embora existente.

No depoimento de Bruno sobre o espanhol, temos:

**Bruno: o espanhol é a língua materna... ou era a língua materna do...
daquele meu grande mestre. que eu o chamo de Castañeda. Castañeda
quer dizer o cara**

Dom Juan Matus... lá no México... ele falava... apesar de eu não ter lido nada
em
espanhol sobre ele... mas eu sei que a conversa era travada toda em espanhol...
então...

**quando eu estou falando em espanhol... me remete mais a ... eu ter
cuidado...**

**essa língua é de muita... é de fortaleza mais para o lado espiritualista...
uau..aquela coisa toda**

As palavras “fortaleza” e “espiritualista” denotam que a espiritualidade é mediada pela relação que Bruno mantém com a língua espanhola e que exigiria um certo “cuidado” de sua parte, ao lidar com a língua. Portanto, o fato de o espanhol aludir à espiritualidade e ele precisar “**ter cuidado...**” justificaria a pouca presença da língua espanhola nos seus textos escritos, como se tivesse um certo tabu em envolver a língua que representa o “**lado espiritualista.**” na sua escrita. Já que o seu impulso em escrever nas LEs envolve uma relação mais sexualizada, movido pela pulsão epistemofílica que estaria relacionada à pulsão sexual na infância.

No que se refere à língua francesa, chama-nos a atenção o fato de Bruno usar a expressão “sair do armário” e atribuir à língua a “minha verdadeira personalidade”. Sendo contraditório ao seu depoimento, quando descreveu o início de sua entrada nas Les, ao relatar que entre os seus 11 e 12 anos o francês para ele “parecia a língua do franguinho”,

razão pela qual ele se sentiu inibido a falar o francês. Perguntamos: o que levaria Bruno a mudar de ideia quanto à língua francesa?

Por outro lado, a primeira palavra que Bruno usa para se referir ao significado da linguafrancesa para ele é: “desafio”. Questionamos: Seria esta a palavra que o impulsionou a enfrentara sua forma anterior de ver o francês, no início da sua entrada na língua?

Quanto a língua inglesa, conforme já foi dito, Bruno a considera como a sua segunda LM, dito por ele como “a enxeridinha”, como se ele não tivesse o controle por ser a única LE atravessadora da sua fala. Ao dizer “**mas o inglês é imbatível.** nenhuma outra língua poderá/ mesmo o holandês... que é meu sonho... mas eu diria que eu acho que nunca vou ser tão bom em outras línguas como eu já sou com o inglês...”. E, as outras LEs parecem ser reservadas apenas para a escrita enquanto está no Brasil, já que Bruno não conseguiu escrever quando esteve na Europa. O inglês seria visto por ele como “desafio, meu poder, minha KAI ZEN, IKIGAI”.

Kaizen e *Iki gai* seriam duas filosofias japonesas que servem de inspiração para Bruno criar os seus quadros motivacionais. De acordo com Nonato (2023), a filosofia *Kaizen* foi criada no Japão e significa melhoria/mudança. Também considerada como um método por nortear instruções, que quando aplicadas trazem grandes resultados positivos para as pessoas. De acordo com Andrade; Pinheiro; Silva et al (2017), o professor Masaaki Imai seria o pai do *Kaizen* e fundador do “*Kaizen Institute*”, levando sua filosofia e prática para o mundo, atraídos pelo slogan “mudança para melhor”. Tendo como características:

Figura 24- Filosofia Kaizen.



Fonte: Piece consultoria sobre *Kaizen*, 2024.

No que se refere à filosofia *Iki gai*, segundo Garcia; Miralles (2018), esta levaria as pessoas a encontrar: “o segredo de estar sempre feliz”. Para tanto, cada um foca o seu *iki*

gai ou sua missão, paixão, vocação e profissão. Outra vez, **o significativo mistério** parece atrair Bruno para essa ideologia, já que instiga a descobrir qual seria o segredo da longevidade dos japoneses. Essa busca teria uma relação com o interesse de Bruno pela filosofia *iki gai*, por estar relacionada à sua sede de conhecimento, fazendo alusão à pulsão epistemofílica ou pulsão do saber. A partir da imagem da mandala *iki gai*, podemos conferir as características de alguns propósitos, a saber:

Figura 25- Filosofia Iki gai.



Fonte: *The power of purpose* – Brazil, 2024.

No que se refere ao alemão, Bruno dá o significado de “minha personalidade forte”, e complementa com a expressão “mas isto significa a mim”. A fortaleza aludida por Bruno nos faz lembrar o sentimento de “espaço de guerra” que ele atribuiu sentir quando estava na Alemanha. Para ele, essa sensação foi despertada a partir da maneira que o um homem na Alemanha o tratou.

O que nos faz pensar, que o próprio estado de guerra que ele sentiu faz uma exigência de uma posição de fortaleza. Quanto a presença da língua alemã na escrita de Bruno, identificamos poucos episódios. E, na maioria das vezes, os registros são usados para a escrita de frases motivacionais, a saber, “Ich bin starker als ich dachte”, traduzido como “Eu sou mais forte do que pensei” e “Ich habe alles was ich will” que significa “Eu tenho tudo o que eu quero”, conferidos nos quadros artesanais de Bruno.

Quanto à língua holandesa, esta reserva para Bruno dois lugares: o de seus **sonhos** ao afirmar “Meu sonho. Eu não posso desistir. Eu sei o que eu quero” e o de **segurança**, ao dizer em um outro momento “língua dos meus sonhos é a língua holandesa eu adoro essa língua

por isso. **eu me sinto seguro...**”. Dando a ideia de que, a partir da língua holandesa

Bruno

encontra um espaço para sonhar livremente, já que esta também o mantém em segurança. O holandês se encontra em vários momentos nos quais Bruno escreve sobre si. Conferindo-se no próprio texto sobre o significado das línguas para ele, conforme já foi dito.

4.6.1 A função das línguas para Bruno: “Cada língua pra mim é uma mulher”

Ainda no que se refere à **função** que cada língua tem para Bruno, chama-nos a atenção o momento no qual ele faz uma analogia da sua relação com as línguas, comparando cada idioma adotado como se estivesse se relacionando com uma mulher, visto como um momento do nosso diálogo que consideramos como sendo um dos ápices no qual Bruno se distancia da sua tentativa insistente de racionalizar a sua relação com as LEs e se entrega à dimensão afetiva do processo de aquisição.

O que envolve um movimento no qual ocorre “articulações entre corpo, linguagem, afeto e sentido. (Leite, 2003, p.81). Significando dizer que, trata-se de um acontecimento no qual há uma fundição entre corpo e linguagem na aprendizagem de uma LE, descrito por Veras (2015), como um momento cuja ocorrência se dá no instante que ouvimos uma LE, pois o corpo se faz presente por não podermos recortar as sequências sonoras que ouvimos. Dessa forma, perguntamos: o que cada língua significa para Bruno? No que se refere à nossa indagação, questionamos ao sujeito:

Pesq.: E o que cada língua significa para você?

Da resposta de Bruno, tivemos:

Bruno.: cada língua pra mim é uma mulher... é como se eu estivesse me relacionando com seis mulheres .. porque eu estudo seis línguas

Prosseguimos perguntando:

Pesq.: então a língua inglesa seria a mulher que você mais se identifica?

E Bruno respondeu:

Bruno: é... eu tenho uma desenvoltura muito maior

Nesse contexto, resolvemos fazer Bruno refletir sobre a sua resposta, investindo na mesma pergunta:

Pesq.: por que cada língua é uma mulher?

Bruno responde de maneira bastante objetiva:

Bruno: porque... se alguém dissesse... "olha... que tal... você vai ter que desistir de X língua"... eu não tô dizendo por brincadeira não... tô falando sério... eu não vou desistir de porra nenhuma... porque eu quero o inglês... eu quero o... o alemão... eu quero o holandês... eu quero o espanhol... eu quero o francês... eu quero o português...

Continuamos a perguntar:

Pesq.: então... são várias línguas... e que para você são várias mulheres?

Bruno argumenta com veemência:

Bruno: eu quero... ((celular toca... ele desliga)) eu quero o português... ah... **eu quero me divorciar de uma delas? não...** eu quero... o que eu quero é... de repente... **quando eu tiver com um relacionamento mais afetivo com o alemão e holandês...** aí eu vou me voltar para o... eu já previ... eu quero me voltar para o italiano

A partir desse último excerto, podemos identificar o tratamento que Bruno dá as línguas como se estivesse realmente lidando com pessoas, como um indício de quem estaria vivendo uma relação amorosa com os idiomas estrangeiros, ao dizer: “eu quero... ((celular toca... ele desliga)) eu quero o português... ah... **eu quero me divorciar de uma delas? não...** eu quero...”. Nesse trecho, chama-nos a atenção o fato de Bruno fazer alusão ao divórcio exatamente após se referir à LM, o português, como se tivesse consciência do “valor e da importância ímpar que a língua materna possui na estruturação subjetiva” (Gasparini, 2010, p.55).

Estará Bruno diante de um “acordo” entre ele e a “primeira mulher” (a LM), como se existisse um “pacto, que é comandado pelo simbólico (...) vinculado primordialmente à língua materna”? (Melman, 1992, p. 36).

Pois ao dizer “cada língua pra mim é uma mulher...”, Bruno apresenta uma relação sexualizada com as línguas, por querer ver a língua escrita, a língua que é a mulher. O que alude à:

pulsão epistemofílica (...) fruto da pulsão sexual. E, mesmo que o ato sexual não se realize a energia não desaparece, apenas muda de direção, já que o alívio da tensão dopisquismo tem que ocorrer, levando a buscar satisfação através da necessidade de saber. De um saber que está ligado à origem do indivíduo. Assim, entra em atividade quando a vida sexual começa a florescer dentro dos limites de uma vida sexual infantil. (Palatnik, 2010, p.107)

E, ao questionarmos “por que cada língua é uma mulher? Bruno nos responde

usando a repetição “eu quero”, antes de cada nome das seis línguas por ele elencadas, como a um querendo um desejo. Como se estivesse investindo em uma possibilidade de alguém tentar fazê-lo desistir das LEs, as suas mulheres.

Insistimos em questionar:

Pesq.: por que você se interessa também pelo italiano?

E Bruno respondeu:

Bruno: porque eu acho bonito... mas eu sei dizer alguma coisa em italiano? claro que porra nenhuma... não... não... não... não sei... mas eu gostaria... por quê? porque eu tenho livro... tenho dicionário e tudo... mas eu não sei dizer nada em italiano... porque eu não comecei a estudar nada e NEM quero agora... eu gosto... eu quero... mas não para agora... porque... eu tenho que reforçar... **((bate na cabeça))** a base de alemão... holandês... francês... que ainda não tá tão boa assim... com espanhol... por ser uma língua cognata... não tô dizendo que é mais fácil... **porque muito/ ledo engano... ah... porque... "ah... é janela... então... ventana"... então... às vezes você vê uma palavrinha totalmente diferente que não/ então, se eu não conhecesse essa palavra... então eu diria qualquer merda... não... NÃO QUERO isso... porque... como eu já disse... eu não estudo uma língua pra mostrar "tá vendo... seres do planeta Terra... que eu..." não... eu falo porque eu quero falar... eu quero aprender... eu quero me dinamizar naquela outra língua... então eu não vou falar de qualquer forma porque... as pessoas não podem nem criticar pensando "ah... ele errou... ele usou uma palavra que não existe"... eu não admito eu fazer isso com a língua que eu tô estudando**

Chama-nos a atenção a fala de Bruno ao dizer: “as pessoas não podem nem criticar pensando ‘ah... ele errou... ele usou uma palavra que não existe’... eu não admito eu fazer isso com a língua que eu tô estudando”, argumentando que não admite errar, como algo superegótico. Já que este atua como “um freio modulador dos interesses motivacionais/pulsionais do id” (Lima, 2010; Nakasu, 2007). E, conforme Lima (2010) a energia psíquica é acionada no id e esta seria de natureza primitiva e instintiva. O ego emerge a partir do id, cuja função seria a delidar com as pulsões básicas para mediar as forças que operam no id e no superego. Assim, a forma de Bruno lidar com as línguas é muito pulsional. E, ele age como se não pudesse cometer nenhum tipo de erro com as suas “mulheres”.

No final, seria como se Bruno estivesse preservando a sua relação com as línguas, para que não houvesse nenhum rompimento. De acordo com Gasparini (2010), Isso se deve ao fato de haver um investimento por parte do sujeito de procurar nas LEs uma melhor forma de articular os seus desejos, no que se refere às inscrições que mais definem a sua subjetividade, por se debruçar na ilusão da sua busca de completude, movido pela crença

de que encontrará uma melhor correspondência para o liame desejo e dizer.

4.6.2 A relação com as línguas e a teoria do espião: sucesso ou fracasso na aplicação?

Aliando-se ao impulso de escrever nas LEs, Bruno traz para a nossa conversa uma estratégia, que ele chamaria de uma forma de encarar a aquisição da LE, sendo considerada como um método para avançar na aprendizagem dos idiomas estrangeiros, devendo-se ao fato de que “entre o desejo e a necessidade de aprender línguas, há a construção das representações de língua e de aprendizagem (...) que emergem no dizer dos professores de línguas”. (Andrade, 2008, p.01).

Para tanto, no contexto do nosso diálogo sobre o significado das línguas para ele, Bruno começou a aconselhar o que deveria ser feito pelo aprendiz para adquirir a LA.

Da explicação didática de Bruno, tivemos:

Bruno: Tem um texto que coloquei ali... que diz assim... quando você estiver estudando uma língua/ ele diz assim... speak... é... when you study a language... study like a spy... estude como um **espião**... but speak like a... like a... native... mas fale como um nativo... claro que isso contradiz as idéias de alguns... parece que é Suassuna né... Ariano Suassuna... que diz “fale o inglês”/ aliás... qualquer língua... “fale o inglês como se fosse... aquela tendência de falar português”... aí eu digo... com todo respeito... vá se foder porra... e eu vou querer uma merda dessa... **falar inglês como se eu fosse um brasi-brasileiro falando** “Ai want to gou... Ai want to gou to iunited istates”... aquela merda toda... não... eu quero falar/ **study a language like a spy... but speak like a native... por que spy?...** eu fico procurando... hello... como é que realmente um nativo fala inglês? ... ele fala assim... eu não posso falar o nome dela... aquela outra pessoa não faz distinções entre fonemas de/ existem fonemas em inglês que não existem em português... então porra... fala direito... fala como um spy... como é que o spy/ por exemplo o **espião**... a... e... bad... bed... então tem que/ ah... mas o brasileiro vai dizer a mesma merda... bad... bed... bad... bed... aquela pessoa diz “bad”... “my bad” ... “this is a bad” ... no... this is a bed... so... no... “I’m so bad today... I don’t know why”... mas eu vou pronunciar o “e” como um **espião diz... procure falar como um espião... como é que um verdadeiro nativo/ um nativo fala? ou então fale como um nativo**

Conforme a explicação de Bruno, indagamos:

Pesq.: então ser **espião** é falar como um nativo fala?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: exato... tente falar como um nativo... “ah... mas não consigo”... então tente... “ah... mas não consigo”... então tente... porque se/ meu... veja bem... cada um na sua... quer falar português? fale português porra... quer falar inglês? fale inglês porra... mas como? um nativo/ um espião diz... “eu vou ver como é que ele faz o verdadeiro”... fale como um nATIVO PORQUE o nativo... vamos/ aí eu falo

de uma maneira até bem pessoal... **finja que você está num país... e... que... digamos... ele oDEia brasileiro... e você tem que finGIR:: que é um americano... porque se você não fingir bem... sua cabeça vai se fo-/ partir... vai cair... rolar no chão... porque se/ outra vez para aquela frase... bem radicalismo... eu sei... spy... fale inglês/ aliás... estude uma línguacomo um spy... como um espião... mas lembre-se... para onde você vai... você está indo para um país de língua inglesa e você tem que falar inglês como um nativo... porque se você mostrar... “ei... você/ você é brasileiro é? ai... eu odeio brasileiro... então você vai morrer agora”.**

Pesq.: extremismo?

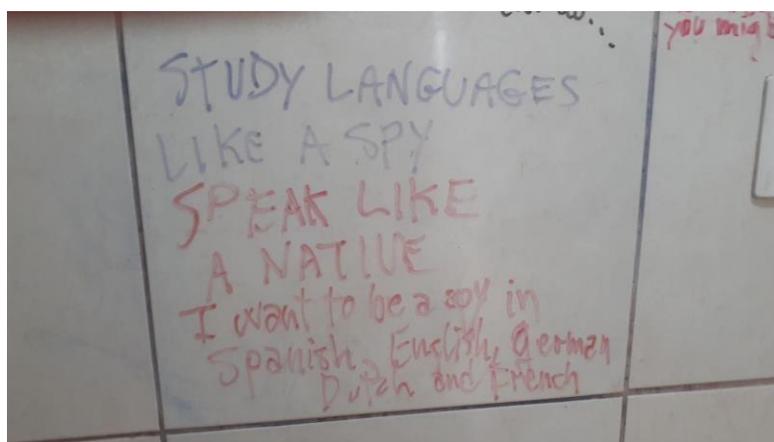
Bruno acrescenta:

Bruno: extremismo total... estude uma língua... mas vamos dar um nome a essa língua... fale inglês como um espião... aliás... estude/ não é falar... estude inglês comoum espião... mas fale como um nativo... só isso.

Recorremos ao que Bruno diz, ao fazer a descrição do que seria considerado como “indícios da constituição do imaginário sobre o ensino-aprendizagem de línguas, nos quais podem apontar traços da constituição de sua subjetividade e de sua identidade” (ibid, 2008, p.11). Todavia, apesar de defender: “finja que você está num país... e... que... digamos... ele oDEia brasileiro... e você tem que finGIR:: que é um americano..”, o aprendiz não conseguiu colocar em prática durante a sua viagem à Europa a supracitada teoria do espião. Perguntamos: A relação afetiva com as LEs o levaria a um distanciamento do seu intento inicial de usar o método defendido por ele?

Corroborando à fala de Bruno, podemos conferir na escrita de sua residência a frase que ele escreveu:

Figura 26- Escrita de Bruno na parede do banheiro do Apt 02.



Fonte: A autora, 2024

Tradução:

Estude inglês como um
espiãoFale como um
nativo
Eu quero ser um espião em espanhol, inglês,
alemãoholandês e francês

Sobre esse método aludido por Bruno, podemos conferir que:

DURANTE ANOS, espiões americanos estudam línguas estrangeiras num laboratório secreto em Arlington. Mas agora o seu método de ensinar habilidades de conversação de “sobrevivência” em apenas 10 dias está se tornando público, e alguns dizem que isso poderia tornar o aprendizado de línguas mais **rápidos e divertido** para todos. (...) Se a CIA conseguir transferir para o público em geral o método que tem utilizado com tanto sucesso para ensinar espiões – uma abordagem centrada na conversação prática e melhorada pela mais recente tecnologia – ela acredita que isso “poderia mudar a perspectiva sobre as línguas estrangeiras” nas nossas salas de aula. (Jordan, 1994).

Comparando o método que denota ter inspirado Bruno a estudar as línguas estrangeiras, com a forma que Bruno faz a abordagem, ao dizer: “finja que você está num país... e... que... digamos... ele **oDEia brasileiro...**”, traz no verbo “oDEia” uma carga de afetividade negativa.

O mesmo método é referido de uma forma diferente por Jordan (op. cit.), pois a despeito de ser considerado como uma conversação de “sobrevivência”, é tida como uma abordagem prazerosa e satisfatória de estudar a língua e denota ser o oposto da descrição do sujeito.

O que nos faz inferir que Bruno entra no espaço imaginário e outra vez faz alusão ao processo de aquisição da língua como se estivesse em meio a uma “guerra”, tal qual ele sentiu enquanto estava na Europa. Por outro lado, ao expressar: “eu vou querer uma merda dessa... falar inglês como se eu fosse um brasi-brasileiro falando”, o sujeito parece estar descrevendo uma forma de **evitar a LM**, já que o próprio Bruno admite que seria mais tagarela em inglês, ao afirmar em um momento das nossas conversas “quando eu tô em inglês... algumas pessoas podem até dizer que eu sou mais assim... **mais tagarela...** alguém que fale inglês e eu tô conversando com ele... **eu ser mais assertivo... quando eu tô falando inglês**”.

Dessa forma, as expressões “mais tagarela” e ‘mais assertivo’ descrevem um episódio de despersonalização, outra vez impulsionado pela sua busca de completude na língua inglesa, que, conforme já foi visto, é considerada por ele como a sua outra LM. A idealização de si ao falar uma LE o move, fazendo-o investir nesse seu desejo de ser o outro da LE.

O que nos remete ao fato de que, a alteridade faz com que o sujeito se sinta um estranho com a LM, como se ao tentar tomar a língua estrangeira de forma isolada, o aprendiz sofresse os efeitos da *lalangue* sobre si mesmo, já que conforme Gasparini (2010), existe uma inscrição prévia que foi fundada na *lalangue* e reverbera na aquisição da LE. Desta forma, o sujeito não pode fugir desta inscrição da *lalangue* nele mesmo, visto que a *lalangue* e seu funcionamento traz essas imposições das quais o aprendiz não pode se distanciar. Dito de outro modo, a apreensão da LE só pode ser realizada pelo fato de a LM ter feito a sua inscrição primitiva no campo simbólico fundada na *lalangue*.

Prosseguimos a nossa conversa, interpelando:

Pesq.: por que você não fez isso quando chegou nos países da Europa?

Bruno responde:

Bruno: olhe... aí você/ eu tenho que falar outra coisa... por exemplo... **a realidade... não é que eu... “ai:: eu virei uma bicha”... não... veja bem... o contexto é muito diferente... primeiro de tudo... você acha que eu tô tentando fugir pela tangente... Brasil e... e Europa... nenhum país europeu faz com que você se sinta realmente... empoderado... e veja o... a/ o discurso de alguém que vai para Europa... pra Portugal... ver um monte de gente fria... fria fria fria... lá na França... França não... vamos falar nome certo... Paris... que a gente não foi pra França... foi pra Paris... “mas é a capital”... sim... mas um bando de filho de raparigas que não têm o mínimo de/ aquele... aquela frieza da porra...**

No contexto desta nossa conversa, Bruno começa a mostrar momentos de contradição no que se refere à sua fala anterior, pois ao questionarmos a razão pela qual ele não usou a teoria do espião durante os dias que esteve na Europa para falar nos idiomas estrangeiros, o sujeito agiu como se a nossa pergunta o fizesse se sentir um tanto sem direção.

Desta forma, questionamos:

Pesq.: caberia ser espião

Bruno enfatizou:

Bruno: não... mas eu não tenho esse comando de... de francês não... Ni-Nikolas tem melhor do que eu... ele foi muito mais longe do que eu... vou dizer...

Outra vez, recorremos ao que já foi dito:

Pesq.: a teoria do espião caberia aí

Bruno foi enfático em dizer:

Bruno: não... não... não... eu sei... eu tô entendendo... e eu sei que... ((reproduz o som de um soco no rosto))... mas eu não tenho esse comando... nem agora... nem agora... do francês... eu tô melhor... muito melhor no meu francês do que a-

antes... no momento em que eu tava lá em Paris... Paris... aí vem o Nikolas e... eu tiro o chapéu e aplaudo o Nikolas porque ele foi muito/ mas ele teve muito mais... é... professores que/ ele teve aula... o francês dando aula pra ele... ele e o/ ele pagando né... e foi bom...mas eu nunca tive isso... então eu não tenho essa competência... ele perguntar algumacoisa/ o francês tem isso... se você quer falar com ele... fale em francês... e mesmo em francês... ele não tem aquele cuidado... aquele... esse jeito maravilhoso que nós temos... de tratar o outro... essa coisa de tratar o outro com abraço... beijo e trá lá lá...isso é coisa de brasileiro pô...

Nessa nossa última conversa, ao ressaltarmos “a teoria do espião caberia aí”, Bruno encara como uma crítica, ((reproduz o som de um soco no rosto)) e se autoavalia, admitindo que não tem o comando da LE o suficiente, ao tentar justificar a razão pela qual não teve êxito em usar a teoria do espião, enquanto estava nos países da Europa. Na ocasião, o aprendiz comete alguns tropeços em sua fala, ao dizer: “porque ele foi muito/ mas ele teve muito mais... é... professores que/ ele teve aula... o francês dando aula pra ele...”, ao tentar justificar a razão pela qual o seu parceiro de viagem conseguiu falar a LA durante a viagem, mas ele não teve êxito.

Nesse momento, Bruno demonstra ter dificuldade de tratar desse assunto, deixando a ideia um tanto sem sentido, como se estivesse sob o efeito de suas inibições inconscientes (Fernandes, 2008), como consequência, segundo Lopes (2015) dos impactos subjetivos que uma LE pode causar no sujeito.

Justificando, em seguida, que o problema estaria nos falantes nativos, sendo contraditório ao que defendeu anteriormente e prosseguiu aconselhando o aprendiz a insistir no seu intento de falar a LE, a despeito de qualquer dificuldade que encontrasse.

Questionamos: a dificuldade de falar o idioma estrangeiro teria uma relação com um momento de captura no qual o laço específico do idioma materno incide sob a aprendizagem das LEs? já que o liame LM e LE impõe a existência de algo como a “língua causa do sujeito do inconsciente através do prolongamento do campo simbólico” (Gasparini, 2010), instaurado pela LM.

4.6.3 Era uma vez a escrita: “... perdi tudo...”

Houve um fato bastante relevante com relação aos textos escritos por Bruno, o que foi considerado para ele como uma grande perda. Seria o episódio no qual os seus textos escritos nas paredes, no chão e em lugares mais inusitados foram todos apagados, em sua residência, sendo constatado por ele quando retornou do seu tratamento hospitalar. A decisão de apagar o texto ocorreu em função de protegê-lo da exposição às pessoas (homecare) que Bruno receberia em casa, para dar continuidade ao seu tratamento de saúde.

Desta forma, questionamos com o Bruno:

Pesq.: como foi chegar em casa... do hospital... e encontrar tudo apagado?

Com um tom de lamentação, Bruno falou:

Bruno.: ah, eu fiquei puto da vida... é claro... como eu já disse

Reforçamos a fala de Bruno, dizendo:

Pesq.: a escrita foi embora...

Bruno continua, com um certo tom de indignação:

Bruno: eu fiquei arretado... puto... P-U-T-O da/ agora como eu/ puto... exato agora como eu/ parecia que eu tava adivinhando que Nikolas ia fazer alguma molecagem...

a-ham ... aí eu *teco tecoteco* ((sonoplastia da boca como se estivesse tirando foto com uma câmera))... mas não de tudo... senão eu teria feito de tudo... todo o esquadrate...

mas algumas frases...algumas frases não... algumas... algumas partes... ou línguas... eu... eu preservei... mas não sei se eu.../ depois vou até consultar o meu celular ...se

eu grav.....se eu tirei foto de tudo de holandês, alemão, porque muitas coi-/ muitas frases motivacionais e de repente eu... porra... meu... perdi tudo

.....aí é foda, né?

Respondemos com o seguinte questionamento:

Pesq.: por que isso te afetou tanto?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: PORQUE são frases... que eu... eu gosto de vê-las... eu gosto de sempre repeti-las

Ao questionarmos, como Bruno se sentiu ao encontrar a sua escrita apagada, ele reagiu com o tom de indignação e afetividade, mostrando o quanto esse episódio o impactou. E, demonstrando estar tomado pela emoção, traz uma frase intercalada ao proferir: “... P-U-T-O da/ agora como eu/ puto... exato... agora como eu/ parecia”. Nesse momento, a racionalidade desaparece, pois a nossa questão parece tê-lo feito reviver a situação de perda, levando-o a truncar a fala. Percebendo-se o quanto ele é afetado e que de fato é algo muito importante para ele.

Em seguida, Bruno descreve a sua ação anterior ao que aconteceu, como se estivesse prevendo que iria perder o seus textos, ao falar “... aí eu *teco tecoteco* ((sonoplastia de câmera tirando foto))... mas não de tudo... senão eu teria feito de tudo... todo o esquadrate...”. Denotando se sentir aliviado ao dizer “mas algumas frases...algumas frases não... algumas... algumas partes... ou línguas... eu... eu preservei”.

Por outro lado, o movimento de escrever à mão e o prazer em visualizar a escrita, leva-o a dizer “eu gosto de vê-las...”, dá a ideia de haver uma compulsão de repetir a escrita diariamente, referenciando a descrição de Ritvo (2000), sobre o movimento que o inconsciente executa para transformar o que o sujeito ler em significante, ao aclarar que, primeiro o inconsciente faz a “leitura” de uma escrita em ruínas, depois a transforma em significante. Ao mesmo tempo, o sujeito, segundo Guimarães (2007), é fundado pela escrita como letra/carta dirigida ao Outro, já que a escrita é concebida como se fosse um desejo que se precipita semelhante a um forasteiro.

Por outro lado, a sua compulsão de ver as frases e a repetição de algumas palavras, lembra-nos que “Lacan vai relacionar a repetição à cadeia significante” (Pimenta, 2020, p.66). E, quanto à repetição, temos que:

Lacan trata das repetições em análise a partir de dois termos aristotélicos: *autômaton tiquê*. *Tiquê* significa o "encontro do real" (Lacan, 1964/2008). É algo que está para além do *autômaton*, que designa, por sua vez, o retorno dos signos comandado pelo princípio do prazer. A repetição em *autômaton* responde à necessidade de articulação da cadeia significante em torno daquilo que Freud já apontava como sendo a primeira experiência de prazer. Já *tiquê* está em relação com o real, com o que se produz por acaso. Por isso, sua ocorrência na análise é da ordem da contingência. (Rocha; Sales, 2019).

De acordo com Costa (2010), *tiquê* e *autômaton* se referem às repetições que acontecem sem que seja inteligível. A *tiquê* está relacionada à sorte ou infortúnio e repercute na interferência do destino e no dia a dia, tendo como exemplo uma surpresa, acidente ou destino que só seriam identificados após o acontecimento. Enquanto o *autômaton* seria o acaso, por não haver nenhuma intervenção humana ou divina, como exemplo seria o acaso da libertação de um cavalo, que retorna por acaso ao seu dono.

Portanto, a repetição dos significantes identificada na fala de Bruno seria considerada como *tiquê* por “ser o encontro com o real. (...) A função da *tiquê*, do real como sendo um encontro faltoso. (...) Pela transferência, o inassimilável do real faz sinal do trauma, concebido a ser tamponado e ao mesmo tempo insiste em se fazer lembrar.” Nesse contexto, a pulsão é a repetição. De acordo com Coutinho Jorge (2007), a repetição está duplamente vinculada: à fantasia e à pulsão de morte. E, “a pulsão de morte se manifesta pela repetição indomada, não temperada pelo princípio de prazer (...) e tem como seu motor o supereu” (Rudge, 2006).

Sendo o supereu ou superego, de acordo com Morettini (2022), uma estrutura psíquica que se encontra parte no inconsciente e outra parte no consciente, este procede,

segundo Homrich (2008) como um juiz implacável do id, com críticas severas, agindo como “um freio modulador dos interesses motivacionais/pulsionais do id” (Lima, 2010; Nakasu, 2007). Devendo-se ao fato de que, conforme Nakasu (2007) o mundo externo provoca as suas impressões e exige limites que causam regressão e transformação das pulsões, o que faz com que se busque satisfações para substituí-las, levando a um desenvolvimento e fortalecimento progressivos do ego.

Continuando a nossa conversa, acrescentamos a seguinte ressalva:

Pesq.: mas você tá falando de frases motivacionais... mas tinha muitos... muitas coisas pessoais... registro de morte...

Bruno respondeu:

Bruno: sim.

Insistimos em dizer:

Pesq.: sim... aí...

Em um tom de lamentação, Bruno diz:

Bruno: perdi.

Perguntamos:

Pesq.: por que isso te afeta tanto? essa perda desses registros?

Bruno argumenta:

Bruno: não... porque... eu gosto... de conviver com aquelas ideias. ...eu anotei/ ah, uma coisa aconteceu num dia... mês e ano... prontoé bem interessante

E, ao indagarmos: “por que isso te afeta tanto?”, Bruno se expressa como se a convivência com as ideias dependesse do seu ato de escrever em algum lugar. Dito de outra maneira, como se fosse uma “re-significação da sua estruturação subjetiva” (Guimarães, 2007,p.13). O que, na realidade, Bruno parece reservar à escrita o espaço no qual esta se torna “umamorada provisória para as intempéries da vida, onde é possível a invenção do próprio sujeito. Um lugar de resguardo onde o sujeito pode cuidar de si (escrever a si) para depois de se refazer,conseguir se lançar na escrita (autoria) do mundo. (Ferreira; Silveira, 2013, p.243).

4.6.4 O uso da *LETTERING* no liame escrita e obra de arte

A linguagem na superfície estrelada de letras, sabe lá o que ela quer dizer? (Drummond de Andrade, 2022).

Perguntamos: A posição do entremeio LM e LE afetaria Bruno por intermédio do efeito de estranhamento, levando-o a tentar construir um aparato artístico para conduzi-lo? Nosso questionamento se baseia no fato de que, “a angústia que afeta o sujeito pelo estranho que experimenta, o faz evidenciar o que há de singular na escrita de cada um”. (Guerra; Burgarelli, 2018, p.237).

Desta forma, perguntamos ao Bruno:

Pesq.: você vê beleza nas letras...

Interrompendo o nosso raciocínio, Bruno complementa:

Bruno: eu gosto...

Continuamos a questionar:

Pesq.: na escrita do seu apartamento () todo escrito?

Bruno prosseguiu:

Bruno: eu gosto... é como um quaDRO... ali um quadro... ali outro quadro....ali outro quadro.

Ainda perguntamos:

Pesq.: toda sua escrita que está presente nas suas paredes representa para você um quadro?

Bruno responde de forma enfática:

Bruno: CLARO

Do nosso questionamento “você vê beleza nas letras... (...) na escrita do seu apartamento() todo escrito?”, Bruno responde: “eu gosto... é como um quaDRO... ali um quadro... ali outroquadro... ali outro quadro”, tal qual a descoberta de uma invenção de algo desconhecido, como se estivesse em busca de um “não-sabido do inconsciente, já que a letra carregada pelo significante dá voltas no desejo. Modo de ‘fazer com as mãos’ como resposta topológica ao real, esse indizível que nos determina.” (Souza, 2018, p. 1301).

Prosseguimos:

Pesq.: e...

Bruno prossegue:

Bruno: tudo isso... vá...

Instigamos Bruno a continuar a nossa conversa, perguntando:

Pesq.: você gosta de você mesmo fazer seus quadros com as letras? o você acha?

Bruno se empolga e demonstra o seu entusiasmo com a arte *lettering*, dizendo:

Bruno: ah::: adoraria... eu... eu vi ai um pedacinho de coisas que eu vou aprender... vou aprender quando eu voltar com minha internet...((Bruno estava com problema com a conexão da internet)) ele chama de... deixa eu ver (*LETTERING*) é aqueles caras que tem o comando de fazer letras mais artísticas... que coisa linda da PORRA

Perguntamos:

Pesq.: como se escreve essa palavra que você falou?

Bruno soletrou:

Bruno: (*lettering*) l e t t e r depois i n g... tudo em uma palavra só... mas isso é uma arte que eles mostram e ensinam

Ainda indagamos:

Pesq.: e você ficou apaixonado por essa arte?

Nesse momento, pudemos ver o entusiasmo de Bruno pela arte de desenhar as letras:

Bruno: oh::: é muito boNIto... não é só eu não... é qualquer um... como escrever de uma forma que chame atenção? parece uma obra de arte... eu não sei... eu quero aprender.

Na ocasião, interpelamos:

Pesq.: você quer transformar sua escrita em uma obra de arte?

Bruno responde com veemência:

Bruno: QUERO... as frases que eu acho mais lindas... que tem frases mais lindas que outras... então transformá-las naquelas letras bem... é chamativas () mas eu ainda não sei nada sobre o lettering... eu quero aprender... para escrever desenhando as letras... já que sou apaixonado pela línguas... e seus mistérios

Ao questionarmos “você quer transformar sua escrita em uma obra de arte?, o sujeito responde com veemência “QUERO... as frases que eu acho mais lindas... que tem frases mais lindas que outras... então transformá-las naquelas letras bem... é chamativas () mas eu ainda não sei nada sobre o lettering..”. E, na expressão “letras bem... é chamativas ()”, Interpretamos a expressão emitida como um segmento não acessível, marcado pelo sinal

(), como se fosse algo inconsciente que pudesse emergir, já que:

A astúcia do inconsciente é “saber” escrever suas verdades, com um alfabeto que não tem limites, nem no número de caracteres, nem se restringe a uma coleção preestabelecidas de letras. Trata-se de um alfabeto que não preexiste à sua utilização, pois seus elementos podem ser escolhidos no momento de escrever (Machado, 1997, p. 175).

De acordo com Sousa (2018), primeiro as letras foram tomadas por Lacan como se tivessem a função de ajuntamentos e simultaneamente como uma abordagem do inconsciente. Este, por sua vez estrutura-se por esses ajuntamentos e trata-os como letras. Em seguida, baseando-se na teoria dos conjuntos, Lacan faz alusão às letras como um conjunto de traços, que se move em grupo e forma a base da estrutura do inconsciente. Desse modo, a letra seria a célula estruturante do inconsciente, amparada nos traços mnêmicos, orientado por Freud.

Ainda indagamos:

Pesq.: você acha que é apaixonado pelas letras?

Bruno dá a seguinte explicação:

Bruno: não sei se eu posso ser apaixonado pelas letras... mas o que elas significam... o pensamento ali preso... é:: o que elas nos apontam... olha é um... é uma coisa maravilhosa... o que eu vejo ali? (frase em inglês) (nenhum) medo... (nenhuma) dúvida... nenhuma ansiedade... pra mim isso é ótimo... por quê? ah:::: eu to com medo... NÃO... medo de que? medo de PORRA nenhuma... isso não ajuda. ah::: eu to com dúvida... NÃO eu quero saber e fazer o cerTA... ah::: e a ansiedade? eu estou com/ ansioso para que venha o amanhã... EU? QUE SE LASQUE O AMANHÃ... eu quero viver o hoje o agora... então isso aí é uma maneira de é... me fazer lembrar da coisa que eu tenho que fazer... é como se fosse uma pessoa/... eu estou rodeado de gente... eu nunca estou só quando estou só... isso nunca.

O sujeito se expressa como se as letras o ajudassem a se libertar de algo ao dizer que as letras têm o significado de “pensamento ali preso”.

Nesse instante, lançamos a seguinte pergunta desafiadora:

Pesq.: e se você pudesse... ser... construir para você... uma casa só de letras para você viver dentro?

Bruno esclarece:

Bruno: NÃO É A LETRA em si que me interessa não... são as IDEIAS que eu posso isolar... as ideias podem ser minhas ou então eu posso... posso ler um filósofo ah::: eu gosto da frase desse filósofo... joguei aqui... aí eu to lendo um biólogo... ah::: ele tem uma frase muito boa... eu joguei aqui... ou seja uma coletânea de ideias de muitas procedências e ali eu vou conviver como se elas fossem... não como eu tentar me apropriar do que não é meu... nada disso ()

então essa frase é muito boa eu gostei então joguei ali... que eu vou conviver com ela diariamente

Complementamos:

Pesq.: mas você falou na arte (feita) a partir da letra... ou seja você iria fazer a arte... e o instrumento que você iria usar para construir essa arte seria a própria letra...

Bruno responde:

Bruno: ah:::

Perguntamos: E o que seria o *lettering*?

A denominação de *lettering* seria atribuída à técnica ou arte de:

desenhar letras, em vez de somente escrevê-las, e assim formar palavras e frases, que podem ser utilizadas em variados contextos. (...) Embora existam alguns estilos bastante difundidos entre aqueles que praticam a técnica, não há um limite para usar o *lettering* à própria vontade. É exatamente por essa razão que ele tem o poder de expressar intenções e sentimentos, usando cores e formas ousadas. (Grupo Societe Bic, 2022).

Lendo sobre o favorecimento que o *lettering* traz, como uma forma de expressão de sentimentos, a partir do próprio formato das letras e da variação de cores que estas podem receber como uma maneira de articular estas emoções, faz-nos lembrar a fala de Bruno quando diz que “é como se fosse uma pessoa/... eu estou rodeado de gente”, dando a ideia de que o sujeito se sente acolhido pelas letras, já que faz uma analogia das letras com pessoas.

Questionamos: Estaria Bruno tentando esculpir uma obra de arte a partir dos seus textos escritos, tendo as letras, palavras e frases como material utilizado nesse seu empreendimento?

Ao entendermos que Bruno é movido pelo fascínio da arte do desenho das letras, prosseguimos a nossa conversa sobre o seu desejo de transformar a sua escrita em uma obra de arte, devendo-se ao fato de que “o inconsciente é o que se lê do uso das letras (Lacan, 1985,p.38).

Prosseguimos:

Pesq.: (*lettering*) é isso?

Bruno fala:

Bruno: mas isso é fato ou seja..

Ainda indagamos:

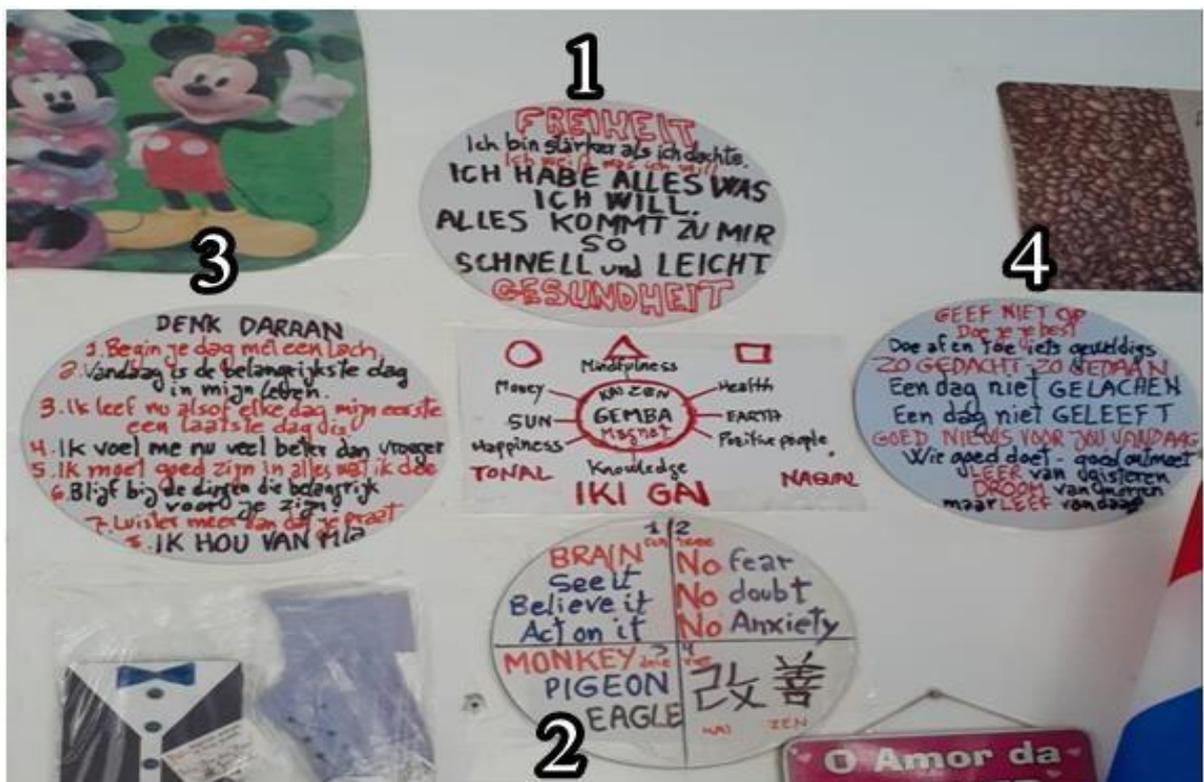
Pesq.: por que essa paixão?

Bruno responde:

Bruno: como já disse... vem lá::: do passado... olhe... eu nunca vou entender o que é língua... língua é um absurdo que foi criado... todos nós temos capacidade de aprender uma língua... nem que seja somente a língua nativa... se não for outra mas pode ser a nativa... há outros... eu... Nikolas e milhares de outros que aprendem a sua língua nativa e uma outra língua... mas não é obrigado... ninguém é obrigado a aprender duas três quatro línguas ou ter paixão por uma... eu tenho... Nikolas tem... então tudo bem... eu tenho porque eu... eu mim sinto muito bem com línguas... eu acho a língua... como já disse voltando sempre e repetitivo... é o maior mistério que já vi... eu comparo com o mistério do universo... aliás antes de sair da cama eu fiquei pensando... tudo que eu já aprendi... tudo que eu já li de pessoas que sabem astronauta astrofísica sobre a origem do universo que é o BIG BANG... a grande explosão... eu só faço uma coisa... eu não acredito... ah você tem a () de dizer alguma coisa ou não) sim eu () eu não tenho... eu sou leigo... mas eu não tenho a obrigação de acreditar em uma besteira dessa... big bang... o que é big bang? ah:: uma grande explosão que... mostra como o universo surgiu... ah é? olha... muito obrigado mas eu não acredito.

Como exemplo do investimento de Bruno para tentar transformar a escrita em uma obra de arte, na imagem a seguir temos alguns quadros artesanais organizados por ele:

Figura 27- Quadros confeccionados por Bruno em material de mdf e expostos na parede dasala do Apt.01.



Fonte: A autora, 2024.

Quadro 2- Manuscritos de Bruno em línguas diversas.

<p style="text-align: center;">Escrita em alemão.</p> <p>LIBERDADE. Eu sou mais forte do que pensei Eu sei o que quero EU TENHO TUDO QUE EU EU QUERO TUDO VEM A MIM RÁPIDO E FÁCIL SAUDÁVEL</p>	<p style="text-align: center;">Escrita dividida em quatro partes.</p> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td data-bbox="850 454 1102 577"> Cérebro Veja isso Acredite Aja de acordo </td> <td data-bbox="1110 454 1378 577"> Sem medo Sem dúvida Sem ansiedade </td> </tr> <tr> <td data-bbox="850 589 1102 674"> Macaco Pombo Águia </td> <td data-bbox="1110 589 1378 674"> KAI ZEN </td> </tr> </table>		Cérebro Veja isso Acredite Aja de acordo	Sem medo Sem dúvida Sem ansiedade	Macaco Pombo Águia	KAI ZEN
Cérebro Veja isso Acredite Aja de acordo	Sem medo Sem dúvida Sem ansiedade					
Macaco Pombo Águia	KAI ZEN					
<p style="text-align: center;">Escrita em Holandês</p> <p>Tradução: 1. Comece o dia com um sorriso. 2. Hoje é o dia mais importante da minha vida. 3. Agora vivo como se cada dia fosse meu primeiro É um último dia. 4. Sinto-me muito melhor agora do que antes 5. Tenho que ser bom em tudo que faço 6. Atenha-se às coisas que importam 7. Ouça mais do que fale</p>	<p style="text-align: center;">Escrita em holandês</p> <p>Tradução: NÃO DESISTA. Você faz o seu melhor Faça algo ótimo de vez em quando TÃO PENSADO COMO FEITO Um dia não vivido BOAS NOTÍCIAS PARA VOCÊ HOJE Quem faz o bem – supera o bem APRENDA de ontem SONHO de Norren</p>					
<p>8. EU ME AMO</p>	<p>Mas VIVA hoje (Frase que atravessa o texto)</p>					

Fonte: a autora, 2024.

Como se quisesse “desmontar a relação rígida entre significado e significante e instilará língua uma nova vida” (Ayouch, 2015, p. 99)”, Bruno organiza os quadros na parede obedecendo uma ordem de alinhamento, como se referissem a ideias complementares.

Considerando os excertos acima, fica evidente a tentativa de Bruno de criar seus próprios quadros motivacionais. No quadro 02, outra vez nos chamou a atenção a presença da palavra “*KAIZEN*”, a supracitada arte japonesa que contribui com os efeitos de mudança em si mesmo. Desta forma, baseando-se no *kaizen* Bruno cria as suas frases motivacionais, nas quais, este denota fazer algumas exigências de si, ao escrever “Ik moet goed zign in alles wat ik doe”, traduzida como “Tenho que ser bom em tudo que faço”.

A partir dos quatro quadros confeccionados artesanalmente com material de MDF, podemos constatar a elaboração de frases em sua maioria na primeira pessoa do singular. Perguntamos: Seria esta uma forma de vir à tona o que Bruno descreve como uma escrita

de si para si? E, ao questionarmos:

Pesq.: como você conseguiu o material para confeccionar os quadros?

Bruno responde:

Bruno: em loja que vende materiais para bolos... e eu comprei em grande quantidade...e eu disse a vendedora.. “dá a impressão que eu vou fazer uns 10 bolos... mas eu vou levá-lo para escrever..”

Ainda questionamos:

Pesq.: e o prato branco que está colado na parede?

Bruno responde a nossa indagação:

Bruno: deveria ser usado para comida... mas eu escrevi nele... deu trabalho pra colocá-lo na parede... achei bonito... aí você tem que improvisar... furar e colocar um prego

Continuamos a interpelar:

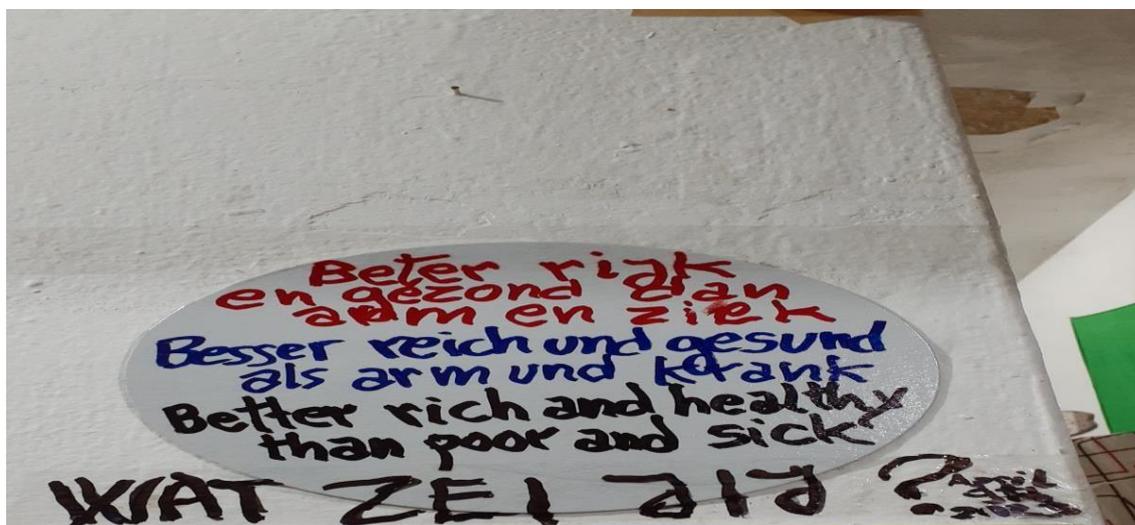
Pesq.: você escreve para si?

Eis a resposta de Bruno:

Bruno: SIMMM.... o endereço SEMpre sou eu mesmo

Ao dizer “deveria ser usado para comida.mas eu escrevi nele”, Bruno se refere a um prato na cor branca que ele utilizou para escrever a mesma frase em três línguas, a saber, holandês, alemão e inglês, respectivamente:

Figura 28- Escrita de Bruno em um prato branco exposto na parede da sala do Apt.01.



Fonte: a autora, 2024.

Tradução

Melhor rico e saudável do que pobre e doente. O QUE VOCÊ DISSE?
09 de abril de 2023

A frase acima traduzida como “Melhor rico e saudável que pobre e doente”, no final é atravessada pela frase “WAT ZEI JIJ?” que se inicia na parede e finaliza, após a outra extremidade do prato, traduzida como “o que você disse?”.

Diante de tudo o que foi dito, caberia aludirmos a concepção de letra como “um conceito que trata de uma leitura e de uma escrita do inconsciente (.)” cujo objetivo seria de desvendar a língua oculta do inconsciente, porque ela, letra, estrutura-se segundo uma lei de linguagem que seria a mesma do inconsciente, para Jacques Lacan (Silva; Silva Junior, 2017).

Dessa forma, fica claro que Bruno se sente envolvido em um impulso de criatividade e “denota articular sentimentos e afetos em diversas línguas” (Amati-Mehler; Argentieri; Canestri, 2005). Inquirimos: o desejo de transformar a escrita em uma obra de arte denotaria que o aprendiz imprime esforço para eternizá-la? Pois, no dizer de Bruno:

Bruno: agora... quando eu aprender lettering.... eu vou trabalhar mais essas minhas frases.... (as minhas frases)... mas com letras mais chamativas.... aí eu....vai ser uma obra de arte... aí talvez eu comece a escrever nas paredes mesmo... aí fudeu porq ue vai ser para sempre....

Essa forma de se relacionar com algumas línguas estrangeiras nos faz lembrar que, algumas imagens de construções antigas consideradas e preservadas como patrimônios históricos da cidade são expostas desta forma, como se a escrita pudesse expressar um ritmo e musicalidade ressoadas da própria arquitetura em evidência, já que são vistas como memórias vivas da história de um povo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora do nosso trabalho foi baseada no que diz Revuz (2008), sobre a existência de algo do laço muito específico da LM, considerado como efeito do encontro que o aprendiz tem com a LE. Esse ponto nos levou a analisar de que modo um sujeito autodidata poliglota recorre às LEs, e se esse retorno tem a ver com o laço específico com a LM. Essa indagação nos conduziu a perguntar: a intensa e peculiar dedicação de Bruno ao estudo das línguas estrangeiras “adotadas” (termo que ele próprio emprega), desvela traços do seu laço específico com a sua LM?

Para tanto, a nossa tese seria que: a relação peculiar que Bruno mantém com as LEs “adotadas” nos leva a supor que este evita a sua língua materna, procurando nas línguas estrangeiras a completude pelo domínio dessas línguas – consideradas como mulher – através do exercício da pulsão epistemofílica.

Os dados advêm de entrevistas não estruturadas, baseadas no relato de Bruno sobre a sua história com as LEs, bem como os registros de seus textos escritos. Para tanto, a partir do primeiro objetivo específico sobre a descrição da relação subjetiva que Bruno mantém com as línguas, os resultados apontaram que há: uma relação cotidiana intensificada pelo imenso tempo que ele passa entre LEs. Conferindo-se em alguns relatos, ao afirmar “eu gosto de escrever... eu gosto de/ ou na/ no quadro... ou numa/ na parede... ou escrever/ eu... eu gosto... é uma coisa que me faz bem... pode ser em português... pode ser em inglês... pode ser em francês”.

O depoimento de Bruno aponta para o que diz Murce Filho (2001) sobre a questão da língua e da subjetividade, observada a partir das práticas de narrar e de dialogar, tanto em LM quanto em LE. Para tanto, a linguagem é concebida como insistência da alteridade no ser, que permite fazer a língua materna parecer outra, nela mesma. Nesse momento, o estranhamento ocorre não apenas na LE, mas também na LM, provocando efeitos no sujeito, que considera e rearranja determinada língua que pensa conhecer ou dominar.

E, são esses efeitos das línguas em Bruno que nos chama a atenção, sendo vistos como indícios de sua relação subjetiva com as línguas. Esta pode ser pensada por intermédio de uma dedicação à escrita de uma forma intensa no tempo e no espaço, que o move a trabalhar de modo inusitado. O que nos levou a encontrarmos semelhanças e contrapontos, conforme foi visto, com os casos de alguns escritores, pelo fato de estes se movimentarem em função do laço específico com a LM, iluminando o caso Bruno.

Nesse contexto, destacamos uma certa aproximação com o caso Wolfson, por fazer alusão à relação cotidiana intensificada, no tempo que ambos passam se dedicando às línguas. Por outro lado, o contraponto seria que, Wolfson escreve para tentar transformar o som da LM. Enquanto Bruno estaria relacionado à questão do sistema da língua, por tratá-la apenas como um objeto de uso e de conhecimento. Identificado no seu depoimento, ao arrazoar: “somente usar a língua... somente para exercitar as coisas que eu já colhi.. tempos verbais... estruturas... verbos ou formas de falar diferentes”. Fazendo referência à língua apenas como um código.

Desconsiderando a existência de um desejo inconsciente do aprendiz e a sua relação com a língua como sintomática de sua dinâmica psíquica, por “existirem processos mentais inconscientes que abre o caminho para uma nova e decisiva orientação no mundo e na ciência”(Freud, [1915-1916] 2006, p. 31-32).

Dessa forma, segundo Revuz (2008), a língua é tomada como sinalizadora da dinâmica psíquica, por haver uma imensa complexidade das formas linguísticas e do psiquismo individual. Eis a razão pela qual não existe confluência entre estes. Constatando-se na própria fala de Bruno, quando se refere à sua relação com a escrita, dizendo: “de repente eu digo.. hummm.. sabe o que mais eu vou escrever... e eu faço isso agora... sempre... agora e sempre... e ninguém vê... eu não posso nem provar às pessoas porque é somente da minha cabeça...”.

Como se a palavra, Segundo Murce Filho (2001), encarnasse na boca, nos olhos, nas orelhas, na voz, no corpo inteiro, no gesto e no movimento, até ser sugada pelas “células”. É nesse momento que Bruno investe nas várias formas de lidar com a escrita, em uma estranhezainusitada, ao escrever em algumas LEs e em vários lugares, como se a escrita protegesse algo, ao dizer: “... num instante eu escrevo na parede... porque.... de repente aquilo vai embora... e nunca mais volta para o meu cérebro”.

Ao mesmo tempo, Bruno age como se ele fosse protegido pela escrita. Pois:

para mergulharmos nas águas psicanalíticas da escrita, ao procurarmos no fundo de seus mares, seus corais, cavernas, algas, relevos e correntes marítimas, precisamos estar com nossa roupa apropriada: teorias e técnicas escolhidas, modeladas ao nosso corpo. Para nadarmos com liberdade pelas águas apreciadas por nós” (Buschinelli, 2018).

Assim, Bruno vai engendrando as suas teorias e técnicas – defendendo a inserção da habilidade de pensar ao dizer “o meu pensar naquela língua/ eu vejo que eu tenho mais habilidade naquela língua” ou se prontificando a usar a teoria do espião, ao explicar “estude

como um **espião**... but speak like a...like a... native... mas fale como um nativo...”. No entanto, toda a sua dedicação se precipita para a criação de modos de escrever. Baseando-se no motivo que parece levá-lo à escrita, descrevendo: “escrever é... registrar... a minha existência... (...) é o contato diário com- comigo mesmo... e também o grau de como está a minha cabeça”.

Esse gesto parece torná-lo capaz de submergir no fluxo oceânico de suas “cavernas” e “relevos”, para que seja possível alcançar a fundação de si, em prol de um desejo de ser. O que significaria levá-lo a habitar a linguagem em seu limite último (falasser), na tentativa de suprir a falta-a-ser, que não foi encontrada no seu idioma materno, visto que segundo ele:

Bruno: “para mim... a língua estrangeira não é propriamente uma língua estrangeira... mas uma língua minha... nacional... é como se fosse uma criança aprendendo uma língua sua... é preferível que não se tenha nada em mente... apenas a **língua de adoção**... devendo-se agir como se a língua estrangeira fosse a sua língua materna”.

Significando dizer, conforme o depoimento acima, que as LEs são parte integrante de sua vida. Sendo assim, Bruno se empenha em buscar as suas respostas, na tentativa de se deslocar vazio que a falta o causa. Todavia, conforme Melman (1992), nas outras línguas nos sentimos como se não pagássemos o preço de recalque, já que este foi inscrito na LM. E, por não pagar o preço, segundo Weissmann (2017), é como se Bruno fosse acometido de um luto, proveniente de uma exigência de se distanciar da LM para se comunicar em um idioma estrangeiro.

Dito isso, ao tomar para si o exercício da alteridade por intermédio da escrita, Bruno experimenta uma incompletude no entremeio do estranho e do familiar do idioma materno, levando-o a uma sensação de estranheza na própria LM. O que o torna o fragmento da dualidade entre: o desejo do lugar do outro e a relutância para não viver a falta proveniente da LM.

Essa denota ser a razão de sua dedicação a uma busca de completude. O que o levaria a investir compulsivamente, movido por uma sede de conhecer outras línguas pela pulsão epistemofílica, “(...) fruto da pulsão sexual que muda de direção como alívio da tensão do psiquismo (...) que entra em atividade quando a vida sexual começa a florescer dentro dos limites de uma vida sexual infantil” (Palatnik, 2010, p.107). Fazendo alusão, conforme Rennó (2019), a uma pulsão de pesquisa/investigação, levando-o a “curar-se das

ilusões que o retêm na via de seu desejo” (Lacan, 1988, p.267).

Pois, conforme o seu depoimento: “escrever para mim é o contato diário com-comigo mesmo... com as coisas....”. Como se fosse “uma escrita orientada pelo desejo. Uma escrita considerada não só como um produto texto, mas como uma forma singular do sujeito habitar na sua escrita” (Gomez; Silveira, 2019).

E, a escrita vai tomando um lugar mais importante do que a fala ao se dedicar a um certoexcesso inusitado de se relacionar com as línguas. Inferimos que, em alguns episódios, o momento da escrita é anunciado através do liame corpo biológico e corpo pulsional. No movimento que se dá quando, através de um gesto e movido por um impulso, a escrita é enunciada pelo corpo biológico, por intermédio de alguns jogos sonoros.

Observado em algumas falas de Bruno, ao dizer: “**digodigodigodá** num instante eu **escrevo na parede...**”. Ao mesmo tempo, ao expressar: “**eu escrevo** e tal... no banheiro mesmo... eu pego até o giz... giz mesmo... literalmente giz e começo **tatata.** ”. E, por último, quando comenta: “porque ali eu vou pegar uma/ vou e coloco no quadro **tucutucutu. Encho** o quadro de muitas coisas. ”.

Os registros acima referenciaram o corpo pulsional ou corpo atravessado pela linguagem(corpolinguagem) que, segundo Revuz (2008), afeta a nossa relação com o saber, o corpo e nós mesmos. Nesse percurso, a interação do corpo biológico com o sistema da LE levaria o aprendiz a executar movimentos, que cumprem exigências relacionadas à reestruturação psíquica até chegar a uma condição na qual o desejo seja dito (ou escrito) em outra língua.

E, considerando a decisão de Bruno de escrever os seus textos em algumas LEs, seria como se ele estivesse em um momento de encontro com:

o estranho que está em nós: somos nós próprios estrangeiros – somos divididos. () O meu mal-estar em viver com o outro – a minha estranheza – repousa numa lógica perturbada que regula **esse feixe estranho de pulsão e de linguagem**, de natureza e de símbolo que é o inconsciente, sempre já formado pelo outro. (Kristeva, 1994, p.190)

No segundo objetivo específico questionamos o significado de escrever para Bruno. Os resultados nos levaram a identificar que o significado de escrever estaria relacionado a dois momentos. O primeiro se refere ao tempo que ele passa escrevendo, alusivo à forma que ele inventaao investir na aquisição das línguas, quando descreve a sua compulsão para escrever, ao dizer “eu estou fazendo uma coisa mecanicamente... lavando prato... fazendo.... aí eu me lembrei...(...) aí eu digo.. não perai... digodigodigodá.... num instante eu escrevo na parede ”.

A partir dessa descrição, é notório que a escrita para Bruno não tem hora ou momento. O que o faz pontuar que a qualquer instante pode parar a tarefa atribuída por ele como “mecânica”, para a execução de algo que lhe dá prazer, que é a escrita. Por ser, segundo ele, “uma coisa que me faz bem...”. Expressada por Bruno, em um outro momento como: “em holandês eu diria... “de dag dat ik niet schreef... was de dag dat ik niet leefde”... ou seja ... **‘o dia que eu não escrevi foi o dia que eu não vivi’**”.

O segundo momento, visto como um dos resultados, concernente ao significado de escrever para Bruno, refere-se ao fato de a escrita ser considerada como se não tivesse limites. E, de preferência que ela estivesse no lugar mais próximo, conferindo-se no depoimento de Bruno, quando diz “... para mim o lugar da minha escrita... tanto faz ser comum ou incomum... porque eu estou a fim de escrever... então o local mais próximo de mim... eu aproveito...”

Nesse sentido, esse estudo de caso seria visto como uma singularidade, por ser considerado como um exercício diário de línguas. Pelo fato de Bruno procurar aprender das formas que ele escolheu, tais quais a escrita nos objetos da casa – descarga do banheiro, vaso sanitário, geladeira, reservatório de água e em alguns lugares, como a parede e o chão. Acrescidos, também, ao material que ele transforma em receptário da escrita, a saber, tampa dequentinhas, material em mdf e os forros de papel das bandejas do hospital, tal qual constatamos na nossa análise e discussão.

Desta forma, a escrita pode ocupar qualquer coisa e espaço, o que nos faz lembrar uma criança que faz “desenhos fora do papel” (Rodulfo, 2004) e escreve na parede ou em qualquer lugar. Enquanto o adulto escreve normalmente no papel, em computador ou coisas que os valham.

Ao mesmo tempo, o que caracterizaria o modo ilimitado de escrever de Bruno seria o fato de ele escrever em dois apartamentos: residindo sozinho em um deles e mantendo o outro fechado para a escrita. E, ao se referir ao fato de escrever nos dois apartamentos, Bruno justificadizendo: “quando eu estou no apartamento que não moro.. eu interajo registrando qual era a minha ideia no momento em que estava lá.... colocar em uma parede... e eu me sinto como se eu estivesse conversando com uma outra pessoa... porque eu nunca me sinto só quando eu estou com as minhas paredes...”.

Por esse prisma, a escrita foi tomando proporção, pois nos chamou a atenção o fato de esta se impor, à medida que passou a ocupar o lugar de seus quadros de parede. Esses são deslocados para o chão, já que as paredes foram concebidas para os seus textos, cujo entorno só são permitidos aos mapas. Conferindo-se em seu depoimento: “eu moro com

minhas ideias...minhas paredes meus ga/ amiguinhos aqui.... chamados minhas paredes... isso não é uma maneira de falar é uma maneira de agir... todo dia eu tenho que escrever alguma coisa e apagare depois botar outra... (e assim vai)”.

No nosso **terceiro objetivo** específico nos debruçamos a **identificar o lugar que a escrita ocupa**. Nesse contexto, chamou-nos a atenção um dos episódios de despersonalização e o liame com a questão de a palavra fazer imagem para Bruno. Ligando-se ao seu fascínio pela escrita que ecoa na sua afetividade pelas letras.

Para tanto, constatou-se no depoimento de Bruno, ao dizer: “a letra “é como se fosse uma pessoa/... eu estou rodeado de gente”, a ideia de que ele se sente acolhido pelas letras, como se estivesse sendo abrigado por pessoas. Mostrando a importância que tem para Bruno, estar rodeado de palavras, levando-nos a supor que estas fazem imagem para ele.

Desta forma, a arte *lettering* acentua a relação afetiva com as letras, e consequentemente com a escrita. Já que “as letras produzem efeitos no corpo do sujeito” (Rilke, 1986). Conferindo-se nos seus quadros motivacionais, favorecidos pela arte *lettering* que ele se refere com afetividade ao dizer “*LETTERING*... que coisa linda da PORRA”. E, a partir da arte *lettering* Bruno se propõe a desenhar letras, ao invés de apenas escrevê-las.

Como se a posição do entremeio LM e LE afetasse Bruno por intermédio do efeito de estranhamento, levando-o a tentar construir um aparato artístico para conduzi-lo. Pois a angústia que afeta o sujeito pelo estranho que experimenta, o faz evidenciar o que há de singular na escrita de cada um”. (Guerra; Burgarelli, 2018, p.237).

Quanto à inferência de a palavra fazer imagem para Bruno, entendemos que seria pela prevalência que ele dá à palavra, movido pela compulsão para escrever em lugares que possa visualizá-las, pois conforme já foi dito, Bruno não se aguenta só na LM. Já que “a língua materna é aquela na qual, graças ao jogo do significante, se entretém e se dá a escutar o desejado aquilo que é impossível” (Melman, 1992, p.33).

A nossa última questão está relacionada ao **quarto objetivo** específico, no qual nos propomos a analisar **o significado e a função de cada língua para Bruno**. Os nossos resultados apontaram que, Bruno denota cumprir um percurso, movimentando-se em prol de dominar os efeitos das línguas sobre ele. Levando-o a uma tentativa de romper os limites da explicação linguística sobre a origem das línguas, ao dizer: “eu já vi... com todo respeito... mas eu já vi muitos relatos de linguistas de eh:: eles falam de tudo e::: eu nunca vejo... eu nunca vejo... quer dizer... a origem da língua () (heloooo ou ouuuuuuuu ooooooh

ououou) ah: é? ... eu não aceito..”

Para tanto, cada língua teria um significado, no sentido de uma finalidade específica para a sua escrita. E, Bruno a expressa de uma maneira que parece não depender do seu controle, quando diz “eu escrevo na língua que estiver pulando em minha mente”.

Portanto, ao escrever sobre “o que as **minhas línguas** significam para mim”, Bruno se expressou como se ele estivesse adentrando em um mundo que somente através das LEs é possível habitar, o da fortaleza (com a escrita em espanhol); dos sonhos (ao escrever em holandês); do poder (com os seus textos em inglês); da personalidade forte (alcançada com seus textos em alemão) e do desafio (pondo-se à prova, ao escrever em francês), como se tivesse quisesse preenchido com essas línguas.

Por outro lado, Bruno se referiu às línguas como se fossem as suas seis mulheres – português, espanhol, francês, inglês, alemão e holandês – ao dizer: “cada língua é uma mulher ... (...) é como se eu estivesse me relacionando com seis mulheres ... porque eu estudo seis línguas. ”. Esse “relacionamento” com as línguas cumpriria a exigência de ele não querer se divorciar de nenhuma delas, ao dizer “**eu quero me divorciar de uma delas? não... eu quero... o que eu quero é... de repente... quando eu tiver com um relacionamento mais afetivo com o alemão e holandês... (.) eu quero o italiano**”.

A palavra “relacionamento” acentua que Bruno considera a existência de reciprocidade na sua relação com as línguas, fazendo alusão, conforme já foi dito, à pulsão sexual na infância, relacionando-a à pulsão epistemofílica ou pulsão do saber e do conhecimento. Essa sede de conhecimento levaria Bruno a tentar buscá-lo compulsivamente, movido pelo significante “mistério”, que envolve a origem das línguas e do universo. O que justificaria o fascínio de Bruno pelas línguas. Nesse contexto, Conferimos também o envolvimento de Bruno em alguns episódios de despersonalização, provenientes do seu imaginário, como evidência da sua busca de completude ao migrar de uma língua para outra.

Ao dizer: “ela me põe/ me/ eu atino... atinei só porque estava falando ou em inglês... ou espanhol... ou em francês. ”. Observando-se também, em seu depoimento : “é... Chico... ele é Chico. então ele é um... se ele for um/ às vezes até um personagem diferente... como uma mulher então agora ele é uma mulher ”.

Por outro lado, a falta direciona Bruno a investir em uma dinâmica de um certo distanciamento da LM. Para tanto, a partir de nossos resultados, inferimos quatro momentos nos quais Bruno sinaliza um intento de querer se dissuadir da LM.

O primeiro deles seria quando, de forma inconsciente, Bruno é confundido com um não nativo na LM, ao falar português com o som ou sotaque de outra língua – a língua inglesa. No relato de Bruno, temos: “você fala português como se fosse um estrangeiro e bla bla bla”... (...)eu não sei de onde vem essa ideia (...) porque eu não faço questão de falar português com... vestígios do inglês...”.

Todavia, Bruno se contradiz quando em outro momento argumenta “o inglês é como se fosse uma língua:: nativa... depois vem o português e inglês e agora o coração bate muito forte pela língua holandesa.

Um segundo momento seria a forma que Bruno usa para estudar as LEs: evitando consultar verbetes que se apoiam em traduções que envolvem a LM. Para tanto, usa a língua inglesa como língua mediadora para a aquisição de outras LEs. Podendo ser comprovado no seguinte depoimento: “eu não vou dizer isso aqui... isso aqui é uma mesa... eu vou dizer que isso é uma ‘table’... aí eu vou ver como é ‘table’ em holandês... quer dizer eu pego direto da língua... eu vou encarar o inglês como se fosse a minha língua e a partir dela... já vou ter uma outra língua...”.

O terceiro episódio seria o intento de Bruno querer criar um código linguístico para a sua escrita, ao dizer “... não era uma língua... era um có-di-go... o alfabeto (cirílico) .. cada uma letra tinha a ver com uma letra em português...”.

O quarto e último evento seria que, a metodologia que Bruno usa para a aquisição das LEs dá ênfase à escrita e ao pensar. Nesse contexto, o aspecto sonoro é deixado de lado. Como se fosse uma forma de evitar a troca de sons para a LE, que possibilitaria entrar a LM. Constatando-se na fala de Bruno, ao exprimir: “o pensar...(....) pensando... eu posso dizer ok, eu vou... ‘I’m gonna shift the language...’ mudar a língua”... então... eu:: acredito que sempre estou indo adiante... escrevendo... ou pensando...”.

Ao mesmo tempo, identificamos episódios de duplicidade com a LM, pois primeiro Bruno coloca a LM no mesmo patamar das LE, conferindo-se quando ele relata: “quando eu falo português... eu encaro português como se fosse uma outra língua...”, o que justificaria o fato de ele ser confundido com um não nativo na própria LM, conforme foi visto.

No entanto, Bruno expressa alguns rompantes, referindo-se à LM com um certo cuidado, pois ao perguntarmos se ele deixaria a LM por outra língua, ele afirma: “eu amo a minha língua”. E principalmente ao falar: “o português para mim... eu me voltar para outra língua... eu jamais estou virando as costas para o português... muito pelo contrário... SEMPRE gostei e SEMPRE amarei minha língua nativa...”.

Como se estivesse a dizer “O português (...) breve língua entrecortada (...) são dois; o outro, mistério” (Drummond de Andrade, 2022). Conferido no seguinte depoimento: “essas coisas que eu não entendo porque eu estava falando inglês/ em português de repente... (I am sorry) eu não gosto porque isso para mim é uma tentativa de de/mostrar o **reinado de uma língua...** não não pode cada língua é autossuficiente e não pode uma HUMILhar... entre aspas... uma a outra”.

Nesse episódio, Bruno se expressou como se estivesse defendendo a LM, mas cometeu dois atos falhos: primeiro trocando português por inglês, ao dizer: “eu estava falando inglês/ em português de repente...”. Em seguida, falou “de repente... (I am sorry)”, fazendo alusão a um pedido de desculpas à LM, porém outra vez atravessado pela língua inglesa. No final, referiu-se ao “reinado de uma língua...”, **como se estivesse dizendo que o inglês quer reinar, ao “HUMILhar” o português.**

Esse duplo processo lembrou o evento de Bruno não ter conseguido falar as LEs enquanto esteve na Europa. Nesse contexto, chamou-nos a atenção a sua descrição de um dos episódios que o fez recorrer à LM, ao afirmar: “não sei dizer porque no momento de desespero quando esqueci a carteira no banheiro... recorri à língua materna”. Inferimos que a condição de ser estrangeiro despertou o estranho familiar, como se Bruno estivesse diante de um não lugar existencial.

Diante do que foi dito, no final, respondendo aos nossos objetivos específicos, vemos que estes foram alcançados. E, a atitude de Bruno seria mais uma relação inusitada com as LEs do que com a LM, pois o português aparece com pouca frequência. A escrita se apresenta de forma imperativa e *sui generis*, a ponto de ele conservar um apartamento só para escrever. Uma questão relevante seria que a escrita tomou um espaço importante mais do que a sonoridade da língua. E, o comum seria o contrário.

No que se refere à nossa questão central, quanto ao questionamento se as relações com a LE desvelam traços com a LM, um indício do laço específico seriam os impulsos de Bruno de atravessar a sua escrita com algumas frases na LM, como se uma ramificação de si irrompesse no momento em que “o sujeito enlaça seu desejo” (MILNER, 2012, p. 104). Pois, o laço específico que temos com a LM tem uma relação com a afeição, o que levaria

o sujeito a dialogar consigo no idioma materno, ao dizer “escreva sua história com amor e paixão e não se deixe afetar por aqueles que não agregam nenhum valor...”.

O caso de Bruno fortalece as descobertas de outras pesquisas, que revelam que as línguas não podem ser tomadas apenas como objeto de conhecimento, elas não são anódinas, uma vez que afetam subjetivamente o sujeito. Essa seria a sua forma de viver a alteridade, ao se entregar, conforme Kristeva (1994), a um impulso de reconhecimento do estrangeiro em si. O que o faz experimentar a sensação de que a LE seria a sua ressurreição: pele, sexo, dentre outras sensações que os idiomas estrangeiros parecem provocar.

E, é dessa forma que a escrita em LEs proporciona uma enlaçadura. Um laço do qual ele não consegue se desvencilhar e tem que cumprir a sua demanda de forma insistente, como se significasse, segundo Revuz (2008), algo que os aprendizes têm com a LM, ao investir em falar outras línguas.

No final, salientamos que a questão da escrita fazer imagem (pulsão escópica) para Bruno foi destacado pelos resultados, mas fugiu do escopo desse trabalho e poderia ser investigado em um outro.

REFERÊNCIAS

ABREU, C.S. **Prováveis causas responsáveis pela inibição no processo de aquisição da língua estrangeira.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró- reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2018. 92 f.

AIRES, S. Atos falhos: interpretação e significação. **Nat. hum.** vol.19 no.1 São Paulo jul. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100003 Acesso em: Nov. de 2023.

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. **A Babel do Inconsciente: Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica.** Trad. Claudia Bachi – Rio de Janeiro: Imago Ed.2005.

ALMEIDA, I.M.M.Z.P; PERCILIO, D.N.; SANTOS, A.S.P.; PEREIRA DOS SANTOS, A.S. A criança e sua relação com a aprendizagem da escrita: algumas articulações possíveis com o processo de constituição do sujeito no chão da escola. **Educação** – Santa Maria – v. 48, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/66387/61120>. Acesso em:jun. de 2023.

ANDRADE, E.R. Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 291-306, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/SC88TyxHWcYny3JJMqkGscB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em jun. de 2023.

ANDRADE; C. ASSUNÇÃO; I.V. O sem-sentido do sintoma: do significativo ao insignificável. **Analytica** vol.8 no.15 São João del Rei jul./dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000200004. Acesso em: nov. 2023.

ANDRADE, J.C.P.; PINHEIRO, C.C.; SILVA, S.C.S. et al. Aplicação do Kaizen como basemotivacional em uma indústria mineradora. XXXVII Encontro nacional de engenharia e produção. Joinville, SC, Brasil, 2017. Disponível em: https://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STP_238_383_32852.pdf. Acesso em: Fev. de 2024.

ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon**, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ATTIÉ, J. **Esse jogo insensato da escrita.** Trad.: Heloisa Caldas.Rev.: Inês Autran Dourado Barbosa. Opção lacaniana On line 2005.

AYOUCHE, T. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. **Estudos de Psicologia I** Campinas I 32(1) I 97-107 I janeiro - março 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Zz9QYQfWcgdLbd3bLZ7FtmG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:dez. de 2022.

AZEVEDO, M.K.; MELLO NETO. G.A.R.M. O desenvolvimento do conceito de pulsão

de morte na obra de Freud. **Rev. Subj.** Vol.15 nº.1 Fortaleza abr. 2015.

BALDINI, L. J. S. **Lalíngua Inatingível**. 2012. Disponível em:
https://www.academia.edu/20650168/_2012_Lal%C3%ADngua_inating%C3%A
Dvel.Acesso em: 03 jan. 2021.

BARATTO, G. O sujeito barrado do inconsciente: O sujeito do pensamento e do desejo. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba. v. 30, n. 69,. p. 239-244 2012. Disponível em:<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23279/22352>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BARATTO, G. **Reflexões sobre a transferência e a prática clínica da psicanálise na experiência da clínica escola de psicologia**. Tese (Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFSC. Santa Catarina: Florianópolis, p. 01-217. 2006.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 8. ed., Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 01-87.
DANIELSKI, T.; RAMOS, D.C.; AMBROZIO, E.C. CARDOZO JUNIOR, E.B.; RIBAS, R.E.C.; KUSS, A.S.S. Real, imaginário e simbólico. *Anais do Evinci UniBrasil*. v.2 n.1(2016). Disponível em:
<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/1350>

BARROSO, A.F. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Rev.Barbaroi** no.36 Santa Cruz do Sul jun. 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009. Acesso em: mai. de 2023.

BARROSO, A. F. Lacan: entre linguagem e pulsão, por uma psicanálise do sujeito. **Rev.Subj.** vol.15 no.1 Fortaleza abr. 2015. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100007. Acesso em: Nov. de 2023.

BASTOS, A. B. B. I. **Psicopedagogia clínica e institucional: diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BBC NEWS BRASIL. **BBC, 100 anos: 10 pessoas, momentos e objetos que marcaram história da empresa, 2022**. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-63292455>. Acesso em: Out. de 2023.

BENTO, C. A. **A escrita e o sujeito: uma leitura à luz de Lacan**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Psicologia USP, 2004, 15(1/2), 195-214. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/hwjMDTwqbSw7tydpCMRWFsK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: abr. de 2023.

BICHARA, M.A.C. O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias. **Mental** v.4 n.7 Barbacena nov. 2006. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200006#end. Acesso em: fev. de 2024.

BOUSSEYROUX, M. O “a Jakobson” de Lacan. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, janeiro 2021, p. 312-220. Disponível em:
<https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/871/503>. Acesso em: fev. de 2024.

BOONER, C.; CALAZANS, R. A noção de sujeito do inconsciente como situação imanejada. **Tempo psicanal.** vol.49 no.1 Rio de Janeiro jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000100006. Acesso em: Out. de 2023.

BRAUER, J.F. O outro em Lacan: conseqüências clínicas. **Psicol. USP** v.5 n.1-2 São Paulo 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100020. Acesso em: nov. de 2023.

BRAZÃO, M.L. **Os Rastros da língua materna.** Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, Minas Gerais, 2010. 78f.

BROCCO, P.D.B. *LITURATERRA [Resenha: 2020, 3, 1] Dois ensaios de Patrick Valas: “Quem é inanalísável?” e “Lacan e o chinês”.* 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3373/337364486010/html/>. Acesso em: jun. de 2023.

BRUM, E. **O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Globo, 2008. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTkzNTM0Mg/>. Acesso em: Nov. 2023.

BUSCHINELLI, C. **Escrita psicanalítica. O que seria? Encontro sobre escrita.** 2018. Disponível em: <https://www.sbpsp.org.br/blog/escrita-psicanalitica-o-que-seria>. Acesso em: dez. de 2022.

CABRAL, E.B. **Psicanálise e Doutrina Espírita: o percurso de um desencontro epistemológico e a audição de vozes.** Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2008.

CALADO, P. Que sujeito escutamos? Da estrutura subjetiva à clínica do bem-viver. Trad. Cícero Oliveira. **Stylus** (Rio J.) no.38 Rio de Janeiro jan./jun. 2019. Conferência bilíngue. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000100004. Acesso em: jul. de 2023.

CAMARGO, L. F. E. **Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser.** 2007. Opção Lacaniana Online. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/lfesujei.pdf>. Acesso em: Mai. de 2023.

CANESTRI, O infantil: qual é o significado? **Rev. bras. psicanál** vol.55 no.1 São Paulo jan./mar. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000100003. Acesso em: out. de 2023.~

CARDOSO, M.J.E. **Retorno sobre a influência de Saussure sobre Lacan.** *Analytica* vol.1 no.1 São João del Rei dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100003. Acesso em: jun. de 2022.

CARVALHO, M.W.P.L. A escrita na psicanálise e sua relação com o inconsciente. **Analytica**, São João del-Rei. v. 11. n. 20: janeiro/junho de 2022 p.17. Disponível em:

<http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/3938/2816>. Acesso em: Out. 2022.

CASTRO, M.F.P. **A Singularidade na aquisição de linguagem**. CUADERNOS DE LA ALFAL No 14 (2) noviembre 2022: 197-209. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/14_2_cuaderno_010.pdf . Acesso em: març. de 2022.

CATÃO, I; VIVÉS, J.M. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estud. psicanal.** no.36 Belo Horizonte dez. 2011. Disponível em: Acesso em: nov. de 2011.

CAVALHEIRO, A.P. Que exílio é este, “o da língua estrangeira”? **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.11, n.22, p. 487-503, jul./ dez. 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/83371532/15694-53424-1-pb-1>. Acesso em: nov. de 2022.

CEA, B. **Qual é a diferença entre segunda língua e língua estrangeira?** Espanhol na Rede, 2016. Disponível em: <https://espanholnarede.com/2016/05/28/qual-e-a-diferenca-entre-segunda-lingua-e-lingua-estrangeira/>. Acesso em: Jan. de 2024.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro Uma língua singularmente estrangeira**. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística)- Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2002.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Francisco Settieri e Mário Fleig. Porto Alegre: CMC, 2007.

COELHO; E.C.; MELO, M.F.V.; CARVALHO, G.M.M. Dificuldades na aquisição de línguas estrangeiras: Algumas questões sobre o caso de uma imigrante brasileira nos Estados Unidos. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 36, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=carvalho%3A+%E2%80%99Co+incontest%C3%A1vel+la%C3%A7o+que+cada+sujeito+mant%C3%A9m+com+a+l%C3%ADngua+materna%2C+constitutiva+do+sujeito&oq=carvalho%3A>. Acesso em: Fev. de 2023.

COELHO, E.C. **A difícil relação com a língua estrangeira: um estudo de caso**”. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Doutorado em Ciências da Linguagem. Recife, 2019. 174 f.

COELHO, C.M.S. Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. **Mental** v.4 n.6 Barbacena jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272006000100009. Acesso em: out. de 2023

CORACINI, M.J.R.F. Língua e efeitos de estranhamento: modos de (vi)ver o outro. 2009. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 475- 498, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/sNjFJvpVBvp5gN47WdVLndf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: jun. de 2023.

COSTA, A. Litorais da psicanálise. **Psicologia & Sociedade**; V. 21 Edição Especial: 26-30, 2009.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/ff8CyF7f8McCYSgGdSgkYj8t/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10 de abr. de 2023.

COSTA, L.A. **O que a repetição traz de novo: As dimensões de determinismo e contingência da repetição**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI-UFSI). 2010 – 87f.

COSTA-MOURA, F. Ler, escrever, perder: psicanálise e mathesis. **Fractal, Rev. Psicol.** 22 (2) Ago 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/fractal/a/Hj6psdxHPwdKTj9KdGwGNKc/?lang=pt>. Acesso em jun. de 2023.

COUTINHO JORGE, M.A.C. **Fundamentos da psicanálise de Lacan a Freud**, Volume I: As Bases conceituais. 2ª edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COUTO, M.P. A inexistência do outro e os sintomas contemporâneos da criança. **Ágora** (RioJ.) 25 (2) • May-Aug 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/agora/a/D9gP5wXCyqWw5bLYbpwhQsR/#>. Acesso em: jun. de 2023.

CRESTANI, C.R. O papel do discurso nos estudos da linguagem. **Revista Tecnologia e Humanismo**. v.18, n. 27, 2004.
Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rth/issue/view/373>. Acesso em: fev. de 2024.

DE LEMOS, C. T. G. Lalíngua: acontecimento e transmissão. In: Érik Porge; Nina Virgínia de Araújo Leite. (Org.). **Savoir-faire avec lalangue**. 1ed. v.1, p. 7-200, Campinas: Mercado de Letras, 2016.

DE LEMOS, C. T. G. Linguística: de Freud e Lacan. In: Leda Verdiani Tfouni; Diana Junkes Bueno Martha. (Orgs.) **O (in)esperado de Jakobson**. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras. 2014, p. 53-68.

DE LEMOS, C.T. **Da Angústia na infância**. Literal Campinas, 2007. v.10 p.117-125.

DELEUZE, G. **Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?** In CHÂTELET, F. (org). História da filosofia – idéias, doutrinas. Vol 8. Rio de Janeiro, 1972, pp. 299-335. Disponível em <https://docero.com.br/doc/svsnvcv>. Acesso em 27 de jun. de 2022.

DE NARDI, F.S. **A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): 2005.

Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FabieleStockmansDeNardi.pdf>. Acesso em: Març. 2022.

DI PAOLO, A.F.; TURRA, B.M. **Língua estrangeira e subjetivação – uma reescrita de si**. 2011. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/07.pdf>
Acesso em: jun. de 2023.

DOR, J. **O Pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1991.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Aula de português**. Tudo é poema: todos os poemas são um mesmo poema. 2022. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/carlos-drummond-de-andrade-aula-de-portugues/>. Acesso em: jun. de 2023.

ELIA, L. A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In: **Escrita e psicanálise**. Costa, A. e Rinaldi, D.(orgs) pp. 129-138. Rio de Janeiro: Companhia de Freud,2007.

ESPINHA, S. **O grande Outro não existe - O Que É Que Tem Um Corpo E Não Existe?Resposta: O Grande Outro**. 2020. Disponível em: Acesso em: jul. de 2023.

FÁVERO, C.L. **Real, simbólico e imaginário: significado em linguística e em Lacan**. 2022. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/real-simbolico-imaginario/>. Acesso em: 16de fev. de 2023.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. Algumas reflexões sobre o ensino de gramática em língua inglesa. In: Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 6, 2004, **Anais [...]**. Unversidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná, 2004. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Coordenadas. Acesso em: 17dez. 2020.

FERNANDES, O.P.P. **Efeitos de inibições inconscientes na aquisição da segunda língua**.Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2008. 98 f.

FERNANDES, M.H. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. 2006. Disponível em: https://www.sedes.org.br/Departamentos/psicossomatica_psicanalitica/entre_a_alteridade_e_a_ausencia_o_corpo_em_freud_maria_helena_fernandes.pdf. Acesso em abr. de 2021.

FERRAZ , D.M. **Neoliberalismo e educação em línguas estrangeiras**. 2015. Disponível em:<https://periodicos.ufes.br>. Acesso em: Jan. de 2024.

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Revista Ágora**, RioJaneiro, vol. 5, n. 1, p. 113 - 132. 2002. Disponível em : https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982002000100009. Acesso em: 09 fev. 2021.

FERREIRA-LEMONS, P.P. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. **Psicologia social e personalidade [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2011.

FERREIRA, L.H.; SILVEIRA, M. . Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita. **Athenea Digital**, 13(3), 243-263. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.1187>. Acesso em: jun. de 2023.

FREIRE, S.M.; MURCE, N. O ensino e a aprendizagem de língua estrangeira: algumas questões sobre o corpo. **Revista Solta a Voz**, v. 20, n. 1. 2009 Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6829/4904>. Acesso em: nov. de 2023.

FIGUEIREDO, L.C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.** v.39 n.70 São Paulo jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017. Acesso em: out. de 2023.

FIGUEIREDO, A. C. ; VIEIRA, M. A. . Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: Waldir Bevidas. (Org.). Psicanálise, pesquisa e universidade. Rio de Janeiro: **Contra Capa**,2002, v. , p. 13-33.

FREIRE, S.M. Aquisição de linguagem: língua materna/língua estrangeira. **Sínteses** - Revista dos Cursos de Pós-Graduação. Vol.7 – p.143-154. 2002. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5870761/silvana-matias-freire>. Acesso em: jun. de 2023.

FREUD, S. **A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**.MASSON, Jeffrey Moussaieff (org.), Rio de Janeiro, Imago, 1986.

FREUD, S. Documentário francês Sigmund Freud: **A invenção da psicanálise**. Entrevista concebida à BBC de Londres. 1938. De Elizabeth Roudinesco e Elisabeth Kapnist (1997).

FREUD, S. **A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess** (1887-1904), MASSON, Jeffrey Moussaieff (org.), Rio de Janeiro, Imago, 1986.

FREUD, S. **Parapraxias**. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II). Vol. XV. In: Completas. Rio de Janeiro: Imago, [1915-1916], 2006. 240 p.

FREUD, S. (1923). O eu e o Id. In: **O eu e o Id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-86 (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIX).

GARCIA, H. MIRALLES, F. **IKI GAI: O segredo dos japoneses para uma vida longa e feliz**. Trad. MENEZES, E. 1ª Ed. Editora Intrínseca LTDA. Rio de Janeiro, 2018.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. 23ª Ed. 2009: Jorge Zahar Editor Ltda.

GASPARINI, D. S. R. Língua materna, língua estrangeira e psicanálise: um olhar outro para a questão da aprendizagem. **ANAIS DO SETA**, p. 226 – 237, Número 4, 2010. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/903/664>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

GEDRIM, A.C.C. (2016). **Psicanálise no Front: A posição do analista e as marcas do trauma na clínica com imigrantes**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de São Paulo: Instituto de psicologia. Campinas – SP: 2018. 233f.

GODOI, B.S. A lógica do significante como um método de pesquisa em psicanálise. **Estudos Interdisciplinares em psicologia**. vol.11 no.3 Londrina Set./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2236-64072020000300011&script=sci_arttext. Acesso em: mar. de 2022.

GÓMEZ, L.V.; SILVEIRA, L.M. **Ateliê da Palavra: processos do sujeito no ato de ler e escrever**. Departamento: formação em psicanálise. 2019. Disponível em: https://sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/dfp/atelie-da-palavra-processos-do-sujeito-no-ato-de-ler-e-escrever. Acesso em: 25 de junho de 2019.

GOLDSTEIN, J. **Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise: Racionalização**. FEBRA-PSI (Federação Brasileira de Psicanálise). 2017. Disponível em: <https://febrapsi.org/storage/2017/02/racionalizacao--joyce-goldstein.pdf>. Acesso em: nov. de 2023.

GRUPO SOCIEDADE BIC. **Lettering: saiba tudo sobre esse estilo da caligrafia**. 2022. Disponível em: <https://www.poderdascotes.mundobic.com.br/lettering-saiba-tudo-sobre-esse-estilo-de-caligrafia/>. Acesso em: nov. de 2023.

GUERRA, M.N.; BURGARELLI, C.G. Entre arte e psicanálise: a escrita da experiência com metodologia. **Revista** do Programa de Pós graduação em Estética e Filosofia da Arte UFOP. v.13 n.24. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/1010>. Acesso em dez. de 2023.

GUIMARÃES, B.F. **Escrita e autoria: efeitos da escrita sobre o sujeito que escreve**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 112f. 2007.

GUIMARÃES, B.F. **Trauma e real: do que não cessa de não se escrever na poesia de Paul Celan**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Psicologia. 2013. 260 f.

HAUTZ, E.A. **A origem do R caipira no Português do Brasil**. Dissertação (Mestrado). Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 94 f.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não**. Ed. Basiliense: São Paulo. Editora: Blucher, São Paulo, 2015, 116 p.

HOLTHAUSEN, M. **Lalíngua ou Alíngua: pequena introdução**. 2009. Disponível em: <http://psicanaliselacanianana.blogspot.com/2009/02/lalingua-ou-alingua-pequeno-percurso.html>. Acesso em: nov. de 2023.

HOMRICH, A.C.B. **O conceito de superego na teoria freudiana**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Programa de Pós-Graduação em psicologia. Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. 248 f.

HONDA, H. O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 – n. 2, p. 405-422, Maio/Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/SMYpKVz5qf7DHLLbFLjQvMQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: mai. de 2022.

IANNINI, G.P.M. **Estilo e verdade na perspectiva da crítica lacanianiana à metalinguagem**.

Tese (Doutorado) Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. 345 p.

IZCOVICH, L. Désir de l'analyste et gay savoir. Revue L'en-je lacanien, n. 13, **Éthique** dugay savoir. Paris, Érès, p. 39-43, 2009/2.

JORDÃO, C. M., A língua inglesa como commodity: direito ou obrigação de todos? In: ROMANOWSKI, J.P.; MARTINS, P. L.; JUNQUEIRA, S.R.A.(orgs.). **Conhecimento Local e Conhecimento Universal: a Aula e os Campos do Conhecimento**. XII ENDIPE, Vol. 3, Curitiba: Universitária Champagnat, 2004.

JUNQUEIRA, L.C.U. & CARNEIRO, J. **Histologia Básica**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 524p.

KERNBERG, O.F. Prefácio. In: AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. **A Babel do Inconsciente: Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica**. Trad. Claudia Bachi – Rio de Janeiro: Imago Ed.2005.

KOLTAI, C. **De uma língua a outra por meio das migrações**. São Paulo: Centro de Estudos Psicanalíticos, 2011.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Ed.Rocco, Rio de Janeiro: 1994.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1966/1998.

LACAN, J. **Outros escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-1970). Versão brasileira Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 5, As formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957-1958/1999.

LACAN, J. **O Seminário 7 – a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. **Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960 / 1998.

LACAN, J. **Lacan in Italia 1953-1979. Milão: La Salamandra**, 198, PP. 104-147. LACAN, J. **Hamlet por Lacan**. São Paulo: Liubliú Livraria, 1986.

LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: J. Lacan, Escritos (p. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Original publicado em 1957).

LACAN, J. **Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

LACAN, Jacques. **Conversación con Jacques Lacan – por Paolo Caruso**. 1966. In: *Bibliothèque Lacan: Pas tout Lacan*. www.ecole-lacanienne.net/. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1966-00-00.pdf>. Acesso em: abr.

de 2022.

LACAN, J. **Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines**. 5-61. Scilicet6/7, Paris, Seuil, 1976.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, 1956/1998. Jorge Zahar.

LACAN, J. Joyce, o Sintoma. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975/2003, p. 560-566.

LACAN, J. O Seminário – Livro 01: **Os escritos técnicos de Freud**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 3ª edição: Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1979.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução Sergio Laia; revisão André Telles]. - Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962-

63/2005 LACAN, J. **Seminário XXII, RSI**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1964/2008.

LACAN, J. **Hamlet por Lacan**. São Paulo: Liubliú. 1986.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1991.

LAURENT, É. **O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2016.

LEITE, N. V. A. Riso e rubor: para falar do corpolingüagem. In: N.V.A. Leite (Org.). **Corpolingüagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, p. 81-92. 2003.

LEITE, C.A.O. **Quando o corpo pede um nome – a título provisório**. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem). Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP: 2008. 153f.

LEITE, N.V.A. **O que é “Língua Materna”**. Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). Campinas: UNICAMP, 1995. p. 65-68.

LEITÃO, I.B; MENDES, F.M.S. De que se trata ser freudiano pela psicanálise lacaniana? Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise em Freud e Lacan. **Estilos clin.** vol.23 n.2 São Paulo maio/ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282018000200011. Acesso em: Out. de 2023.

LE MOS, C.T.G. **Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação**. Cadernos de Estudos Linguísticos, 2002 v. 42, p. 41-70.

LEMOS, M.T.G. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição delinguagem**. SP. Campinas: Mercado de Letras; 1 ed., p. 01-216. 2002.

LENZ, Siegfried. **The heritage**. New York: Hill Wang, 1985.

LIMA, A Nomeação”: **Sobre o nó Borromeu ou Por uma clínica das suplências: O NÓborromeu**. Clínica lacaniana, 2015. Disponível em: <http://clinicalacianiana.blogspot.com/2015/10/a-nomeacao-sobre-o-no-borromeu-ou-por.html>. Acesso em: jul. de 2023.

LIMA, A.P. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: Uma proposta de integração entre a psicologia e a neurofisiologia. **Revisões da Literatura • Arch. Clin. Psychiatry** (São Paulo) 37 (6) • 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/gCtpKfnMrZQLCFqxZwDRS3G>. Acesso em: set. de 2023.

LISE, L. **De que corpo se trata na psicanálise?** Instituto da psicanálise lacaniana. 2014. Disponível em: <https://ipla.com.br/conteudos/artigos/de-que-corpo-se-trata-na-psicanalise/>. Acesso em: Set. de 2023.

LIER-DEVITTO, M.F. **Os monólogos da criança: delírios da língua**. São Paulo: Edc,Fapesp, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsações)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LOPES, N.L.C. **As interferências subjetivas do processo de aquisição de outra língua em mulheres em situação de cárcere**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2015. 99f.

LOLLO, P. **Os ofícios impossíveis e o chamado do real**. Trad. MARANHÃO, B. Reverso vol.40 no.75 Belo Horizonte jan./jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100002Acesso em: dez. de 2023.

LUSTOZA, R.Z. Uma causa que inclui um sujeito: a originalidade da causa em psicanálise. **Psyche** (Sao Paulo) v.12 n.23 São Paulo dez. 2008.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200008#:~:text=Esse%20ponto%20da%20rede%20significante,fora%20d Acesso em: jul. de 2023.

LYRA, L.R.P. **Da Interferência da Língua Materna no Ensino de uma Língua Estrangeira**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2013. 120 f.

MACEDO, S. A linguagem na estruturação do aparelho psíquico. **Analytica** vol.9 no.17 São João del Rei jul./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000200003. Acesso em: jul. de 2023.

MACHADO, Z. O inconsciente e o corpo. **Stylus** Rio de Janeiro nº 20 p. 1-156 abril 2010. Disponível em: <http://stilus.emnuvens.com.br>. Acesso em: jun. de 2023.

MACHADO, A.M.N. **Presença e Implicações da Noção de Escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

MANSO, R.; CALDAS, H. Escrita no corpo: gozo e laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, vol. XVI, abril, 2013, pp. 109-126 Universidade Federal do Rio de Janeiro Riode Janeiro, Brasil.

MARIANI, B. Sobre o sujeito e a língua em alguns textos e contextos fundadores de M. Pêcheux: Uma retomada em Althusser e Lacan. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.1, n.1, p. 01-16, 2008. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=ano+de+publica%C3%A7%C3%A3o%3a+sobre+o+sujeto+e+a+l%C3%8Dngua+em+alguns+textos+e+conceitos.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MARIANI, B. Nome próprio e constituição do sujeito. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 131-141, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: Marc de 2021.

MEDEIROS, L.F. **Letramentos, formação docente e Saussure: um diálogo possível?** Monografia (Conclusão de Curso de Letras: língua portuguesa com domínio de Libras). Universidade Federal de Uberlândia. 2023.

MELMAN, Charles. **Imigrantes: Incidências subjetivas da mudanças de língua e país. Tradução: Rosane Pereira; organização e revisão: Contardo Calligaris**. São Paulo: Escuta, 1992.

MENDES, F. **O que é transferência? Conceito psicanalítico**. 2016. Disponível em: <http://flaviomendespsicologo.com.br/o-que-e-a-transferencia-conceito-psicanalitico/>. Acesso em: nov. de 2023.

MILAN, B. **Hector Bianciotti: A autoficção**. Folha de S. Paulo, 1993. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/hector-bianciotti-a-autoficcao/>. Acesso em: Fev. de 2024.

MILLER, J.A. **O osso de uma análise**. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador – Bahia – 17 a 21 de abril de 1998.

MILLER, J.-A. Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. **Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo, n. 51, p. 9-41, 2008.

MILLER, J. A. **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MILMAN, E. **A intância da letra na leitura: Estilos da Clínica**, V. VIII, n. 30, p.30-49.2003.

MILNER J.C. **Linguistique et Psychanalyse**. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/psychanalysew>, 1995. Acesso em set. 2023.

MILNER, J. C. **Linguística e Psicanálise. Revista Estudos Lacanianos**. Belo Horizonte, v.3, n. 4, p.01-128. 2010. Disponível em: 2023

Acesso em: 12 fev. 2021.

MILNER, J.C. **O amor da língua**. Trad. Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas: Ed.Unicamp, 2012.

MIRANDA, L.C. **Relação entre língua materna e língua estrangeira: O “erro” em produções escritas de adolescentes estudantes da língua inglesa**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2017. 84 f.

MONTEIRO, C.P. **A noção de lalíngua: uma contribuição da psicanálise lacaniana à concepção de língua**. Tese (doutorado) – CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes). Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

MONTANDON, T. **O Sem-sentido na Psicanálise**. 2008. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/12/23/o-sem-sentido-na-psican-lise/>. Acesso em: dez. de 2023.

MORAES, M. R. S. **Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua**. 1999. Tese (Doutorado de Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. p. 01-137. 1999. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271090>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MORAES, M.A.R. **Sobre a teoria dos nós em Lacan: assegurar-se com diagnósticos e medicamento? Ou com o nó?** Correio APPOA, 2019. Disponível em: https://apoa.org.br/correio/edicao/285/assegurar_se_com_diagnosticos_e_medicamento_ou_com_o_no/694. Acesso em: mai. de 2023.

MOREIRA; C.M.S. **Servir-se do pai: uma leitura de O homem Moisés e a religião monoteísta**. Tese (Doutorado) UFRJ, IP. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro, 2014. 227f.

MORETTINI, T. **Entendendo as instâncias psíquicas: id, ego e superego**. 2022. Disponível em: <https://ibrapsi.com.br/entendendo-as-instancias-psiquicas-id-ego-e-superego-2/>. Acesso em: Nov. de 2022

MOSCHEN, S.; SEI, C.S. Da escrita no corpo à escrita no papel: os caminhos do aprender a escrever. **Estilos clin.** vol.19 no.2 São Paulo ago. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000200007. Acesso em jun. de 2024.

MURCE FILHO, N. F. Corpo e Escrita: Uma Discussão Sobre o Papel do Texto na Escola. **Interação: Revista da Faculdade de Educação UFG**, v. 26, n.2, p. 37-52, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1606/1564> . Acesso em: 13 dez 2020.

MURCE, N.; FREIRE, S. M. O ensino e a aprendizagem de Língua Estrangeira: algumas questões sobre o corpo. **Revista Solta a Voz**, Universidade Federal de Goiás – Goiana. v. 20, n.1, p. 73-86, 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/266605227_o_ensino_e_A_Aprendizagem_De_linguA_estrangeira_Alguas_questoes_sobre_o_corpo. Acesso em: 06 dez. 2020.

NAKASU, M.V.P. **Sublimação, pulsão de morte, superego: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas**. Tese (Doutorado). São Carlos: UFSCar, 2009. 262 f.

NASCIMENTO, L.V.; MELLO, D. M. **O belo desejo da psicanálise**. 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/7338>. Acesso em: set. de 2023.

NAFFAH NETO, A.; CINTRA, E.M.U. A pesquisa analítica: a arte de lidar com o paradoxo. **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 30 (1) 33-50, 2012 33 A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. Disponível em: https://spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_1/02NaffahCintra.pdf. Acesso em: Out. de 2023.

NÁPOLI, N. **Reflexões sobre o sujeito em psicanálise**. Filosofia, psicanálise, textos. 2011. Disponível em: <https://lucsnapoli.com/tag/cogito/>. Acesso em: 10 de març. de 2023.

NÁPOLI, L. **Por que Lacan disse: o sujeito é o que um significante representa para outrosignificante?** Em psicanálise textos. 2012. Disponível em: <https://lucsnapoli.com/2012/07/>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

NASCIMENTO, L.V.; MELLO, D.M. O que se inscreve é o que se transmite: escrita, estilo e transmissão. **Trivium** vol.8 no.1 Rio de Janeiro jan./jun. 2016. Disponível em: Acesso em: 05 de abr. de 2023.

NOGUEIRA, L.C. A pesquisa em psicanálise. Aula • **Psicol. USP** 15 (1-2) • Jun 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013> (2004). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/nMGDnFmKgySBkGkdshtfzPg/>. Acesso em: Out. de 2023.

NONATO, L. **Kaizen: o que é, os 5 princípios e como aplicar na prática**. 2023. Disponível em: <https://blog.aevo.com.br/kaizen/#:~:text=Kaizen%20%C3%A9%20uma%20filosofia%20>. Acesso em: Fev. de 2024.

NOVAES, A. A ciência manipula o corpo. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem máquina: ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 7-14.

OLIVEIRA SILVA, P.; HAWI, M.M. Línguas alóctones como componentes adicionais: novos desafios glotopolíticos para a expansão e permanência da atividade de ensino- aprendizagem plurilíngue no currículo escolar atual. **Open Minds International Journal -Portal de Revistas da Editora Mentes Abertas**. V.2, N.2. (2021).

PADRÃO, C.B. Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 91-103, 2009. Disponível em: Acesso em: out. de 2023.

PAIVA, A.G. **A obra, o leitor e o escritor: Ressonâncias da escrita no sujeito da Psicanálise**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade Estadual de Brasília (UEB). Brasília, 99f. 2016.

PERACHI, C.T.; ROSA, M.I.P.D. PASQUALATTO, H.R. Genealogia do sujeito e da psicanálise na obra freudiana. **Cad. psicanal.** vol.39 no.37 Rio de Janeiro jul./dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000200005. Acesso em: out. de 2023

PEREIRA, F. O. O Papel da língua materna na aquisição de línguas estrangeiras. **Inter-Ação: Revista Faculdade de Educação** – Universidade Federal de Goiás – Goiânia. v. 26, n. 2, p. 53-62. 2001. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao38/cronica2.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PEREIRA, B.S.; MACÊDO, R.M. Entre o real, o simbólico e o imaginário: Uma leitura lacaniana do conto “Uns braços”, de Machado de Assis. **FRONTEIRADIGITAL**, 7, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/frontheadigital/article/view/3431/2741>. Acesso em: Jan. de 2024.

PEIXOTO, E.V. **Linguisteria: por detrás do que se diz**. 2009. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_06_port.html. Acesso em: 06 de jan. de 2023.

PIECE CONSULTORIA. **Kaizen A3**. Disponível em: <http://piececonsultoria.com.br/Kaizen-A3.html>. Acesso em: fev. de 2024.

PIMENTA, A.C. A repetição e a transferência na teoria e na clínica psicanalíticas. **Reverso** vol.42 no.80 Belo Horizonte jul./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952020000200008 Acesso em: jul. de 2023.

PITELLA, C. **Fazer-se um corpo: O que fazer do corpo?** 2021. Disponível em: <https://www.jornadaebpmg.com.br/2021/category/fazer-se-um-corpo/> Acesso em: jun. de 2023.

PRADO, E.; CANESIN, J.D.; LIMA, J.C.; et al. **Perspectivas de lituraterra**. Escola Brasileira de psicanálise. Seção São Paulo. 2022. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/perspectivas-de-lituraterra/>. Acesso em: Nov. de 2022.

PRASSE, Jutta. **O desejo das línguas estrangeiras**. Trad. Dulce Duque Estrada. Revista Internacional (A Clínica Lacaniana), Rio de Janeiro, Paris, Nova Iorque, Buenos Aires, ano 1, n. 1, p. 63-73, 1997.

PORTIERI, R.L. Visões da alteridade: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty. **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 330-334, dezembro/fevereiro 1999-2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30099/31984>. Acesso em: Nov. de 2023. Projeto de estudo da norma linguística urbana culta do Recife (Projeto NURC/RE).

A linguagem falada culta na cidade do Recife, vol. 3 : diálogos entre dois informantes [recurso eletrônico] / Maria da Piedade Moreira de Sá...[et al] (organizadores). – Recife :Ed.UFPE, 2017.

QUINET, A. Corpo e linguagem. In: **Estudos da Língua(gem). A linguagem em questão: um recorte inter, multi e transdisciplinar**. 2017. Disponível em: <https://periodico2.uesb.br>. Acesso em: jul. de 2023.

QUINET, A. Com a língua no corpo. **Revista De Psicanálise Stylus**, (19), pp. 69–78. 2009.

RABELO, A.M.V. **Inconsistências no dizer: Contradição e psicanálise**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 2020. 144f.

RAMOS, G.M.S. **O uso de estratégias cognitivas na leitura e escrita como ferramentas da compreensão textual e produção de sentidos**. Congresso INTERAB: 2021. Disponível em: <https://interab12.abralin.org/eventos/ensino-de-leitura-e-escrita/>. Acesso em: jun. de 2023.

RAMOS, G.M.S. **O livro didático de língua inglesa: contemplando a produção escrita do aluno do curso de letras**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PPGL). Recife, 2009. 240 f.

RAMOS, G.M.S. A inscrição pelo discurso de uma criança norueguesa em processo de aquisição de português. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v.8, n.00 e 022036, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/15037>. Acesso em: Jan. Fde 2022.

RAMOS, F. **Como escrever? Graciliano responde. Espaço da escrita**. 2021. Disponível em: <https://livrocafe.com/2021/02/como-escrever-graciliano-ramos-responde/>. Acesso em: Fev. de 2024.

REGO, C.M. **Traço, letra e escrita na / da psicanálise**. Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005.

RESENDE, J.C. Mais-de-olhar: janelas como sintoma da cultura. 2021. **Rev. Leitura Flutuante**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/53305/pdf>. Acesso em: fev. 2024.

RENNÓ, E.T. Um olhar psicanalítico sobre o não aprender. **psicanal.** vol.52 no.97. São Paulo. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000200007. Acesso em: Fev. de 2024.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. De S. Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua (gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras/São Paulo: Fapesp, p. 213-230. 2008.

RILKE, R.M. Cartas a um jovem poeta: primeira carta. 1903. Trad. Cecília Meireles. In: **Cartas a um jovem poeta e canção de amor e morte do porta-estandarte**

- Cristovão Rilke.** Editora Globo, 1983. Disponível em:
<http://www.culturapara.art.br/opoema/rainermariarilke/cartajovempoeta.htm>. Acesso em:
abr. de 2023.
- RITVO, J. B. O conceito de letra na obra de Lacan. In: **A prática da letra**. Rio de Janeiro, RJ:Escola da Letra Freudiana. 2000.
- ROCHA, I.M.S.A; ROSA, M.; O tempo e o objeto na psicanálise. **Tempo psicanal.** vol.51 no. 2 Rio de Janeiro jul./dez. 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200005.
Acesso:Out. 2022.
- ROCHA, I.M.O. **Uma partida de xadrez com Saussure e Lacan: uma análise da relação entre sujeito e linguagem.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Ciência Humanas Letras e Artes. 98f. 2010.
- RODULFO, R. **Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança.** São Paulo:Casa do Psicólogo. 2004.
- ROSSO, N; PRUDENTE, R.C.A.C. A língua não dominada e a emergência da angústia: do verbo à Babel contemporânea. **Cadernos de Psicologia – CESJF.** v.1 n.1 p.340-361. 2019.Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br>. Acesso em: Fev. de 2024.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1998.
- ROZENO, F.E. Métodos inovadores no ensino de línguas. **Revista Científica da FASETE.**2018. Disponível em:
<https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/379/378>.
Acesso em: out. de 2023.
- RUDGE, M.A. Pulsão de morte como efeito de supereu. **Ágora** (Rio de Janeiro) v.IX. n.1. 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/agora/a/cTw9TmvW5RfNMQXc8KTHkCB/?format=pdf> Acesso em: jul. de 2023.
- SAAVEDRA, C. **As línguas que me habitam: Uma conversa com a poeta Prisca Agustoni sobre como é transitar por diversas culturas, linguagens e idiomas no mundo atual.** Rascunho – o jornal de literatura no Brasil. Edição 253, 2021. Disponível em:
<https://rascunho.com.br/liberado/as-linguas-que-me-habitam/>. Acesso em: out. de 2023.
- SALES; C.F.; ROCHA, G.M. **Repetição e contingência na clínica da psicanálise e na arted performance.** *Psicol. clin.* vol.31 no.1 Rio de Janeiro jan./abr. 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000100010. Acesso em: fev. de 2024.
- SÃO PEDRO, J. SOUSA, D. A. Um Vínculo Afetivo-Cultural com a Língua Inglesa – o grande desafio. **SIGNUM: Estud. Ling., Londrina,** n. 17/1, p. 298-321, jun. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17547> . Acesso em: nov. de 2023.
- SAMPAIO, M.A.; AMAZONAS, M.C.L.A. O método de observação de Esther

Bick: contribuições à abordagem da intersubjetividade na pesquisa em psicanálise. Orgs. QUEIROZ; E. F.; ZANOTTI, S. In: **Metodologia de pesquisa em psicanálise** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 344 p.

SANTIAGO, E. **Alfabeto Cirílico. Infoescola: navegando e aprendendo**. 2012. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/alfabeto-cirilico/>. Acesso em: nov. de 2023.

SANTOS, H.L. **(A)língua do ponto de vista da psicanálise lacaniana**. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. p. 01-10'. 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, p. 01-312. 2006.

SERAFIN, G.C.C. A escrita e a psicanálise. **Revista Organon**, Porto Alegre. Janeiro-dezembro, 2006. p.93-105.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39568>. Acesso em: fev. de 2023.

SILVA, M. G. V. **Encontros e desencontros entre psicanálise e linguística: A presença de Jacques Lacan**. 2021. Dissertação – Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (apresentada na Pontifícia) - Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012. 133p.

SILVA, S.A. **As interferências subjetivas da língua materna no processo de aquisição da língua francesa: entre a captura e a resistência**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem. Recife, 2012. 163 f.

SILVA, G.C.O. SILVA JUNIOR, N. Letra e escrita na obra de Jacques Lacan. **J. psicanal.** vol.50 no.92 São Paulo jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v50n92/v50n92a10>. Acesso em: 03 de abr. de 2023.

SILVA, F.M. As dicotomias Saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos. **REVELLI** – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas ISSN 1984- 6576–v. 3,n.2– 2011 – p. 38-55. Disponível em: www.ueg.inhumas.com/revelli. Acesso em: Fev. de 2024.

SILVEIRA, J.R. Masculino e feminino? A categoria gramatical de gênero e a teoria de valor. **Cad.Est.Ling.**, Campinas, 52(1): 45-53, Jan./Jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: jun. de 2022.

SIQUEIRA, E.R.A.; QUEIROZ, E.F. A marca do caso: uma proposta metodológica. Orgs. QUEIROZ; E. F.; ZANOTTI, S. In: **Metodologia de pesquisa em psicanálise** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 344 p.

SOLER, C. **Du parlêtre in l'en-je**. Toulouse: Érès. 2009.

SOUZA, C. R. **Escrita: ato de invenção em torno do real**. Associação Brasileira de

Literatura Comparada (ABRALIC). Congresso Internacional 2018. Circulação, tramas & sentidos na literatura. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547508009.pdf. Acesso em: 03 de fev. de 2023.

SILVA NETO, I.V. **A teoria das pulsões em Freud e Lacan: Pontos de convergência e divergência**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará (UFCE). Centro de Humanidades. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE). 2009.

SKRIABINE, P. O sujeito e os gozos. Gente: **Revista de psicanálise**. nL° 8 | Ano 2 | Abril de 2013. Disponível em: https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/agente008_seminario001.pdf Acesso em: out. de 2023.

SPINASSÉ, K.P. **Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277169675_Os_conceitos_Lingua_Materna_Segunda_Lingua_e_Lingua_Estrangeira_e_os_falantes_de_linguas_aloctones_minoritarias_no_Sul_do_Brasil . Acesso em: Jan. de 2024.

STORNILO, L. **A constituição do psiquismo: experiência de satisfação**. Clínica Horizontes, 2019. Disponível em: <https://clinchorizontes.com.br/a-constituicao-do-psiquismo-experiencia-de-satisfacao/>. Acesso em: jul. 2023.

TEO, I. **O inconsciente é uma escrita**. 2021. Disponível em: <https://medium.com/@igorteo/o-inconsciente-%C3%A9-uma-escrita-a5f74a17a064>. Acesso em: set. 2022.

TOREZAN, Z. C. F; AGUIAR, F. O Sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-Estar Subj.** Fortaleza, v. 11, n. 2. p.525-254. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148201100020004. Acesso em: 17 dez. 2020.

TOREZAN, Z.F. **Sublimação, ato criativo e sujeito na psicanálise**. Florianópolis. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. 162f.

TÓTOLI, F.C.; MARCOS, C.M. Dois paradigmas da psicose no ensino de Lacan. **Rev. Subj.** vol.14 no.2 Fortaleza ago. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200008. Acesso em: nov. de 2023.

VAL, A.C.; LIMA, M.A.C. A construção do caso clínico como forma de pesquisa em psicanálise. **Ágora** (Rio J.) 17 (1) • Jun 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/K5JKdkWBWD656HH93zTmTq/>. Acesso em: Out. de 2023.

VASCONCELOS, V.M.; NUNES, H.R. O real – simbólico – imaginário: Lacan e o

inconsciente estruturado como uma linguagem. **Encontros Universitários** da UFC - Campus Sobral, Fortaleza, v. 4, n. 16, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/61841>. Acesso em Set. de 2023.

VERAS, M. **Tag Archieves: Falasser. By Subversos**. 2017. Disponível em: <https://subversos.com.br/tag/falasser/>. Acesso em: 19 dez. 2020.

VERAS, V. O estrangeiro na língua materna: (não) desejar as coisas alheias. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 111–124, 2009. DOI: 10.5216/rp.v19i1.6074. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6074>. Acesso em: 4 nov. 2022.

VICENZI, E. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e designificação de Saussure e Lacan. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 27-40. 2009.

VIEIRA, M.A. Posfácio: Caso Dora; Pequeno Hans; Homem dos ratos; caso Schreber; Homem dos lobos. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Tito Lívio Cruz Romão (tradução e notas). 797p. Ed. Autêntica: 2021.

VIEIRA, O.C.O. **A doença: o real para o sujeito**. Psicologia: o portal dos psicólogos. 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14034035-A-doenca-o-real-para-o-sujeito.html>. Acesso em: out. de 2023.

VOA. **Site internacional VOA**. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Voz_da_Am%C3%A9rica. Acesso em: out. 2023.

VOLPATO, E.A. Linguagem, construção do sujeito e lugar de fala. **Revista Contraponto** v.8, n. 1. 2021. p. 82-97. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: fev. de 2024.

WEISSMANN, L. Migração/exílio e a perda da língua materna. **Cad. psicanal.** vol.39 no.37 Rio de Janeiro jul./dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000200011. Acesso em: 16 de out. de 2022.

ZANOTTI, S.V.; MIURA, O. Revisão da literatura: os exemplos de Freud e Lacan. 2019. Orgs. QUEIROZ; E. F.; ZANOTTI, S. In: **Metodologia de pesquisa em psicanálise** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 344 p.

ZELAYA, A.V. **A dimensão singular do riso: uma perspectiva psicanalítica do riso**. **Escola Brasileira de psicanálise**. 2023. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/a-dimensao-singular-do-riso/#:~:text=O%20riso%20ultrapassa%20o%20sentido,que%20tamb%C3%A9m%20incide%20no%20Outro>. Acesso em: out. de 2023.

APÊNDICES

ENTREVISTA NÃO ESTRUTURADA- ÁUDIO 1 TRANSCRIÇÃO

Pesq: Olá... tudo bem? Podemos começar?

Bruno: CLARO.....

Pesq: tu consegues entender qual é a função que cada língua tem? as línguas que tu estudas? tu consegues? tu separastes até... é... digamos assim tu estruturastes... fizeste um calendário de que... é que cada dia da semana tu irias estudar uma língua. Que critério tu usasses? Existe função específica de cada língua na tua vida?

Bruno: (...) uma coisa bem aleatória e eu não tenho uma coisa de o dia de hoje... Hoje é sábado então tem que ser tal língua... não primeiramente eu tinha outras línguas adotadas no sábado... mas agora botei na cabeça no dia da semana então começo com (...) no domingo. ..então domingo e com língua europeia... então domingo (...) português... espanhol... francês... então domingo português... espanhol na segunda-feira e francês na terça... uma.eu só encaixei en-cai-xei o italiano. eu não tenho domínio não tenho conhecimento nenhum de italiano mais eu já tenho na quarta-feira que eu vou buscar estudar... buscar (...) para italiano na quarta-feira aí vem as germânicas na sequência... quinta feira inglês... sexta-feira alemão e dia de ontem sábado eh:: holandês.

Pesq: quer dizer que... tu não... usasse nenhum critério pra...

Bruno: NÃO

Pesq: eh::

Bruno: (...) só para me organizar

Pesq: Não existe nenhum grau de importância para tu em nenhuma não? He:: digamos assim quando tu:: aprendesse: a primeira que tu escolheste foi língua inglesa que necessidade tu sentisse para aprender a língua inglesa com relação ah:: ah:: assim a língua materna tu:: achasse que alíngua materna não era suficiente para teu aprendizado?

Bruno: (...)

Pesq: o que foi que tu sentisses?

Bruno: (...) essas ideias nunca vêm a minha cabeça não....que isso? tá fiando louca?

Pesq: ou uma língua onde tu pudesses se organizar de ti para ti sem as pessoas saberem que tu estavas questionando de ti para ti mesmo?

Bruno: a primeira língua estrangeira que eu aprendi... aprendi não... que eu ESTUDEI na escola

foi o francês... mas hoje eu vejo que eu teria dado uma certa ênfase... porém eu fico pensado... porra meu (...) claro que eu era criança negócio de dez... onze... doze anos quando é que um dia

eu ia (...) falar francês essa língua de frango uso logo esse termo aí (...) rapaz eu vou me voltar para uma outra língua e no outro ano era língua inglesa mais desafio uma língua mais fora da

nossa realidade e passei o ginásio um neste sentido (...) na língua inglesa....e passei um ano de

francês e o restante do inglês. ..claro que o inglês ficou com muito mais repercussão na minha

vida... foi depois... que comecei com a adoção de outras línguas ... a minha... minha ideia primordial foi... eh:: a língua sempre foi um mistério. antes de eu começar estudar outra língua

foi para mim um mistério um mistério incrível que até hoje não sei explicar... até hoje ((ruídos

ao logo do trecho))

Pesq: então você se enveredou para os estudos das línguas porque você acha que as línguas é um mistério

Pesq:: e você gosta de desvendar os mistérios

Bruno:... e eu não concordo eu não concordo não.... eu posso () não que é muito forte... mas eu não aceito plenamente cem por cento as teorias linguísticas () - - eu não posso nem falar assim mas eu falo - - sobre a origem das línguas vieram de () grunhidos () de repente um montede cara ()

Pesq: não concorda com as teorias

Bruno: não

Pesq: que estão relacionadas com origem da língua

Bruno: eu vejo todo como uma balela do caramba eu digo porque... mesmo sendo leigo eu digologo que sou leigo... mais não acredito que uma língua tão ... tão () e do nada alguém começa a desenvolver línguas incríveis extremamente sofisticadas como o SÂNS-CRITO... o grego antigo... o latim () e elas se fragmentam e coisas mais sim-ples... você sabe que isso aconteceu com o latim? o latim uma língua como é que a gente diz? declinante e ela se transformou para mim na maioria são línguas analíticas português não tem () não tem nada disso já o latim tinha seis casos... então como é que uma língua começa mais difícil para se tornar mais fácil? que incoerência linguística da porra é essa? então é isso... eu não ou discutir o ninguém porquenão quero não quero ver aquela coisa de que está certo ou está errado () extremamente não se como isso pode os santos não sei nada dos santos ais já li arias coisas sobre ele uma língua extremamente complexa enrolada e se transformou se fragmentou em várias outras línguas como o caso () bem complexa do que aquela língua usada a língua sagrada dos Indus então são teorias que não batem mesmo como é que um bando de selvagens reunidos e torno de fogueira começou a denominar coisas criar uma gramática EXTREMAMENTE complexas do ponto de vista do uso e de repente ela começa a se espatifar ficar mais rudimentar na invenção é sempre primeiro inventaram uma roda depois () a bicicleta e depois um milhão de umas outras coisas que AH:: envolvem uma roda ninguém inventou um carro para depois alguém ter a ideia maravilhosa de inventar a roda estou dando um exemplo bem idiota então... já que eu não tenho como discutir o ninguém então fico calado mais () eu não aceito todo que escuto.

AUDIO 2 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: você tem suas razões de não aceitar tudo que você escuta

Bruno: NÃO

Pesq: e o que você chama de razão?

Bruno: razão éh:::...

Pesq: baseado em quê?

Bruno: o racional... li dá com o racional

Pesq: sobre as origens das línguas?

Bruno: de línguas de tudo mais... (eu) língua é uma das coisas que tem muitos fragmentos mas... eu não quero nem entrar... enveredar em outros caminhos ... que ()... que a gente já nasce um mundo totalmente organizado -- entre aspas -- isso é assim... isso é a: história geografia física química TUDO está decidido... NÃO OUSE desrespeitar essas leis porque são produtos de muitos estudos e consequentemente você não CA-PA-DA-DE de discordar de nada... mesmo que seja a coisa mais absurda do mundo ... a: () ((ruído))... (é isso)... mas eu não aceito... quem manda em mim sou eu... aceitar ou não aceitar... está no MEU patamar... (meu dia a dia)

Pesq: mas você já procurou alguma escrita:?:

Bruno: clARO

Pesq: ()

Bruno: eu adoro linguística... mas a linguística não consegue responder algumas perguntas que eu faço... (e também a origem... origem da origem)

Pesq: e por que você acha que a linguística não consegue responder? por que os estudiosos não se interessaram ainda? ... por curiosidades co/ concernentes a língua que você se interessou?

Bruno: quando eu digo língua... eu to/ me (referindo) a língua como... como ah::: digamos... como uma coisa... uh::: ()... um fenômeno mundial... não estou me dirigindo a aquela línguax... não estou particularizando uma língua... estou dizendo língua o tudo... por exemplo de repente a (povos ágrafos)... ágrafos que dizer aqueles povos indígenas que desenvolveram uma língua e eles falam entre si É evidentemente que tem gramática tem: vocábulo mas não tem escrita e como é que essas (cracas) conseguem fazer uma coisa dessas?... baseado em que?... não sei... um grunhido (haaaalaaaalaaa) uma poRRA uma coisa a mas... mas como? como?... os portugueses chegaram aqui e encontraram dezenas centenas de línguas de povos ágrafos nenhum tinha o caderninho uma:: uma caneta uma:: prancheta para escrever suas línguas... aí os jesuítas vieram aqui e: começaram a (da nome) tupi guarani eles foram muito fodinhas mesmo conseguiram eh:: como se diz? catalogar codificar o tupi guarani e ENTENDER... porra meu: esses linguistas eram de mais::: como é que o cara vem lá do::: da Europa aqui mergulhado em um mundo linguísticos totalmente:: totalmente de índio né? e diferente ENTENDER essa língua

Pesq: então você...ah::

Bruno: ()...

Pesq: você...

Bruno:... (caras) vocês são fodas

Pesq: então você acha que... vo::: como você não conseguiu respostas para essas

inquietações eh:: linguísticas né? Eh:: e que os estudos não dão conta do que você se inquieta... com eh:: eh:: ai você vai lá e aprende as línguas porque você acha que vai desvendaresse mistérios de você para você mesmo?

Bruno: CLA-RO QUE NÃO:: DE JEITO NUNHUM (essas línguas)

Pesq: e o que você?...

Bruno: (não) eu estudo línguas porque eu ACHO bonito eu ACHO gostoso eu

Pesq: sim...

Bruno: ACHO um mistério

Pesq: ai::: se você

Bruno: eu QUERO ter um código de fala de pensamentos de ideias... mas dizer que eu um dia aprendendo uma outra língua () eu vou des-ven-dar

Pesq: mas se você?

Bruno: jamais

Pesq: saísse do seu posicionamento como estu/ estudante como AUTODIDATA e e:: caracterizando também como poliglota porque você estuda várias línguas -- inclusive você trabalha com paradigmas linguísticas se você pudesse se auto como auto-observador... como você justifica essa? ((incomodo na garganta)) essa... você acha? essa paixão em estudar essas línguas? e você não ver prioridade em relação? se você pudesse categorizar... colocar por ordem de prioridade... essas línguas que você estuda? elencando mentalmente... eh:: como você colocaria essa ordem? a número um qual seria? a número dois? número três?

Bruno: não::: tem propriamente... (isso)... é porque na minha cabeça quando eu vou (estudar) uma língua é porque eu gosto dela e pronto... então digamos o inglês foi quando eu era (gu ri)...com... eu não era nem adolescente... ai foi meu primeiro contato é desde (que me ensinaram) (

) inglês.. () porra agora eu vou **poder**... decodificar minhas ideias () inglês () (ouvir) rádio
Pesq: certo

Bruno: foi isso que eu...

Pesq: isso ai você até já falou né? e eu já transcrevi... agora... ((barulho)) qual dia que você reserva? você reserva cada dia da semana? você reserva? para cada dia da semana você reserva o estudo de uma língua? né verdade? então isso quer dizer que se o dia... a semana tem sete dias você estuda sete línguas estrangeiras

Bruno: ()

Pesq: e a língua portuguesa... para a língua portuguesa foi reservada algum dia?

Bruno: (exato)

Pesq: qual dia?

Bruno: () eu já disse.. domingo...

Pesq: mas por que o domingo?

Bruno: porque é o primeiro ... ((risos)) porque é o primeiro dia da semana... olha ... ((tosse))... nada em mim é aquela coisa (rígida) e a minha de estudar uma língua... me envolver com a língua não é aquela coisa (convencional) e () ... e estar estudando uma língua porque tá vendoele com um caderno um livro daquela língua... não ... eu posso passar o dia todinho sem abrir o livro o caderno () e estar estudando aquela língua efetivamente (me expondo) aquela língua porque para mim o que importa é:: primeiro contato com aquela língua é aqui... mental... então cada () hoje () domingo... é amanhã... o domingo eu

fico é:: português sim...então eu vou ficar(somente) mais

Pesq: mas...

Bruno: com ideias em português

Pesq: certo...

Bruno: () ou não

Pesq: mas também tem uma coisa não é? domingo é dia também de você ir procurar um lazer lá fora... e se no domingo não de tempo você se voltar para a língua portuguesa?

Bruno: olha... (outra vez)

Pesq: você compensa de alguma forma?

Bruno: veja... (o:: o:: eu) me EXPOR a uma língua não é convencional... por exemplo... então pulando para segunda-feira -- (que chamo) não só de segunda não so de segunda-feira -- ...

Pesq: se não desse tempo você estudar só no domingo em **português**... você pularia para segunda-feira?

Bruno: já... mas oh: veja bem como funciona minha cabeça... (lunes)... (lunes) eu já vi do ()

-- não esqueci -- (lunes) quer dizer segunda-feira em espanhol... então... praticamente tudo queeu tiver... assim... quando estou só... (hablando) () pensando (falando em espanhol) - - estou falando besteira - - então tudo que eu disser... tudo que eu (fizer) () eu vou me voltar mais para

o espanhol que para outras línguas... isso não tem aquela rigidez () porque é segunda-feira eu tenho que ficar somente martelando espanhol espanhol espanhol espanhol... não é só eu não para eu não me... eu não me... me afastar do meu () e estar sempre em contato com a língua com a língua que eu quero... então na segunda-feira (lunes)... ((falando francês))... então... (então eu me volto mais pra francês)... isso não quer dizer que eu não possa em uma... terça- feira (com c) eu estudar alguma coisa ou até pensar em espanhol... POSSO... não há problema...mas pelo menos um ponto de:: ... de apoio... segunda... domingo é português... espanhol na segunda... francês na terça... quarta o que eu puder estudar de italiano... inglês é na quinta- feira... INGLÊS muitas vezes (incluo em tudo porque) normalmente inglês é enxadinho e pode entrar em qualquer dia... (qualquer coisa ah::: a não ser) () ah::: derrepente eu ah:: (vem cá) () mesmo no domingo eu ()...

Pesq: então você acaba mesmo tendo um cronograma para cada dia da semana...

Bruno: () (fazendo minha) ...

AUDIO 3 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: então mesmo tendo um cronograma para cada dia da semana você percebe que você usou expressão o “inglês é enxi/ enxerido”

Bruno: é porque ()...

Pesq: mesmo você tendo essa estratégia de dedicar cada dia da semana a uma língua mas você se TRAI entre aspas com... o:: a: o inglês o intrusozinho o enxeridozinho que entra no contexto mesmo sem ser o dia da língua

Bruno: com certeza

Pesq: então... você acab/acabou de fazer uma ... de responder uma pergunta que eu fiz... ela é a sua língua prioritária

Bruno: é porque ela... ela passou... passou não... está passando mais tempo aqui nos meus neurônios né? ()...

Pesq: ela começou na adolescência

Bruno: na adolescência não... mas ce/cedo ainda eu...

Pesq: você acha (era) porque foi a pri/ a língua que a escola te... te lev/ te trouxe... te ...

Bruno: NÃO porque doze treze anos ()

Pesq: que mediou sua adolescência

Bruno: () (não posso tomando gosto)... eu comecei com o **francês**... mas quando olhei... eita/porra agora vou estudar o inglês

Pesq: eita... então **francês** veio primeiro... mesmo assim sua paixão foi pela língua inglesa

Bruno: exato... exato

Pesq: mas

Bruno: entretanto agora eu mudei... mudei que dizer (entre aspas) eu posso te inglês inglês inglês mas eu posso ter () muito muito e muito ()...

Pesq: mas você acha que? a própria CULTURA que você éh:: eh::... digamos assim... seduzido... pela cultura da língua inglesa? Porque você teve acesso a língua inglesa... primeira língua francesa e depois a língua inglesa... mesmo assim você foi seduzido pela língua inglesa
Bruno: (claro)

Pesq: ai você acha que a própria cultura da língua que te... atrai? que te...

Bruno: () (atrai de mais) FILMES... MÚSICAS...

Pesq: não tem... não tem como você saber porque isso?

Bruno: () nós somos... uma... uma extensão dos Estados Unidos... toda cultura americana vempra/ cá

Pesq: então a justificativa é POLITICA? HEGEMÔNICA?

Bruno: (não sei)

Pesq: é isso ai é porque isso é hegemônica né?

Bruno: () nós temos uma cultura... Nós brasileiros sabemos ser americanos... porque a nossa cultura não é oriental... digamos...

Pesq: sim mas você...

Bruno: a gente fala uma coisa ()

Pesq: você... mesmo estando neste contexto... mesmo estando neste contexto DO NÓS... mas o aprendiz da língua... ele tem suas prioridades... dele para ele mesmo... mesmo que a sociedade imponha... mas você diz não... quem manda em mim sou eu... então eu vou estudar o que eu quero sociedade...

Bruno: (exato)

Pesq: não é o que vocês me impõe não

Bruno: ()

Pesq: então a gente pode dizer que é por conta de você para você

Bruno: por eu gostar e por SORTE minha que é uh:: é uma coisa majoritária em nosso país... você tem que estudar inglês... ninguém é praticamente... ah: língua francesa está sendo banida de sala de aula... espanhol está entrando ao poucos mas não tem tanta repercussão como o inglês... eu gosto de espanhol... eu gosto do **francês**... mas... ninguém ver assim oh: aquele ensino majoritário de espanhol e **francês**... NÃO... é mas inglês inglês inglês... inglês e inglês... e eu acho isso lamentável... porque (tanto) o professor de espanhol como e de **francês** tem que ser respeitado PÔ... eles também falam e ensinam uma língua também...

de maior importância...ambas... ambas () são línguas importantes para nós

Pesq: ()

AUDIO 4 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: depois da língua... vista como um intruso...né? que você disse que ela entra de fininho na sua vida mesmo não sendo o dia dela.

Bruno: ()

Pesq: é eu sei... eu entendi... eu:: eu:: eh:: depois dela...qual é a língua? se eu tirasse a língua inglesa... que língua você acha que entraria de fininho na sua vida?

Bruno: é:: é difícil porque como se fosse... eu não preciso de... me enveredar por língua nenhuma... eu vou porque quero... eu GOSTO... então quando eu vou eu não vejo nenhuma uma coisa como uma obrigação... claro... gosto... de... eu sinto prazer no (termo) de cada vez mais o espanhol... o **francês**... o alemão e o holandês mas eu do mas ênfase ultimamente ao **francês**... estou dando mais ênfase ao **francês** e ao holandês... (o holandês) não sei... talvez pelo fato de ser mais distante e a única que é... uma língua... muito... (como posso dizer)... muito... desprezada... quem que quer aprender uma língua dessa?

Pesq: a holandês...

Bruno: ()

Pesq: holandês...

Bruno: ()

Pesq: agora...

Bruno: ()

Pesq: eu vejo que:: embora você diga que depois da língua portuguesa é o:: é o... **francês**... depois da língua inglesa é o **francês** em termo de língua estrangeira... mas eu vejo que você tem uma paixão pela:::... pelo holandês? O holandês não vem antes do **francês** não?

Bruno: (em que termo)?

Pesq: em termo de prioridade... tirando a língua inglesa você apontou a língua francesa... mas:::... não seria a língua holandesa não?... porque você é apaixonado pela cultura holandesa...é?... pelo país:::

Bruno: tudo que tem a ver com os países baixos me interessa... então o holandês (a língua de)() importância um dia vou ter... eu baixo sempre vídeos e ... ensinando o holandês e um dia eu QUERO... quero chegar lá... mesmo sabendo que () do ponto de vista de país... todos os holandeses falam inglês... então... eu não precisaria de ir para Amsterdã para Angola () se não...ninguém vai falar comigo... claro... porque eu vou falar inglês... mas eu quero aprender aquela língua daqueles caras... (quero me...) por quê? porque aquela... lin/... eu me identifico com aquela língua... aquela pronuncia... aquela ()... eu gosto... por quê? porque eu não sei... eu gosto... não somente a cultura ()... porque a cultura holandesa... que dizer alguma falando comigo... um holandês falando comigo em INGLÊS... mas eu não queria isso... eu queria em falasse em holandês... eu quero... adquirir feito (baixo) um professora... uma professora holandesa... ela fala INGLÊS:::... ela fala inglês para dá uma:: uma:: explicando mas de repente ela fala somente em holandês... com que.. com... legendas em inglês... ai é bom demais...

Bruno: ai eu... porra meu::: estou aprendendo esse cacete e um dia chego lá

Pesq: certo ()

AUDIO 5 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: tem coisas que você... corre mesmo para escrever pra/ não perder?... então é aquele desespero quando você acorda você eita... corri corri eu tenho que escrever pra eu não perder...é:::: assim?

Bruno: é... mas ai são umas ideias () ...

Pesq: é:::: o que seria: perder?

Bruno: não () ...

Pesq: você tem o medo de correr o risco de não pensar mais aquilo?

Bruno: não... porque de repente são coisas assim como de fragmentos de ideias que... aleatórias... () eu to/ assim sem fazer nada e de repente () aquele FLECHE...

Pesq: o que tem nestas ideias que você acha tão fascinante que tem que escrever?

Bruno: é qualquer coisa.... pode ser qualquer coisa... inclusive eu tenho que anotar uma coisa...porque eu ta/... eu não lembro... que eu esta/ tava sonhando que estava falando com alguém e eu estava falando de (deutsch)... (deutsch) quer dizer é alemão... ele dizia (apontava) ((frase em alemão))

Pesq: o que quer dizer isso em português?

Bruno: esta... este é o meu relógio... ((frase em alemão)) uma () bem idiota né? ((frase em alemão))

Pesq: como é que se escreve?**Bruno:** DAS... d

- a - s... das **Pesq:** e a segunda?

Bruno: eita porra... das ist... i – s – t ... dai ist... meine... m – e – i – n – e... das ist meine...uhr ... com letra maiúscula o u:: u:: maiúsculo...(r) aliás o u - h – r... das ist meine uhr... este é meu relógio... eh::::... besteira... não sei porque eu... eu sonhei uma porcaria dessa... mas eu anotei eu acho que ei estava tentando ensinar ou mostrar a alguém (das ist meine uhr) ok... () qualquer babaquinha sabe em (Deutsch)... mas não porque me... o que me motivou a sonhar uma besteiradesta

Pesq: uh::::::::::: o seu:::: a SUA necessidade de ESCREVER pra não perder... porque todo mundo... lembra de alguma coisa e esquece... por exemplo as vezes a gente diz... eu pensei ontem... vou tirar duas garrafinhas de água de Paulo da geladeira... um exemplo simples... e de repente eu esqueci de tirar duas garrafinhas... quando era a hora dele sair ai eu... EITA as duas garrafinhas... porque eu sempre boto duas garrafinhas na bolsa para ele Água... por ter o cuidado... porque eu sei que se for pra ele comprar ele não quer comprar... ai eu percebi nesse momento que a minha men/memória me traiu... eu pensei em um ato de ir lá e pegar as duas garrafinhas não executei a ação na hora e perdi... entendeu? então todo mundo... o que eu querodizer é... o meu preâmbulo é... todo mundo eh::::: lembra de coisas e esqueci... é o risco que qualquer ser humano corre de lembrar e esquecer... lembrar e esquecer... e por que só... digamos assim... você é diferente... o que você acha que justifica essa sua atitude de agir diferente dos outros seres humanos? E de ter lá/... ir lá e escrever para não perder... assim como se você estivesse um terceiro anglo... que não é o meu nem é o seu... nesse dialogo agora neste momento... mas é um anglo que você está em uma posição de auto-observador... não... de observador de você mesmo... né? eh::::: em um anglo

que não é o seu... o que é que você acha que acontece com você que tem que ser diferente das outras pessoas que é lembrar e perder... lembrar e perder... ter só aqueles lapsos de memórias... por que você tem que registrar? o que você diz sobre disso?

Bruno: todos nós passamos por isso... só que eu tenho consciência que eu passo por isso também... de repente eu aproveito o ensejo que OPA... eu me lembrei... me lembrei... não é lembrar as vezes é atinar... rapaz porque nunca vi isso por esse anglo? () ((bate no caderno ou algo parecido)) ... porque possa ser que eu esqueça ()...

Pesq: então você alcançou um ângulo... que você mesmo admira esse ângulo... esse ponto de vista de você para você aí você tem que correr e escrever... eu já lhe assim as primeiras horas da manhã você desesperado correndo e correndo porque tem que escrever aquilo que você pensou

Bruno: agora eu posso...

Pesq: isso lhe inquieta?

Bruno: codificar em... a língua que eu quiser... quer dizer com minhas limitações

Pesq: então vem a lembrança...

Bruno: português

Pesq: mas vem aí o código linguístico que você diz qual vai ser

Bruno: alemão ()... aí eu escolho

Pesq: qual é o seu critério?

Bruno: nenhum... (as vezes) o que vir na frente eu... (como se fosse... como que línguas fossem seres... é entidades... hu::: () aquela...) agora vou escrever inglês ... não não não não ... ()... den/dentro das minhas dificuldades... porque claro... não vou dizer que tenho condições de falar... digamos holandês e () inglês isso é impossível

Pesq: e quando você não sabe? Você consulta o google tradutor...?

Bruno: nunca () nunca... para mim... a língua estrangeira não é propriamente uma língua estrangeira... mas uma língua minha... nacional... é como se fosse uma criança aprendendo uma língua sua... é preferível que não se tenha nada em mente... apenas a **língua de adoção**... devendo-se agir como se a língua estrangeira fosse a sua língua materna

Pesq: e qual o seu critério para você aprender essas línguas se você não vai ao google tradutor colocar aquilo que você queria dizer e não sabe dizer?

Bruno: não

Pesq: e não sabe dizer?

Bruno: eu posso muito

bem... **Pesq:** como você age?

Bruno: procurar no dicionário... mas eu não gosto de ficar... escravo do google tradutor... eu gosto de ficar com meu (livro)... por exemplo eu sei que pode a/até demorar um pouco... por exemplo... outra vez eu diria... eu não gosto de me atrever a falar em espanhol por exemplo de::um/uma palavra que eu nunca ouvi falar mesmo que ela possa ser até uma cognata mas eu não uso... não uso... agora depois de eu me expor ao meu auto espanhol e eu... ah:: eu ouvi um caradizendo tal coisa aí agora eu uso porque eu tenho um ponto de partida uma coisa cer-ta... por exemplo () pronTO preparado... que em português é () preparado lisito l – i – s – t – o eu posso dizer ((yo estoy lisito ahora)) eu estou preparado agora... então eu diria (yo estoy preparado ahora?) antes de eu ouvir no: idioma espanhol... alguém falar preparado que eu pensava que era() licito AI agora eu posso dizer... então eu

(tenho já o que?) um lícito e preparado... então... eusó digo alguma coisa em uma língua estrangeira qualquer que seja depois de ter a certeza que eu já vi vi por escrito ou ouvi alguém falou ai eu confio

Pesq: então você nunca vai ao dicionário

Bruno: VOU vou

Pesq: procurar aquilo que você quer?

Bruno: eu procuro também... mas não naquela coisa de ()

Pesq: você não tem essa essa necessidade como os outros aprendizes tem

Bruno: não::: não é um necessidade

Pesq: mas por quê? porque você não quer ser igual aos outros aprendizes? você quer ser diferente?

Bruno: não::: é porque eu... eu não tenho estresse para aprender uma língua AH::: eu tenho que falar eu tenho que falar... NÃO... eu vou no meu ritmo... e vou

Pesq: então se você fosse ao **dicionário** para você você estaria com PRESSA

Pesq: e você não gosta e pressa você quer como se tivesse degustando o alimento que você gosta dele você que paulatinamente sem a pressa de... ir ao: dicionário como os outros aprendizes

Bruno: mas é claro que se por ventura eu to/ com um texto em (deustch) em (deustch)) é em alemão eu tenho uma palavrinha eu tento entender pelo contexto ah:: Não... eu posso ir ao dicionário naquele momento porque estou precisando saber exatamente que diabo é aquilo dalió que aquilo quer dizer... AS VEZES ela fica tão transparente que eu digo não não vou nem a dicionário () (aquilo é aquilo) da para entender muito bem... então hello

Pesq: Certo

AUDIO 6 – TRANSCRIÇÃO

Bruno: não me exponho ao erra de maneira besta e imbecil

Pesq: você não tem medo de errar

Bruno: não... não tenho

Pesq: quando está ()...

Bruno: mas também não me exponho... eu não vou dizer uma coisa de qualquer forma - - eu não vou citar nome de ninguém - - mas eu vou falar de qualquer jeito de...

Pesq: eu só não entendi

Bruno: eu não quero isso

Pesq: como você aprende uma palavra nova um vocabulário novo?

Bruno: mas eu me exponho você sabe muito bem que tem (input output) visual

*input***Pesq:** Sim... mas como você aumenta sua vocabulário se você não (usa) o dicionário?**Bruno:** sim... igualzinho o (*input*)

Pesq: mas de onde são provenientes esses esses... (inputs)

Bruno: (pacas) ((som de estalos na boca))

Pesq: ah::: você vai para o áudio das

línguas...**Bruno:** o áudio ()

Pesq: ah::: então a pessoa a sua prioridade no aprendizado da língua de uma língua estrangeira é o áudio em si?

Bruno: não... não só prioridade... eu diria é o input e output... diariamente eu quero (estudar) **Pesq:** mas você ainda não respondeu minha pergunta... o que eu quero saber... como você aprende as línguas estrangeiras? se... você falou em áudio da língua... certo... mas nesse áudio em si pode vir uma palavra e outra que você não sabe nem o que é como você vai ()...?

Bruno: eu vou entender pelo contexto ou não vou entender de jeito nenhum

Pesq: e nunca vai saber o que significa aquela palavra

Bruno: não... porque um áudio... um ÁUDIO... veja bem... por isso () a pessoa tem que ter uma coisa chamada paciência... vai lá para o nível de criança.. hu:: ... uma criança... vamos pensar em uma coisa lá de fora um...

Pesq: pode continuar vou pegar ((pegar água))

Bruno: ()

Pesq: vá dizendo que tá gravando vou pegar água

Bruno: ()

Pesq: uma criança...

ÁUDIO 7 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: uma criança...

Bruno: uma criança... é o maior... o melhor modelo para você aprender um idioma porque é um verdadeiro guru... para mostrar como realmente efetivamente você aprende uma língua tiroo chapéu para qualquer criança do planeta... não importa o grau de dificuldade que uma línguanativa tenha é... em relação ao que se falou antes... alguém vai aprender inglês alemão ou:: holandês ou PORTUGUÊS n línguas... mas o ah::: mas ele é tão pequenininho como que ele vai aprender português ELE APRENDE o espanhol ELE APRENDE e o::: grego () também ele desenvolve escola (incrível) de aprender e ele sabe muito bem que ele não tem condições imerso no mundo linguístico... vamos dizer pensando assim... uma criança americana ouvindo todo mundo falando em ((falando frases em inglês)) e uma criança está entendendo tudinho porque ele é (um poliglota?) Não... mas aos pouco a mãe A GRAnde que vem para ensinar a língua maternal... ok...vou pegar essa língua e transformá-la em uma forma como se fosse... pronto agora como se fosse assim... agora os animais () mental que um pássaro dando comida ao seu filhote na boquinha na/no biquinho... então a: mãe começa a transformar aquela coisa em uma coisa mais simples do ponto de vista (do aprendizado) ((som de telefone)) de uma criança e ela aprende e ela vai descobrindo

Pesq: mas simples...

Bruno: e ela vai criando...

Pesq: mas simples em que sentido?

Bruno: mas simples quer dizer (zoada) eh::::

Pesq: ela faz alguma modificação? (sobreposição de falas

Bruno: (sendo objetiva) ... ((sobreposição de falas))

Pesq: que tipo de modificação para torna a língua mais simples?... ((sobreposição de

falas)) **Bruno:** não ai (ai isso não vale) ((sobreposição de falas)) eu não posso dizer que eu não sou ...**Pesq:** a partir das suas experiências mesmo

Bruno: () ((sobreposição de falar))

Pesq: deve ter...

Bruno: que a criança ...

Pesq: a partir da parte empírica disso que você está dizendo

Bruno: que ela vai aprendendo não importa onde essa língua seja... então ela vai começado a BALbuciar algumas coisas e repetindo exatamente o que a mãe diz e a mãe diz não meu filho é assim TA... e sempre tentando aqui e acolá e quando de repente quando você menos se esperaa criança já consegue criar (laços)

Pesq: então a mãe é importante

Bruno: de () importância ... de () importância... mãe é... é o maior professora do mundo

Pesq: você lembra dessa sua experiência com sua mãe

Bruno: não... não... eu estou me referindo a linguagem principalmente do ponto de vista ORAL

Pesq: mas você se lembra de alguma experiência como essa com sua mãe?

Bruno: não... não porque negocio de um ou dois anos eu não vou me lembrar naturalmente queque parte () se é possível, mas posso () partir de outros seres com essa idade como a coisa começa e a mãe está neste jogo... aliás todas as pessoas... a mãe que a gente chama porque a mãe é a que mais se aproxima do filho... mas todas crianças () todas as pessoas se aproxima deuma criança é o seu professor (claro) todo mundo todos seres humanos se aproxima depositandoconhecimentos a criança...

AUDIO 8 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: sei.... poderia prosseguir... por favor?

Bruno: uma criança é a forma mais... mais e: interessante de aprender uma língua porque você... que dizer... se reveste com aquelas ideias as estratégias que a criança nem sabe que temmas tem... ai digamos uma criança se sente perdida porque não entendeu o que o adulto... não...claro que não... se não sabe ele diz de qualquer jeito falando besteira como e:: () um exemplo...por exemplo diz assim... EU SABO EU SABO eu não SABo eu não sabo... sabo? Sabo não existe mas demonstrando (estalos na boca) que ele já conseguiu aprender alguma coisa da gramática... eu sabo... eh::: vamos dizer assim... vamos (pensar) eu CANTO olha ai... ele já aprendeu... eu canto tu cantas... eu sabo tu sabes...ah::: cantar eu... a:::.. vamos pensar em algoque tenha e r saber fazer... ah: não ai já vai para outro lado das palavras irregulares não... isso não ajudaria... mas de repente ele ele também aprende o saber ele vai dizer sabo mas fazer ele não diz outra coisa... ele vai dizer o certo faço fa/faço... ou seja essa mágica que a criança tem de...a: errar e acertar... erro e acerto isso não lhe causa nenhum ((som de telefone)) () um adultoquando quer apender um língua ele quer... ele sente... horrorizado com os erros que ele comente... agora é com os erros que ele pode aprender... AGORA não se detenha nos erros... nunca dica assim... ah::: não diga... vamos dizer assim ((frase em inglês)) diga ((frase em inglês)) ou seja... eu aprendi lá atrás que... você aprenda o certo não... enfatize o errado

Pesq: você repete o certo não diz o errado?

Bruno: exato

Pesq: porque vai confundir a cabeça do aprendiz?

Bruno: () não diga isso ... diga aquilo ()... não ... nem articule... o nome é esse... repita comigoah:: mas eu ouvi eu vi... não... o nome é este uma crian/ um adulto jamais deveria repetir... não...aliás usar o termo errado para uma criança porque ele pode justamente absorver o que você nãoquer que é o errado... porque ele OUVIU... ai de repente vai ficar naquele de é é::: é a ou bmas se ele so ouviu o a que é o certo como que ele vai se voltar para o b se ele nunca ouviu...ai é que está... então uma construção a partir da língua correta... não a criança falou uma besteira() não não diga assim não... não não diga isso não diga esse daqui... não repita o erro da criança

ÁUDIO 09 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: então quer dizer que a língua do dia hoje é alemão... hoje é sábado eh:: 13 de maio

Bruno: não... não eu errei... Deutsch... Deutsch não é:: na no sábado não é no no dom/... no:: ... Deutsch Deutsch que dizer alemão é no:: na ((palavra em inglês)) que dizer sexta-feira... hojeé ((palavra em outra língua)) quer dizer... é o::... sábado é holandês então se eu tiver que escreveralguma coisa agora teria

Pesq: então hoje é dia de holandês

Bruno: holandês

Pesq: mas você já escreveu alguma coisa em inglês hoje?

Bruno: ah:: normalmente eu escrevo... não sei onde... às vezes eu posso escrever até em um papelzinho e tal.

Pesq: mas você mudou seu critério de escrita depois que voltou da Europa?... mudou alguma coisa?

Bruno: não:::.....()

Pesq: mudou alguma coisa?

Bruno: não... porque oh:::....

Pesq: e o que você escreveu na Europa?

Bruno: cada vez que escrevo mais... mais eu aprendo e eu vou ficar mais () que as vezes eu vejo que... as vezes eu vejo que eu consigo escrever mais coisas em holandês do que em inglês até absurdo porque eu deveria saber melhor alemão que holandês

Pesq: e o que você escreveu na Europa? Cadê a foto?

Bruno: não eu não escrevi... eu não podia escrever porque não tinha parede... como que eu iria escrever?

Pesq: há::: você não escreveu na Europa porque não tinha parede?

Bruno: () parede... eu ia escrever onde? no papel não... parede não

Pesq: sim... mas por que não escreveu em um caderno? num levou um caderno e escreveu em um caderno?

Bruno: é porque tem um detalhe... eu saia... eu e (Nikolas) saia diariamente... a gente... eu não poderia ficar em casa escrevendo nada não...aqui não... tem essa regalia de ca (paradinho) então eu escrevo ou aqui ou nas paredes

Pesq: mas no hospital tu escrevia né?

Bruno: ah::: porque eu não tinha o que fazer... mas na Europa eu tinha que andar eu iria

ficar preso dentro de casa? Deus me livre

Pesq: ah:: era por causa disso que tu não escrevia? Porque tinha que andar

Bruno: () interagir... ver

Pesq: e conversar? Tu conversasses muito com nativos lá?

Bruno: não... não porque a turminha era muito fresca

Pesq: ai por causa disso tu não conversou. porque era tudo fresca? ()

Bruno: não. ah::

Pesq: e as línguas todinha que tu:: aprendesse aqui?

Bruno: não... () falar () INGLÊS INGLÊS INGLÊS porque por exemplo

Pesq: por que escolheu inglês? por que escolheu inglês?

Bruno: porque a turminha não gosta de outra língua não... por exemplo na França... a turminha ou francês ou FRANCÊS... ou francês ou francês... eles não gostam de falar inglês não... Nikolastentava falar com eles em inglês eles ah:::: ah:::: ah:::: francês francês e uma maior merda

Pesq: e esses outros países? por exemplo... Alemanha... tu gosta tanto de Alemanha... holandês... tu gosta tanto de holandês... por que tu não falasse essas línguas lá?

Bruno: é a turminha... olha so um Felipe pode entender melhor... eu vou dizer por que... em quanto a gente não viaja a gente não sabe como são esses bos/ bostinhas ... ai quando eu comecei... olha Felipe quando eu voltei para o meu país eu voltei com aquele amor desenfreado pelo meu país... porque aqui que é um país da PORRA... nós somos incríveis

Pesq: mudou a tua concepção de ...

Bruno: CLARO e muito... eu não vou dizer que a Holanda ah:: Holanda... que dizer Amsterdã é uma coisa linda e eu continuo dizendo que é uma coisa BELA... mas vou dizer que o povo holandês é feito o povo brasileiro

Pesq: mas mudou em qual sentido? de estudar línguas?

Bruno: não ah::::...

Pesq: tu ainda queres?

Bruno: CLARO::: de repente os franceses por que a:: são uns bostinhas tudo prepotentes... maseu quero aprender a língua deles... eles são uns bostas mas que quero aprender a língua deles que eu acho muito divina muito bonita

Pesq: então foi uma espécie de decepção, né?

Bruno: () não do ponto de vista linguístico e eu fazer ah:: eu fazer com que... ah: esse povo é muito bando de nojentos e não querer mais aprender a língua dele não... vou fazer isso não... eu vou continuar estudando as línguas que eu estudava e vou continuar estudando mais... nenhuma:: (nenhum desconto) em alemão francês ou inglês. inglês até que não

ah::: por que

a gente não foi para nenhum país de língua inglesa não. a gente vai AGORA para os Estados Unidos... Nikolas e o aquele lá o menininho chamado Fábio () a gente pode ficar trinta... não... três meses ou até seis meses () já pensou ficar seis meses nos Estados Unidos falando só o inglês americano que é lindo lindo demais

Pesq: e a voz (inglês) voz da América oh::: oh::: digamos assim a ondas curtas que tu escutavas? Tu continuas escutando depois que voltasse ou diminuiu?

Bruno: não porque praticamente não existe... mas tem muitas coisas que lembram os ondas curtas é o podcast tem o (fact news) a voz da América um dos programas ((fala em inglês)) um inglês bem vagaroso. aliás aquele inglês de trinta ou quarenta anos atrás que eu aprendi e eu fui para Católica ser professor de inglês baseado na voz da América

Pesq: tu fostes pra Católica ser professor de inglês?

Bruno: para ser professor de inglês e fazer essa xi::: ::: ... eu fui lá estudar letras e depois de terminar letras em 1982

Pesq: ata... porque do jeito que você falou dá a impressão

Bruno: sai pulei de lá e vi para o colégio e::: ::: varias escolinhas e de repente para o Santa Luzia... pronto ei () assim... eu fui lá para estudar e ser professor de inglês e consegui ser professor de inglês a partir da Católica claro... mas quem mim impulsionou foi justamente a voz da América porque meus primeiros professores foram todos das ondas curtas... eu... muitagente não acredita nisso não mas para mim tanto faz... eu aprendi com ondas curtas como eu ainda não sei

Pesq: você mudou a forma de estudar línguas depois que voltou da Europa? você a adotou outra estratégia?

Bruno: não

Pesq: por que dá a impressão que sim porque antes você dizia que cada e: seguia tinha que tododia escrever parece que você não é tão escrevente como antes

Bruno: mas () eu mim exponho eu mim exponho... e alias eu to limpando minhas... min/ mi/ minhas... como é que eu digo? Minhas e::: ::: paredes mas porque estou desistindo um ovo... é porque eu quero colocar artigos novos coisas com letras menores para caber mais coisas

Pesq: venceu a validade

Bruno: é::: é não é que tenha vencido... mas é porque são coisas... às vezes eu boto alguma avisono inglês alemão ou holandês

Pesq: mas antes... mas

Bruno: e de repente eu não quero mais isso e vou escrevo outra coisa... uma coisa mas digamos assim (premente) uma coisa que eu esteja precisando mais... então... olha minhas paredes são... me/ meus amigos... é isso mesmo porque de repente... eita o remédio ((vocalização como se estivesse escrevendo)) ah: vou fazer isso vou lavar o chão ((vocalização como se estivesse escrevendo)) qualquer coisa aparece nas paredes qualquer coisa

Pesq: mas por quê? tem medo de esquecer?

Bruno: POSSO esquecer e eu não estou afim ou então eu estou assim ai de repente

Pesq: tem medo do esquecimento?

Bruno: não... não é que eu tenha problema de... não não tenho não... mas de repente eu digo assim... eita ideia do caralho... de repente você está assim ai parece aquele vislumbre... por queeu nunca pensei nisso? ((vocalização como se estivesse escrevendo)) na língua que eu pensei e joga la eu quero ver esquecer mais

Pesq: entendi

Bruno: eu faço... eu faço isso e isso é o que tem mim ajudado a estar sempre ah:: eu sei o queé ah:: é o que? pronto aqui por exemplo ah o (impresso) isso aqui os documentos estão tudo ali... ou seja eu sei onde as coisas que tenho estão... pronto aqui por exemplo ah o (impresso) isso aqui os documentos estão tudo ali... ou seja eu sei onde as coisas que tenho estão

Pesq: ai você prefere co/ prefere colar esses saquinhos com as coisas na parede...

Bruno: claro

Pesq: a ter uma pasta guardada?

Bruno: não () aqui eu estou visualizando aqui oh:: aqui por exemplo

Pesq: você precisa visualizar esses saquinhos com documentos nas

paredes**Bruno:** eu gosto... CLARO... claro aqui...aqui o documento

que usei na ()

Pesq: então... você... você adota o habito de colar os saquinhos nas paredes com os documentosao invés de guardar em uma pasta separada

Bruno: porque é melhor

Pesq: por que acha que colado na parede está mais seguro é isso?

Bruno: muito seguro que eu visualizo eu não esqueço onde está não... esta ali

Pesq: você tem medo de esquecimento?

Bruno: não é questão de esquecimento é que eu... eu quero... não gosto de estar perdendo tempo procurando nada... é onde está? ali... aqui ali as cartas de mamãe estão todas elas ali tudo cartade mamãe

Pesq: mas você confia na sua memória?

Bruno: CONfio...claro... eu gosto da minha memoria porque eu trabalho minha memória... posso dizer diariamente diariamente

Pesq: então para você essa é sua forma de trabalhar a sua memória?

Bruno: também é:: é um aditivo... tudo que eu faço tem uma razão de ser para minha ((som daboca)) meu cérebro eu quero ter um cérebro sempre nota dez trabalhar sempre fazer com que os meus neurônios sempre estejam trabalhando bem lubrificado... até Nikolas chegou para mim disse é muito... seria muito improvável eu ficar com alzaimer e eu acho que sim sabe por quê?porque toda hora eu estou treinando ao ()

Pesq: mas... mas o seu treinamento não poderia ser na sua língua materna?

Bruno: poderia

Pesq: por que o treinamento nas línguas estrangeiras?

Bruno: não... mas porque se eu gosto de outras línguas eu quero fazer com português espanholfrancês inglês alemão e holandês inclusive em quando falo... eu falo da sequencia na latinas e nas germânicas... português que é minha língua mater é português espanhol francês inglês e holandês

Pesq: é porque esse trabalho todo poderia ser somente na sua língua materna

Bruno: poderia mas como eu sou apaixonado por outra línguas então

Pesq: e por que você acha que tem essa paixão por essas línguas?

Bruno: ah não isso ai é negócio de quando eu era pequeno negócio de dez onze anos sempre quis sempre gosto de mistério ah:: isso ai é ()

Pesq: línguas para você é mistério?

Bruno: pra mim sempre foi e nunca deixara de ser

Pesq: mistério

Bruno: sim CLARO se alguém disse que língua não é então... mas eu sei que é... uma coisa mais absurda do mundo é línguas e eu adoro línguas

Pesq: absurda por quê?

Bruno: porque nos torna praticamente seres humanos () as pessoas pensam o que como é o balbuciar o som que nos leva a uma::: ideia a um armazém// armazenamento alguma coisa soltar alguma coisa na parede e você depois começar a recompor um novo mundo a partir daquilo ali que você viu (quem bixiga ler isso aqui?) muito muita absurda primeiro porque você diz... eu sempre fiz essa pergunta e sei que nunca vou responder... como surgiram as línguas? nada da linguística mim ajudou em nada

ÁUDIO 10 – TRANSCRIÇÃO

Pesq: por que nada da linguística não lhe ajudou em nada?

Bruno: porque a linguística tenta dizer as coisas de maneira bem clara e objetiva e lalalalala::: as línguas surgiram desse com balbúrcios e gritos isso e aquilo e eu acho uma coisa muito absurda... como é que pode uma coisa um camarada lá no passado comeram a criar a trabalhar com línguas tão extremamente COMPLEXAS e eles não tinham nenhum tipo de avanço técnico nada... e eles tinham línguas como para da o exemplo LATIM o sânscrito o aramaico o: língua da bíblia e como foi que essa turma inventou essas línguas? se é que inventaram... eu acho... eu fico assim boquiaberto... mas tudo bem... eu não vou eu não estudo línguas tentando ah::: descobrir e::: o mistério porque eu sei que nunca vou nunca vou descobrir... isso é IMPOSSÍVEL... mas simplesmente porque é uma coisa misteriosa e que nos une e eu gosto... principalmente porque eu gosto... aí vou longe

Pesq: então... já que você diz que língua é um mistério... seria uma necessidade de você escrever outras línguas como se tivesse entrando no/ no/ no mistério dessas outras línguas? saindo do mistério da sua língua materna.

Bruno: claro

Pesq: e entrando nos mistérios dessas outras línguas?

Bruno: claro

Pesq: você consegue fazer uma leitura sobre isso?

Bruno: decididamente quando a gente... isso aí é provado por várias outras pessoas que falam outras línguas... quando você fala uma outra língua na realidade você parece que

assume aquele negócio de catimbó não sei assume uma nova entidade

Pesq: entidade?

Bruno: ENTIDADE... não é aquela coisa de macabra não não tem nada a ver não... vamos dizereu falo português eu sou um ser... eu quando falo inglês eu sou eu tenho uma uma forma de encarar o mundo diferentemente... como? eu não sei explicar com palavras () ninguém sabe...mas... por exemplo... há coisas que a gente pode dizer em inglês... vou dá um exemplo (Just doit) essa frase tem uma ah::::: uma força incrível em inglês... mas se eu disser isso em português... eu nem digoo: porque eu sei que é uma porcaria mesmo ((Just do it))... apenas faça-o... grande merda ()

Pesq: você acha que não tem a mesma...

Bruno: NÃO::: nunca jamais

Pesq: força

Bruno: quando você diz em inglês.... oh:: oh:: quando você diz na língua original porque também há coisas que você diz em português e agora vou dizer em inglês e nun/ não é a mesmacoisa NÃO... não vai adquirir aquela fortaleza como eu diria em português... a língua é isso esse PODER incrível.

Pesq: você acha que falar essas outras línguas é se em-po-de-rar? é empoderamento para você?

Bruno: CLARO claro

Pesq: você se empodera quando você fala outras línguas?

Bruno: claro

Pesq: então o poder da sua língua materna não é o suficiente? você vai

Bruno: não é

Pesq: buscar poderes em outras línguas?

Bruno: não é uma coisa de ser suficiente ou não ser suficiente... não vejo por AI... eu vejo assim que... tudo bem... cada língua é autossuficiente (tudo) CADA LINGUA... entretanto se você é falante de uma língua e quer se apoderar de uma outra você terá mais duas formas de articular o mundo ou de entender o mundo porque há coisas... por exemplo uh:... um japonês por conta da língua dele que é o japonês ele consegue visualizar o mundo que a gente não consegue jamais porque há (nuances)na língua dele que so visto de japonês para japonês... eu não posso dizer porque eu não sei japonês mas eu sei que existe... ha

coisas também que existem... coisas que só o brasileiro vai entender né... O CARA é DA PESTE... como é isso em inglês? Hum hum hum sei não... ou seja aí você tem que se contentar é como se fosse... ou seja cada língua é um compartimento e ele é autossuficiente se você pula um uma língua... quer falar uma língua você vai falar com aquela... se empodera daquela língua daquelas ideias e depois...si::: agora eu vou encarar outra língua ((I am sorry)) aí vou logo... eu não sei porque eu disse ((I am sorry)) PORRA::: aí de repente... essas coisas que eu não entendo porque eu estava falando inglês/ em português de repente... (I am sorry) eu não gosto porque isso para mim é uma tentativa de de/mostrar o reinado de uma língua... não não pode cada língua é autossuficiente e não pode uma HUMILhar entre aspas uma a outra.

Pesq: mas dessas... todas essas línguas... qual é a sua prioridade? qual é a que mais lhe atrai? lhe apaixonou e lhe faz querer ir mais adiante?

Bruno: a língua inglesa é desde quando eu era pequeno como já disse

Pesq: então ela está mais enraizada em você?

Bruno: muito muito mais... o inglês é como se fosse uma língua:: nativa... depois vem o português e inglês e agora o coração bate muito forte pela língua holandesa... não tem ()

Pesq: tem a ver com a cultura e o país?

Bruno: aí você...

Pesq: ou é uma coisa de questão de articulação...

Bruno: é porque eu gosto

Pesq: dos fonemas?

Bruno: a articulação dos fonemas a::: o país como si... como antes mesmo de eu conhecer a Holanda e agora eu vi... eu já tinha sempre aquela::: aquela... aquela vontade de aprender a pronúncia a maneira de escrever que é muito próxima entre o alemão e o holandês... aliás errei...o holandês é muito perto do alemão de inglês... então muitas vezes eu digo uma frase em inglês depois vou para o holandês e vou para o: o alemão

Pesq: se você tivesse que escolher um desses países para morar... qual seria?

Bruno: ah eu acho que eu ficaria com Holanda... mas quando eu tiver um contato mais acentuado com inglês... aliás com o holandês... muito embora todos os holandeses falam inglês... então se eu fosse para a Holanda agora... MAS eu não tenho comando de falar holandês... isso não importa porque qualquer pessoa qualquer guabiru lá fala inglês... então qual o grau de dificuldade de eu MORAR na Holanda? ninguém fala português (cida/cidadãos) e se não falar em e se quiser falar em holandês eu não vou entender praticamente

nada... mas se falarem inglês e vão falar CLARO... ai estou em casa... é isso... língua é uma coisa simplesmente majestosa... eu no meu (ikigai) Nikolas sabe disso... a missão... eu fiz o que eu queria... ou seja ser professor... trinta e tantos anos lidando com alunos lhe dando com a língua a língua inglesa...e eu fiz exatamente o que eu sempre quis... por isso que de vez em quando que vou até ali... e sento.. com muito prazer... eu gosto de rever meus colegas porque eu sempre gostei de estar em sala de aula... nunca foi uma coisa... MEU DEUS que DESGRAÇA... eu estou aposentado e sempre gostei... de fazer o que eu sempre fiz **AQUI**.

ÁUDIO 11 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: veja... você disse que cada dia da semana tem uma língua diferente... então você teria que ter sete línguas para estudar... você estuda sete línguas?

Bruno: não propriamente... eu tenho uma que eu vou incluir... Nikolas também vai... mas eu não tenho comando nenhum de italiano... eu não falo italiano eu não falo italiano... eu não falo italiano mas eu quero e eu vou falar

Pesq.: quais as línguas que você estuda?

Bruno: olha já distribuído por dias... domingo português... segunda lunes... eu digo até lunes segunda-feira lunes espanhol...mardi terça-feira francês... a mercoledi nessa língua que ainda não sei é italiano... não a uso ai fico (entrando) com as outras língua que já sei... mas brevementequarta vai ter a língua italiana... quinta inglês como já disse (palavra em inglês) ... (palavra em alemão) é sexta-feira em alemão... eu prefiro dizer assim (palavra em alemão) porque é alemão... então sexta-feira é alemão e (palavra em holandês) é sábado em holandês... então a sequência é português espanhol francês ale/ italiANO é... inglês ale/ é inglês... alemão e holandês... a única que eu ainda NÃO tenho nenhum conhecimento é o italiano.

Pesq.: por que você escolheu o domingo para sua língua materna?

Bruno: não... não... sempre foi tudo assim ale/ aleatório... porque eu gosto primeiro assim... eu vejo a ordem que eu faço... primeiro assim () português minha língua... português espanhol francês o::: italiano que eu ainda não tenho mas latino... e depois parto para a germânica... é... inglês alemão holandês... então fica ao longo da semana começo com o domingo e termino como (palavra em outra língua) sábado com o holandês

Pesq.: é::: você tá/ esta com essa tabela na sua memória você não escreveu para seguir como você escreve suas memÓrias na parede?

Bruno: não... tenho... tenho porque naquele meu quadro... agora eu não botei não... mas eu boto assim cada dia da semana boto em inglês (palavra em inglês) lunes traduzo para o espanhol (palavra em inglês) mardi terça-feira mardi... (palavra em inglês) ai boto mercoledi que é italiano... que eu ainda não... que eu ainda vou fazer as pazes com essa língua que eu gosto e acho bonita e depois (palavra em inglês) que ai não precisa (frase em

inglês) quinta-feira... depois (palavra em outro idioma) é muito bom eu gosto de mais () esse é o mínimo que eu posso fazer... eu quero ir mais adiante... por quê? como eu já disse nunca vi uma coisa tão incrível como língua... nunca vi

Pesq.: quando você estava em tratamento médico no hospital como você fazia pra da conta dessa necessidade de escrever todos os dias se lá não tinha onde?

Bruno: tinha... tinha uma cozinha lá para () escrever num papel porque não tinha onde escreverem parede... quer dizer... escrever em paredes é uma das formas que eu posso fazer com a língua... mas como aqui eu tenho um ambiente maravilhoso... onde tenho cerâmica onde eu posso escrever a vontade e apagar () ótimo e aqui eu não to doido de destruir minhas paredesai eu coloco alguma coisa escrevo num... num pedaço de madeira ou papel e joga la no na parede e pronto resolvido o problema sem danificar o ambiente e faço exatamente o que eu quero... e se alguém achar feio? Isso não me interessa... me interessa não

Pesq.: você vê beleza na...

Bruno: eu gosto...

Pesq.: na escrita do seu apartamento () todo escrito?

Bruno: eu gosto... é como um quaDRO... ali um quadro... ali outro quadro... ali outro quadro.

Pesq.: toda sua escrita que esta presente nas suas paredes representa para você um quadro? **Bruno:** CLARO

Pesq.: e...

Bruno: tudo isso... vá

Pesq.: você sente necessidade de você mesmo fazer seus quadros com as letras? Por que você acha?

Inf.: ah:::: adoraria... eu... eu vi ai um pedacinho de coisas que eu vou aprender... vou aprenderquando eu voltar com minha internet... ele chama de... deixa eu ver (LETTERING) é aqueles caras que tem o comando de fazer letras mas artísticas que coisa linda da PORRA

Pesq.: como se escreve essa palavra que você falou?

Inf.: (lettering) l e t t e r depois i n g... tudo em uma palavra só... mas isso é uma arte que eles mostram e ensinam

Pesq.: e você ficou apaixonado por essa arte?

Bruno: oh:::: é muito boNIto... não é so eu não... é qualquer um... como escrever de uma forma que chame atenção? Parece uma obra de arte... eu não sei... eu quero aprender

Pesq.: você quer transformar sua escrita em uma obra de arte?

Bruno: QUERO... as frases que eu acho mais lindas... que tem frases mais lindas que outras...então transforma las naquelas letras bem... é chamativas () mas eu ainda não sei nada sobre o letdreing... eu quero aprender

Pesq.: você acha que é apaixonado pelas letras?

Bruno: não sei se eu posso ser apaixonado pelas letras... mas o que elas significam... o pensamento ali preso... é:: o que elas nos apontam... olha é um... é uma coisa maravilhosa... o que eu vejo ali? (frase em inglês) (nenhum) medo... (nenhuma) duvida... nenhuma ansiedade...pra mim isso é ótimo... por quê? ah::::: eu to com medo... NÃO... medo de que? medo de PORRA nenhuma... isso não ajuda. ah::: eu to com dúvida.... NÃO eu quero saber e fazer o cerTA... ah::: e a ansiedade? eu estou com ansioso para que venha o amanhã... EU? QUE SE LASQUE O AMANHÃ... eu quero viver o hoje o agora... então isso ai é uma maneira de é... me fazer lembrar da coisa que eu tenho que fazer... é como se fosse uma pessoa... eu estou arrodado de gente... eu nunca estou só quando estou só... isso nunca

Pesq.: e se você pudesse... ser construir para você... uma casa só de letras para você viver dentro?

Bruno: NÃO È A LETRA em si que me interessa não... são as IDEIAS que eu posso isolar... as ideias podem ser minhas ou então eu posso... posso ler um filosofo ah::: eu gosto da frase desse filosofo... joguei aqui... ai eu to lendo um biólogo... ah::: ele tem uma frase muito boa... eu joguei aqui... ou seja uma coletânea de ideias de muitas procedências e ali eu vou conviver como se elas fossem... não como eu tentar me apropriar do que não é meu... nada disso () entãoessa frase é muito boa eu gostei então joguei ali... que eu vou conviver com ela diariamente

Pesq.: mas você falou na arte (feita) a partir da letra... ou seja você iria fazer a arte e o instrumento que você iria usar para construir essa arte seria a própria letra...

Bruno: ah:::

Pesq.: (*lettering*) é isso?

Bruno: mas isso é fato

Pesq.: por que essa

paixão?

Bruno: como já disse... vem lá::: do passado... olhe... eu nunca vou entender o que é língua...língua é um absurdo que foi criado... todos nós temos capacidade de aprender uma língua... nemque seja somente a língua nativa... se não for outra mas pode ser a nativa... há outros... eu... Nikolas e milhares de outros que aprendem a sua língua nativa e uma outra língua... mas não éobrigado... ninguém é obrigado a aprender duas três quatro línguas ou ter paixão por uma... eutenho... Nikolas tem... então tudo bem...eu tenho porque eu... eu me sinto muito bem com línguas... eu acho a língua... como já disse voltando sempre e repetitivo... é o maior mistério que já vi... eu comparo com o mistério do universo... aliás antes de sair da cama eu fiquei pensando... tudo que eu já aprendi... tudo que eu já li de pessoas que sabem astronauta astrofísica sobre a origem do universo que é o BIG BANG... a grande explosão... eu só faço uma coisa... eu não acredito... ah você tem a () de dizer alguma coisa ou não) sim eu () eu não tenho... eu sou leigo... mas eu não tenho a obrigação de acreditar em uma besteira dessa... big bang... o que é big bang? ah:: uma grande explosão que... mostra como o universo surgiu... ah é? olha... muito obrigado mas eu não acredito

ÁUDIO 12 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: então pra você a língua é simplesmente um grande mistério?

Bruno: sempre será... sempre será

Pesq.: é essa frase que você diz

Bruno: mas é... é isso que eu digo... oh:: alguém diz eu falo português... ah::: eu sei como se origina o português... claro... você vai um pouquinho hum::: na linha do tempo para a::: Roma... império romano... ah::: nos falamos a língua que veio é::: do latim e::: o::: é o impérioromano se expandido por toda a Europa e cada um falando suas línguas como o português e espanhol o galego é francês e o::: e tudo bem... sim... latim? mas antes do latim? E mas antesdaquela a::: do latim? e mais antes do mais antes de antes daquela la embaixo... duzentos trezentos e mil anos ()? em outras palavras... qual foi a primeira língua? qual foi a língua que deu origem a todas as línguas? ah::: dizem que a língua mas difi/ mas velha entre nós é um() já ouvi falar assim...

Pesq.: hum...

Bruno: mesmo que seja... mas como foi que ela surgiu?

Pesq.: você... você se lembraria da primeira ideia que você teve a muitos anos atrás... eu sei que você começou quando tinha doze anos... né isso?

Bruno: doze treze anos por ai

Pesq.: entre doze treze anos

Bruno: eu primeiro estudando francês na escola...

Pesq.: certo... é::: ai depois você viu que tinha mais familiaridade com a língua inglesa... ai se apaixonou pela língua inglesa e investiu na língua inglesa?

Bruno: com certeza... e também eu já disse até em sala de aula... a::: eu digo olhe... eu comeceinaquele tempo quando eu era adolescente... era um tempo anterior a internet... a todo tipo de...não existia computador... internet nem celular... NADA... só existia uma coisa... um rádio onde() e eu aprendi o inglês do ondas curtas... muitas pessoas até podem achar que é do (disque) mentira ou qualquer coisa... mas é isso que eu fui... e às vezes eu mim impressiono... como foi que eu consegui em? mas eu consegui... porque também existia um programa (frase em inglês)voice american voz América que eles falavam em (frase em inglês) um inglês especial... por exemplo (fala em inglês) ou seja... falando

Pesq.: tradução... o presidente...

Bruno: o presidente John Beidn dos Estados Unidos vai visitar o presidente da Italia... eles falavam assim... é um especial inglês porque não é o INGLÊS... vamos dizer correto... todo mundo fala desse jeito naquela entonação assim... ninguém fala uma língua desse jeito... mas eles faziam de maneira di-dá-ti-ca e eu aprendia... mas isso é pra tudo...ah:::... falando... as... notícias...correntes...do... mundo... como eu estou falando simulando aqui...de... maneira bem pausada... para que as pessoas... pudessem... entender... então eu achava... hello... isso existia aquarenta... não a quarenta e cinco anos atrás e eu escutava e eu aprendia... ai e eu ficava cada vez mais empolgado e ra ra la.. (great...) que coisa gostosa porque se não tivesse (palavra em inglês) naquele tempo eu tava ((pla pla plasom de mãos batendo)) eu não ia () ondas curtas.

Pesq.: é::: sim... agora... toda essa TRAJetória sua.... como foi que começou a sua necessidade de escrever?

Bruno: olha... a::: ai lascou... escrever uma coisa que faz é::: parte inerente a todo esseprocesso... as quatro habilidades é::: vamos dizer listen speak read write... eu gosto de ler... eu gosto de escrever... eu gosto de fazer tudo que tem a ver com língua... as quatro habilidades... se eu não... por exemplo tem gente que... um colega meu ele fala... manda... é...vi/vídeos não... áudios em francês... falando em francês... mas ele nunca manda um texto em francês... sabe por que não? porque é um desafio maior... nem todos... inclusive Nikolas disse...eu falo muito em francês mas escrever é::: é::: porque é muito difícil pegar aquela língua falada (fraseem francês) eu sei falar francês... mas ele fala () sabe aquilo que ele já sabe dizer com maior desafio. A escrita é um desafio muito grande.

Pesq.: e quando foi que você percebeu que... essa paixão pela escrita e em especial. Você lembra a partir de que momento você começou a escrever nas paredes?

Bruno: não... não... eu... eu tinha alguns quadros que eu... eu botava lá no meu... em Vila Rica... mas lá eu não tinha essa autonomia de esta escrevendo muito nas paredes porque lá não tem

cerâmica... quando eu vi para essa comunidade aqui essa coisa ai eu digo perai. eu estou vendo uma coisa que vale a pena ((som de telefone tocando)) () mas não eu... eu vou escrever. A cozinha toda de cerâmica o:: para mim não era uma cerâmica era uma ca/cozinha com um quadro branco espalhados nela toda... mas eu... opa... ta mim convidando para escrever.Foi isso... como sempre gosto de escrever então eu vou escrever agora... então vou ate responder...quando comecei a morar aqui é que eu comecei também a:: desenvolver a escrita na parede é claro...

Pesq.: faz uns dois anos?

Bruno: é:: eu acho que é mais

Pesq.: então... e o *lettering*? você conheceu quando?

Bruno: *lettering*? eu vi na tv mas eu não sei de nada... eu só gostei... eu ADOREI ...achei lindo de mais... você pode procurar... letdreing... como fazer letdreing... é muito bonito meu é:uns caras que são artistas eles pegam assim a letra e começam tem uma frase que é muito bonita e tem e ta ta ta ta ta escrever de maneira bem chamativa... isso é bom para um BAR. Para um local assim comercial onde se pode chamar atenção com a frase que você está dizendo e a maneira que você está desenhando as palavras... é muito bonito... alias... é (MUITO)belíssimo... procure saber o que é *lettering*... você vai gostar também.....E eu queria aprender a trabalhar em cima disso

Bruno: você não acha que já trabalha não?

Bruno: NÃO porque *lettering* é:: é letra de maneira bem (rebuscada) desenhada... fazem um um plano de fundo () saber?... eu sei que não sei o que eu escrevo é de maneira bem grosseira, às vezes eu... pinto aqui... aqui... aqui... com letras maiúsculas minúsculas tal... mas isso não é a coisa sofisticada.

Pesq.: mas você procura desenhá-las bem direitinho né?

Bruno: eu tento... mas eu sei que não chego nem aos pés do que deveria ser... () agora quando eu aprender letdreing eu vou trabalhar mais essas minhas frases... (as minhas frases) mas com letras mais chamativas... ai eu... vai ser uma obra se arte... aí talvez até eu comece a escrever na parede mesmo... ai fudeu... porque vai ser para sempre

Pesq.: então você gostaria de transformar a sua escrita em uma obra de arte?

Bruno: é... poderia... mas desde que eu aprenda o *lettering*... em *lettering*... assim somente grosseiramente... não... não

Pesq.: ok

ÁUDIO 13 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: mais alguma coisa para falar da sua história com a escrita?

Bruno: não... é como se diz... eu não sei nem como responder isso... é... como eu já disse... língua pra mim já está dentro de mim há muito tempo... eu sempre gostei... e por isso tem até um tema ali... () a minha missão na vida era... eu queria... eu já tenho uma coisa dentro de mim chamada... eu gosto de mistério... eu gosto de (mim) desafiar... eu gosto de aprender coisas que a maioria das pessoas não quer... por exemplo... eu quero saber... eu queria... eu gostaria... sei que nunca vou saber... é claro... a origem do universo... por que estamos aqui? por que estamos vivos? Tudo isso é um grande mistério... e parece a mesma coisa... para mim parece a mesma coisa... o mistério linguístico... língua? por que nós falamos? qual foi a primeira língua? pra que tudo isso? por que existe uma diversidade incrível de línguas? por que nós nascemos? por que nós morremos? por... que é a vida? o que é o universo? o que está por trás disso tudo? tudo...

Pesq.: a língua não responde tudo isso para você?

Bruno: não... ah::: induziu até a língua... como é que eu posso... decodificar dizer como surgiu a língua? nem a própria língua consegui isso

Pesq.: mas se você fazer a leitura de alguma coisa algum texto que alguém escreveu que respondesse as suas perguntas... num é a língua que está respondendo... lhe dando respostas não?

Bruno: a:::

Pesq.: a linguagem?

Bruno: isso ultrapassa o domínio linguístico... ultrapassa... porque eu não... eu não acredito... talvez seja uma grande (pretensão) da minha parte... mas eu não acredito que alguém tenha a condições de responder isso não... mistério das línguas... a origem das línguas... mistério da humanidade... por que nós estamos aqui? por quê? como foi o primeiro homem? pronto... o primeiro homem... houve mesmo essa transição entre macaco homem? coisas assim... AH:... o universo? como surgiu? Ah::: alguém vai me responder isso?... eu não acredito... eu não ACREDITO...

Pesq.: certo... é... você em algum momento neste tempo? que você falou em quarenta e cinco anos que você estuda as línguas...né? você já tentou criar algum código com a escrita que só você entendesse? para escrever?

Bruno: JÁ... mas veja bem... não era a língua... era um có-di-go... eu não estou bem certo

se era o alfabeto (fenício)... que agora nem mais me lembro direito... cada uma letra tinha a ver com uma letra em português... ai eu pegava... pegava e escrevia em português... mas usando aquele... aquele alfabeto... como se fosse por (ventura) eu pegasse o alfabeto grego para escreverem português... a palavra casa ah::: como vai ser em... em grego... no alfabeto grego... eu poderia tentar e eu já fiz isso com o alfabeto fenício... porque ai eu tinha um decodificador dasletras ai eu entendia... porque eu queria escrever uma coisa que só eu o entendesse... só eu

Pesq.: desistiu por quê?

Bruno: hum... eu não sei... ai você me pegou... eu não se é porque eu fiquei cada vez mais me voltando para a língua natural... que eu gosto de língua natural... até tinha um cara esse poliglota ele estava falando da po/possibilidade de alguém estudar esperanto e fazer com que ela seja a língua do planeta... você já ouviu falar em espeRANTO?

Pesq.: já:

Bruno: DEUS ME LIVRE... eu pensando na minha cabeça... NÃO... NUNCA... JAMAIS... sabe porque não? porque língua... esperanto... o esperanto... uma língua criada por Lazaro ()... é uma língua de laboratório... um cara... um linguista... um poliglota começou a pegar uma ideia de uma língua e de outra e ele fabricou... isso mesmo... ele fabricou uma língua... que ele acha que é muito simples e que poderia espalhar para a humanidade... me desculpe é uma merdadessa...

Pesq.: e essa língua que você queria criar?

Bruno: mas era só pra mim

Pesq.: hum... você não queria espalhar pra ninguém?

Bruno: NÃO... EI... ERA DE MIM PARA MIM SO

Pesq.: só para escrever

Inf.: só para escrever e pronto... mas eu perder meu tempo... meu precioso tempo em aprender esperanto?

Pesq.: seria sua língua do segredo?

Bruno: do esperanto? não...

esperanto...

Pesq.: essa língua

Bruno: essa...

Pesq.: que você tentou criar?

Bruno: mas eu abandonei que eu escrevia lá... nos primórdios quando adolescente... eu queria escrever... fazer um diário... mas coisas que... se alguém fosse ler meu diário (meus irmãos) não ia entender porra nenhuma porque estava todo é... CODIFICADO... ai eles não ia poder entender nada... mesmo que eles falassem () PORRA nunca iam saber de nada

Pesq.: como você se sentia com a língua materna quando você teve essa ideia? A tentativa de se livrar dela?

Bruno: Não:::: eu nunca tive (implicância) com o português... o português para mim... eu me voltar para outra língua... eu jamais estou virando as costas para o português... muito pelo contrário... SEMPRE gostei e SEMPRE amarei minha língua nativa... ir outra língua não quer dizer eu quero fugir dessa língua de (tolo) não:::: eu gosto de português eu gosto de falar português eu gosto de pensar... gosto de escrever... não existe aquela subESTIMAÇÃO:::: do portUGUÊS... não não não não... inglês português o espanhol... por isso que eu quero aprendero ALEMÃO O HOLANDES de forma que eu possa usar como o português

Pesq.: você teria?...

Bruno: ()

Pesq.: por que todas as línguas são boas

Bruno: SÃO BOAS... são interessantes... são bonitas...

Pesq.: você teria esse código que você começou a criar... ele... registrado guardado?

Bruno: não... é como já.... já disse...

Pesq.: você destruiu?

Bruno: é:::: destruí não... mais eu ah:::::::::: é negócio de quarenta e tantos anos atrás... não tem nada mais escrito com esse código não... não tem nada... (N A D A)

Pesq.: se frustrou porque desistiu?

Bruno: Não::::... de jeito nenhum... (no way) porque na realidade num tem nenhum ganho... sabe por quê? eu escrever... eu poderia até... fazer outra vez... pegar um código... uma língua...por exemplo russo... pegar o alfabeto russo e cada uma... cada uma le/ letra russa... letra do cirílico corresponde a uma letra aqui no português... no alfabeto do latim... ai eu poderia começar a inventar... escrever com letra em cirílico e baseado em português... ou

seja... dá a impressão que eu estou escrevendo em russo... não... mas eu nunca fiz isso e nem vou fazer... mas seria mais ou menos... mais... desse jeito... só para impedir de alguém ter leitura daquilo...mas eu:: não:: não quero mais... não me interessa mais... porque ai quando eu quiser escrever...posso escrever em inglês que muita gente não sabe o que é isso... ou alemão ou holandês... porque ai eu já estou me escondendo de muita gente...é... nem todos têm comando em inglês emuito menos em alemão ou ale/ holandês.

Pesq.: você se fascina por esse esconder se de muita gente?

Bruno: não::: é::: não é questão de ficar me escondendo ()... mas... eu ter ganhar domínio de eu poder falar de outra maneira... e se eu encontrar alguém que vai ler aquilo... não ter nenhum problema... aqui por exemplo (for example) poderia ter escrito em português mas eu escrevi em inglês... é porque...

Pesq.: seu veneno está aqui... perigo fique longe

Bruno: fique longe:::... porque tem mesmo perigo... tem mesmo um mata... mata barata... temveneno ai... isso é bom para eu eu lembrar e para Nikolas... Claudia... que vem aqui... então... ePA... cuidado... ai tem... o perigo esta ai então não vá fazer besteira... não vá tocar nestas coisasque ai tem veneno... veneno de... e tem um que botei veneno de rato... sei nem onde esta

Pesq.: eita... cuidado

ÁUDIO 14 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: o que é escrever para você?

Bruno: escrever... registrar... a minha existência... e também ao escrever também vem o outrolado naturalmente que é... é o lado da leitura... claro... se eu escrevo... depois eu quero... retornaràquele texto para poder resgatar o meu pensamento... minhas idéias... porque às vezes... do nada... surge uma ideia... por exemplo... eu deixei lá em cima... é... quatr-/ perai... cinco escritas... em... al- alemão... holandês... é... inglês... e francês... cada um falando sobre um assunto diferente... e também uma das é a língua holandesa... é a única que eu não consigo até então compartilhar com ninguém... ou seja... é de/ é um/ eu chamei até de “é um escrever de mim para mim”... é... e eu dizer assim... “perai... eu vou colocar isso aqui...” como eu faço de/eu quero sair de casa... mas eu não posso esquecer de... comprar::/ aí eu boto o garrafão na/ bemali da porta... porque eu vou ter que passar pela porta... eu o vejo... e naturalmente ele vai me indicar... pronto... escrever para mim é o contato diário com- comigo mesmo... com as coisas...como eu estou relacionando... como eu estou interagindo... e também o grau de como está a minha cabeça... porque também... se eu não consigo escrever... é porque alguma coisa não estámuito bem... é uma maneira de me diagnosticar...

Pesq.: e por que você escreve?

Bruno: eu escrevo justamente para eu estar sempre na linha... saber o/ se eu estou crescendo...se eu estou indo mais adiante... se eu consigo ver coisas que... até então não via... para mim é isso

Pesq.: e... e como você acha que isso afeta a sua forma de aprender a língua?

Bruno.: porque ao escrever eu não escolho a língua... porque pode ser em português... ou espanhol... e pode ser para... melhorar meu... digamos... meu ritmo... meu/ minha interação com aquela língua... se ela for estrangeira... ou a língua nativa... mas... hã... a grosso modo... não meramente para melhorar meu/ minha maneira de... de interagir com a língua... é também para eu... é... registrar... como eu já disse... e ver.. e também é claro... quando se trata de uma língua estrangeira eu ver... “porra... meu... não sabia que eu era bom”... como eu escrevi umas coisinhas em holandês... e disse... “eita... eu não sabia que eu tinha condições de escrever desse jeito”... ou seja... aquele insight... “mas como é que você/ você é doido é?... como é que você não sabe o que sabe?”... não... peraí... eu só sei do meu nível de... de uma outra língua... no tocante a uma língua estrangeira... se eu me exponho... por isso... o ato de escrever é um auto também de autoconhecimento... pronto

Pesq.: então você acha que isso afeta sua forma de adquirir a língua porque você percebe que você/ que o seu nível tá melhor do que você imaginava?

Bruno: eu consigo ver que eu estou a língua com um novo ângulo... é... porque o meu... o meu parecer com a língua não é... eu mostrar ao outro que eu sei... “ah... eu sei aquilo”... não.. por exemplo... quando estamos no Clube... Clube... como é que se diz?... Clube Poliglota... estava lá com a Raquel... Raquel tem um bom nível de alemão... mas ali eu ficava o mínimo possível com... o... alemão... mas eu sei que agora estou com mais desenvoltura no... no... no alemão do que antes... a despeito do fato de eu ter me enveredado com outras línguas... para outras línguas... como o inglês... comecei a falar algu/ teve um momento que eu falei... assim.. não como um... porque ninguém tem aquela “vou me mostrar... vou me exibir”... todo mundo tem aquela compe-competência linguística... então comecei a falar... em inglês... depois misturei com... hola... andnow?... y ahoravoy a hablar... agora vou falar em espanhol... e dizer o que eu acho que... () disse algumas coisinhas em francês... mas todos entendiam... não tem aquele negócio “ah... eu tô falando isso porque eu tô falando com uma pessoa que não sabeneda... tá vendo como eu sou”... ((estalo de boca em sinal de negação))... não há nenhum... nenhuma atitude para... alguém olhar para mim... é um/ como se diz... massagear meu ego... porque isso é de todo mundo... todo mundo tem aquele mesmo nível ou mui::to mais... então não tem nenhuma conotação de... “tá vendo como eu sou...” não

Pesq.: e como é que você melhora esse nível se você nunca consulta um dicionário... nunca vai ao Google procurar uma palavra que você não conhece... como é que você evolui na língua... como é que você adquire a língua sem fazer nenhum tipo de consulta como essa?

Bruno: não... se eu não for/ porque muitas vezes eu vou ao dicionário... não tão:: frequentemente... porém... eu... eu sou de... pegar um texto... tá vendo um texto aqui... contextualmente eu vejo que aquela palavra tem sentido... tem aquele sentido... às vezes eu... eu...

Pesq.: quanto à leitura.. você leu algum texto em alguma língua esta semana?”

Bruno: não propriamente... apesar de eu ter / não propriamente.... NÃO... a resposta simples é “NO WAY”

Pesq.: quando você leu?

Bruno: não... não... agora não... eu num li não... eu estou ocupado com outras coisas... tô organizando.. pois no momento que eu estiver afim de estudar eu vou direto ao assunto

ÁUDIO 15 - TRANSCRIÇÃO

Pesq.: eu perguntei... é... como é que você sabe que tá evoluindo/ que tá adquirindo a língua, se você não... é... se você não faz consulta nenhuma? eu vou aprender uma nova língua... aí eu quero dizer uma coisa () normalmente os aprendizes vão e procuram na... no dicionário de alguma forma... como é que você sabe que aprendeu se você diz que não usa esse... essa ferramenta... de consulta... em nenhuma palavra?

Bruno: de alguma forma... eu uso

Pesq.: usa como?

Bruno: por exemplo... um glossário... no próprio livro que eu estou estudando pode mostrar um glossário... ou então () às vezes uma palavra nova...

Pesq.: mas quando você tá escrevendo... não falta uma palavra ou outra não?

Bruno: ah... ok

Pesq.: estamos falando da escrita

Bruno: ah... da escrita... eu só utilizo palavras que eu efetivamente... já... conheço

Pesq.: aí você não avança

Bruno: não... mas aí quando voltar a escrever eu já tenho feito outras leituras então naturalmente eu já tenho me imbuído de outros termos para poder ir mais adiante... então há um avanço por conta disso... entendeu?

Pesq.: aí... não... ainda não

Bruno: não... se eu/ por exemplo... vou dar um exemplo com o... o... o holandês... há palavras que eu sei... agora... as coisas que eu não sei dizer em holandês então eu não vou me atrever a usar... uma palavra em holandês... mas de repente eu terminei a... aquela escrita eu me expondo na parede... ou no caderno.. mas de repente parei... pronto... agora eu vou ver outros textos em holandês ou então vocabulário... quer dizer fora daquele contexto... então de repente eu vou me imbuir de novas palavras que eu não tinha antes... então em outro momento que eu for escrever alguma coisa no quadro ou no caderno... aí eu vou “ah!”... antes eu não sabia dizer... mas agora eu sei... entendeu? quer dizer... eu vou saber que eu estou evoluindo por conta disso... porque antes eu não conseguia criar uma frase... total... naquela língua... e agora sim... porque... especificamente alemão e holandês são duas línguas que têm a ordem de palavras decididamente diferente de inglês e português... entendeu? por exemplo... com inglês é praticamente a mesma ordem de palavras de português... com exceção de adjetivo... que você tem que antepor o adjetivo ao substantivo... “uma casa bela”... “a beautiful house”... todo mundo sabe... mas em holandês e alemão não é só isso... eu quero/ uma frase bem elementar... “eu quero comprar uma casa”... em inglês... “I want to buy a house”... é a mesma ordem de palavras... mas se eu disser isso em Deutsch... Deutsch é alemão... é... eu vou dizer uma frase assim “eu quero uma casa comprar”... porque normalmente em alemão e holandês você tem que usar o verbo não conjuntado... ou seja... infinitivo... no fim da frase... “eu quero uma casa comprar”... “Ich will ein Hauskaufen”... ou então “Ik wil een huis kopen”

Pesq.: Hm...

ÁUDIO 16 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: como foi chegar aqui... do hospital... e encontrar tudo apagado?

Bruno: ah, eu fiquei puto da vida... é claro... como eu já disse

Pesq.: a escrita foi embora

[

Bruno: eu fiquei arretado... puto... P-U-T-O da/ agora como eu/ puto... exato... agora como eu/ parecia que eu tava adivinhando que Nikolas ia fazer alguma molecagem... a-ham... aí eu *teco tecoteco* ((sonoplastia de câmera tirando foto))... mas não de tudo... senão eu teria feito de tudo... todo o esquadrate... mas algumas frases...algumas frases não... algumas... algumas partes... ou línguas... eu... eu preservei... mas não sei se eu.../ depois vou até consultar o meu celular... se eu grav-... se eu tirei foto de tudo de holandês, alemão, porque muitas coi-/ muitas frases motivacionais e de repente eu... porra... meu... perdi tudo... aí é foda, né?

Pesq.: por que isso te afeta tanto?

Bruno: PORQUE são frases... que eu... eu gosto de vê-las... eu gosto de sempre repeti-las

Pesq.: mas você tá falando de frases motivacionais... mas tinha muitos... muitas coisas pessoais... registro de morte

Bruno: sim.

Pesq.: sim...

aí...**Bruno:**

perdi.

Pesq.: por que isso te afeta tanto? essa perda desses registros?

Bruno: não... porque... eu gosto... de conviver com aquelas ideias... eu anotei/ ah, uma coisa

aconteceu num dia... mês e ano... pronto... é bem interessante

Pesq.: não é uma idéia ...isso é uma notícia

Bruno: é uma notícia

Pesq.: o registro de um acontecimento.

Bruno: aham

Pesq.: por que você tem tanta necessidade de escrever na pare::de... em lugares incomuns... é...o registro de fatos que aconteceram?

Bruno: porque são coisas... assim... que eu visualizo... assim... "EIta... aconteceu naquele dia...uau"... não sabia... não me lembrava... mas agora eu tô vendo... então... eu conviver com aquela notícia sempre... como é o...

Pesq.: mas é uma notícia ruim... de morte.

Bruno: mesmo ruim... mas é como se diz... fazer o quê? ruim e bom... bom e ruim... eu filtro na minha cabeça... é o que sempre penso... aham...

Pesq.: mas você diz que escreve e apaga depois

Bruno: é. algumas coisas eu... eu anoto... depois, "ah... não... peraí... eu vou-..."

Pesq.: e por que não apaga os registros de morte?

Bruno: não... mas não tem nada- aquele quadro "ah... se é morte... então..." pode ser morte ou de alguma coisa boa... ou de ruim... aí de repente eu apago tudinho... mas quando se trata de uma coisa que... se eu apaguei... é claro que eu não vou me lembrar mais... não tenho aquela dificuldade de "ah... se é uma coisa ruim... então eu quero esquecer isso para sempre"... não... mas também... mesmo quando se trata de uma coisa boa ou ruim... não é aquela coisa- eu sempre vou bom... bombardear... é... ((barulho da mão batendo na cabeça)) bombardear a minha cabeça com aquela informação... eu tenho que estar com aquela

informação vinte e quatro por sete... quer dizer... todo dia... todo minuto? não... não é isso que vou fazer... não... quando eu escrever... é meramente para eu... saber... ter um senso de direção... e também para melhorar minha... meu grau de... compe- competência linguística
Pesq.: mas uma agenda não seria o suficiente pra registrar? uma agenda que tivesse na sua visão o tempo todo... vinte e quatro por sete?

Bruno: é... mas esse é o grande problema com a agenda... a agenda você anotou e depois deixou lá... "ah... agora me lembrei... vou ler... vou ver o que eu escrevi"... é diferente de eu... escrever ali... por exemplo, ali tem... ((aponta para um mapa na sala)) e poderia ser uma coisa que eu escrevi... mas ali tem um mapa... eu... ah... ali tem um mapa, um mapa mundi... eu vejo todos os países do planeta... ((aponta para outro mapa)) ali... todos os municípios do meu estado, Pernambuco... então eu gosto de ver aquela informação verbal ou não verbal toda hora.

Pesq.: então a escrita tem que estar na sua vida o tempo todo? é isso que tá querendo dizer? **Bruno:** é... eu gosto... de alguma forma... de estar sempre diante de alguma coisa... escrita... para que eu possa... "eita... um negócio ali... muito bem"... eu gosto... a leitura... a escrita... ou... no caso... eu posso fazer isso com as quatro habilidades... listen... speak... read and write...

Pesq.: e o... ((aponta para a cabeça))?

Bruno: o think... eu sempre faço isso... o think... muitas vezes eu tento até/ eu digo para o Nikolas/ tem ainda o think... muitas vezes nem vê isso como uma habilidade... "é... isso é merda"... mas eu digo... já disse a Nikolas... que não é propriamente assim... porque ele veio aqui e fiquei falando com ele somente em english... em english... eu disse... "olhe... tá vendo... Nikolas... eu falo/ eu tô falando com você aqui em inglês... mas em nenhum segundo eu tô me lembrando/ mas eu faço questão de pegar minha língua que eu amo... que é a língua materna... e dizer "olha... fique lá"... como se fosse um personagem... "olhe... fique lá porque eu não tô chamando você não, fique lá... fique lá e eu vou ficar somente agora com o inglês... ah... não... pera aí... não, não, não quero o inglês não... eu vou ficar somente em espanhol..." quando eu me proponho a escrever ou pensar numa língua... eu fico somente com AQUELA... "ah... mas..." claro que eu vou com pé no chão... dizendo "peraí... eu não vou dizer que eu gostaria em holandês... é claro que não () eu não tenho um vocabulário da porra desses e nem mesmo uma parte gramatical tão desafiadora... é como eu até disse no Poliglota... no Clube Poliglota... há coisas que eu gostaria de dizer em alemão... mas eu não vou dizer porque não tenho condições... então... peraí... deixa eu... "yo voy a... now... I want to talk to you in English... because that's the only way to say whatever I want"... porque a língua mais próxima da minha língua materna é a língua inglesa... porque eu tenho uma... é... vamos dizer... uma relação de amizade há muito tempo... negócio de três décadas... mais de três décadas

Pesq.: é a que você mais se identifica

Bruno: é... eu tenho uma desenvoltura muito maior... então... cada língua para mim é uma mulher..

Pesq.: cada língua é uma mulher.

Bruno: é... exatamente

Pesq.: por que cada língua é uma mulher?

Bruno: porque... se alguém dissesse... "olha... que tal... você vai ter que desistir de X língua"... eu não tô dizendo por brincadeira não... tô falando sério... eu não vou desistir com

porra nenhuma... porque eu quero o inglês... eu quero o... o alemão... eu quero o holandês... eu quero espanhol... eu quero o francês... eu quero o português...

Pesq.: então... são várias línguas

Bruno: eu quero... ((celular toca, ele desliga)) eu quero o português... ah... eu quero me divorciar de uma delas? não... eu quero... o que eu quero é... de repente... quando eu tiver comum relacionamento mais afetivo com o alemão e holandês... aí eu vou me voltar para o... eu já previ... eu quero me voltar para o italiano

Pesq.: por quê?

Bruno: porque eu acho bonito... mas eu sei dizer alguma coisa em italiano? claro que porra nenhuma... não... não... não... não sei... mas eu gostaria... por quê? porque eu tenho livro... tenho dicionário e tudo... mas eu não sei dizer nada em italiano... porque eu não comecei a estudar nada e NEM quero agora... eu gosto... eu quero... mas não para agora... porque... eu tenho que reforçar... ((bate na cabeça)) a base de alemão... holandês... francês... que ainda não tá tão boa assim... com espanhol... por ser uma língua cognata... não tô dizendo que é mais fácil... porque muit/ ledo engano... ah... porque... "ah... é janela... então... ventana"... então... às vezes você vê uma palavrinha totalmente diferente que não/ então... se eu não conhecesse essa palavra... então eu diria qualquer merda... não... NÃO QUERO isso... porque... como eu já disse... eu não estudo uma língua pra mostrar "tá vendo... seres do planeta Terra... que eu..." não... eu falo porque eu quero falar... eu quero aprender... eu quero me dinamizar naquela outra língua... então eu não vou falar de qualquer forma porque... as pessoas não podem nem criticar pensando "ah... ele errou... ele usou uma palavra que não existe"... eu não admito eu fazer isso com a língua que eu tô estudando.

ÁUDIO 17 – TRANSCRIÇÃO

Bruno: então não vou usar uma palavra que eu diga... “epa”... se eu não conheço... alto lá... é como se fosse o holandês no alemão...

Pesq.: mas veja... aí é que está... “se eu não conheço... eu não vou usar”... como você vai ampliar seu vocabulário se você não quer consultar...

[

Bruno:

não[

Pesq.: se você precisa usar no momento?

Bruno: não... pera aí... mas veja bem... no momento que eu digo/ é... eu não tenho tanto conhecimento de espanhol... então vou pegar um livro... um livro... ou então um áudio... existam áudios... ou...

Pesq.: que eu quero usar naquele contexto e não... e não... não sei... eu tenho que ir a um livro? e se a palavra que eu preciso não estiver naquele livro?

Bruno: eu sei... eu sei... então eu posso BUSCAR... buscar um... digamos/ “vê aí Nikolas” – quando eu estou com ele – “como é que se diz tal coisa naquela língua que eu tô vendo?”...

por exemplo em espanhol... “como si puede... como se puede decir em español?”... então vê aí como é que se diz tal palavrinha em espanhol... ou eu procurar/ ou então eu vou ler um texto e espanhol e vou ampliar... decididamente você sabe que quando a gente está... lendo... um texto em outra língua... então vai aprendendo... ou então não só aprendendo como também ratificando aquela palavra... porque há palavra/ eu não estou buscando aquela palavra... mas eu estou lendo um texto em espanhol com aquelas palavrinhas que eu nem:: estava procurando... mas estou vendo um texto autêntico em espanhol... então aquilo vai... ramificando e eu vou dizer... “epa...eu não estava procurando aquela palavra... mas ela/ eu vi um texto em espanhol então decididamente aquilo é... é uma forma para reforçar um idioma que eu estou estudando

Pesq.: certo... eu percebo que você usa muito pouco espanhol na escrita... você escreve muito pouco em espanhol...

Bruno: aham... ok...

Pesq.: e...

Bruno: isso é fato

Pesq.: e você ao mesmo tempo disse que a língua do poder... você se empodera quando...[

Bruno: sim

Pesq.: e por que você usa tão pouco a língua do poder?

Bruno: não... pera aí... cada uma tem... de uma forma... eu disse assim... para um/ vamos dizer...de maneira didática... vamos dizer “aquela é a língua do poder”... por exemplo eu também digocom o... o... holandês como a língua... eu chamo a língua do sonho... em holandês é droom... D-R-O-O-M... droomtaal... taal... T-A-A-L... língua em holandês... então droomtaal é a língua do sonho

Pesq.: do sonho... sonho em que sentido?

Bruno: do sonho porque... veja bem... é uma língua que eu praticamente tô aprendendo só... porque não encontro repercussão... Nikolas não gosta... eu não encontro ninguém para falar em holandês... então eu digo “então eu vou estudar sozinho... vou aprender sozinho... e vou indo/ vou mais longe”... então eu vou/ posso escrever/ agora minha ()... pelo fato de ser uma língua que estou aprendendo sozinho... não tenho ninguém para ter/ para checar meu conhecimento...então posso falar de qualquer forma porque qualquer/ todo mundo vai ver assim... “AH...” então ninguém vai dizer “olha... tá errado aqui...” mas eu... ao estudar língua... eu fico com aquele olhar cri-ti-co... eu não admito... “ah... já que eu não sei... é... não tem ninguém olhando nem ninguém pode me criticar... então vou falar de qualquer jeito...” certo? claro que não... de jeito nenhum... nem que eu tenha que ir ao dicionário... mas eu tenho dicionário em holandês e inglês... holandês e português... mas eu não admito usar uma palavra nova num idioma... poder em inglês... holandês... pode ser em inglês... pode ser em alemão... pode ser em espanhol também... então...

Pesq.: então a língua dos sonhos é holandês... a de poder é o espanhol... embora você use muito pouco a língua do poder

Bruno: porque el español... o espanhol é a língua de... que eu vejo/ é de Don Juan... apesar de eu não aprender/ ter aprendido o espanhol em falando sobre Don Juan... mas eram as conversas que Castañeda tinha com Dom Juan em espanhol... então eu preferi batizar como língua do poder... eu consigo ir mais longe com ideias no espanhol... mas eu preciso trabalhar mais essa língua... língua... eu disse língua... porque... eu quero ter melhor

desenvoltura com o espanhol... eu sei que ela é a língua... a língua do grande maestro... e o grande maestro... mestre... é o Don Juan... eu não o substituo por nenhum porque... muitas coisas que eu aprendi na vida foram a partir dos livros de Castañeda... e o idioma dele... falando com Ca/ Don Juan...era espanhol... é claro... os livros publicados foram em inglês e depois com uma versão em português...

Pesq.: ok... e o alemão? é a língua de quê?

Bruno: deutsche... deutsche é também... eu diria... não tem uma/ mas é uma língua forte porque... eu quero aprender deutsche para me expressar nessa língua... que é muito forte e muito bela... muito bela... o alemão é uma língua muito boa... a estrutura do deutsche... para você se expressar em deutsche... em alemão... você tem que ter toda uma... um embasamento... é... estrutural... por exemplo... o alemão é uma língua... que você tem que ter o conhecimento... o conhecimento lingüístico de nominativo... nominativo... acusativo... dativo... e genitivo... “ah...tem que ter tudo?”... claro... porque se você não tiver... você só vai falar besteira... porque a expressão/ por exemplo... se eu disser... “dê-me... dê-me aquele livro...” então eu estou envolvendo... “dê-me” imperativo... mas “dar”... é dar algo a alguém... então decididamente é um dativo... e o nominativo... porque não pode ser de outra forma... para você dizer... hã... ah...uma besteira em deutsche... deutsche quer dizer alemão... “dê-me”... “gibt mir”... “a mim”... “dê a mim”... então seria um dativo... “gibt mir”... “dê a mim”... então... eu tenho que saber como usar nominativo... acusativo... e o dativo... porque o verbo “dar” é um verbo que precisa... ele exige que use o dativo

Pesq.: certo... mas o que alemão representa para você? faltou dizer isso

Bruno: o alemão... é uma língua muito bonita... é uma língua... é... germânica... e é uma língua estrutural... bem estrutural

Pesq.: sim... e o que ela representa para você?

Bruno: ela me... representa uma língua assim... por exemplo... eu... quando penso... ou falo... ou escrevo em alemão... eu terei que ter uma estrutura clara naquela língua... eu tenho que... opa... vou falar em deutsche.

Pesq.: sim... mas você ainda está preso a mostrar a estrutura... você está falando... você está desenhando a estrutura da língua pra tentar me mostrar como ela funciona... ainda tá fugindo da resposta... eu quero saber o que ela representa pra você... uma... é a língua do poder... que é o espanhol... você disse que é por causa do seu grande mestre...

Bruno: u-hum

Pesq.: a outra é a língua do sonho... né... eu não sei porque/ não exat-/ você não deixou exatamente claro por que era a língua do sonho... né... depois você... se puder até me explicar por quê... mas o que significa o alemão... e falta o francês... que é a língua do franguinho...

Bruno: u-hum

Pesq.: deixou de ser a língua do franguinho... quem falava francês pra você era um franguinho...se você fosse falar... você se sentia um franguinho falando francês... quando você era um adolescente

Bruno: no/ na/ nos primórdios... quando eu/ é claro... quando eu era estudante... eu via assim...o francês é a língua do franguinho por quê? porque... se você falasse o francês... normalmente eu dizia “epa... falando francês é negócio de veado”... mas é claro que eu mudei muito muito emuito... já mudei decididamente total

Pesq.: evoluiu da língua do franguinho pra quê?

]

Bruno: exato... é uma língua bonita... não deixa de ser uma língua muito bonita a língua francesa... e é uma língua muito forte... muito forte por quê? porque ela é uma língua que... se você... quando fala francês... você tem um... uma desenvoltura muito grande... falar em francês... é o... “parler en la langue française”... então eu acho muito boa... muito estrutural e eu gosto do meu francês...

Pesq.: sim... aí...

Bruno: então fico mais naquela ideia do passado como eu tinha...

Pesq.: e agora?

Bruno: é uma língua muito forte... estrutura forte... e o falar francês pra mim agora...

Pesq.: como você se sente agora falando francês?

Bruno: ah... me sinto muito melhor... eu vejo que... é uma língua... ao contrário do que eu pensava anteriormente... o falar francês/ “ah não... posso não... porque é uma língua de viadagem”... mas não... hoje em dia não tenho mais essa ideia... não mesmo... eu quero e gostoe vou escrever e falar em francês porque eu me sinto bem com o... a língua francesa... tem o Nikolas que tem um bom nível de francês... muito... milhões de vezes melhor do que eu... então eu me sinto bem... falando francês...

Pesq.: não dá pra definir uma palavra como foi definida em uma palavra o espanhol... que é poder... o holandês... que é sonho... o alemão... qual é a palavra que define? e por último o francês? você definiu as anteriores em uma palavra... uma é poder e a outra é sonho... e as outras duas?

Bruno: o francês?

Pesq.: sim... é o quê? qual é a palavra... que define?

Bruno: olhe... o que/ fica difícil encontrar uma palavra para definir o francês... mas eu diria que a língua francesa é uma língua muito bela... muito bonito... eu não tenho aquele nível como o Nikolas tem... mas eu quero aprender cada vez mais la langue française... a língua francesa... e porque eu acho que escrever na língua francesa ou falar ou écouter la langue française... e quando eu penso em francês ou escrever em francês... para mim... é uma coisa bem interessante porque... é... eu vou agora poder falar ou escrever... ou écrire... écrire quer dizer escrever... então as quatro habilidades/ sempre... sempre... sempre e sempre... eu quando estou com uma línguas que eu não sou obrigado a...

Pesq.: as suas... quatro mulheres.

Bruno: ((dá risada)) é... écouter... escutar... to listen... listen... speak... read... and write... e think... think... então eu não sou obrigado a ter nenhuma... me voltar a nenhuma dessas línguas... eu faço porque eu gosto e quero... e quero cada vez mais me expor... ir mais adiante... é isso que eu quero

ÁUDIO 18 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: então não é... você não consegue definir uma palavra com relação ao francês nem com relação ao alemão né? e o italiano?

Bruno: não... o italiano não vou ainda me voltar...

]

Pesq.: não começou ainda né?

Bruno: não.. não.. eu não sei dizer nada em italiano... mas eu acho bonita... só que eu não

quero aprender italiano agora.. porque eu tenho que me voltar/ fortalecer meu francês... meu alemão... meu holandês

Pesq.: e o que é fortalecer?

Bruno: fortalecer... fortalecer quer dizer... manter um/ mais desenvoltura para escrever... ou falar... ou pensar... nessas línguas que... que eu ainda... preciso ter mais desenvoltura... então eu não tenho ainda... então não adianta eu agora me voltar para o italiano... não... eu quero primeiro voltar para o francês.. para o... o alemão... o holandês... entendeu? aí quando eu estiver mais forte... aí eu posso me voltar para uma terceira-/ uma outra... não é terceira... mas uma outra... que é o italiano... é isso que eu quero... mas não agora

Pesq.: entendi... você... tem necessidade de escrever diariamente né? não passa um dia sem escrever...

Bruno: não... não vou nem dizer totalmente de “necessidade”... mas eu gosto... é eu gostar de... eu gostar de escrever... eu gostar de/ ou na/ no quadro... ou numa/ na parede... ou escrever/ eu... eu gosto... é uma coisa que me faz bem... pode ser em português... pode ser em inglês... pode ser em francês

Pesq.: você não teria vergonha de as pessoas entrarem na sua casa e verem tudo escrito... tudo escrito... de ficar tentando ler... de ficar tentando observar... colher o que você está escrevendo?
Bruno: não... não tenho... não tenho mesmo... por quê?... é uma coisa/ eu me identifico com aquela língua... eu escrevo naquela língua... e eu quero ir/quero aprender mais para ir mais adiante... então não tenho nenhuma raiva-/ quer dizer... ter... ah... de... raiva... ou medo... não... nada disso

ÁUDIO 19 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: então... como você acha que tudo que você faz contribui para a aquisição da língua?

Bruno: as línguas... né? pode ser o/ pode ser também uma língua nativa... português... ou espanhol... ou francês... francês... o alemão.. o holandês... eu... eu gosto de separar em línguas neolatinas... português... espanhol... francês... e as... é... as línguas germânicas... como inglês... alemão... holandês... eu separando o/ as germânicas... neolatinas... então... porque aí eu vou cada vez mais longe com elas... e com as quatro habilidades... falar... ler... não... escutar... falar... ler... e escrever... e pensar... por quê? porque eu penso/ o pensar naquela língua alvo é bem interessante porque... eu poderia ter uma estruturação mais acentuada naquela língua... “mas pensar naquela língua não quer dizer nada”... para mim... quer dizer muita coisa... porqueo meu pensar naquela língua/ eu vejo que eu tenho mais habilidade naquela língua/ é... quando eu estou pensando... eu estou indo mais longe ou não... é isso que faço... então... eu... eu... eu... p-pensar... pensar ou pensar... aí eu posso ter mais desenvoltura naquela língua... ou pensando...ou escrevendo... entendeu?

Pesq.: e por que você acha que tem necessidade de escrever em vários lugares?

Bruno: porque sempre eu estou/ ah... per aí... eu... eu vou a- aprender porque eu tenho as quatro habilidades... e eu/ no pensar... eu tenho a estruturação mais acentuada com aquela língua.

Pesq.: sim... tudo isso poderia ser em caderno... no qual você sentasse e fosse lá escrever... “ah, eu vou pegar meu caderno, vou retomar minha escrita”... a questão é por que não pode ser no caderno? por que são vários lugares na casa que você aprecia... né... que você

elege para a sua escrita? o que é que você acha disso?

Bruno: é... quando eu... eu escrevo... eu acho que/ eu... eu estou tendo um conhecimento mais sólido... com aquela língua

Pesq.: ok...

Bruno: é o que eu faço.

Pesq.: mas por que os lugares? e não um caderno?

Bruno: porque no... no... no caderno/ eu... para eu ter contato com ele eu preciso abrir o caderno e aquela coisa toda... mas se eu digo/ eu escrever na parede... ah... então... eu interajo mais... eu vou/ eu coloco aquilo no... no meu quarto... no... na cozinha... aí eu escrevi... aí eu... opa... eu estou vendo... estou interagindo... então... eu estou sempre me voltando para a língua que me interessa... ou/ mas também poderia ser não somente o escrever mas também o pensar... pensar naquela língua que eu quero aprender cada vez mais

Pesq.: então para você só existe uma interação se você escrever e estiver o tempo todo... vinte e quatro horas... visualizando sua escrita em algum lugar

Bruno: é

Pesq.: isso para você é interessante

Bruno: exato... eu estou interagindo nas... nas... é... o... fr-/ as línguas como... francês... é... francês... inglês... alemão... holandês... então... escrevendo... lendo... é... me... é... reescrevendo sempre alguma coisa naquela língua... então... para mim fa-fa-faz com que eu esteja sempre indo adiante com aquela língua.

Pesq.: mas veja... você tá falando em oscilação de escrita... como se houvesse a alternância de outros textos no mesmo local... mas teve escrita que foi apagada... né... antes de você voltar do hospital... que foi escrita no ano... por exemplo de dois mil e dezenove... então não existe/ esse/nós estamos em dois mil e vinte e três... então... de dois mil e dezenove para dois mil e vinte e três se passaram quatro anos... e... nesse intervalo de tempo... nesse ínterim... você não renovou escrita... ela tá lá desde dois mil e dezenove... então... não existe mudança de registros escritos nesse contexto... onde está a renovação de registros? você escreve e deixa lá... e você não quer nem sequer apagar... você não se autorizou a apagar e nem autorizou ninguém a apagar pra você né... você sentiu/ quando você disse que ficou puto da vida quando alguém foi lá e apagou... qual o seu critério para apagar? será que existe algum critério para apagar?

Bruno: não... veja bem... eu gosto de estar sempre em contato com a língua que eu estou estudando... por escrito ou/ eu estou escrevendo... eu estou sempre produzindo alguma coisa naquela língua... falando... então... para mim... é... é uma... é uma... interação constante com aquela língua que eu quero aprender e buscar...

Pesq.: é uma interação constante... com aquela língua que você quer aprender... mas a escrita tá lá parada na parede...

Bruno: mas quando eu vejo... eu sempre interajo...

Pesq.: ah... você sente que está em um movimento/ só de olhar pra escrita... você sente que estão em um movimento de interação com a escrita... só ao olhar para a escrita

Bruno: a-ham... porque eu estou vendo... estou lendo... eu estou... interagindo... é... as quatro habilidades... listen... speak... read and write... e... o pensar...

Pesq.: entendi... então mesmo que você não renove a escrita... esteja há quatro anos... como tinha partes escritas que já fazia quatro anos que ela estava lá na parede... mesmo assim você acha que tá interagindo com ela... mesmo não renovando... não apagando e escrevendo

de novoutras coisas... né... que vêm à sua mente... que você disse que escreve o que vem... assim... repentinamente... aí você fala que “poxa... por que eu não pensei nisso antes?”... aí você tem que ir lá e escrever... então mesmo que não haja... é... alternância... renovação... você acha que interagindo com a língua... mesmo assim você acha que tá interagindo... e o que é interação pra você?

Bruno: interação... olhe... o meu escrever... é... no caso as quatro habilidades... eu... quero estarsempre em contato com a língua... com as/ listen... speak... readandwrite... ou pensar... pensar...naquela língua... que para mim é bem interessante... uma forma de ir adiante com aquela língua... e pode pensar... pensar... ou escrever... ou escrever né... ok... eu estou escrevendo... estou pensando... estou interagindo

ÁUDIO 20 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: você se preocupa muito com a habilidade pensar... habilidade que você diz que tem necessidade de aderir a/ além das quatro habilidades... você diz que tem necessidade de aderir a... a... à habilidade pensar... que você é o precursor dela... mas por que você se preocupa tantocom essa habilidade pensar? e você se preocupa tanto em registrar esse pensar?

Bruno: ah... o pensar... veja bem... eu acredito que... quando eu estou interagindo... falando... pensando... eu posso dizer “ok, eu vou... I’m gonna shift the language... mudar a língua”... então... eu:: acredito que sempre estou indo adiante... escrevendo... ou interagindo... e lendo... então/ ou pensando... sempre estaria com a habilidade de estar buscando mais naquela língua... no pensar... eu tenho a estruturação mais acentuada com aquela língua.

Pesq.: e você acha que tem o controle desses pensamentos nas línguas que você aprende? que você controla? “ah... agora vou pensar em tal língua... vou deixar inglês de um lado e vou pensarem tal língua”... você acha que exerce o controle sobre essas línguas?

Bruno: claro

Pesq.: ou tem alguma que quando você se dá conta... já está pensando nela sem ter nem se programado pra isso?

Bruno: hmm... veja...

Pesq.: quem predomina? é a língua mãe?

Bruno: não... não é assim... peraí

Pesq.: quem manda nesse território... dessas línguas? quem manda? quem dita as ordens? você ou as línguas?

Bruno: eu/ quando eu estou....

ÁUDIO 21 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: então... repetindo a pergunta... é... nesse território... de você e as suas mulheres... ((risadade Bruno)) que as línguas representam... né... que você diz que cada mulher/ cada língua é umamulher... é um relacionamento feminino pra você... quem dita as ordens? você ou elas? você/ como você se sente nesse contexto? você e elas... quem dita as ordens? você sente que você manda ou... você se sente incomodado em algum momento... pelo domínio

delas na sua vida?

Bruno: uma língua/ quando eu estou pensando numa língua... eu tenho que saber que... a língua já tem sua maneira... é... de estruturação... quando estou falando em português... então tenho que ver a estrutura do português... do falar em português... mas quando eu digo “não... peraí... ok... now I speak English”... então tenho que ver a maneira de escrever e de pensar em inglês... então é diferente... e posso ver coisas que não havia visto quando estava falando em português... aí em inglês já seria uma forma diferente... e francês já tem outra maneira... então cada uma língua poderá me... me pôr uma forma de pensar diferente... porque cada... cada língua tem sua forma de... de estrutura... a estruturação daquela língua... então é bem interessante... eu gosto de uma língua por conta disso também.

Pesq.: então as línguas vêm com as suas imposições?

Bruno: claro... porque cada língua tem a sua maneira decisiva... é... quando eu penso em inglês... eu... eu sou/ eu tô pensando em inglês então... ok... I'm thinking in English... so... that's it... I'm-

Pesq.: o que o inglês te impõe? ele chega te impondo o quê? o que o inglês chega te impondo? **Bruno:** a estrutura... a estrutura da língua inglesa ou a estrutura da língua espanhola ou a língua francesa... que cada uma tem sua forma... para que faça sentido... então eu tenho...

Pesq.: certo... mas se jogue... é... tente se... se... distanciar um pouco da estrutura... se jogue no sentimento que você tem... quando o inglês chega... ele chega te impondo o quê? essa questão da estrutura você já falou muito... você/ as habilidades que você ressalta o tempo todo... mas... assim... afetivamente falando... quando o inglês chega na tua vida... quando chega na tua mente... no teu think... ele chega te impondo o quê? de que forma ele te invade? de que forma ele se impõe?

Bruno: para eu... eu me fazer sentir... inglês... é diferente de quando eu estou falando em português... até uma frase bem simples como é “just do it”... “just do it”... “apenas o faça”... quando eu digo isso em inglês... ele tem uma... uma... uma força mais... incrível em inglês... não tem como traduzir... uma língua ela é... ela impõe uma maneira de pensar... como... just do it... não é a mesma coisa que “apenas faça-o”... porque se eu disser em inglês... ela tem uma força muito mais imperativa... por quê?... quando eu digo em inglês... não... ihhh... quando eu vou dizer em português... não é a mesma coisa

Pesq.: como você se sente dizendo em inglês?

Bruno: muito mais força... quando eu digo essa frase... só pra dar um exemplo... just do it... apenas faça... não... não é a mesma coisa... então eu acredito... quando você está falando uma língua... você/ aquela imposição daquela língua... quando você/ quando eu falo inglês... eu tenho aquela/ eu digo uma coisa em inglês... mesmo que eu quiseira dizer em português/ desmanchou todo o... vamos dizer... o que realmente você/ a intenção do inglês é diferente... não é que alguém possa dizer assim “inglês é mais forte... o inglês...”/ não... não é mais forte ou melhor... ele é apenas di-fe-ren-te... quando eu digo algo em inglês/ eu estou falando em inglês... aí eu posso... é... ver assim “ei” ... eu posso/ como ali... “to keep your balance you must keep moving... life is Just like that”... quando eu estou falando inglês... eu penso numa forma... diferente... e mesmo quando eu digo/ eu tento traduzir para português... mas não é a mesma coisa... não mesmo

Pesq.: você disse uma vez que o... o... é... primeiro que o inglês é enxerido né... que ele

entra de fininho sem sua permissão... é... e também você disse que se sente mais... extrovertido... mais à vontade pra falar inglês... mais assertivo falando inglês

Bruno: com certeza... porque... é... não é que inglês seja melhor que português ou vice-versa/ cada língua tem sua maneira... PECuliar de... se expressar... então quando eu falo inglês... eu sou alguém... uma coisa... quando eu estou falando português eu tô... de alguma forma diferente... não... não é a mesma coisa... como por ejemplo en español... yo hablo español... quando eu falo espanhol já me sinto uma coisa... mais desenvoltura... porque uma é melhor que a outra? não... cada língua nos dá um ponto de/ uma forma de pensar diferentemente... por quê? não sei... não sei exatamente por quê... mas que cada língua tem sua forma... é... totalmente pessoal... quando eu falo espanhol é como se eu fosse uma pessoa... quando eu falo inglês é como se eu fosse já outra pessoa... quando eu me volto para o português... eu já me vejo com um outro personagem diferente... nenhum é melhor do que o outro... mas ele consegue ver o/ buscar um mundo que o outro não tem... o outro/ quando eu estou em inglês... eu sou algo... quando eu estou em espanhol... eu sou um outro... até já pensei na possibilidade/ uma vez Nikolas me falou assim... pessoas que têm vários personagens na sua mente... no seu cérebro... então quando ele é... ele é... dar um nome qualquer assim aleatório... falando... é... Chico... eleé Chico... então ele é um... se ele for um/ às vezes até um personagem diferente... como uma mulher... então agora ele é uma mulher... oh my... então existem essas/ esses bloqueios de uma língua para outra... mas no meu caso não tem nada a ver... no meu caso é só... eu sou/ quando eu estou falando inglês... eu consigo... ah... uma coisa que eu só entendi... uma coisa que bateu assim... chegou a mim só porque eu estava falando em inglês... “oh my god... I didn't know that”... mas só porque eu estava falando inglês... mas quando eu estou falando português já tenho outras ideias... não é que uma seja melhor do que a outra... é meramente uma diferente da outra... ela me põe/ me/ eu atino... atinei só porque estava falando ou em inglês... ou espanhol... ou em francês... assim... dessa forma... não sei exatamente como estruturar isso... mas é essa coisa que acontece.

Pesq.: são vários fragmentos de você...

Bruno: ya... com certeza... os meus fragmentos/ eu quando estou em inglês... eu sou uma coisa... é... de repente eu posso até ser mais loquaz... eu ter mais assim... mais... é... mais capacidade de falar sobre algo do que se eu estivesse falando aquilo em português... just like that

Pesq.: hm... então... se espanhol é a língua do poder... holandês é a língua dos sonhos... inglês é a língua de quê?

Bruno: inglês... english... ah... fica difícil realmente bem difícil eu... usar uma estrutura para isso... mas uma maneira de eu... ter me conquistado... em inglês eu me conquistei... porque desde quando criança... ôh-ôh... adolescente que eu tenho buscado... me voltado... para o inglês... e eu acredito que eu estou cada vez mais indo muito mais adiante com o inglês... porque é uma língua conquista diária... conquista diária... porque eu/ desde a adolescência que eu tenho... me voltado para a língua inglesa

ÁUDIO 22 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: então é como se você entrasse em outro mundo... falando... cada língua dessa... e o inglês te faz sentir mais ainda... o mundo da língua é o mundo mais rico

Bruno: é... mais vasto... porque eu estou... é... há mais tempo... é a língua do/ pronto... também eu posso adicionar um texto... um texto novo... eu não sabia... mas estava buscando a minha missão... uau... minha missão... eu... eu comecei a estudar inglês a partir de ondas curtas... rá- di-o... é... the voice of America... BBC of London... naquele tempo em que praticamente não existia... é... não existia tv... só determinadas pessoas tinham condição de comprar uma tv... é... não existia celular... não existia nada disso... computador... na::da disso... ou seja... naquele tempo para você estudar uma língua... tinha que ir para uma escola de língua... e eu/ a minha escola de língua começou a ser/ ah... mas no... no ginásial... no colégio estadual Rodolfo Aureliano... estadual foi... é... primeiro francês... depois inglês... mas naquele tempo francês era visto mais como uma língua de bicha... aí eu... come on... eu era criança... uns doze... treze anos... ((pigarreia)) aí aquelas merdas na cabeça... aí eu disse “não... não vou me voltar para uma língua/ porra meu... que gosto... que...”/ antes de começar a estudar inglês... já era louco pelo inglês... uau... minha primeira série... seg-/ é... naquele tempo não tinha esse negócio de quinta... sexta série... não... era primeiro ano ginásial... segundo ano ginásial... aquela coisa todo... como todo mundo sabe... mas no:: segundo ano/ no primeiro ano comecei com o francês... mas eu queria mesmo o inglês... no próximo ano... “oba... no próximo ano vou começar a estudar inglês”... aí também foi tempo de ondas curtas... eu comecei a estudar também através de ondas curtas... isso é verdade... não é inventando não... vo-voice of America... aí eu gostava de estudar ondas curtas por conta de ser uma coisa lá de outros países... não era pelas línguas praticamente... aí eu pensei “opa... vou começar a ver também inglês”... aí eu comecei... não sei como... NÃO sei como... aí eu comecei a entender uma coisa aqui e acolá... me interessei pela coisa e... me aperfeiçoei... e eu vejo isso como um poder... dizer... porra meu... poder me EXPRESSAR em inglês... e de repente... foi quando eu comecei a me voltar para/ fui para a Unicap... não estava com aquela ideia de realmente ser professor... não mesmo... aí de repente... pô((sonoplastia com a boca))... mudei um pouco... e de repente... opa... eu quero... ser professor de inglês

Pesq.: e você acha que a sua escolha... profissional... foi por causa do seu fascínio pelas línguas?
Bruno: u-hum... principalmente voltando mais para o inglês... porque eu... eu era só bilíngue... português e inglês... mas depois eu comecei a querer outras línguas... mas depois de muito... é... relutar... né... porque primeiro eu queria ser inglês inglês e cada vez mais inglês... mas depois eu comecei a ver que há outras coisas... outras línguas... aí eu comecei a ter também essa/ esse gosto por outras línguas

Pesq.: e o inglês não ficou com ciúmes não?

Bruno: ((ri discretamente))

Pesq.: ((ri em resposta))

Bruno: mas o inglês é imbatível... nenhuma outra língua poderá/ mesmo o holandês... que é meu sonho... mas eu diria que... eu acho que nunca vou ser tão bom em outras línguas como eu já sou com o inglês... porque primeiro é negócio de três décadas... três décadas... ou mais... aliás... mais do que três décadas... eu já estou com o inglês há mais de três décadas... desde que eu tinha meus... quatorze... quinze anos... e... eu me volto a essa língua com muito... amor... vontade... loucura... e eu nunca vou deixar de me voltar para ela... então me aperfeiçoei cada vez mais e... inglês fica como/ depois da língua nativa... minha língua materna... a... number one... depois de português... é o inglês...

]

Pesq.: você faria a troca? faria a troca né? faria a troca... sem nenhum constrangimento

Bruno: é... português e inglês... inglês e português... depois eu me volvei para outras línguas...**Pesq.:** você faria a troca DEFINITIVA de português para inglês?

Bruno: olha... eu amo a minha língua... não tem/ quando alguém diz “você fala port-/ você falaportuguês como se fosse um estrangeiro e bla bla bla”... mas isso é totalmente/ eu não sei por quê... porque eu não faço questão de falar português com... vestígios do inglês... NÃO... eu até já disse a Nikolas... eu poderia... vamos dizer... vamos dizer uma palavra... vamos dizer em inglês... card... c-a-r-d... cartão... eu jamais diria cartão ((com sotaque estrangeiro))... cartão... eu poderia dizer... frangando... como de/ como se eu fosse um estrangeiro... não... eu digo CAR::tão ((sotaque brasileiro reforçando o som do R))... eu não sei de onde vem essa ideia de “ah mas você fala português como se fosse um estrangeiro”... estrangeiro um caralho... porqueeu falo português querendo mostrar... “olha... eu sou de falar cartão... carta... e jamais cartão...carta” ((com sotaque americano))... uma merda... agora quando eu estou com inglês... bye bye...esse... esse “carta” ((reforçando oR de sotaque brasileiro))... não... não... eu quero pronun-/ falinglês/ é porque Nikolas tirou um texto que eu botei ali... olhei pra ele porque ele estava lá... quando você estiver estudando uma língua/ ele diz assim... speak... é... when you study a language... study like a spy... estude como um espião... but speak like a...like a... native... mas fale como um nativo... claro que isso contradiz a idéias de alguns... parece que é Suassuna né...Ariano Suassuna... que diz “fale o inglês”/ aliás... qualquer língua... “fale o inglês como se fosse... aquela tendência de falar português”... aí eu digo... com todo respeito... vá se foder porra... e eu vou querer uma merda dessa... falar inglês como se eu fosse um brasi-brasileiro falando “Ai uant to gou... Ai uant to gou to iunited istates”... aquela merda toda... não... eu quero falar/ study a language like a spy... but speak like a native... por que spy?... eu fico procurando... hello... como é que realmente um nativo fala inglês? ... ele fala assim... eu não posso falar o nome dela... aquela outra pessoa não faz distinções entre fonemas de/ existem fonemas em inglês que não existem em português... então porra... fala direito... fala como um spy... como é que o spy/ por exemplo o espião... a... e... bad... bed... então tem que/ ah... mas obrasileiro vai dizer a mesma merda... bad... bed... bad... bed... aquela pessoa diz “bad”... “my bad” ... “this is a bad” ... no... this is a bed... so... no... “I’m so bad today... I don’t know why”...mas eu vou pronunciar o “e” como um espião diz... procure falar como um espião... como é que um verdadeiro nativo/ um nativo fala? ou então fale como um nativo

Pesq.: então ser espião é falar como um nativo fala?

Bruno: exato... tente falar como um nativo... “ah... mas não consigo”... então tente... “ah... mas não consigo”... então tente... porque se/ meu... veja bem... cada um na sua... quer falarportuguês? fale português porra... quer falar inglês? fale inglês porra... mas como? um nativo/ um espião diz... “eu vou ver como é que ele faz o verdadeiro”... fale como um naTivo PORQUEo nativo... vamos/ aí eu falo de uma maneira até bem pessoal... finja que você está num país...é... que... digamos... ele oDEia brasileiro... e você tem que finGIR:: que é um americano... porque se você não fingir bem... sua cabeça vai se fo-/ partir... vai cair... rolar no chão... porquese/ outra vez para aquela frase... bem radicalismo... eu sei... spy... fale inglês/ aliás... estude uma língua como um spy... como um espião... mas lembre-se... para onde você vai... você está indopara um país de língua inglesa e você tem que falar inglês como um nativo... porque se você mostrar... “ei... você/ você é brasileiro é? ai... eu odeio brasileiro... então você vai morrer agora”... agora você tem que fingir muito bem... quer

dizer só com áudio... que você é americano... porque se você não mostrar que é americano... com uma pronúncia americana... você vai se foder... vamos dizer um Filipe da vida... ok... tô indo para o radicalismo... ele/ na comunidade onde ele está... todo mundo odeia brasileiro... então ele tem que mostrar que... hm... não é brasileiro... ele é americano... se infiltrou muito bem... ele é um es-pi-ão... ele tem que falar como um nativo... porque se não ele vai morrer... entendeu? indo para o/ aqui eu tô indo indo para o lado de...

Pesq.: extremismo

Bruno: extremismo total... estude uma língua... mas vamos dar um nome a essa língua... fale inglês como um espião... aliás... estude/ não é falar... estude inglês como um espião... mas fale como um nativo... só isso.

ÁUDIO 23 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: por que você não fez isso quando chegou nos países da Europa?

Bruno: olhe... aí você/ eu tenho que falar outra coisa... por exemplo... a realidade... não é que eu... “ai:: eu virei uma bicha”... não... veja bem... o contexto muito diferente... primeiro de tudo... você acha que eu tô tentando fugir pela tangente... Brasil e... e Europa... nenhum país europeu faz com que você se sinta realmente... empoderado... e veja o... a/ o discurso de alguém que vai para Europa... pra Portugal... ver um monte de gente fria... fria fria fria... lá na França... França não... vamos falar o nome certo... Paris... que a gente não foi pra França... foi pra Paris... “mas é a capital”... sim... mas um bando de filho de raparigas que não têm o mínimo de/ aquele... aquela frieza da porra... ou você ACHA que esses veados... a minha ideia agora de ir foi a coisa mais maravilhosa que eu fiz foi/ esse precatório que eu tive... joguei em uma viagem para nós dois... eu e Nikolas... e tirar a mer::da dos olhos de Nikolas e meu/ minhas também... pronto... tu acha que eles fazem isso com a gente é? feito nós... um bocado de bostas de seres humanos que quando um estrangeiro vem pra cá... um francês... “oh... vem cá que vou te babar”... eles/ fale port-/ fale em francês... e outro... fale bem... eu vou... não... mas eu não tenho esse comando...

Pesq.: caberia ser espião

Bruno: não... mas eu não tenho esse comando de... de francês não... Ni-Nikolas tem melhor do que eu... ele foi muito mais longe do que eu... vou dizer...

Pesq.: a teoria do espião caberia aí

Bruno: não... não... não... eu sei... eu tô entendendo... e eu sei que... ((reproduz o som de um soco no rosto))... mas eu não tenho esse comando... nem agora... nem agora... do francês... eu tô melhor... muito melhor no meu francês do que a-antes... no momento em que eu tava lá em Paris... Paris... aí vem o Nikolas e... eu tiro o chapéu e aplaudo para o Nikolas porque ele foi muito/ mas ele teve muito mais... é... professores que/ ele teve aula... o francês dando aula pra ele... ele e o/ ele pagando né... e foi bom... mas eu nunca tive isso... então eu não tenho essa competência... ele perguntar alguma coisa/ o francês tem isso... se você quer falar com ele... fale em francês... e mesmo em francês... ele não tem aquele cuidado... aquele... esse jeito maravilhoso que nós temos... de tratar o outro... essa coisa de tratar o outro com abraço... beijoe trá lá lá... isso é coisa de brasileiro pô... e... não como divagação... mas... um camarada francês que veio pra cá... tem um canal... um canal... onde ele começou a ver “ah... vocês são assim?”...é... fala/ começou a estudar português... aí... abraço... beijo... aí quando ele voltou lá para o país dele e começou a abraçar e beijar e a

turminha... “que isso... filho”... só faltava dizer isso... “que isso... porra... tá ficando doido?”... abraçar e beijar... isso é coisa de... de brasileiro...

Pesq.: é uma questão cultural

Bruno: é cultural... nós somos incríveis... quando eu voltei da Europa – posso agora dizer isso – hello... eu botei uma coisa na minha cabeça... eu já era de babar o Brasil... e agora eu digo “ei... pessoal... que coisa linda... meu sol”... porque lá nós fomos no tempo mais merda do mundo... foi no dezembro... “sol... onde estás?”... ai... que dor... a minha mão... eu e o Nikolas...ele/ pergunte se é armação minha... olhe... botava uma porra de uma luva... porque... ai... que dor do cara::lho... frio do caralho... tudo... e as pessoas frias como todas... não tinha essa interação... “vem cá... brasileiros... vocês são brasileiros... oba”... oba um caralho... fodam-se...feito Nikolas disse – que ele tinha um comando muito melhor que o meu... nem se compara – ele estrategicamente ia para aqueles pretinhos... com todo respeito da palavra... porque não é viadagem... mas eu tô dizendo... aqueles que têm o francês francofono... é... francofono... um africano... muitos países africanos falam francês... aí ele... “opa... eu vou falar ali com aquele cara... perguntar... hello... en français”... porque... se fosse falar com um francês... tôi ((reprodução de som de chute)) foda-se... então... ele sentia isso... nós... somos... merdas... falando com um francês/ aliás... francês não... com um africano... ele sentia uma melhor repercussão... isso é fato

Pesq.: veja... o rapaz que tava lá com você... na Europa... ele começou a estudar inglês/ ele começou a estudar francês antes ou depois de você?

Bruno: mas quem propriamente?

Pesq.: o rapaz que viajou com você pra Europa... ele começou a estudar a falar/ a estudar francês antes ou depois de você?

Bruno: não... mas eu... os franceses que estavam lá/ que Nikolas iria buscar pra falar francês? **Pesq.:** Nikolas... que falou francês melhor que você... ele começou a estudar francês antes ou depois de você?

Bruno: ele... muito depo-/ eu diria...

Pesq.: depois

Bruno: depois... mas também teve um detalhe... ele teve uma orientação muito melhor do que a minha... porque ele tinha professor de francês...

]

Pesq.: você acha que é isso?

Bruno: sim... porque ele teve/ foi monitorado muito melhor do que eu

Pesq.: e você não acha que o fato de... se inibir... do seu autoimpedimento... de procurar uma palavra ou outra que você não conhece... você faz isso a impressão que dá é pra se obrigar a pensar na língua... aí você se esforça pra pensar na língua que você tem... mas você não acha que esse avanço de Nikolas em relação a você é porque você se priva de procurar... de pesquisar... não?

Bruno: pode ser... pode ser... porque primeiro Nikolas teve uma boa estratégia... uma boa ideia... eu gosto de francês... então eu vou... ali tem um cara que tem aula de francês a ele... aí ele pagava... ou então... que eu também não sei fazer isso... mas ele pegava o digital... aulas online... ou pegava aulas online de alguém

Pesq.: e por que você não faz isso?

Bruno: ah... porque eu não:: tenho muito...

Pesq.: você prefere o autodidatismo

Bruno: eu gosto muito do autodidatismo... mas se por ventura eu encontrasse... não... vamos dizer... uma pessoa assim... mas um... um tex-/ texto não... um curso... um curso no... no YouTube... se tivesse assim... opa... aí eu iria quer-/ como eu vi algumas coisinhas... mas... é...français avec... sim... isso mesmo... français avec Pi-Pierre... quer dizer... francês com Pierre...Pierre é um... é um francês... ele dá aula no YouTube... eu via... baixava... mas não é falando com você... é dando aula... falando em francês... e é claro... você tendo... como Nikolas fez... de ter uma aula de francês pagando ao rapaz... é claro... é uma coisa muito mais... muito mais...

Pesq.: isso te satisfaz? isso não te atrai ao invés de ser autodidata? ou você sente prazer de ser autodidata?

Bruno: não... é melhor... nesse ponto... ser autodidata porque... se pensar assim... se eu fosse esperar somente o autodidatismo... eu não saberia dizer nem uma letra em holandês... porque eu... eu até... “Nikolas... procura isso... algum site que trabalha com holandês”... “ah... não tem”... aí eu digo “eita porra... tem que ir sozinho”... ok?

ÁUDIO 24 – TRANSCRIÇÃO

Pesq.: parece que você sente prazer dessa relação solitária com a língua

Bruno: não propriamente... não assim... mas... é que eu digo assim... eu tenho que saber é que...o elemento primordial para eu aprender um idioma... sou eu mesmo... como... eu vou lhe dizer por quê... eu insisto em bater nessa tecla para Nikolas e a Luana... em termos de IPA... International Phonetic Alphabet... praticamente eu aprendi só...

Pesq.: o alfabeto...

Bruno: o alfabeto fonético... internacional... eu acho que não há/ eu acho não... tenho certeza...que não há forma melhor de você melhorar o seu/ a sua desenvoltura... vou dizer em inglês... porque seria em qualquer língua... pra eu não estar dizendo/ pulando de língua para língua... para outra língua... foi onde eu aprendi a... a ferramenta mais eficaz para eu me aproximar/ aí eu volto àquela frase que tava ali... “estude como um espião... fale como um nativo”... então o que é que tem? o IPA mostra... decididamente... como você sabe... os fonemas... existiu/ eu não sei quem fez... um alfabeto... internacional... phonetic alpha-/ international phonetic alphabet... I-P-A... esse/ alguém diz... “peraí... esse som... que tendo... assim”... estou desenhando como é... ((desenhando o símbolo no ar))... vamos chamar isso de (a)... é o que diz o schwa... s-c-h- w-a... schwa... esse som é comum demais em muitas línguas e principalmente no inglês... que é o a... a... todo mundo conhece... então você vê muita gente aqui... brasileira... que vai dizer about... about? ((pronunciando do jeito errado)) isso não existe não... across... (pronunciando errado)) isso não existe... a boy ((pronunciando errado))... outra vez não existe... agora vai ser about... across... a boy... a... a... a... a...

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: AS RELAÇÕES COM A LÍNGUA ESTRANGEIRA PODEM REVELAR TRAÇOS COM A LÍNGUA MATERNA? UM ESTUDO DE CASO DE UM SUJEITO AUTODIDATA POLIGLOTA

Pesquisador: Maria de Fátima Vilar de Melo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57462322.1.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.479.887

Apresentação do Projeto:

Este trabalho de tese tem como objeto de estudo a relação afetiva que um sujeito autodidata estabelece com línguas estrangeiras em função de indícios de seu laço específico com a língua materna. Diante do exposto, esse trabalho de tese tem como objetivo geral analisar como a relação peculiar que um sujeito autodidata poliglota estabelece com línguas estrangeiras revela indícios de seu laço específico com a língua materna. Sendo o estudo de caso constituído, por chamar a atenção a forma de tratamento dada pelo aprendiz à aquisição de algumas línguas estrangeiras. Na metodologia, a partir da literatura linguística e psicanalítica faremos análise de entrevistas abertas e dos registros escritos, por intermédio das imagens dessas escrituras presentes nos cômodos da casa. No primeiro instrumento, o sujeito escreverá a sua história de vida, no que se refere ao laço específico que este mantém com a língua materna. Já no segundo, apreciaremos as imagens dos registros escritos em sua residência, tanto em lugares mais comuns quanto inusitados. Descreveremos a relação que o sujeito mantém com línguas estrangeiras e questionaremos o porquê dessa forma de lidar com essas línguas, bem como se há diferenças na relação do aprendiz com esses idiomas, o lugar da escrita nessa relação, a função que cada idioma tem para este e se há diferenças no tratamento dado a essas línguas. Só assim será possível capturar e investigar os indícios de seu laço

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 5.479.887

específico com a língua materna.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como a relação peculiar que um autodidata estabelece com línguas estrangeiras revela indícios do seu laço específico com a língua materna.

Objetivo Secundário:

- Descrever a relação que o sujeito mantém com línguas estrangeiras;
- Questionar se há diferenças na relação do sujeito com as línguas estrangeiras;
- Investigar o lugar da escrita na relação que ele estabelece com as línguas;
- Identificar a função que cada língua tem para ele e se há diferenças entre as línguas por ele falada e estudada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Considerando que a pesquisa sem benefícios diretos ao indivíduo deve proporcionar condições suportáveis pelo sujeito, no que se refere aos riscos resultantes da participação do voluntário nesta pesquisa, como possíveis desconfortos ou constrangimentos relativos aos depoimentos e opiniões expressadas durante o processo de realização das entrevistas serão minimizados pela ausência de identificação da identidade do entrevistado.

Além disso, é importante destacar que eventuais desconfortos na coleta de dados imagéticos que eventualmente possam vir a surgir, serão contornados a partir da garantia do direito de escolha das imagens que o sujeito investigado gostaria de ver tornadas públicas na Tese, de modo que o voluntário tenha assegurado e respeitado os seus direitos previstos na Resolução 510/2016 (Cap. III, Art. 9º dos Direitos dos participantes).

Benefícios:

No entanto, entendemos que essa pesquisa trará benefícios no que se refere à devolutiva da participação do participante e a sua consciência a respeito de sua relação com as línguas estrangeiras, quanto ao seu entendimento concernente ao envolvimento a partir de sua língua materna.

Assim, o pesquisador aqui, propõe-se a buscar obter um consentimento livre e esclarecido, com o mínimo de danos e riscos e o máximo de benefícios ao participante, buscando-se atenuar os

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 5.479.887

desconfortos previsíveis, garantindo-se um balanceamento de interesse dos envolvidos, tanto para o pesquisador quanto para o participante. Ao mesmo tempo, buscamos preservar a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização do participante, sem prejuízo pessoal e sem constrangimentos.

Por outro lado, entendemos que a própria situação de investigação favorece para que seja desenvolvida uma relação de confiança entre pesquisador e o participante da pesquisa, sendo também potencializado pelo espaço (sua casa), que o sujeito se encontrará no momento que realizará a escrita da sua história de vida e as constatações dos seus conflitos e sentimentos como participante da pesquisa, realizado por intermédio, também, das entrevistas abertas.

Portanto, esperamos que, tanto os riscos quanto as dificuldades que podem surgir, no que se refere à coleta e análise de dados dessa pesquisa, possam ser atenuados com os benefícios que trarão para o único participante, já que mostrará favorecimentos levando em consideração as contribuições norteadoras e a noção de aquisição de LEs, tendo como teorias fundantes a linguística afetada pela psicanálise lacaniana e freudiana.

Entendemos que os benefícios prevalecerão, não apenas no que se refere ao enriquecimento acadêmico e social, mas também com relação aos aprendizes de LEs em geral, favorecidos pela análise dos dados proposta na metodologia dessa pesquisa. Isso também contribuirá para que seja possível comunicar os resultados às pessoas e/ou comunidade acadêmica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os três primeiros itens foram registrados a partir das informações da Plataforma Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Presentes e adequados

Recomendações:

não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo de pesquisa aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP UNICAP acompanha o parecer APROVADO, correspondente ao projeto de pesquisa.

Lembramos o envio dos RELATÓRIOS PARCIAL e FINAL da pesquisa em cumprimento das determinações contidas no item XI.2 da RESOLUÇÃO Nº 466 CNS, de 12/12/2012, e de outras que, pelo CNS/MS, venham a ser determinadas.

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 5.479.887

O Manual de Usuário PESQUISADOR, disponível na Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf> orienta o envio dos referidos relatórios, entre outros assuntos. Nos documentos encaminhados NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto, que deve ser realizada através de EMENDA.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1855250.pdf	01/05/2022 21:23:16		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPRONTOGESILDAINSERIR.pdf	01/05/2022 21:22:08	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPRONTOGESILDACEP.pdf	01/05/2022 21:21:17	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Outros	DOCUMENTODEFESAQUALIFICACAO.pdf	03/04/2022 18:42:04	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Outros	CARTEANUENCIA.pdf	03/04/2022 18:41:23	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Outros	LATTES PESQUISADORES.pdf	17/03/2022 22:27:58	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cartaanuenciacatolica.pdf	17/03/2022 22:27:13	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Outros	Parecerqualificacao.pdf	17/03/2022 22:26:21	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	21/02/2022 23:05:20	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Declaração de concordância	TERMODEAUTORIZACAO.pdf	21/02/2022 23:04:45	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOASSINADA.pdf	14/02/2022 23:49:48	Maria de Fátima Vilar de Melo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 5.479.887

RECIFE, 21 de Junho de 2022

Assinado por:
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br